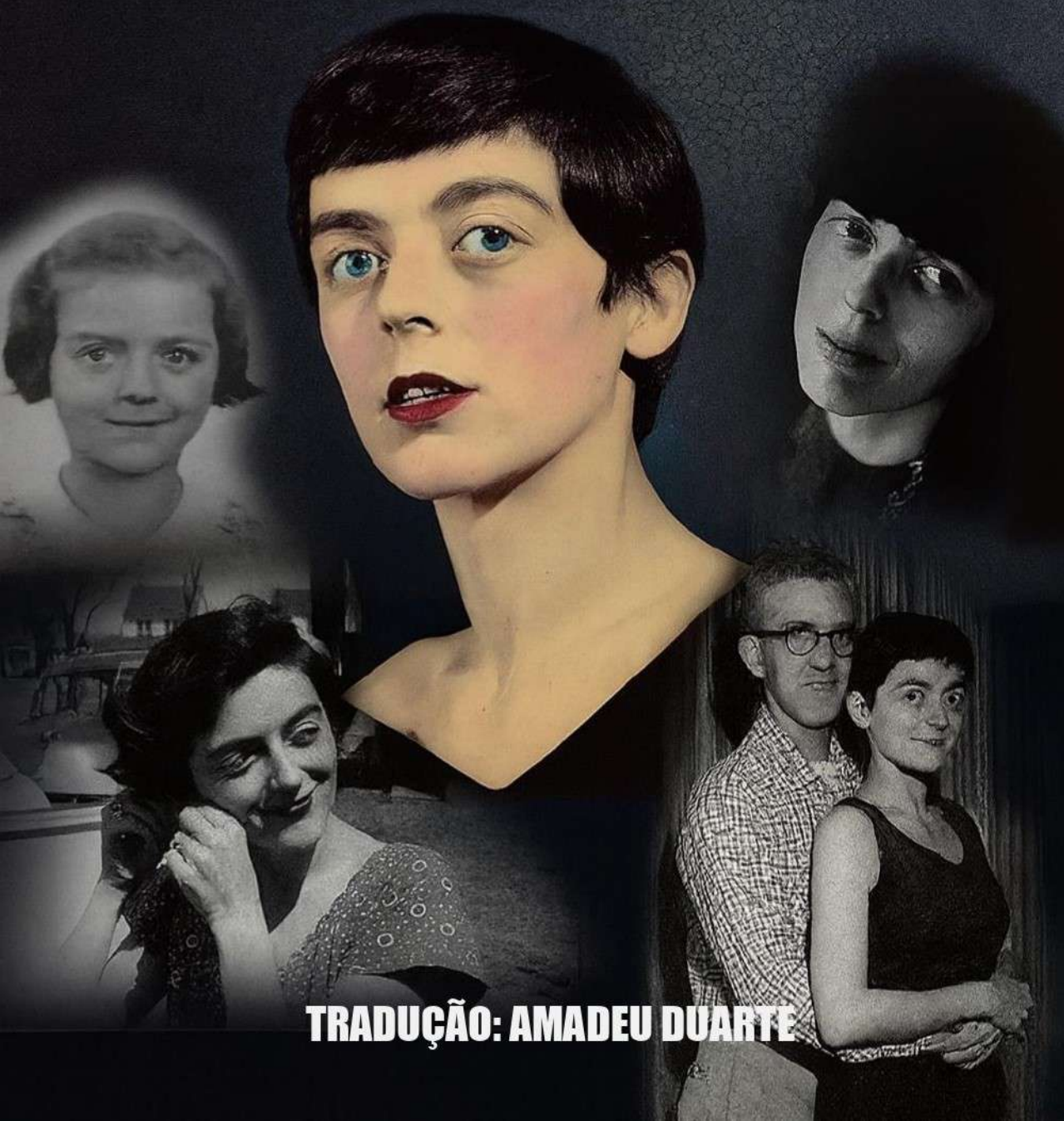


UM LIVRO SETH

NUNCA ANTES PUBLICADO

AS SESSÕES PESSOAIS

LIVRO SEIS



TRADUÇÃO: AMADEU DUARTE

SESSÕES PESSOAIS 6
THE PERSONAL SESSIONS
Livro 6 de
The Deleted Seth Material Sessions
15/12/80–10/05/82

© 2005 por Robert Butts
Publicado por New Awareness Network Inc.
New Awareness Network Inc.
P.O. Box 192
Manhasset, New York 11030

As opiniões e declarações sobre questões de saúde e medicina expressas neste livro são da autoria do autor e não são necessariamente as do editor, nem por este endossadas. Essas opiniões e declarações não devem ser tomadas como substituto de uma consulta com um médico devidamente licenciado.

Design da capa: Michael Goode
Fotografia: Fotos da capa por Rich Conz e Robert F. Butts, Sr.
Edição: Rick Stack
Tipografia: Raymond Todd, Michael Goode

Dedico The Personal Sessions à minha esposa, Jane Roberts, que viveu os seus 55 anos com a maior criatividade e a mais valente coragem.
— Rob

Nota: Neste ebook, Rob Butts por vezes remete o leitor para rever material em páginas específicas. Essas referências aplicam-se apenas à numeração de páginas da edição comercial em formato trade paperback deste livro.

SESSÃO APAGADA

15 DE DEZEMBRO DE 1980

(A Jane sentiu-se muito relaxada antes da sessão, como durante quase todo o dia: “O primeiro dia em que estive mesmo bem num mês”, disse. Ainda assim, ficou temporariamente em baixo na casa de banho depois do jantar. Quis, no entanto, fazer a sessão. Depois da refeição, eu reli algumas destas últimas sessões privadas e planeava rever algumas das de 1973, mas várias distrações impediram-me de fazer isto último.

(O correio foi muito pesado na semana passada e a Jane ainda tem um lote de cartões de Natal por responder, bem como uma dúzia de cartas “normais”, mesmo depois de responder a mais de 35 cartas.

(“Estou só à espera”, disse às 21h35. “Na verdade, os meus tornozelos estão a fazer todo o tipo de coisas, a libertar... Estou tão relaxada que podia ir já para a cama...” Eu também, já agora.

(Enquanto esperávamos, li à Jane as páginas 4 e 5 da sessão privada de 22 de outubro de 1973 — material excelente sobre os contrastes exibidos pelos pais da Jane. Seth tinha discutido a permissividade do pai e a tendência da mãe para propósito, poder e controlo, e como a Jane sentira que tinha de escolher entre os dois modos de comportamento. Sem perceber que podia escolher um curso independente próprio. A sessão, e outras desse período, oferecem excelentes insights sobre a escolha de ações da Jane ao longo dos anos. “Bem, acho que ele ficou entusiasmado com o que acabaste de ler”, disse ela agora — pois sentia que o Seth estava pronto para se manifestar. Tinha estado à espera impacientemente de que o tal-e-qual aparecesse.)

Ora bem—

("Boa noite.")

—boa noite.

O Ruburt deve ler essa sessão *(de 22 de outubro de 1973)* e as imediatamente anteriores. As atitudes ainda se mantêm, em certa medida importante. O contraste representava a sua própria interpretação da sua realidade privada, claro — mas também representa as questões principais envolvidas neste momento na vossa sociedade em geral.

As mesmas questões estão subjacentes às vossas próprias atitudes: a tensão entre esforço e relaxamento, disciplina e espontaneidade aplicou-se, por exemplo, na área criativa no que toca à pintura. Ruburt propôs-se, naturalmente, lidar com os seus próprios propósitos e desafios, mas

escolheu-os no contexto do vosso mundo, de modo que, ao encontrá-los pessoalmente, os encontrava também pela vossa sociedade. Deste modo, a espécie lida com questões psicológicas e psíquicas.

Tudo o que disse recentemente acerca da declaração de exoneração mantém-se. Deves estar consciente, contudo, das súbitas garantias do Plano subjetivo (*Também na Prentice*) — o convite para o programa de notícias (*da ABC*), que vos coloca num contexto, ainda que pequeno, de interesse nacional — um convite que não procuraste; isto, mais muitas cartas excelentes ultimamente, deve mostrar-te, claro, os aspetos benéficos do vosso trabalho que por vezes podes deixar escapar (com ironia). Tens, pelo menos, uma família alargada enorme, pessoas cujas vidas tocaste para melhor.

A capacidade de alcançar as pessoas desta forma é um dom. A própria declaração de exoneração será utilizada criativamente — algo que também vos pode escapar quando se tornam demasiado míopes. Estou ainda no processo de tentar ensinar-vos a ambos que a confiança é também um imperativo espiritual e físico. É, de facto, uma condição da vida biológica — apesar, claro, de toda a vossa educação. Esse tipo de confiança está por trás de toda a curiosidade do homem, pois sem confiança no mundo nunca teria a coragem de o explorar.

Quando fazem amor estão a confiar-se a outra pessoa, a fazer uma declaração espiritual e biológica de abertura que é compreendida em todos os níveis da vossa experiência — até ao celular. Em tais condições amorosas, energias curativas são libertadas espontaneamente. De certo modo, tais atos de amor estão beneficentemente relacionados com o comportamento espontâneo dos animais. Isto é, podem comportar-se em certa medida, nesses momentos, com um sentido instintivo de confiança e espontaneidade, e de abertura amorosa de um tipo que os animais, no seu melhor, frequentemente exibem. Mais uma vez, mencionei que ambos poderiam beneficiar muito mais de mais encontros desse género. Eles geram confiança.

A vossa conversa da manhã, acerca do passado do Ruburt, também foi benéfica, pois é bom recordarem-se dos vossos próprios (sublinhado) antecedentes, em vez de se compararem com outras pessoas cujos antecedentes pouco podem ter a ver com os vossos. Têm ambos feito progressos notáveis sob esse ponto de vista. Quando parecem sofrer em contraste com o desenvolvimento ou situação de outras pessoas, específicas

ou generalizadas, é quando tentam corresponder a imagens artificiais de si próprios — de pessoas que deveriam ter tido tanto conhecimento há anos como têm agora, e que, portanto, agora deveriam estar em estágios de desenvolvimento muito mais avançados.

Por outras palavras, muitas vezes esperam demasiado de si próprios. Isto faz-vos fixar em quaisquer dificuldades, de modo que qualquer falha é exagerada, quaisquer realizações são tidas por garantidas, e ficam com uma sensação de desaprovação. (*Pausa.*) Depois falta-vos confiança em vós mesmos porque tentam corresponder a imagens que não estão ligadas aos vossos antecedentes, e frequentemente ignoram-nos. O que aprenderam parece nada, porque esquecem como as vossas atitudes mudaram.

De certo modo reconheceram grande parte disto na vossa conversa matinal sobre o problema do Ruburt, mas aplica-se a cada um de vós. A ideia de o Ruburt trabalhar em breve em Rich Bed é, portanto, uma boa.

(*Longa pausa.*) O ato de amor reúne-vos com os vossos próprios passados, e a memória corporal inconsciente transporta-vos de volta às vossas primeiras respostas ao vosso próprio corpo e ao dos outros. Em certa medida, então, a criança, com todo o seu assombro em relação ao próprio corpo, é despertada em cada ato de amor, qualquer que seja a sua variedade. Com essas memórias vêm sentimentos de exuberância biológica, a fé do corpo em si mesmo, tudo altamente importante, e muito mais terapêutico do que é alguma vez reconhecido na vossa sociedade.

Mais uma vez, escusado será dizer que, nas vossas situações, tendes largamente ignorado tais benefícios. As observações do Ruburt no seu ensaio sobre o amor aplicam-se aqui, no que toca à sua natureza específica.

Isto é (*pausa*), desperta memórias dos vossos momentos mais íntimos do passado e, portanto, de certo modo, regista o desenvolvimento de ideias e atitudes que de outro modo poderiam passar-vos despercebidas. Tiveram amigos recentemente desiludidos em casamentos e relacionamentos (*Sue e Claire*). A vossa própria relação é em si bastante extraordinária, precisamente à luz dos vossos antecedentes — não como pensam que esses antecedentes deveriam ter sido, mas como foram.

Quando perguntam porque não compreenderam, quando eram jovens, aquilo que sabem agora, estão a ignorar a validade do vosso próprio passado em certa medida, e a negar as realizações que resultaram — porque parece que agora já deveriam estar muito mais avançados, criando assim uma espécie de “eu artificial” que começou onde estão agora, e com quem

parece que nunca conseguem apanhar. Do lado do Ruburt, quase parece como se tivesse o nosso material em mãos magicamente, sem esforço, e portanto deveria tê-lo posto em uso de imediato, aprendendo as lições de meia vida em poucos anos, e graduando-se para resolver todos os seus próprios problemas e metade dos do mundo também. Contra essa imagem, naturalmente, sente-se inadequado e, claro, uma tal imagem fá-lo-ia perder fé em si mesmo em certa medida; por isso é muito importante que percebam quão bem têm ambos feito em muitas áreas de atividade, e que se reforcem mutuamente nessas direções.

Se o fizessem, outras questões resolver-se-iam por si mesmas.

(Estava a nevar finalmente desde a hora do jantar. Agora, quando a Jane fez uma pausa na sua transmissão, ouvi o limpa-neves da câmara a subir ruidosamente a Holley Road, diante das nossas janelas da cozinha. A sua luz vermelha giratória brilhou brevemente na nossa sala de estar.)

Não há necessidade de dizer que o Ruburt estaria em melhor condição física talvez se o desenvolvimento psíquico não tivesse acontecido, uma vez que esse desenvolvimento fazia parte dos seus processos naturais de crescimento. Embora possa soar irrealista, o facto é que grande parte dos problemas do Ruburt são de facto causados por uma constante comparação entre o eu que é, e o eu que ele e tu acham que deveria ser (longa pausa), e em certa medida por preocupação excessiva com o que o mundo pode ou não pensar.

Mais uma vez, têm provas da disposição do corpo dele para mudar para melhor. A sua fé está a crescer, e ambos podem ajudar a reforçá-la. As sessões sobre trabalho discutem os aspetos de relaxamento e de trabalho de forma completa, e não devem ser esquecidas. Muitas das vossas realizações (longa pausa) são deixadas esmorecer quando não prestam atenção ao grande volume de correio, pois envolvem pessoas cujas vidas estão de facto a ajudar a mudar para melhor.

O ato de amor, como os sonhos, reconduz-vos a vós mesmos e inicia uma atividade benéfica do Plano subjetivo. Regenera as vossas energias e, de facto, liberta as passagens para a criatividade.

Fim da sessão — uma miscelânea.

("Obrigado. Muito bom.")

Um caloroso boa noite.

("Obrigado. Boa noite.")

(Disse à Jane que tinha feito outra excelente sessão. A sua transmissão tinha sido bastante estável e maioritariamente discreta, mas firme.)

NOTAS DA JANE

27 DE DEZEMBRO DE 1980

(O nosso 26.º aniversário de casamento. Notas.

(Ontem, ao rever as provas de Manifestações em Massa, fiquei com a sensação de que esse livro realmente me incomodava, servia como ponto focal. Os meus problemas de visão começaram na mesma primavera em que o Seth começou a ditá-lo; eu estava a fazer o James; o Frank L. estava a construir as varandas; e as pessoas da Gallery of Silence estavam a chatear-nos. Mas antes, o facto escapava-me de que o Seth tinha começado Manifestações em Massa — representando o seu e o meu ataque direto às doutrinas oficiais, ou assim me parecia. Antes, fazíamos-lo mais por inferência. Aceito tudo no livro — as suas opiniões sobre medicina, etc. — mas penso que senti que, se ia dizer as coisas como elas são — e ia, estava determinada a isso — então também precisava de mais proteção do mundo e comecei de novo a reduzir a mobilidade.

A minha ideia é que os olhos ficam maus depois de a tensão muscular chegar a certo ponto. Esta ideia também voltou ao ler um livro sobre William James que a Peggy G. me deu no Natal — as suas atitudes e as minhas parecem tantas vezes semelhantes — ele estava determinado a ser ousado, avançar custasse o que custasse, explorar a consciência — e ao mesmo tempo era atraído pela segurança, não gostava de controvérsia, queria paz, etc. Acho que sou assim.

(As longas pausas quando o Seth não ditava podem ter surgido quando eu estava particularmente preocupada com o material, com a sabedoria de o apresentar ao mundo, etc. De facto, o Seth deu-nos aí material sobre o Plano Físico e subjetivo, para me ajudar. Consegui agarrar-me várias vezes e, com o livro O Deus da Jane, a nova inspiração aí — e material sobre seguir impulsos — fiz algumas melhorias muito boas. Mas, muito mais do que o Rob, desde o início eu estava nervosa e ansiosa — acerca de trazer diretamente ao público muitas das ideias — que, ao mesmo tempo, acredito fervorosamente e até apaixonadamente.

(Posso recear que, se fores demasiado longe... a dizer as coisas como elas são... o sistema simplesmente corte a tua plataforma... ou que as

peessoas deixem de comprar os livros... algo como... morder a mão que te alimenta — só podes ir até certo ponto. No entanto, sempre soube que estas ideias colidiam com as oficiais — apenas que, antes, o “ataque” era menos direto...)

(Ultimamente tenho mesmo trabalhado com ideias de segurança, a dizer e acreditar que estou segura, protegida e apoiada e que confio no meu movimento espontâneo natural... Agora, ao escrever, vêm-me à mente emocionalmente umas coisas parvas antigas — a minha mãe a dizer que eu destruiria aqueles que amava ou disparates do género... mas como se eu sentisse sempre que, espontaneamente, deixada em paz, acabaria por tirar os cobertores de conforto das pessoas e sentia-me mal por isso, mesmo sabendo que esses cobertores filosóficos estavam apodrecidos, tinham de ir. E vejo que estou a oferecer algo muito melhor.

(Tivemos um Natal tranquilo e encantador — os Gallaghers cá na véspera de Natal — uns 10 cm de neve, Joe e Margaret cá ontem à noite — agradável — dei ao Rob o vaso de plantas; nós a cama. Ele surpreendeu-me com uma camisola branca maravilhosa como presente de aniversário....)

SESSÃO APAGADA

7 DE JANEIRO DE 1981

(A Jane estava atordoada — mesmo “fora de si” — quando disse que tentaria fazer uma sessão às 20h55. Não sentia o Seth por perto e não tinha ideia sobre o que ele poderia falar, ou se a sessão seria longa ou curta. Enquanto esperávamos, expliquei-lhe algumas coisas sobre os combates políticos em San Salvador; tinha acabado de datilografar a última, a 930.^a sessão, em que me referia às recortes de jornal anexados sobre as provas desse país. Pensei que a sessão, sobre o comportamento das nações, era relevante, e que San Salvador poderia ser quase um exemplo de teste daquilo que Seth tinha referido.

(A noite estava muito fria — 10° — enquanto nos sentávamos para a sessão. A casa estava silenciosa, exceto pelo ronco da fofalha. Os gatos dormiam. “Bem, estou à espera”, disse eu à Jane, a brincar, às 21h17. Ela fez uma careta. Esperámos. “Força”, disse eu às 21h20, ainda a brincar, e a Jane protestou bem-humorada. Finalmente, disse que o sentia “um bocadinho” ...)

O Ruburt tem razão: será uma sessão bastante breve. Gostaria de fazer vários comentários — de natureza, espero, útil.

O Ruburt tem de facto feito progressos excelentes, ultimamente, a lidar com crenças e a mudar de orientação, de modo que está a começar a aprender a usar a abordagem mágica — que é, de novo, a natural. Ultimamente, quando diz que está fora de si ou muito relaxado, está envolvido em certos níveis de consciência, nos quais de facto as tensões mentais e físicas estão a ser aliviadas e drenadas.

Nos vossos termos, estaria em estado alfa, a oscilar, por vezes, entre vários estados de consciência e de orientação. O corpo responde à sua maneira, e com o seu próprio sentido de ordem, a sua lógica espontânea interior. Como resultado, tem tido algumas experiências noturnas valiosas, duas em particular, embora haja outras de que não se lembra.

Nesses estados, enquanto o corpo descansa, está a aprender maior agilidade tanto física como na manipulação natural da abordagem mágica em geral. É-lhe também dado, nesses momentos, um retorno físico imediato: percebe logo que o corpo está mais à vontade, mais ágil, e assim por diante. O seu estado de espírito durante o dia varia, então, de modo que, com os seus arquivos (*de poesia*) hoje, estava num nível altamente relaxado, criativo, produtivo, mental, que serviu para proteger a mente das críticas que tantas vezes se dirige, e portanto o relaxamento corporal pôde continuar.

O incidente do festival no estado de sonho foi altamente fascinante, e representou sobretudo um estado particular de consciência — um em que a realidade é percebida de forma diferente. O sonho (*da noite passada*) refletiu e atualizou antigas tradições Sumari que honravam Deus como deus dos festivais, da celebração, tradições que se baseavam na ideia da própria vida como celebração.

O sonho serviu também como uma estrutura que lhe permitiu perceber intuitiva, psíquica e biologicamente a realidade emocional do Plano subjetivo. Ou seja, participou do seu conteúdo emocional. Os processos de cura foram então acelerados.

Ambos devem, em certa medida, ter agora mais experiências em todas as áreas da vossa vida com esse tipo de orientação mágica ou natural para os acontecimentos físicos. Essa orientação de facto “inclina a balança” em termos de probabilidades a vosso favor. Vão (sublinhado) experienciar sentimentos de esforço sem esforço à medida que os objetivos, outrora

considerados bastante difíceis, forem alcançados aparentemente por si mesmos.

Parece que precisam de certas instruções práticas que envolvem experiência direta, retorno imediato, e o Ruburt tem recebido parte disso no estado de sonho, e também, em certa medida, na sua realidade de vigília, à medida que começa a confiar nos sentimentos de apoio e de relaxamento.

Lembrem-se mais uma vez de que o intelecto só consegue ver até certo ponto, e que usa a lógica de causa e efeito, enquanto os acontecimentos mágicos saltam esse tipo de orientação. Uma pequena nota: o vosso novo equipamento (*de filme para TV*) é bom para mim e pode, se quiserem, servir-nos muito bem. O sonho do Ruburt, a propósito, também lhe sinalizou que está agora a aproximar-se daquilo a que os Sumari chamavam “o tempo dos festivais”, ou um tempo de graça. Todas as suas cerimónias eram alegres e vivificantes.

Haverá mais sobre as vossas nações, pois irei completar o quadro em certa medida, e não quis dar a entender que tais povos não pudessem mudar — mas que as mudanças viriam das suas próprias formas, através das suas próprias características, à medida que integrassem, por exemplo, o conselho útil de outros com as suas próprias necessidades e desejos. Eles amarão sempre o espetáculo, por exemplo, o simbolismo e a excitação, de modo que os seus eventos políticos públicos darão muito mais ênfase a esses aspetos do que os vossos.

O Ruburt deve relaxar no resto da noite. Quis apenas acrescentar estes comentários, e desejar-vos a ambos uma mágica boa noite.

("Obrigado, Seth. Boa noite.")

(21h49. A Jane continuava muito relaxada; mesmo durante a sessão fechava frequentemente os olhos ao falar pelo Seth, ou olhava para mim através de pálpebras muito pesadas.)

SESSÃO APAGADA

26 DE JANEIRO DE 1981

(Nesta tarde enviei à Prentice-Hall as provas de página corrigidas de O Deus da Jane.

(Esta é a primeira sessão que a Jane fez desde a apagada de 7 de janeiro. Mais uma vez, estava muito desconfortável ao sentar-se na cadeira em frente a mim, do outro lado da mesa de café. Mais cedo, hoje, como reafirmou agora — tinha dito mais de uma vez que queria “voltar às sessões, custe o que custasse”, ou qualquer que fosse a forma como se sentisse. A sua condição corporal apresentava contrastes bastante grandes: a parte superior do corpo estava muito relaxada, os olhos turvos. Os braços estavam mais compridos, como vinham estando há já algum tempo.

As nádegas doíam-lhe, assim como as ancas e as coxas internas junto à virilha; não conseguia avançar facilmente. Ao mesmo tempo, as coxas, acima dos joelhos, estavam “moles e pastosas”, enquanto abaixo dos joelhos os músculos estavam duros e tensos. No entanto, os pés estavam em boa forma. Estes são os pontos principais da sua condição. Esta manhã tinha dormido uma hora antes do almoço.

(Esta semana, em particular, também foi de grande turbulência emocional para nós, e para muitos outros, no plano nacional: a tomada de posse do Presidente Reagan; a libertação dos reféns americanos pelo Irão, e o seu regresso ao país. Steve e Tracy Blumenthal também nos emprestaram um conjunto completo de gravação em vídeo, e temos experimentado um pouco filmar a Jane a ler poesia.

Os Gallaghers também foram gravados. Estamos à espera de uma extensão do Steve para a câmara de TV para podermos tentar gravar sessões. Quis filmar a Jane a ler poesia entretanto, mas sempre que penso em lhe pedir — normalmente à noite — vejo que está tão desconfortável que acabo por desistir.

(A Jane teve algumas experiências noturnas interessantes em ligação com os reféns, e escreveu a breve nota anexa à sessão. Ainda não conseguiu explicá-las realmente; talvez o Seth comente. A minha própria suposição é que ela tocou em alguns acontecimentos prováveis.

(A Jane disse que sentia o Seth por volta das 21h20, mas que achava que a sessão seria curta. Disse-lhe que estava principalmente interessado em apenas duas coisas, ambas pessoais: as suas reações a Manifestações

em Massa e O Deus da Jane em ligação com os seus sintomas, e o que se passava nas suas ancas e nádegas. Ela não “anda” há semanas — desde o ano passado — e os problemas nas ancas, em particular, persistem já há vários meses. Queria ouvir do Seth algo sobre porque é que o corpo dela estava a demorar tanto a responder nessas áreas.

(Amanhã, os reféns encontrar-se-ão com o Presidente Reagan na Casa Branca. Vê os meus arquivos para muito material sobre toda a questão dos reféns nos últimos meses.

(A noite antes desta sessão, a Jane sugeriu que, todos os dias, lêssemos uma sessão, ou conversássemos ou revíssemos algumas notas, como forma de nos darmos um “incentivo” e para nos conduzir ao dia. Assim, no dia da sessão, depois do pequeno-almoço esta manhã, relemos a sessão apagada de 7 de janeiro de 1981, que é muito boa. E esta manhã, terça-feira, li à Jane a sessão da noite anterior a partir das minhas notas, já que ainda não a tinha datilografado.)

Boa noite.

("Boa noite, Seth.")

Ora bem: cada indivíduo vivo está intimamente envolvido, a certos níveis, com todos os desafios nacionais e globais nas esferas política, social e religiosa.

Não quero simplificar em demasia, mas é como se cada geração, ou grupo de gerações, procurasse os seus próprios temas gerais à volta dos quais o mundo será organizado. Esses temas aparecerão na vida privada dos cidadãos e nos sonhos privados e nos acontecimentos nacionais, ou globais, de modo que ambos os campos de atividade estão sempre intimamente envolvidos.

Sabias de antemão o tipo de mundo em que irias entrar. Os desafios que tu e o Ruburt ambos aceitaram têm sido frequentemente discutidos e, em certa medida, espelhavam os desafios do mundo em geral. Só ultimamente, relativamente falando, é que algumas dessas questões começaram a mostrar-se de forma bastante clara na arena dos acontecimentos públicos, no entanto.

O Ruburt achou muito difícil assumir uma posição pública, separada, digamos, de uma posição privada. O meu livro e o dele — isto é, *Manifestações em Massa e O Deus da Jane* — assumem ambas posições públicas. Comentam claramente questões que afetam o comportamento individual e privado, e o nacional ou comunitário. A importância dos

impulsos foi salientada em particular, e a aceitação de tal ideia é importante para a recuperação do Ruburt, claro — mas também vital no comportamento das nações.

Pode parecer que as nações se comportam impulsivamente até demais, que, por exemplo, os reféns americanos agora libertados foram sequestrados como resultado de um comportamento altamente impulsivo. Na verdade, esse acontecimento pode parecer apenas provar que o comportamento impulsivo é basicamente agressivo, pouco fiável e caótico. Na realidade, os estudantes tomaram tais medidas lamentáveis não porque cederam ao comportamento impulsivo, mas porque o caminho para a verdadeira expressão impulsiva esteve bloqueado por tanto tempo que tais ações se tornaram uma das poucas formas possíveis de dar vazão a certas expressões. Quando és refém, não podes exprimir os teus próprios impulsos, claro. O teu livre-arbítrio fica altamente restringido para todos os efeitos práticos. Fica restringido porque o número de impulsos é drasticamente reduzido pelas circunstâncias.

Sempre que, e por quaisquer razões, bloqueias o fluxo normalmente livre de impulsos, também restringes o exercício do livre-arbítrio, pois o livre-arbítrio envolve-te na experiência de escolher entre a atualização de um impulso ou de outro. Os captores reduziram então a liberdade dos reféns diminuindo o número de impulsos aos quais os reféns podiam responder. Isto é tão claro que é difícil expressá-lo passo a passo. A própria explicação faz o assunto parecer complexo — mas, quer estejas a lidar com comportamento privado, com o tratamento de uma pessoa no que toca aos seus próprios impulsos, quer estejas a lidar com um acontecimento de massa de natureza política, envolvendo o bloqueio forçado de impulsos por parte de um grupo em relação a outro, estás necessariamente a reduzir o exercício do livre-arbítrio.

(Longa pausa às 21h49.) De certa forma, a política externa e interna da situação no teu país está a ajudar o Ruburt a compreender a sua própria posição muito melhor do que antes. Está a ajudá-lo a clarificar algumas questões. Houve sempre duas faces nos seus empreendimentos: a busca privada de compreensão, e a expressão pública como escritor. De certa maneira isto aplica-se à maioria dos empreendimentos de natureza criativa. A pintura de um pintor é resultado de uma busca privada, mas numa galeria torna-se uma expressão pública.

Em grande medida — estou a simplificar bastante aqui, mas em grande medida — o Ruburt sentia poucas dificuldades a encontrar na sua busca privada, mas na sua expressão pública era muito mais cauteloso. É impossível, claro, separar realmente as duas coisas, mas, à medida que o seu trabalho se tornou mais conhecido, a busca privada tornou-se mais uma questão pública.

Anos atrás, quando o pessoal da Gallery of Silence começou a importuná-lo, sentiu-se ameaçado, com receio de se tornar alvo de fanáticos ou extremistas. Ainda assim, estava determinado a assumir algum tipo de posição pública — pois não o fazer significaria não se exprimir de todo através dos livros. Sabia que nunca cederia a esse caminho, mas sentia — e parte disso remonta a hábitos e crenças de infância — que o seu alimento e a sua cama lhe eram dados sob os auspícios do público.

Foi ensinado a ser muito cauteloso, não fosse esse sustento ser-lhe retirado. Os únicos medos privados que tinha eram também antigos, relacionados com toda a síndrome do falso profeta, o receio de conduzir as pessoas por maus caminhos, e por aí fora. No entanto, essas arenas privada e pública tornaram-se ligadas. (*Longa pausa.*) Preocupava-se que a sua expressão natural e busca, expressas publicamente naquele ponto da história, fossem perigosas porque o colocavam sob o olhar de um grupo crescente de fanáticos, por um lado, e também despertavam antigos medos de natureza privada, relacionados com a validade global de informação reveladora.

Não deixaria de se exprimir, mas sentiu imediatamente que precisava de maior proteção. Em certa medida duvidou da sua própria visão — vê a ligação com a dificuldade nos olhos. Apesar disso, prosseguiu com considerável coragem, determinação e vigor, no meu livro e no seu, para enfrentar a “realidade nua e crua”, por assim dizer, e trazer as questões à luz de forma clara para si mesmo e para o mundo.

A informação em *Manifestações em Massa* e nas nossas sessões ajudou-o a usar impulsos muito melhor do que antes, e ajudou-o a manter algum equilíbrio, permitindo-lhe avançar na compreensão apesar do período de dificuldade. Ainda assim, em vários momentos e ao longo de todo o período, usou aquilo que considerava proteção adicional: os sintomas mantinham-no dentro de casa, onde parecia que podia de facto exprimir-se com o mínimo de coação. Ao mesmo tempo, estava a aprender que a expressão negada a um nível significa expressão negada, em certa

medida, a todos os níveis (mais alto) — de modo que, claro, o seu trabalho criativo também sofreu até certo ponto.

Ao aperceber-se disso, fez esforços consideráveis para mudar as suas atitudes e crenças. A situação nacional alterou-se um pouco. Os desafios estão mais às claras agora. Não sente que está envolvido sozinho, como antes: os fanáticos, por exemplo, estão por todo o lado — bem visíveis, e, se podem achar ofensivo o seu trabalho, ele está longe de estar sozinho. Tem estado, portanto, na “linha da frente”. Isto significa que tem vindo a confrontar as suas próprias crenças, a discutir com elas — a mudá-las a níveis muito elementares.

Têm sinais claros da resposta global positiva do corpo: os braços estão mais direitos, os pés mais fortes, os tornozelos mais flexíveis, e estão constantemente a ser feitos ajustamentos gerais. Com tudo isto, há as mudanças nas coxas e nas ancas, de modo que a rigidez muscular cedeu claramente. A postura inteira está a alterar-se e a circulação a melhorar.

Ao mesmo tempo, ele tem estado extremamente desconfortável. Cada dia o corpo inteiro está a aprender a relaxar mais. A carne torna-se mais maleável e, à medida que isso ocorre com as suas novas crenças na segurança, ainda assim ele tem de se tranquilizar de que está (*sublinhado*) tudo bem, e dar permissão para uma libertação adicional. Este é, então, um estágio desse processo — um em que ele está a manter a sua posição.

O período, no entanto, pode e deve ser encurtado. A vossa comunicação livre e aberta entre ambos sobre este assunto pode ter muito mais valor do que imaginam, e é realmente o único ponto de contenda primário neste momento. Ou seja, ele está a desfazer-se razoavelmente bem das crenças por detrás dos problemas, pelo que é apenas na questão da segurança — e da segurança do relaxamento — que ainda está preocupado. Há uma experimentação considerável por parte do corpo quando dorme, e ele tenta posições que ainda não adota quando acordado. Uma massagem útil da tua parte também será de valor, pelo que implica.

Há muito material, claro, relativo à situação dos reféns, pois, tal como de certa forma ecoa a situação do Ruburt, também simboliza as situações de muitas pessoas, razão pela qual o caso capta a atenção do mundo. Pede ao Ruburt que volte a usar durante algum tempo as suas sugestões gravadas.

(*Pausa.*) O Ruburt sente que algumas das ameaças que percebia escondidas no mundo estão agora às claras. Na verdade, por essa razão

parecem menos perigosas do que antes. Em alguma medida há sempre aspetos sociais assim como privados no estado de saúde de uma pessoa.

As compreensões que o Ruburt está agora a alcançar são precisamente as necessárias. O que falta é a garantia de que cada passo do caminho é seguro e apoiado. É importante que ele se lembre da facilidade com que a flexibilidade aumentada pode surgir. Pode surgir tão facilmente como o vosso rendimento aparece (*com humor, referindo-se ao meu trabalho nos impostos nos últimos dois dias*). É importante que ele não se preocupe, nem projete as suas dificuldades no futuro — e, embora esteja muito melhor nisso do que estava, ainda precisa do lembrete.

Fim da sessão.

("Posso fazer uma pergunta?")

Podes.

("Sei que já falámos disso muitas vezes, mas preciso de refrescar porque é que ele equiparou a falta de mobilidade à proteção. É porque a imobilidade o mantém dentro de casa, onde se sente seguro, ou...?")

(O Seth lançou-me um olhar meio de pena, combinado com um de disponibilidade e compreensão. Esperava a reação, mas queria ainda assim uma definição concisa a que pudéssemos recorrer.)

O material já foi dado incontáveis vezes. Dá-nos um momento...

Ele achava que a imobilidade o mantinha à secretária a trabalhar, livre de impulsos para fazer outra coisa, já que durante muitos anos acreditou que o eu espontâneo devia ser “aparelhado” para a criatividade, e que, deixado à solta, teria demasiados outros interesses.

Ao mesmo tempo, temia que o eu espontâneo lhe arranjasse dificuldades (*longa pausa*), porque não tinha forma de saber aonde a sua própria busca o poderia conduzir e, em particular, temia que o pudesse conduzir a conflito com o resto do mundo.

A imobilidade protegia-o, pensava ele, de se deparar com quaisquer desses conflitos externos, e assegurava a sua criatividade contínua, reduzindo outros interesses e distrações, e organizando o seu tempo de maneira muito económica — ou assim parecia. Essa é uma resposta simplificada. As nuances, que são importantes, surgem em muitos grupos de sessões, dadas no passado, e incluem também a sua reação a atitudes tuas que, em certa medida, ajudaram a formar e a solidificar as suas próprias ideias a esse respeito.

Fim da sessão.

("Muito obrigado.")

Desejo-lhes uma boa noite.

("O mesmo para ti. Boa noite.")

(A Jane fechou os olhos como Seth, e quando os abriu essa personalidade já tinha desaparecido. A sessão não tinha sido propriamente curta; eu disse-lhe que tinha sido excelente.

("Eu mal tive consciência do meu rabo ou de qualquer outra coisa", disse ela. "Senti imensa coisa ali sobre os reféns — coisas que levaria uma eternidade a obter, raios...." Então falámos sobre o grande livro que o Seth poderia escrever sobre a questão dos reféns. "Antes de acabares, isso abrangeria história, religião, ciência — tudo," disse a Jane. Concordei que certamente resumiria toda a estrutura do nosso mundo civilizado antes de o Seth o concluir. "Esquece", disse a Jane. "Já temos um a meio agora." Ela queria saber o que aconteceria ao livro do Seth sobre os sonhos, entretanto, e expliquei-lhe que apenas esperaria até o outro projeto estar terminado. Afinal, já estava à espera de nós retomarmos.

(A Jane tinha estado irrequieta durante a sessão, mas sentia-se bastante bem agora. Achei que a sessão continha muitas coisas boas. É quarta-feira quando acabo de a dactilografar. Escrevi metade dela na noite de terça-feira; mas na terça de manhã, seguindo a nossa ideia de nos fundamentarmos em novas ideias todos os dias, li-lhe a sessão completa a partir das minhas notas.

(Ao acabar esta noite, no entanto, vejo agora que a sessão é ainda melhor do que tinha pensado. Na verdade, contém a chave para a recuperação da Jane, e o progresso dela continua. Massageei-lhe as coxas depois do jantar. Esta tarde, quando lhe disse que podia relaxar, "até andar", ela disse que "algo derreteu" dentro dela, e ficou mais descontraída. Na verdade, dormiu mais de uma hora esta manhã. Planeava tentar fazer uma sessão esta noite, disse, quando eu voltei ao meu trabalho de dactilografia.

(Devo acrescentar que o comentário resumido do Seth sobre as razões dos sintomas dela é exatamente o que eu queria, e que devíamos manter cópias dele disponíveis para fácil consulta. Depois do jantar ocorreu-me que o facto de a Jane ter feito as aulas de ESP provavelmente contribuiu para os sintomas ao longo dos anos, já que a situação da aula era uma em que ela apresentava as suas ideias não convencionais ao público. Ainda não tive oportunidade de discutir isto com ela, mas parece possível que

divulgar as suas ideias a um grande número de pessoas, presencialmente todas as semanas, tenha atingido a sua necessidade profunda de proteção... Se a Jane ler este material antes de fazer uma sessão esta noite, talvez o Seth comente.)

NOTA DA JANE SOBRE OS REFÉNS

(Hoje é sexta-feira, 23 de Janeiro. Os reféns americanos foram libertados na terça-feira, 20 de Janeiro. Nesse dia vimos os acontecimentos na televisão. Nessa noite, toda a noite ao que parecia, estive preocupada com os reféns, inquieta, embora não me lembre de sonhos propriamente ditos. Na manhã seguinte soubemos pela televisão que tinham sido maltratados....

(Quinta-feira à noite dormi otimamente. Mas novamente, toda a noite ao que parecia, estive de algum modo envolvida com os reféns. Só me recordo do espanto de o mundo e todos nele pensarem que os acontecimentos estavam a ter lugar agora, quando no meu esquema temporal não estavam de todo. Acho que estavam no passado, do meu ponto de vista. A diferença incomodava-me. Finalmente decidi que teria de me conformar com a crença de massas de que os acontecimentos estavam a acontecer agora e agir como se assim fosse, mesmo sabendo melhor....

(Depois de ver os acontecimentos televisionados de todo o mundo, na terça à noite sonhei que no futuro todos os lares estariam ligados a computadores interligados, registando todos os habitantes, ações, bens, etc. Na quinta recebi pelo correio uma carta toda sobre os novos computadores domésticos, como funcionavam e como se poderia usar um para trabalhar com os nossos registos e sessões....)

SESSÃO APAGADA

28 de Janeiro de 1981

(Terminei de dactilografar a sessão de segunda-feira passada mesmo antes de nos sentarmos para esta. A meu pedido a Jane leu a página de notas que eu tinha anexado no final da sessão. Não pedi que ela ou o Seth comentassem as notas, mas pelo menos tornei possível que qualquer um o fizesse. Entre outras coisas, tinha escrito que a sessão de segunda-feira era ainda melhor do que eu pensara.

(Mais uma vez, pelas 20h47, a Jane estava muito desconfortável, tentando repetidamente encontrar uma posição tolerável na cadeira para poder realizar a sessão. “No entanto estou com dificuldade em manter os olhos abertos”, disse.

(Às 20h de hoje a ABC TV News começara uma dissertação de três horas sobre toda a situação dos reféns americanos no Irão, narrada por Pierre Salinger. O programa era fascinante e era na verdade uma continuação de outro programa de igual duração que a ABC tinha transmitido uns dias antes; também tínhamos visto grande parte desse. Ouvi a Jane a escutar o segmento desta noite enquanto eu trabalhava na sala de escrita. Que história de intriga, personalidades e crenças era essa. E assim que o Seth abriu a sessão, percebi logo como ele ia ligar essa história com os próprios problemas da Jane.)

Boa noite. (Num sussurro 😊)

(“Boa noite, Seth.”)

Ora bem: O vosso documentário mostra de forma bastante clara duas porções da mente do mundo a operar em desacordo, em vez de em modos complementares — quase como se estivessem cirurgicamente separadas, ou de algum modo funcionalmente afetadas, como de muitas formas têm estado devido a mal-entendidos ao longo dos anos.

Ambas as porções dessa mente ou cérebro mundial, portanto, operam de modos exagerados, de tal maneira que as suas próprias características são quase caricaturadas, não temperadas, por assim dizer, por outras porções — como se, num indivíduo, as partes esquerda e direita do cérebro estivessem artificialmente separadas em termos funcionais.

O que é perfeitamente claro para uma parte desse cérebro mundial pode não ser percebido de todo pelo outro lado, e vice-versa. Para os fins desta discussão, temos de simplificar, por isso diremos que, em termos

gerais, o vosso próprio país se alinha com o mundo da razão, enquanto do mesmo modo o Irão se alia ao mundo da emoção.

Ambos reagem, mais uma vez, exibindo versões exageradas das características em causa, no entanto. O mesmo aplica-se a qualquer personalidade que tente separar o intelecto e as emoções da sua necessária unidade dentro da estrutura psicológica. Em qualquer dos casos, acaba-se por precisar de negociadores, que tentam aproximar os dois lados ou corrigir a visão e percepção de cada um até que a situação do outro lado seja pelo menos percebida com alguma clareza.

Agora, em muitas situações, as pessoas comportam-se do mesmo modo. Usam partes de si próprias como reféns ou, como no caso do Ruburt, não tanto como reféns, mas levando uma parte do eu para “custódia protetora”. Isto quase sempre acontece quando há mal-entendidos em áreas específicas entre a imagem de si próprio ou do mundo pintada pelo intelecto e a imagem do mundo ou de si pintada pelas emoções.

Na base de quase todos os problemas de qualquer natureza há um ponto em que a realização de valores está a ser negada. A questão não é tanto procurar o que está errado, mas descobrir que expressão está a ser negada, mesmo quando é procurada. Ou seja, o indivíduo tem um problema porque há um bloqueio na realização de valores numa determinada área.

A pessoa procura um certo tipo de expressão enquanto também sente que essa mesma expressão é perigosa, proibida ou, por uma razão ou outra, impossível de alcançar. Isto aplica-se a problemas pessoais humanos e a problemas políticos nos quais povos inteiros estão envolvidos.

Muitos dos métodos usados para encontrar soluções envolvem na realidade o estabelecimento de negociações por parte das nações — a terceira parte ou partes — que inicialmente podem comunicar com cada lado, explicando a visão de um lado ao outro. O estabelecimento de comunicação com indivíduos, comunicação entre as várias porções do eu, é então altamente desejável. Isto é frequentemente conseguido de modo quase automático à medida que outras porções do eu se formam em posturas de negociação, inserindo vários pensamentos, ideias e sentimentos no campo psicológico oposto.

O Ruburt levou uma parte de si para custódia protetora — não querendo causar dano a essa parte, mas simplesmente contê-la, ensiná-la a disciplina. Algumas pessoas levam partes de si, novamente, como reféns,

restringindo-as com a ideia de as punir por erros imaginados ou por ações não compreendidas.

(*Pausa.*) Em qualquer dos casos, no entanto, partes do eu ficam prejudicadas, contidas, e a sua expressão drasticamente reduzida, e é inevitável que haja repercussões. O corpo do Ruburt sofreu, tivesse ele essa intenção ou não, porque a realização de valores estava a ser ainda mais negada. No caso dos reféns e daqueles em custódia protetora, também ocorre inevitavelmente um certo tipo de isolamento imposto — e, em maior ou menor grau, o indivíduo envolvido exibirá em certas áreas o mesmo tipo de posturas exageradas entre várias partes do eu, tal como os americanos e os iranianos exibem no seu comportamento conjunto.

Um lado será incapaz de ver ou compreender o comportamento do outro. Cada um parecerá estrangeiro ao outro. A resposta americana — falando em geral — ao emocionalismo iraniano é tornar-se ainda mais presunçosamente razoável, mais frio, mais superior. A resposta do iraniano à razão americana envolve novos surtos de emocionalismo e comportamentos que parecem completamente irracionais para a visão americana. Assim, muitas vezes enfrentamos de facto uma falta de comunicação entre várias partes do eu ou entre várias partes do mundo.

Entretanto, tens as preocupações das nações com a aprovação ou desaprovação mundial, e infinitas versões de dispositivos para salvar a face. Com o indivíduo, claro, tens versões pessoais das mesmas questões.

O intelecto do Ruburt e as suas emoções, trabalhando juntos, funcionam com alegria na sua escrita, nos seus empreendimentos psíquicos e na sua experiência subjetiva em geral. Unem-se e estimulam as suas capacidades criativas de tal forma que ele faz aquilo que lhe é natural, fácil e vital, explorando a sua própria visão da realidade — mas em certas áreas o intelecto e as emoções começam a separar-se nas suas visões do quadro do mundo. O intelecto (longa pausa, olhos fechados) desaprova certos sentimentos e emoções porque o intelecto, aliado aos (pausa) aspetos sociais da realidade, pensa em termos de uma face pública, ou respeitabilidade, da sua posição junto de outros adultos no mundo.

Parte disto é difícil de clarificar, porque as coisas não são assim tão claramente definidas (*enfaticamente*). (*Longa pausa.*) Quando unidos, o intelecto e as intuições funcionam bem. O intelecto, contudo, quer que as emoções sejam talvez mais respeitáveis do que são, mais arrumadas, melhor controladas, bem vestidas. Quer aprovação do mundo. No caso do

Ruburt, começou a preocupar-se que as partes exuberantes, espontâneas e emocionais do eu permitissem que a sua busca da verdade e da criatividade ultrapassasse os limites, trazendo algum perigo, talvez, em vez de honra ou, no mínimo, escárnio e crítica.

Ao longo do tempo acabaste com duas posturas exageradas — artificiais — com os elementos espontâneos da personalidade a forçarem-se para o uso total das suas capacidades (*entre parênteses: realização de valores*), e o elemento racional determinado a prosseguir tais empreendimentos — mas com cautela. As razões do intelecto, contudo, não eram inteiramente suas, apenas pareciam ser, porque os campos opostos estavam tão fora de comunicação. O intelecto, na verdade, fazia deduções racionais de forma inconsciente com base numa imagem emocional desatualizada do mundo, partilhada por emoções e intelecto anos atrás, na infância do Ruburt.

(*Longa pausa.*) Pelo simples facto de uma parte do eu ser mantida, digamos, em espécie de custódia protetora, é mantida em isolamento, o que significa que não está a par dos acontecimentos atuais. Tal como reféns políticos, não recebe toda a correspondência, ou a que recebe tende a ser censurada, portanto não opera com um conjunto completo de factos. Só isso, claro, prolonga a dificuldade.

As partes do eu mantidas em custódia protetora desenvolvem certas características apenas para sobreviver — modos de comportamento que talvez sirvam para aliviar alguma da pressão, procurando sempre, no entanto, formas de escapar à situação. Isto aplica-se a todos esses casos, naturalmente.

Estamos agora envolvidos em assegurar ao Ruburt que é seguro mexer-se e, em última análise, que é seguro relaxar. Estamos a tentar tranquilizá-lo de que o relaxamento é de facto parte de um processo criativo, e que também torna todos os outros movimentos possíveis. (*Pausa.*) Tal afirmação pode ser aceite por todas as partes do eu, mas deve ser enfatizada repetidas vezes. Entretanto, podem parecer surgir outras razões, diferentes, que servem para tornar as suas atitudes mais racionais. Estas fazem parte dos modos de comportamento adotados pela parte do eu mantida em custódia, por assim dizer.

Em qualquer momento, então, ele pode não sentir que é correto relaxar, porque tem tal e tal tarefa a realizar, ou por causa da hora, ou por quaisquer outras razões que servirão todas para esconder o facto de que ele

tem medo de relaxar. Pensa que teme relaxar porque então não fará nada — mas, em vez disso, teme deixar-se ir porque receia ir longe demais e colocar-se numa posição insegura no mundo. Algumas das vossas próprias atitudes anteriores devem ajudar-vos a relacionar-vos com esse tipo de raciocínio.

Quando lhe falaste esta tarde, dizendo-lhe que era seguro relaxar, ajudaste a quebrar o seu isolamento. A parte em custódia protetora teve alguém com quem falar, e outra parte para ajudar nas negociações. Uma parte de confiança, um ponto altamente importante.

(Longa pausa às 21h55.) Como os dois estão tão envolvidos, a tua própria posição está destinada a mudar, e em anos anteriores — até certo ponto, agora — também sentiste que certas partes da personalidade do Ruburt deviam de facto ser mantidas em custódia protetora. Durante algum tempo alarmaste-te apenas porque o tratamento dado a essa parte era mais severo do que pensavas que deveria ser. Agora estás ativamente a agir como uma parte de confiança, a trabalhar pela libertação da parte mantida em relativa catividade, e as tuas garantias neste momento podem ser extremamente importantes.

O Ruburt também conseguiu estabelecer um melhor sistema de comunicação, e sempre que comesas a prestar mais atenção de novo aos teus impulsos, estás destinado a sair do centro em qualquer momento. Começas a mudar a situação. Os teus impulsos começam imediatamente a alargar o teu quadro da realidade, a “descensurar” a correspondência, por assim dizer. O Ruburt procurará naturalmente a tua ajuda, contudo, e a tua mão amiga, à medida que ele sai desses corredores limitados de atividade — e assim está a fazer.

Fim da sessão —

(“Sim.”)

— e uma boa noite.

(“Muito obrigado, Seth. Boa noite.”)

(Outra excelente sessão, disse à Jane. A sua transmissão tinha sido na maior parte rápida e enfática. Ao mesmo tempo ela parecera muito desconfortável, muitas vezes sentada completamente direita enquanto falava pelo Seth; contudo, não se lembrava agora de nenhum desse comportamento. Sabia, porém, que o Seth estava pronto para se manifestar com força, e assim foi.)

SESSÃO APAGADA

4 de Fevereiro de 1981

(Esta sessão pode marcar o início do grupo mais importante de sessões que o Seth deu até agora. Certamente esperamos que sim.

(Surgiu por causa de vários factores que tentarei listar pelo menos em ordem cronológica aproximada. O primeiro deles seriam as mudanças físicas quase extremas da Jane nos últimos meses, os seus altos e baixos em termos de mobilidade, sensações, dores, sono agitado, etc. O Seth tem dito repetidamente que essas mudanças representam melhorias resultantes de uma melhor compreensão das nossas crenças, do nosso trabalho artístico/criativo e, de facto, de todo o nosso estilo de vida. Tentámos acompanhar as suas declarações, mas também sentimos inúmeras apreensões, o que pode ser bastante natural.

(As sessões da Jane também têm sido muito irregulares, e ela não trabalhou no último livro do Seth há já alguns meses. Aí residia uma daquelas pistas que estava mesmo à nossa frente, mas invisível ao mesmo tempo. Em cada livro do Seth houve interrupções, por assim dizer — períodos longos ou mais longos entre certas sessões, enquanto, normalmente, fazíamos sessões pessoais no intervalo; estas eram geralmente dedicadas a tentar chegar às causas profundas dos sintomas da Jane. Esse padrão foi mais acentuado enquanto o Seth produzia Manifestações em Massa, mas sem verificar agora lembramo-nos de interrupções semelhantes, ainda que mais curtas, enquanto os livros anteriores estavam a ser produzidos. Isto sempre me incomodou até certo ponto, mas geralmente dizia a mim próprio que era o modo de trabalho da Jane e esquecia o assunto. Tornava, no entanto, complicado escrever notas para Manifestações em Massa, por exemplo, para explicar esses longos períodos entre certas sessões no livro.

(Não compreendi totalmente o significado desses intervalos enquanto trabalhava em Manifestações em Massa, não até reler na outra noite o texto da Jane de 27 de Dezembro de 1980. Ela tinha escrito esse tratado a meu pedido, após alguns comentários que tinha feito. Eu tinha-o lido, mas não tinha penetrado suficientemente na altura. Nele ela ligava o problema de visão e outros sintomas aos seus receios em relação às reações públicas ao seu trabalho com o Seth — os seus receios de rejeição, etc., e de que pudesse — de facto, tem-se — encontrado fora dos domínios aceites da ciência, religião, etc., devido ao seu trabalho psíquico.

(Assim que reli o texto dela anteontem à noite, lembrei-me dos dois excertos que tinha copiado de sessões apagadas recentes — as de 26 e 28 de Janeiro de 1981. Nelas o Seth explicava brevemente como a Jane tinha criado os seus sintomas como proteção contra o eu espontâneo ir longe demais: esse medo era a verdadeira razão dos sintomas — não, como geralmente pensávamos, o medo dela de que faria outras coisas além de trabalhar se tivesse mobilidade normal. Esta última ideia é uma camuflagem da anterior.

(Para a Jane, ir longe demais significa que se encontraria numa posição insegura no mundo. E para mim, à medida que comecei a juntar tudo isto, significava que embora ela fizesse os livros do Seth, dos quais tanto gostamos, também arrastava os pés em resistência a cada um deles — daí os longos intervalos de inatividade que surgem durante a produção de cada um. Mais uma vez, sem verificar, penso que um exame dos nossos registos mostraria que os sintomas dela se agravavam, de facto pioravam, à medida que trabalhava em cada livro do Seth, e que por trás dos seus esforços em cada livro residia este medo de estar a ir longe demais com cada um que produzia. Esse medo pode basear-se em ideias ultrapassadas — como o Seth mencionou em várias ocasiões — pode não fazer sentido, seja o que for, mas enquanto existir tem de ser tratado. Esta sessão presente representa, então, a nossa mais recente tentativa de lidar com todos os nossos aspetos pessoais, públicos e criativos envolvidos com o material do Seth — não apenas aqueles que escolhemos enfrentar nos últimos anos.

(Ontem de manhã, então, enquanto pintava, ocorreu-me claramente o pensamento: a Jane faz os livros do Seth apenas para me agradar. Sabia na altura que isto provavelmente era uma simplificação excessiva, mas também soube logo que continha a chave do enigma; esta ideia relativamente simples ajudou-me a reunir todas as informações já descritas nestas notas, metade delas de formas que não consigo conscientemente descrever. Mas levou à conversa que tive com a Jane ao meio-dia de hoje [dia 4], e a esta sessão. De repente tive várias ideias que queria discutir com ela.)

(Juntamente com tudo isto está a afirmação que o Seth fez recentemente no sentido de que “não cometemos erros de maior”. Este é um daqueles dados a que volto muito mais tarde e começo a questionar, depois de o ter deixado passar na altura. “Bem, se não cometemos erros de

maior”, disse eu à Jane recentemente, “como chamas às chatices que temos?” Eu estava — estou — bastante consciente do humor implícito em toda a situação. Por vezes, por mim, consigo concordar com o Seth, mas noutras tenho sérias dúvidas.

(Ao meio-dia, depois do almoço, então — no dia 4 — a Jane e eu tivemos uma conversa sobre as ideias acima mencionadas. Os meus esforços mais recentes para lidar com os nossos desafios envolvem ela deixar de lado o último dos livros do Seth, Sonhos, por algum tempo. Ou seja, podemos trabalhar nele se quisermos, mas sem pensar em prazos nem assinar um contrato, o que comprometeria a Jane a uma exposição pública adicional. A ideia é que ela fique livre para fazer o que quiser com o material do Seth, durante o tempo que quiser, sem acrescentarmos combustível aos seus medos até termos tido oportunidade de resolver as coisas. Disse-lhe que tinha a certeza de estar no caminho certo aqui, sem saber positivamente se estava, e sem ter respostas prontas que resolvessem todas as nossas chatices.

(Adiar o “Sonho”s, pareceu-me, era uma necessidade no momento porque agora acreditava que o longo interlúdio no seu ditado era, de novo, um sinal claro de resistência ao projeto por parte da Jane. A ideia é tentar pelo menos pôr travão a algo a que ela resistiu desde o início, ou assim parece em retrospectiva — e refiro-me ao início das sessões, não apenas ao Sonhos. Lembrei-lhe que fui eu quem primeiro sugeriu que começássemos a publicar o material do Seth, e que ela tivera reservas quanto a fazê-lo. Pareceu-me agora que um percurso claro de recuo tinha sido exibido pela Jane ao longo de todos os nossos empreendimentos psíquicos, e que poderia ser facilmente traçado se tivéssemos tempo para isso.

(Disse que ela provavelmente teria usado os seus dotes psíquicos de algum modo na sua escrita, mas que os livros do Seth muito provavelmente não teriam chegado a existir não fosse o meu próprio interesse — daí o meu lampejo mental esta manhã de que a Jane fazia os livros do Seth para me agradar. Sei que as coisas não são assim tão simples, mas sinto que o facto de a exposição pública representada pelos livros do Seth sempre ter incomodado a Jane. E atualmente ela tem estado mais incomodada do que nunca, como descreveu no seu texto de 27 de Dezembro de 1980. Este transtorno inclui o trabalho dela no seu próprio mais recente, O Deus da Jane.

(Expliquei que, de modos diferentes, tanto as aulas de ESP da Jane como o correio refletem outros aspetos de exposição pública, e que estes também devem ter gerado resistência ao longo dos anos. [A Jane comentou na semana passada no sentido de que se perguntava como poderia deixar de responder ao correio, por exemplo.] A aula sempre pareceu oferecer muito, e tem ajudado muitas pessoas, mas estava implícito na sua própria existência o facto da exposição pública de capacidades psíquicas inaceitáveis, aos olhos da Jane, disse-lhe eu. A minha ideia é que tanto a aula como o correio tiveram, ao longo dos anos, um efeito de reforço infeliz no que toca aos sintomas e aos medos que os acompanham.

(Tal como a aula, a Jane sentiu-se muitas vezes ameaçada pelo correio, só que de forma mais aberta, assim como por visitas pessoais de quem nos procurava. Outro exemplo disto ocorreu ao meio-dia, quando fomos visitados por duas jovens lindíssimas — que, infelizmente, estavam a usar o material do Seth de formas que nós não usaríamos. Todos esses incidentes, disse eu à Jane, reforçam ações individuais por parte de leitores que seriam bastante rejeitadas pelo “establishment”: sinais adicionais de quão fora do pensamento aceite a Jane se tem encontrado ao longo dos anos.

(Expliquei aqui que penso que isto sempre a incomodou profundamente. Sem recensões em revistas reconhecidas, sem acolhimento nas universidades por parte do meio académico, como ela própria escreveu em O Deus da Jane. E, claro, todo o longo texto de ressalvas para Manifestações em Massa resume lindamente as situações: até o nosso próprio editor procura proteger-se de uma possível ação legal por causa do material nos livros do Seth. A Jane vê isto como uma ameaça, embora não fale muito disso. E eu, por mim, interrogo-me sobre ressalvas em livros futuros — ou até sobre as acrescentar a obras passadas.

(Até o correio de hoje, que lemos depois de terminarmos a nossa conversa, continha vários belos exemplos dos pontos que descrevi acima. Isto trouxe à baila outra questão — sermos confrontados com a obra que publicámos, bem como com Manifestações em Massa e O Deus da Jane. Não há maneira de fugir desses quinze livros do passado, disse eu, pelo que, nesse sentido, temos de viver com os resultados que eles geram. Eu próprio também pensei em prescindir de responder ao correio, embora muito relutante em fazê-lo, pois muitas das cartas são abertamente laudatórias, e nós guardamo-las para referência [apesar de na verdade

não termos usado nenhuma para tais fins]. Mas aí reside também um problema, disse eu, porque refletiriam a preocupação da Jane com a exposição pública, os seus receios de desviar as pessoas.

(Adiar a publicação do Sonhos, então, é apenas um estratagema para ganhar algum tempo e desativar a situação presente, enquanto o corpo da Jane se esforça por se recompor o mais possível. Acreditamos na avaliação do Seth, no sentido de que o corpo dela se está a recompor em inúmeras áreas após anos de desuso, de contenção, mas ao mesmo tempo é muito difícil não ter reservas e dúvidas quanto ao que está a acontecer simultaneamente. Pelo Natal discuti com a Jane a ideia de procurar ajuda médica, e pedi-lhe que me dissesse mais tarde o que pensava dessa ideia, mas ela ainda não abordou o assunto.

(Eu sabia que ela não era a favor, mas, como disse na altura, isso parecia significar que ela estava a alimentar a ideia de passar o resto da vida sentada — bastante imóvel para todos os efeitos práticos. Disse-lhe na altura que não tinha grande esperança de que a medicina pudesse ajudar muito, mas ainda assim interrogava-me amiúde se a classe médica não poderia oferecer algum tipo de ajuda. Não queria que a Jane piorasse tanto que fosse forçada a recorrer a médicos, antes de pelo menos considerar ajuda exterior. Por vezes temi que algo assim acontecesse se ela não conseguisse “sair” dos seus sintomas por si — isto é, com a ajuda dela própria, do Seth e minha.

(Repeti na nossa conversa que estava perfeitamente bem para mim se a Jane optasse por não publicar mais livros do Seth, mas se concentrasse nas suas próprias obras, e ela disse que percebia. É a minha opinião pessoal, pelo menos de momento, que vai demorar bastante até o Sonhos estar terminado ou impresso. Pelo menos a Jane tem agora algum espaço para respirar, e o ciclo de resistência pode ser interrompido, digamos, se não ainda invertido. Agora temos tempo para o Plano subjetivo operar. Neste intervalo posso fazer algum trabalho eu próprio no Sonhos, ou começar algo meu.

(Soube também durante a conversa que a Jane não gostava de o material dos livros do Seth ser ligado em demasia a acontecimentos atuais, como se viu em Manifestações em Massa e Jonestown e Three Mile Island. Lembrou-me também que até o título Manifestações em Massa, quando o Seth o deu, a tinha alarmado, ou pelo menos despertado nela algum tipo de mecanismo defensivo — algo que eu tinha esquecido.

(Por outro lado, tomei como garantido que a forma como o Seth usou acontecimentos atuais em Manifestações em Massa fora bastante natural e extremamente informativa, oferecendo uma visão muito mais ampla dos assuntos humanos. Este pequeno dilema também pôs em relevo outras reações da Jane a comentários que eu faria, inocentemente, pensava eu, no sentido de que o Seth poderia fazer um grande livro sobre inúmeros acontecimentos atuais — o mais recente sendo toda a questão dos reféns. Ela, então, não tinha realmente sido a favor de tais empreendimentos, mesmo quando os discutia comigo.

(Nem, acrescento, eu alguma vez a pressionei a fazer livros com o Seth sobre acontecimentos atuais. É claro agora que ela veria tais esforços como deixando-a demasiado exposta a ataques públicos. O mesmo vale para aparições na TV — como se vê pelo nosso recente envolvimento com a proposta de notícias da ABC — e, provavelmente, na rádio. Em suma, então, parece que quaisquer iniciativas que ela escolha fazer quanto a enfrentar a reação pública às suas capacidades serão — e devem ser — da sua própria escolha. Talvez, se alcançar um sentido de paz interior e proteção, venha a fazer naturalmente tais escolhas; o que, por sua vez, encorajará o seu sentimento de liberdade e segurança pessoais em vez de o ameaçar.

(Talvez o nosso maior desafio daqui para a frente seja como lidar com o “fall-out” do trabalho que já fizemos — esses 17 livros por aí que estão constantemente a suscitar um grupo muito misto de reações das pessoas “em todo o espectro”. Nem tudo isto é mau, claro, e confio que também aqui a Jane venha gradualmente a chegar a um entendimento com tais respostas, não as vendo como ameaças implícitas, mas como verdadeiros reforços das suas capacidades que, como aprendemos, têm mesmo o poder de mover os outros de maneiras variadas e, muitas vezes, profundas.

(Tomei o tempo para escrever as notas acima tanto como lembrete para mim próprio como por qualquer outro motivo, e para iniciar esta sessão como algo especial. Eu não sabia se a Jane faria uma sessão ou não — ainda assim fiquei um pouco surpreendido quando ela se ofereceu para realizar uma esta noite. Mais uma vez, ela tinha estado tão “fora de si”, sentada no sofá a ver televisão, que eu tinha desistido de ouvir o Seth comentar as nossas ideias mais recentes. A Jane esteve “fora de si” a maior parte do dia, exceto durante a nossa conversa, que durou mais de

uma hora. Tenho de admitir que, neste momento, estou bastante perplexo quanto à melhor forma de a ajudar. Ela continuava muito desconfortável todos os dias enquanto as mudanças corporais varriam o seu corpo. As nádegas e as pernas, em particular, têm-na incomodado recentemente. Mas na noite passada tinham sido os braços e os cotovelos — eu diria que, durante a noite, ela me acordou mais de uma dúzia de vezes a chorar no sono devido ao desconforto nos braços. Esta manhã descobri que os nós de músculo sob o seu cotovelo esquerdo quase tinham desaparecido — um efeito que nunca tinha visto antes. Em vez disso, o cotovelo estava cheio de líquido. Seria esta a mais recente tentativa do corpo de se curar a si mesmo inundando áreas afetadas com líquido calmante, digamos como lubrificação, ou quê?

(Quando a tapei para uma sesta às 16h30 desta tarde, perguntei-lhe “como é que uma pessoa podia provocar tanto sarilho?” — querendo dizer que, em linha com a nossa conversa de hoje, eu agora acreditava que toda a questão do Seth, e especialmente os livros, tinha sido conduzida face a uma resistência constante e feroz. Um pé a arrastar o outro atrás, foi uma forma como o pus recentemente. Penso que é esse estado de resistência que absolutamente temos de dissipar.

(Às 20h52, então, a Jane disse que sentia o Seth por perto. Animou-se um pouco, embora ainda estivesse com os olhos bastante turvos. Ao mesmo tempo sentou-se bem direita na cadeira, sem se recostar, e li essa postura como sinal de que ainda estava muito desconfortável ali sentada. Iniciou a sessão ao seu ritmo habitual de transmissão, mas após alguns parágrafos abrandou consideravelmente.)

Ora bem

(“Boa noite.”)

— acabarei por cobrir todas as áreas de que falaram esta tarde — claro, à minha maneira. Chamaremos a esta discussão número um.

Há, naturalmente, alguma diferença, na mente do Ruburt, entre a atitude dele para com os seus livros e a minha. Em certa medida isso é mais do que compreensível. Ele (*pausa*), se eu não tivesse surgido, teria escrito livros seus de qualquer modo. Não teria encontrado obstáculos invulgares quanto à sua postura pública, no sentido em que teria sentido o dilema bastante característico de alguns escritores criativos, que devem assimilar as porções privadas e públicas das suas experiências. Não teria, porém, dificuldade invulgar, digamos, em defender as suas próprias ideias — em

manter a sua posição, por assim dizer, em quaisquer discussões ou filosofias.

Nesse caso estaria a operar ele próprio dentro do quadro reconhecível da identidade psicológica, sendo ele mesmo no contexto da estrutura de personalidade tal como seria definida por todos. Ele sente-se bastante competente com os seus próprios livros. Eles começam por prestar algum tributo verbal a definições antigas e depois partem daí, estabelecendo firmemente o facto de que ele está mais ou menos no mesmo barco. Nesse aspeto há pouca ambiguidade.

Ora, os meus livros nem sequer fingem aceitar essas convenções, mas partem de um ponto de vista inteiramente diferente. Esse ponto de vista por si só faz diferença. Esse ponto de vista por si só estabelece um padrão de tipo diferente. Assume que sabe. Fala de um conhecimento que é óbvio do meu ponto de vista. Não pede desculpa de si. Pressupõe uma estrutura mais vasta de personalidade e identidade, ponto final.

(Agora lentamente às 21h13:) O Ruburt é altamente dotado — extraordinariamente em muitos aspetos. A natureza do seu dom, falando em geral, porém, pressupõe ou implica a existência de vastas extensões na psique — extensões que, se (pausa) comparadas imprudentemente com as porções habituais do eu, podem parecer deixar o eu habitual numa posição de inferioridade por contraste.

(Depois do pequeno-almoço na manhã do dia 5 li esta sessão à Jane antes de a dactilografar à tarde. A afirmação do Seth deteve-me de um modo que me pareceu novo a nível pessoal, pois não creio ter considerado que a Jane pudesse até ver o próprio material do Seth como concorrência — ou mesmo como uma ameaça, embora eu não goste dessa palavra — para ela. Isto quer o material fosse publicado quer não. E, no entanto, a Jane disse que por vezes tivera tais pensamentos. Não me lembro, contudo, de ela mos ter dito.)

Os livros que escrevi são excelentes veículos, não só de conteúdo mas de essência. De certo modo, no que à psique diz respeito, provêm de uma porção que está de facto imersa num conhecimento que é evidente.

Se eu fosse apenas — apenas — uma porção da psique mais ampla do Ruburt, então eu seria a porção que sabe o que sabe: a porção que se ocupa do conhecimento espontâneo.

Agora. Os vossos sistemas sociais têm muito poucos enquadramentos que sequer tenham em conta tais experiências. (Pausa.) Há as escolas

esotéricas, por exemplo, as sociedades espiritualistas, as tradições orientais. No conjunto envolvem um grupo esotérico muito pequeno. O motor da sociedade é tocado por tais grupos de vez em quando — mas, no mundo, digamos, do encontro público habitual, não há enquadramentos aceites para tais experiências.

Primeiro que tudo têm de explicar a vossa definição de personalidade, de tentar redefinições de índole muito emocional, pois quando falam, digamos, de espaço e tempo, isso é uma coisa. Quando estão a pedir às pessoas que reexaminem toda a questão da identidade pessoal, estão a estabelecer condições que podem assustar muitas delas. O Ruburt sente que poderia, por exemplo, explicar muito bem quaisquer dos seus próprios livros a partir do seu próprio enquadramento. Explicar os meus livros é outra coisa, e, nesse sentido, os meus livros também são evidentes.

(Longa pausa.) Dêem-nos um momento... Há poucas pessoas numa posição dessas. Ele não é cobarde nesse aspeto (como a Jane tinha especulado durante a nossa conversa). Foi, de facto, bastante ousado ao recusar aceitar o dogma convencional de guia espiritual — que ao menos lhe teria dado uma espécie de cobertura psicológica (tudo enfaticamente).

(Pausa.) Fica horrorizado com a forma como muitas pessoas interpretam o meu material. Às vezes parece que preferiria até um grupo mais pequeno, mas mais seletivo, de leitores (com divertimento) — leitores que fossem de topo nas suas áreas, ou que de uma forma ou de outra granjeassem o seu respeito. A questão é que os nossos livros chegam a todo o tipo de leitores em todos os quadrantes da vida. Isso porque todo o tipo de pessoas conhece intrinsecamente a natureza do conhecimento evidente.

Podem interpretar mal a sua natureza, projetá-lo para fora de si, transformá-lo num hobby, numa tarefa, numa religião, numa arte, num conjunto rigoroso de leis — mas, ao lerem os meus livros, reconhecem a autoridade da psique interior.

O Ruburt e tu viveis num mundo com os seus próprios tabus culturais, as suas próprias suposições. A ideia de pessoa é altamente vital, unindo povos e sociedades. A ideia de pessoa mantida pela Igreja Católica Romana afetou a história do mundo durante séculos, e essa ideia de pessoa está intimamente envolvida, claro, com a ideia da origem da pessoa.

Ora, o Ruburt compreendeu muito bem, de certo modo, que as suas próprias experiências o estavam a levar para fora desse enquadramento coeso, não simplesmente para fora dos ditames da ciência ou da religião,

mas para fora daquelas áreas que a ciência e a religião ignoravam, deploravam ou negavam (tudo com muita determinação).

Nesse aspeto sentiu que estava a violar um importante tabu cultural e lançou-se num programa que exigiria cautela, proteção pessoal e um certo distanciamento. Estava determinado a avançar, porque a sua própria realização de valores procurava essas direções — tal era a sua natureza. As minhas obras publicadas, porém, apresentavam-lhe aquilo que ele sentia ser uma postura pública de modo diferente do que a sua própria o faria (*mais alto*). Os meus livros pareciam automaticamente sugerir um quadro de referência ao qual poucos outros poderiam ter acesso.

(A Jane falava com muita intensidade pelo Seth através deste material. A noite estava muito fria; um vento cortante investia contra a casa repetidas vezes, fazendo vibrar as persianas sob os pesados toldos metálicos no lado oeste da sala de estar onde nos sentávamos.)

Mais uma vez, as definições de personalidade são importantes aqui. O Ruburt podia ler poesia sem ter primeiro de definir a natureza de um poeta. Podia enfrentar quaisquer críticas com explicações adequadas, uma vez que nenhuma audiência estaria prestes a questionar a validade psicológica do poeta. Quaisquer discussões teriam lugar dentro de um quadro implícito de definições.

Antes mesmo de ouvir a poesia, nenhuma tal audiência, sentia o Ruburt, questionaria o facto da própria poesia — as suas técnicas, tradições ou valor. Os meus livros, porém, pela sua própria existência, surgem num mundo que em grande medida não se ocupa senão dos elementos mais superficiais da realidade psicológica. (Longa pausa.) A questão da duplicidade surge quase de imediato. O Ruburt sente a existência de inúmeras barreiras nesse aspeto — tendo, sente ele, de lidar com as perguntas que se seguem.

(Pausa.) Eu devo ser, enquanto Seth, verdadeiro ou falso, ficção ou não-ficção, essência de personalidade — espírito, se preferirem — ou a própria psique do Ruburt nas definições normalmente aceites, desempenhando na melhor das hipóteses um papel duvidoso. E em grande medida essas questões estariam lá mesmo que o nosso material concordasse plenamente com o conhecimento estabelecido do vosso mundo — mas não concorda. Contradiz grande parte do conhecimento do mundo. Se o Ruburt quiser discordar do conhecimento do mundo, sente que é seu direito — e, de novo, defenderia tais ideias de forma franca.

Basear-se-iam em experiências que são suas — muitas que partilhaste em resultado das vossas próprias experiências pessoais em conjunto. Mas o Ruburt não tem consciência da minha experiência subjetiva. O meu conhecimento evidente vem, mesmo que eu não fosse mais, repito, do que uma parte da sua psique mais ampla, de extensões que lhe seriam inacessíveis nesses termos (*tudo enfaticamente*). Ou seja, nesses termos eu estaria a fornecer-lhe conhecimento óbvio, a revelá-lo (*longa pausa*), a entregá-lo. Não lhe poderia, porém, transmitir a qualidade psicológica do saber óbvio. Nesse aspeto ele não tem o mesmo tipo de experiência interior com que sustentar as minhas palavras.

Em certa medida falta-lhe o tipo de fé nas pessoas que eu tenho, por causa dos sistemas de crença que vos rodeiam. Incomoda-o que algumas pessoas, pensa ele, considerem que os nossos livros constituem outra bíblia ou equivalente, e parece-lhe que a falta de compreensão delas nesse aspeto tolhe a sua própria criatividade. A atitude dele pode tolher a sua criatividade. A deles, claro, não. O sucesso dos livros traz naturalmente tais questões para primeiro plano, e falarei de mais dessas preocupações associadas.

Dá-nos um momento... os próprios livros — os meus assim como os dele — são por si indicações de realizações (*pausa*) que não são facilmente interrompidas, pois representam o desenvolvimento criativo natural das suas próprias capacidades e crescimento. Eles também fornecem, se se aperceberem, as soluções para os vossos dilemas, como espero que em breve venham a ver. Isto é, fornecem-vos esse enquadramento mais vasto de compreensão, pois os velhos enquadramentos de compreensão obrigam-vos a continuar a explorar a vossa realidade em busca de definições mais amplas. Nessas áreas de preocupação, então, o Ruburt continua envolvido com definições demasiado tacanhas.

Terei muito mais a dizer, mas isso chega para a discussão um. Sei que é difícil de compreender, mas o desafio é de crescimento, um que existe, de certo modo, porque avançaram para um enquadramento em constante expansão — mas de forma irregular.

Em termos mais amplos não cometeram erros graves. Isso ficará claro à medida que prosseguirmos com esta discussão. Fim da sessão —

(*“Obrigado, Seth.”, disse eu quando o digno fez uma pausa.*)

Uma calorosa boa noite. Isto deverá ajudar a aliviar algum do stress do Ruburt. Leiam naturalmente a sessão em conjunto. Darei também alguns

comentários pertinentes mais específicos, envolvendo entrevistas, televisão, aulas e por aí fora.

(“Obrigado.

(A Jane saiu do transe com as pálpebras muito pesadas. Depois: “Acho que sou eu — mas escreve isto, se eu o conseguir apanhar depressa — sobre criatividade e dogma. Penso que tem a ver com o meu ditado do livro.”

(Disse-lhe que a sessão tinha sido excelente, como eu sabia que seria. “Sim”, disse ela. “Tive a sensação de que ele ia entrar em coisas mais profundas.” Durante toda a sessão sentara-se rígida, muito direita na cadeira; praticamente sem relaxar. Incentivei-a agora a voltar para o sofá. “Quem me dera ter lavado a loiça”, disse ela. Havia um dia de louça acumulada no lava-loiça. O vento cortante batia nos toldos de metal lá fora; a previsão local era de temperaturas entre zero e cinco/dez abaixo de zero. Disse à Jane que eu lavaria a loiça e que lhe leria a sessão a partir das minhas notas amanhã de manhã depois do pequeno-almoço.

(Agora é sexta-feira à noite [dia 6] enquanto termino de dactilografar esta sessão. A referência do Seth a “erros graves” era obviamente uma resposta ao meu próprio comentário registado nas notas de abertura. Ao princípio, quando lhe perguntei, a Jane disse que a sessão não tinha feito nada para aliviar “algum do stress do Ruburt”. Mas depois decidimos que a tinha ajudado um pouco na quinta e na sexta. Na noite de quarta ela tivera um sonho envolvendo a nossa experiência de Instream-Oswego, e uma cópia disso está anexada sob 5 de Fevereiro. E teve um par de sonhos positivos de cura nessa tarde durante a sua sesta habitual. Esses sonhos foram bastante bons.

(O sonho da Jane sobre Oswego lembrou-me um pequeno episódio em que penso de vez em quando, e a que me referi numa nota num dos livros, creio — provavelmente Manifestações em Massa: quando lhe perguntei uma vez, anos atrás, o que ela queria fazer mais do que qualquer outra coisa na vida, respondeu rapidamente: “Mudar o mundo.” O conflito dela vê-se facilmente, então, a manifestar-se entre essa ideia e a sua necessidade profunda de proteção.

(Estas notas no final da sessão destinam-se a completar as notas de abertura e a sugerir novas questões para nós e para o Seth. No outro dia disse à Jane que tinha desistido da ideia de doar o nosso trabalho e bens à Biblioteca da Universidade de Yale — na verdade, que no ano desde que

fizemos o testamento não lhes tinha enviado material nenhum. A Jane concordou que a ideia de Yale a deixava inquieta. Nem sequer tinha respondido à carta longa de aceitação do Larry Dowler além de lhe enviar uma breve nota de agradecimento por todo o seu trabalho. A Jane, agora, não insistiu que contribuíssemos para Yale. O nosso testamento ainda nos compromete em caso de acidente, digamos, mas esse documento pode ser alterado.

(Depois desta sessão falámos brevemente sobre coisas que poderíamos fazer para garantir privacidade, caso decidíssemos ser mais ativos na prossecução dessa qualidade. Haveria a hipótese de mudarmos para um novo local, talvez, ou de fazermos algo quanto às tarefas de responder ao correio todas as semanas. Suponho que poderíamos usar os iminentes aumentos das tarifas dos correios como desculpa para poupar em selos e reduzir drasticamente, ou eliminar, as respostas ao correio, se isso ajudar. Estou disposto a fazer quase tudo, mas as nossas ideias aqui são ainda muito vagas, e ainda não discuti com a Jane se acha que uma mudança faria realmente algum bem.

(Este tópico liga-se à minha ideia, que lhe mencionei esta tarde, de que dificilmente será coincidência muitos acontecimentos das nossas vidas estarem a chegar ao auge ao mesmo tempo: o nosso profundo transtorno com a condição da Jane; o problema com a questão das ressalvas para Mass Events; a reorganização da Prentice-Hall na General Publishing Division, em que todos os seus livros narrativos serão eliminados, eliminando assim qualquer necessidade real do Tam e do seu emprego; de facto, o Tam está a considerar outras ofertas de trabalho neste momento.

[Tem sido a minha posição já há algum tempo que o Tam acabará por sair da Prentice-Hall, ou será dispensado.] Se e quando ele sair, ficaremos sem o nosso amigo lá, e teremos de tomar decisões com base nessa saída. Mas podemos já estar a tomar tais decisões agora, suspeito. Duvido que seguíssemos o Tam à toa para outra editora se ele deixasse a Prentice-Hall amanhã — especialmente à luz da nossa decisão de adiar o Dreams. E a ironia da situação é que, embora detestemos a ideia da ressalva para Mass Events, vemo-la como outro meio de proteção na arena pública...

(Estamos, no entanto, a tomar pequenas decisões de proteção pelo caminho. Hoje enviei a carta da Jane à Meredith Wheeler da ABC News, declinando o segundo convite recente da MW para estar nesse programa; e quando o Tam telefonou esta tarde para dizer à Jane que um jornalista

britânico estava na CBS em Nova Iorque e queria entrevistá-la para um artigo de jornal, decidimos não devolver a chamada nem autorizar a entrevista.

(Hoje também lembrei à Jane uma pergunta em que já pensámos noutras alturas: porque é que a parte dela que está a causar tanta confusão a propósito de proteção não compreende o dano que está a causar a toda a personalidade — incluindo a si própria? O círculo torna-se contraprodecente, claro, e, no que me toca, atingiu esse estado há anos. No entanto, persiste... Qualquer esperança que temos em tudo isto é que a nossa nova postura nos permita focar nas coisas boas que temos na vida e criar uma síntese de ideias antigas e novas que resultará na Jane voltar à mobilidade normal. Nesta sessão o Seth referiu-se à necessidade de realização de valores da Jane enquanto explorava os seus dons psíquicos. Afirmou também que os nossos velhos enquadramentos de compreensão nos obrigam a continuar a explorar a realidade em busca de definições mais amplas. Tudo muito bem, se tais explorações puderem ser realizadas com um sentimento razoável de segurança ou proteção, evidentemente, mas se esse ingrediente essencial ou sentimento estiver ausente, então deve ser usada mais cautela por nós — e, como vejo, é aí que estamos agora. A esperança é que a nossa pausa no que toca a enfrentar o público nos dê algum tempo valioso para organizar novas abordagens às nossas vidas.

(Observava à Jane hoje que, se soubesse há um mês o que penso saber agora, poderíamos ter retirado o Manifestações em Massa da Prentice-Hall, usando a disputa da ressalva como desculpa, e adiado a sua publicação por quanto tempo quiséssemos. Acrescentei que, embora tivéssemos falado em fazê-lo — e até o tivéssemos mencionado na nossa carta ao departamento jurídico em Dezembro passado — também sentia que ela não aceitaria tal ação. Agora, parece que teremos de lidar com o público no que toca ao Mass Events. Todos estes tipos de razões aplicam-se também a O Deus da Jane, pelo que vejo, embora provavelmente em menor grau.

(Duvido que as finanças sejam um problema, de passagem, como expliquei à Jane. Temos dois livros a sair este ano; quando cobrirem os adiantamentos haverá rendimento proveniente deles. Muitos dos outros livros da Jane também produzem, entretanto, rendimentos anuais de direitos. Ela pode fazer outros livros além de temas psíquicos, e estes também renderão dinheiro. Se o nosso rendimento baixasse por nos

comprometermos a não fazer livros novos, os direitos e os juros das nossas poupanças seriam mais do que suficientes para viver, pois então os impostos estaduais e federais esvair-se-iam.

(Financeiramente, então, agora é uma altura ideal para experimentar quaisquer mudanças que queiramos pôr em prática. O livro de poesia da Jane está previsto para 1981; ela iniciou um “Seven”. (Quanto a mim, tenho mais do que suficiente para me manter ocupado indefinidamente. Ajudar a Jane, tratar da casa, dactilografar sessões, tratar dos impostos e de outra correspondência, arquivar, pintar — estas coisas e muitas outras são mais do que suficientes para me manter em atividade indefinidamente. E como não farei as notas formais para outro livro do Seth durante algum tempo, agora parece-me impossível que eu tenha conseguido arranjar tanto tempo quanto arranjei para trabalhar nos livros anteriores.

(Portanto, seguimos daqui em diante...)

NOTAS DA JANE

5 FEV. 1981

(Tivemos uma sessão do Seth para mim na noite passada. Hoje de manhã acordei, bastante dorida, e com a vaga memória de um sonho. Envolvia uma sala fria e pouco acolhedora que representava, creio, a recepção do meu trabalho ou escrita. Havia coisas que eu podia fazer para retificar isto, porém; e no sonho fiz isso e acordei... estava envolvida de algum modo uma mesa de jogos.

(A sessão do Seth pode ter estado na minha mente. De qualquer modo, tive logo os seguintes pensamentos: que quando estivemos em Oswego, há tantos anos, a visitar o Instream na universidade, eu descobri que... as minhas experiências me punham fora do círculo; do outro lado da vedação relativamente, digamos, aos meios académicos que eu tanto respeitara; que a minha experiência com outras pessoas iria ser muito diferente; eu pensava que procurava a verdade, mas seria uma daquelas sob suspeita por causa do tipo de pessoa em que me tinha tornado...

(Isto significava... que eu precisaria de proteção, alguma distância do mundo... Já pensara tais coisas antes, mas isto estava carregado de emoção... [Ver também o sonho de cura mais tarde nesse dia]... Comecei a duvidar de mim própria, sentindo que as minhas inclinações naturais me levariam a áreas consideradas suspeitas pelos outros; que, em vez de

recompensas, haveria pelo menos laivos de desonra. (As recompensas são consideráveis, admito.)

CÓPIA DE MATERIAL DO TIPO INSPIRACIONAL
RECEBIDO SÁBADO, 6 DE FEVEREIRO
DEPOIS DE LER PARTES DO MEU CADERNO DE 1973

(Seth enquanto um “evento-mestre”. Tal como a Mona Lisa é “mais real” do que, digamos, um objeto normal ou a tela que a compõe, assim toda a arte boa ou grande é mais do que a sua própria manifestação física. Considera a arte como um fenómeno natural construído pela psique, uma transespécie de percepção e consciência que altera, amplia e expande as experiências da vida e as projeta sob outra luz, oferecendo novas oportunidades para criar ação e novas soluções para problemas ao inserir dados novos, originais.

(Confinar tal criatividade a resolver principalmente os problemas da vida, ou dirigi-la principalmente nesse sentido, limita-a e mantém-na num foco impróprio; acorrenta-a.

(Assim, depois de chegar à posição de que sim, estas ideias são factuais (ou até, maiores do que factos) está bem, é bom — mas apenas parte do quadro, e a premissa pode na realidade ser enganadora e limitadora...

(Temos de ir para além desse ponto de resolução de problemas ou foco em problemas — voltar a sublinhar os aspetos criativos maiores-do-que-a-vida, caso contrário tudo o que temos é um enquadramento melhor de resolução de problemas. Nada de errado com isso, claro, mas continuamos na mesma arena, apenas com explicações melhores do que as oficiais.

(Rejeitei todo esse tipo de embrulhada projetada sobre os livros do Seth por outros ou por mim — as suposições de que o Seth deve provar-se como solucionador de problemas — ou a importância do funcionalismo acima da arte.

(A visão mais ampla é que a arte, por ser ela mesma, é maior do que a vida, embora brote dela; que o Seth e os meus livros vão para além disso simplesmente por serem eles mesmos. Colocam automaticamente as pessoas num espaço psicológico diferente, mais vasto, noutro quadro de

referência, no qual um bom número de problemas desaparece ou simplesmente não se aplica...

(Para isso, tenho de largar aqueles velhos sentimentos de responsabilidade como foco primário (pôr as ideias cá fora depressa para poderem ajudar as pessoas, etc.) porque esses sentimentos tensionam a estrutura dos livros do Seth, particularmente quando exijo que em cada livro o Seth responda a todas as perguntas e por aí fora.

(De novo, como com eventos-mestre, estamos a lidar com um quadro de ação inteiramente diferente, onde a Mona Lisa é “mais real” do que as propriedades físicas que a compõem, o que não é negar a validade da tela, digamos. Mas discutir o Seth ou as ideias do Seth principalmente a partir do quadro verdadeiro-ou-falso é o mesmo que considerar a Mona Lisa apenas a partir da validade das propriedades físicas da tinta e da tela; muito, muito limitador. Dizer “apenas” que as ideias do Seth são verdadeiras é limitá-lo — e a nós...

(Que o Seth comente o nosso mundo está bem, mas eu insistir de algum modo que o material dele ofereça soluções para todos os problemas do homem não está — em vez disso limita o impulso criativo das sessões. O material do Seth supõe colocar-nos numa posição psíquica diferente onde os problemas se resolvem automaticamente ou pelo menos diminuem ou não se aplicam... Só não concentrar nos problemas é que traz o material extra necessário para os resolver.

(A mecânica da publicação tem de vir em último lugar. Tenho sentido que devo “impulsionar” o material, ir à televisão ou o que for para o demonstrar e promover, mas esse é o nível “errado” para mim... As ideias fortes de responsabilidade também limitam; colocam-te num enquadramento menos criativo, sufocam a criatividade. Eu própria tenho travado o meu desenvolvimento psíquico e possíveis novos livros por tais focos que geram os seus próprios medos de tonalidade paranoide.

(O meu “trabalho” não é adjacente ao mundo nem exatamente paralelo, mas a um nível diferente... e palestras, etc., limitá-lo-iam especificamente a problemas humanos... Não tenho de “corresponder” a nada, não tenho de “fazer o material funcionar” ou provar através das minhas ações que funciona, porque ele prova-se como a criatividade o faz, por estar para além de níveis de referências verdadeiro-falso. Caso contrário, estou em contradição comigo própria.)

SESSÃO APAGADA

9 DE FEVEREIRO DE 1981

(Quase não fizemos a sessão. Um visitante inesperado chegou cerca das 20h — o Walter, do Connecticut — e a Jane falou com ele durante pelo menos meia hora. Depois lavou a loiça, e por aí fora. Durante todo esse tempo estava tão desconfortável na cadeira que pensei que ela ia prescindir da sessão, embora eu esperasse que ela obtivesse pelo menos qualquer coisinha sobre si mesma; achei que não devíamos perder quaisquer oportunidades de o fazer nesta altura.

(Por fim chamou-me para a sessão às 21h40. De novo lutou para se pôr confortável, tal como fizera na sessão de quarta-feira passada à noite. O Walter é um jovem simpático. Voltei a trabalhar nos impostos enquanto a Jane falava com ele e, ao mesmo tempo, dei por mim a pensar se a sua visita inesperada não simbolizaria um dos aspetos da própria dificuldade da Jane quanto à privacidade versus a vida pública — pelo menos tal como a entendo: a sua vulnerabilidade e disponibilidade para quem quer que decida vir aqui. Não conseguimos escapar. Outros devem saber isso, seja por que meios for, e podem tirar partido da imobilidade dela. O Walter, por exemplo, disse-nos que quando acordou esta manhã decidiu ir ver a Jane Roberts — e simplesmente veio. [Foi a sua segunda visita, a primeira há um par de anos.]

(“O Walter quer ser um ‘grande professor psíquico’ como eu ou o Cayce”, disse a Jane enquanto esperávamos que o Seth se manifestasse. Expressa, portanto, uma atitude típica de muitos visitantes ou de quem escreve — atitudes que realmente incomodam a Jane. “Não me senti bem quando ele entrou”, continuou a Jane, “mas ao mesmo tempo gostei de falar com ele. Deu-me energia e esqueci-me dos meus problemas....” O Walter não ficou muito tempo, como referido, porque eu lhe pedi que não ficasse. Neste caso, pelo menos, então, a Jane reagiu positivamente a alguém atraído por um aspeto público das suas capacidades.

(A Jane comentou no outro dia que achava que o Seth falaria sobre a sua reação à aula e ao correio — temas discutidos nas notas de abertura da última sessão. Eu também ainda pensava na reação dela às próprias sessões: a ideia de que ela poderia sentir-se inferior ao Seth e/ou ao material era, como referi, bastante nova para mim, e algo surpreendente. Ainda assim, a Jane disse recentemente que tais pensamentos lhe tinham

ocorrido. Ver página 289 da última sessão. Assinalei lá que não me lembrava de ela me ter falado de tais sentimentos.

(Passou hoje bastante tempo a olhar o seu caderno/diário de 1973, e a combinar novas notas com ideias frescas que surgiam desse material antigo. Passámo-lo em conjunto; ela irá dactilografá-lo em conjunto em breve, quando será acrescentado a uma sessão.

(Sugeri agora que o Seth falasse sobre o estado muito desconfortável da Jane relativamente às nádegas, ancas e pernas. Ao mesmo tempo, o pescoço estava tão relaxado que a cabeça lhe caía. Disse que sentia que os seus medos estavam por detrás de grande parte do desconforto nas ancas, e ela admitira várias vezes ultimamente — incluindo hoje quando fez as suas notas — sentimentos de medo. Finalmente sentiu o Seth por perto às 21h55. Continuava sentada muito direita na cadeira enquanto falávamos um pouco e esperávamos. Por fim: “Acho que estou quase pronta, mas penso que vai ser curta....”)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: Durante algum tempo o Ruburt deverá escrever as suas próprias impressões de encontros como o desta noite, ou como a visita das duas raparigas *(de Columbus, Ohio, há uns dias)*.

Ao escrever tais notas e explorar os seus sentimentos, as suas próprias atitudes virão mais claramente à mente. Em qualquer caso, deve começar de novo a escrever sobre os seus sentimentos. Ele é, de certo modo, um tipo diferente de psicólogo, examinando a natureza da realidade psicológica a partir de diferentes pontos de vista. Não aceitou simplesmente a “mediunidade” pelo seu valor facial, por assim dizer. *(Longa pausa.)* A maioria das pessoas, falando em geral, tem uma noção mais ou menos familiar de um eu que tenta concretizar dentro da realidade física. *(Pausa.)* Não têm visões nem experiência, de novo falando em geral, com quaisquer características que não possam ser concretizadas mais ou menos dentro do quadro da experiência estabelecida.

Tentam concretizar esse eu dentro do mundo conhecido. O Ruburt usa capacidades que não se ajustam às categorias desse mundo conhecido — capacidades que, pela sua natureza, atravessam muitas dimensões de atividade, nenhuma delas normalmente convencional, normalmente estabelecida, nenhuma facilmente definível. Como pessoa física o Ruburt

só pode concretizar-se através das propriedades da sua animalidade, e, no entanto, tem consciência daquelas outras atividades tentadoras.

Depara com a organização invisível dos meus livros, digamos, com o efeito desses livros sobre os outros. Reconhece a vasta complexidade que está por detrás da nossa relação e, por isso, está sempre consciente de questões psicológicas que relativamente poucas outras pessoas encontram.

A relação dele comigo, e a minha com ele, está condenada a ser interpretada de múltiplas maneiras pelos nossos leitores, pelo público e por aí fora. Em certa medida (*pausa*), pode haver um sentimento de inferioridade da parte dele (*pausa*), que ele, claro, não merece. Ele foca-se no mundo, e eu não.

(Temos aqui, de novo, uma referência aos possíveis sentimentos da Jane acerca do Seth e do que ele faz, independentemente de os seus trabalhos virem a ser publicados eventualmente como “um livro do Seth”).

Uma boa parte das minhas capacidades, conhecimento e por aí fora, está disponível para mim porque não estou focado dentro do vosso mundo. As minhas capacidades são organizadas de forma diferente. Tenho uma certa liberdade por natureza que é (*pausa*) “trocada” pelas pessoas mortais em retorno pelo foco brilhante da vida. (*Longa pausa.*) O Ruburt não é responsável pelas conceções que outras pessoas tenham de quem ou do que eu sou, ou de quem ou do que ele é. Elas farão tais interpretações com base no seu próprio desenvolvimento e compreensão, interpretando-o através dos seus próprios sistemas de valor.

Ele lida com fenómenos ainda largamente desconhecidos, de modo que não tem, evidentemente, respostas prontas a que recorrer. Voltarei a este assunto mais tarde. O que isso significa no contexto da discussão desta noite é que ele sente que não há um quadro estabelecido que ele aceite para explicar a nossa relação na, digamos, arena pública fora dos livros, que lhe permitem fazer declarações ponderadas e fornecem espaço para um pensamento fundamentado.

As entrevistas públicas envolvem-no, portanto, em muito mais do que vender livros, percebem, associadas às digressões de pessoas que são meramente escritores. Nesse sentido sente-se em certa desvantagem. Se simplesmente não quisesse fazer quaisquer declarações públicas fora dos livros em si, não haveria aí problemas. Ele simplesmente recusaria. Se fosse mal preparado para falar em público não haveria problema. Descobriu, porém, que conseguia (*sublinhado*) falar bem.

O problema é que tenta corresponder a uma imagem idealizada. Essa imagem é, de certo modo, uma miscelânea, recolhida dos seus leitores, até de outros livros, da cultura em geral. Pensa que idealmente deveria querer ser uma pessoa pública, dar e gostar de dar entrevistas à imprensa ou à televisão, que deveria (*sublinhado*) levar a nossa mensagem ao mundo, ter sessões na televisão para que as pessoas possam ver como opero (com ênfase divertida). Se não estivesse assustado, parece-lhe que é isso que faria e deveria fazer.

(*Pausa.*) Sente também que deveria (*sublinhado*) ser capaz de demonstrar pelo menos capacidade de cura suficiente para ajudar os que estão em grandes apuros (*pausa*), e espera de si próprio demonstrar uma compreensão e compaixão tão profundas pelo mundo e pelas suas pessoas que qualquer divergência dessa atitude parece fazê-lo parecer mais inferior por contraste. Nesse aspeto, diz-lhe que a minha própria consideração bem temperada pelas fraquezas humanas é um pouco mais fácil de alcançar, já que não lido com elas diariamente. Ele sente-se pressionado, portanto, a tornar-se uma pessoa pública, esquecendo o seu próprio passado e temperamento.

Pensa que esse passado e temperamento já não deveriam aplicar-se. Ou seja, se antes não gostava de multidões, um novo propósito e compreensão deveriam permitir-lhe ultrapassar tais disparates — mas sempre houve ali um certo tipo de singularidade (*longa pausa*) — uma necessidade característica de seguir o seu próprio caminho. Isto não significa que não tenha necessidade de expressão. Grupos pequenos são uma coisa, grandes outra. O contexto privado era o lar, quando tinham aulas. Gosta de encontros com outras pessoas, naturalmente, mas não gosta de multidões nem de falar diretamente a uma espécie de mente de massa.

(*Longa pausa.*) Sentiu que deveria ser um tipo de pessoa diferente do que é. Tratar-se-á de algumas destas questões mais tarde, sob o título de responsabilidade. Com toda a probabilidade, no entanto, alguém que fosse tão afinado com o público não seria capaz de ter o nosso tipo de sessões desde o início, pois a mistura de capacidades seria de tipo diferente.

O Ruburt deve fazer uma pequena quantidade de escrita todos os dias — para o seu próprio prazer e expressão. Está desligada de ideias de publicação, embora mais tarde possa ser publicada. (*Pausa.*) A responsabilidade pela vida de cada pessoa recai nessa pessoa. Isso (*sublinhado*) é uma das nossas mensagens principais. Os livros oferecem o

seu próprio processo educativo contínuo para as pessoas seguirem se assim escolherem, e o processo de autodescoberta é um dos aspetos mais valiosos de tal crescimento.

Assim, o Ruburt não deve deixar-se levar por pessoas que venham aqui ou escrevam, esperando que ele resolva os seus problemas em carne e osso, ou esperando que eu o faça. Nem é obrigado a responder ao correio. Nota: o desconforto do Ruburt é de facto agravado por medos. Isto mencionei particularmente há algum tempo (*longa pausa*). Ele sente que está a enfrentar a “essência da coisa”, determinado a encontrar uma saída, mas ainda por vezes teme que as piores possibilidades ocorram em vez disso, e desconfia das mudanças no corpo a não ser que sejam melhorias óbvias. Tens sido de grande ajuda, assegurando-lhe que está de facto protegido, e ele tem feito progressos nesse sentido por si próprio.

Esforçou-se demasiado por vezes, porém, de modo que de novo se concentra no problema numa tentativa de o resolver, o que agrava os medos. Movimentos estão a ser restaurados em termos de circulação e atividade — articulações, ligamentos, nervos e músculos todos envolvidos. Mesmo uma massagem muito breve da tua parte à noite quando ele está incomodado ajudaria. As tuas garantias então são também inestimáveis.

Calor húmido também ajudará como auxiliar, mas principalmente toda a ideia da boa intenção e apoio do corpo. O registo dos sentimentos, e alguma escrita livre, também beneficiarão, juntamente com as discussões de sentimentos que iniciaram. Uma mão mais leve, porém, da parte do Ruburt: não procuramos particularmente reinos de sentimentos negativos, mas a expressão honesta de sentimentos, sejam eles quais forem. Fim da sessão, e desejo-vos uma calorosa boa noite. Ele deverá sentir-se bastante melhor em breve.

(“Espero que sim. Boa noite.”)

(“Lembro-me de algumas coisas — não muito”, disse a Jane. E, mais uma vez, disse-lhe eu, ela dera uma excelente sessão.

(De algum modo partes do material do Seth desta noite desencadearam em mim uma consciência própria — não nova, mas que me pareceu de algum modo bastante significativa. Simplesmente que toda a confusão em que a Jane e eu estamos envolvidos se mostrou primeiro — claramente — quando nos encontrámos com o Instream em Oswego, e encontrámos o jovem psicólogo incrédulo sem nome. Dei por mim a reviver a hesitação da Jane na estrutura de trepar do parque no lago em

Rochester; parámos lá no caminho de volta de Oswego, e o irmão Dick levou-nos ao lago.

(“Não confiava em mim lá em cima, no topo daquela coisa”, disse a Jane. “Foi a primeira vez que tive problemas com o meu corpo físico, que não confiei nele. E sabia que íamos para casa começar aquela série de testes para o Doutor Instream....”)

SESSÃO APAGADA

11 DE FEVEREIRO DE 1981

(Anteontem à noite, quando comecei a massagear os músculos da barriga da perna da Jane, descobri que essas áreas estavam mais soltas, mais “flácidas”, do que eu as encontrara havia anos. O seu novo estado ainda não correspondia ao das coxas, mas estava muito melhor, mesmo assim. Pensei que, se as pernas dela atingissem igualdade nos seus estados de frouxidão, ela acharia muito mais fácil endireitá-las e fortalecê-las.

(A minha “descoberta” animou bastante a Jane, e ela mencionou isso várias vezes hoje. Comentou especialmente os medos que encontra face a mudanças no corpo. O Seth tem mencionado os medos dela por vezes ultimamente; nós também; ainda assim, pedi que se ela tivesse uma sessão esta noite o Seth pudesse dar alguma informação sobre os medos. Aliviá-los, disse, ajudaria certamente o corpo dela em geral.

(A Jane passou muito tempo hoje ou no sofá ou na cama [neste último caso a fazer notas], e parecia estar melhor, de um modo geral. Depois do jantar ficou particularmente relaxada no sofá. Tentei dar-lhe a entender, sem a pressionar, que uma sessão esta noite seria útil, que queria aproveitar a oportunidade para aprender mais. A Jane decidiu então ter uma sessão pelas 21h30. “Estou tão sonolenta que podia ir já para a cama. Se ao menos pudesse senti-lo por perto. Está mesmo silencioso....”

(Tentou ficar confortável na cadeira. Estava silencioso em casa, e lá fora também. Temos tido extremos de tempo ultimamente. Hoje chovia com 11 °C; agora estão -3 °C e a nevar, com uma mínima prevista perto de zero. A neve nova cobriu o chão nu de forma uniforme e branca.

(Um lembrete: todas as manhãs depois do pequeno-almoço temos lido uma sessão e tido uma conversa sobre ela e sobre assuntos em geral. Todas as nossas próprias sessões têm sido benéficas, diria. Nestas sessões recentes o Seth referiu várias vezes pontos em que quer entrar em mais

detalhe mais tarde. O meu próximo projeto é começar uma lista desses pontos para garantir que são abordados.

(Também pensei em fazer uma lista de pontos pertinentes — frases curtas, digamos — que sejam especialmente boas, destas sessões. O Seth apresenta grandes afirmações assim em praticamente todas as sessões, diria eu.

(“Bem, acho que estou quase pronta”, disse finalmente a Jane, “mas penso mesmo que esta será curta.” Tinha dito algo muito semelhante antes de iniciar a última sessão também. Ref. 458 abaixo: O número do nosso prédio de apartamentos em Elmira, NY.)

Bem —

(“Boa noite.”)

— há aspetos ocultos envolvidos com a criatividade, naturalmente — estágios de desenvolvimento que não se mostram.

De uma maneira ou de outra, muitos artistas de qualquer tipo procuram exprimir fisicamente essas entoações mais íntimas. Como o Ruburt mencionou, há anos em Sayre ele encontrava algum lugar no vosso apartamento que de algum modo lhe parecia secreto para a sua sala de trabalho. Depois retirava-se momentaneamente, por um tempo, do mundo laboral quotidiano. Noutras ocasiões escrevia de noite, deixando essas horas, por si só, criarem os seus próprios humores de segredo e de isolamento do ambiente social.

Por vezes, naquela altura, nem sequer te falava de projetos até ter a certeza de que tinham amadurecido. Não queria “gastá-los” antes de tempo.

(Pausa.) Mais tarde, a tendência continuou, como em muitos exemplos no 458 *(e como discutimos hoje)*. Esse tipo criativo de retraimento é bastante saudável, psicologicamente pertinente e criativo. No entanto, à medida que algumas das suas outras ideias menos auspiciosas vieram ao de cima, essa tendência saudável e natural de se retirar também foi usada até certo ponto (sublinhado) como um quadro excessivamente alargado. À medida que a sensação de que precisava de proteção cresceu, a necessidade de relativo isolamento cresceu também. Vivem num mundo social, portanto os sintomas serviram também como mecanismos de salvaguarda da face.

O Ruburt tinha uma razão para não ir em digressão, por exemplo — uma razão certamente aceitável num mundo de compreensão convencional. Parecia estar poupado a explicações intermináveis; assim, com uma espécie

de economia psicológica que funcionou bem demais durante algum tempo, os sintomas serviram para o manter a escrever na secretária, a regular o fluxo da atividade psíquica, a garantir a sua direção, e a fornecer uma razão social adequada para se abster de atividades que pudessem distraí-lo — de digressões ou programas, e até de qualquer investida de atividade psíquica que pudesse seguir-se a um comportamento espontâneo (*sublinhado*) indevido.

O facto de algum isolamento convir a ambos tornou a questão suficientemente aceitável no início. A ideia de uma vida pública — até certo ponto, agora — pairou sobre a cabeça dele, por assim dizer, quase como uma ameaça. Dizia a si mesmo que se estivesse a usar as suas capacidades como devia, então naturalmente procuraria a sua expressão pública.

Tomava como garantido que, idealmente, deveria fazer esse tipo de trabalho público, que era a sua responsabilidade, mas também que representava uma expressão natural de capacidades que estava a negar por causa dos seus medos. Tantas vezes dizia a si mesmo que, se melhorasse, teria todo o prazer em ir à televisão ou o que fosse, ou em fazer o que quer que fosse que supostamente devia fazer.

(*Pausa às 22h20.*) Escusado será dizer que isto é tudo pensamento a preto e branco. Escreve os seus próprios livros porque escrever é uma parte tão natural da sua expressão. É a sua arte. Idealmente é também o seu jogo, e os seus livros servem como o seu próprio tipo característico de expressão pública, preenchendo os polos mais privados e os mais públicos da sua atividade psicológica.

Não começou por ser um orador público, por exemplo. Gosta da distância entre si e o público que os livros proporcionam (enfaticamente). É excelente a comunicar ideias por escrito ou oralmente, dotado na compreensão das pessoas — por isso essas capacidades ajudam-no em compromissos de oratória.

(*Longa pausa.*) Nesses compromissos, no entanto, para ele pelo menos, essa fronteira privada necessária é cruzada, posta em perigo. A distância psicológica interior tem de ser retratada à superfície, traduzida instantaneamente para a audiência, de modo que para ele há o mesmo tipo de reação que poderia ter ao falar demasiado com outros sobre um livro seu em curso — como se pudesse “falá-lo para fora”, e, portanto, já não precisasse de o escrever, perdendo ao mesmo tempo grande parte do

desenvolvimento interior que de outro modo daria ao livro os seus próprios significados mais profundos.

Assim, embora de facto possa falar bem em público, esse tipo de contacto não lhe surge facilmente. Pode atirar-se de cabeça na ocasião, mas não procurá-lo naturalmente. Isto não significa que não goste de discutir o seu trabalho com outros, com indivíduos ou grupos pequenos, cuidadosamente escolhidos ou em casa, nem que não goste de ler poesia, digamos, nessas ocasiões.

No entanto, tem-lhe pairado sobre a cabeça a ideia de que, se melhorasse, então deveria fazer esse trabalho — e que só o medo o retinha. Temia que o eu espontâneo se descontrolasse nessa direção. É o eu espontâneo, claro, tanto quanto qualquer outra parte da personalidade, que muitas vezes se retém espontaneamente quando tais questões são consideradas — a parte que de algum modo se sente espontaneamente ofendida — um ponto muito importante a recordar. Portanto, o raciocínio: “Melhora, então podes ir para o mundo, ir à televisão ou o que for”, ou “Quando melhorares, ficarás encantado por ir à televisão contar a tua história” — essas diretivas simplesmente tornam as questões mais turvas.

(Longa pausa. Esta transformou-se numa pausa de um minuto.) A arena pública (*pausa*) não é tão assustadora. É mais factual dizer que vai contra a corrente no que toca ao Ruburt. Para além disso, porém, há os aspetos não convencionais do seu próprio trabalho que envolvem pelo menos alguma controvérsia. *(Longa pausa.)* Se o Ruburt escrevesse outros tipos de livros — policiais, por exemplo, ou romances lineares — não teria naturalmente dificuldade em explicá-los na arena pública. Mas não acharia essa arena mais do seu agrado globalmente. O ponto importante é que sentiu que devia atuar publicamente, para promover as nossas ideias, e também porque sentia que devia fazê-lo, já que obviamente podia fazê-lo *(tudo de modo deliberado)*.

A isso acresce a questão mencionada antes, da minha relação com ele e vice-versa, e a sua ideia de um eu idealizado. Agora é esse eu idealizado que ele vê na sua mente que deveria achar tão fácil e natural triunfar na arena pública, resolver os problemas das pessoas, ser sempre compassivo e compreensivo, e certamente não crítico das fraquezas da humanidade.

Nessa área de pensamento, qualquer entrevista oferecida torna-se um campo de teste. O noticiário *(para a ABC)*, por exemplo: suponha que dissesse sim, pensou ele, e até conseguisse safar-se nisso no seu estado

atual — quantas outras entrevistas desse género poderiam então ser oferecidas? Com o livro da Sue houve outras oportunidades — pessoas que queriam a história da boca do próprio, por assim dizer, e a conversa da Prentice sobre uma nova campanha a publicitar o trabalho do Ruburt. O Ruburt não se sentiu livre de simplesmente admitir que não gostava da arena pública. Sentiu que precisava de desculpas, ou então, aos seus olhos e aos olhos dos outros, pareceria um cobarde.

Agora, esse eu idealizado era principalmente do Ruburt — mas até certo ponto também tu contribuístes para ele, sentindo que alguém tão dotado como o Ruburt, se tivesse confiança suficiente em si, gostaria efetivamente de ir para essa arena e avançar. Ambos sentiram um sentido de cisão entre a condição física do Ruburt e uma imagem hipotética do Ruburt como alguém que recebia o meu material e o encarnava idealmente, de modo que, se não perfeito, pelo menos os aspetos principais da vida estavam suavizados sem contrastes. *(Longa pausa.)* Nesse sentido, de facto, o Ruburt sentiu como se não conseguisse estar à altura do meu trabalho criativo — como se o seu ser físico tivesse de encarnar todo o conhecimento que lhe chegava através das nossas sessões — outro ponto importante.

(Um ponto muito importante, penso. Vê a minha nota no final da sessão. Alguns dos membros da vossa leitura acrescentaram pressão, claro (longa pausa). Por trás de tudo isso tens aspetos anteriores da vida do Ruburt, envolvendo hábitos de segredo desenvolvidos na infância, a necessidade de proteção e por aí fora, que simplesmente ajudaram a construir a estrutura. A jovem (Jane) achou extremamente desconfortável ver os membros da tua família a viver juntos numa casa — espantada com a ideia da família junta numa caravana, assustada com os encontros no acampamento. Era de esperar que tivesse algumas dificuldades quando confrontada com a ideia de que deveria falar para plateias de talvez mil pessoas ou mais, e que essa era de facto a sua responsabilidade, quaisquer outros sentimentos em contrário.

Se o Ruburt tivesse querido entrar na arena pública, nada o teria impedido. Os sentimentos de resistência não significam cobardia, mas sim objeções bastante espontâneas a atividades que em grande medida vão contra a sua corrente, e certamente quando são apresentadas de início num quadro tão a preto e branco.

Não espero que ele organize uma instituição. *(Longa pausa.)* Ele não tem a responsabilidade de garantir que o maior número possível de pessoas assista a uma sessão.

Agora, espontaneamente, daria mais sessões a outros, de forma bastante feliz e fácil, mas no quadro da situação, o aspeto a preto e branco retém tal expressão. *(Pausa.)* Provavelmente veria mais grupos, como ambos fizeram no 458 juntos, não fosse o pensamento a preto e branco, mas isso seria em resposta a impulsos bastante espontâneos para o fazer. *(Pausa.)* O eu espontâneo pode muito espontaneamente dizer não — e a maioria dos seus sentimentos espontâneos em relação à arena pública são de rápida rejeição natural.

Os programas de rádio a partir de casa agradaram-lhe durante algum tempo, mas também se tornaram tabu porque temia que pudessem levar a outros compromissos de uma empreitada mais pública que seria difícil recusar. Estamos a transmitir-lhe parte disto — daí as respostas corporais e os relaxamentos. As últimas sessões devem ser lidas com atenção e mantidas em mente.

Fim da sessão, a não ser que tenhas uma pergunta.

(“Não.” Eu tinha algumas, na verdade, mas vi que era altura da Jane sair da cadeira.)

Desejo-vos então uma calorosa boa noite.

(“Obrigado, Seth. Boa noite.

“É incrível”, disse a Jane com uma gargalhada, depois de eu dizer que ela “disparou” na sessão. “Estive à espera, à espera e à espera, por isso agradeço-te por me ajudares a ter a sessão.”

(É quinta-feira à noite [12/2] enquanto termino de dactilografar esta sessão. Ao dactilografar o parágrafo nas páginas 38–39 do material, tive a intuição descrita abaixo. Penso que me veio por causa da minha preocupação recente com a nova ideia em que tropecei — referente às ideias da Jane sobre a sua relação com o Seth, os seus sentimentos quanto às suas capacidades versus as dele, etc. Tenho de admitir que ainda estou bastante surpreendido por finalmente compreender que a Jane acalentou sentimentos de inferioridade quanto às suas capacidades em relação às do Seth.

(Agora mesmo fiz notas rápidas sobre a minha intuição e transcrevo-as abaixo sem grande elaboração. Eu diria que representam um pensamento simplista até certo ponto — mas que, novamente, toquei em

algo aqui que não tinha sido expresso exatamente desta forma antes. Sinto que os mesmos mecanismos de compreensão operaram aqui como quando tive a intuição de 3 de Fevereiro — ver a sessão apagada de 4 de Fevereiro [a primeira desta nova série], onde escrevi que a Jane “faz os livros do Seth apenas para me agradar”. Creio que essa intuição está ligada ao seguinte:

(“A questão é, basicamente, que a Jane sente e teme que o Seth — o fenómeno Seth — a possa avassalar e tomar completamente conta se alguma vez lho permitisse — subjugando tudo o mais que lhe é caro; o seu próprio talento, a sua própria personalidade até, de modo que ela se tornaria apenas uma porta-voz do Seth.

(“Naturalmente, ela nunca deixaria o Seth dizer isto, especialmente sem ser puxada a isso. Tudo o resto viria depois deste medo primário, básico — a sua aversão a tornar-se pública, especialmente quando descobriu que o Seth poderia facilmente conquistar um grande público no país e, talvez, no mundo. A oposição da ciência e da religião só reforçaria então os seus medos pessoais — um ponto muito importante. Ela sabia que tinha a capacidade mas temia as consequências do seu uso social e pessoalmente. Ao mesmo tempo queria usar a capacidade mas mantê-la sob controlo.”

(“Ser-lhe-ia fácil transpor esse medo básico das capacidades psíquicas e do Seth para um medo de a espontaneidade ir longe demais, e de não trabalhar à secretária. O intelecto não se atreveria a dar demasiada margem à expressão psíquica, ao mesmo tempo que se sentia fascinado pelo assunto e queria estudá-lo todo. Mas o intelecto insistiria em manter um controlo rígido, temendo que, se a Jane deixasse o seu eu espontâneo prevalecer, este se lançaria de cabeça no psíquico, da pior maneira, e destruiria todos os outros elementos e atividades da personalidade.”

(A Jane então queria fazer os livros do Seth e não os fazer. Tudo isto reflete, claro, pensamento a preto e branco. A Jane podia ter acabado com tantos problemas por não fazer os livros do Seth quanto teve por os fazer. Enquanto a repressão fosse usada em qualquer direção, toda a personalidade sofreria. O que é vital é que a personalidade inteira compreenda cada uma das suas porções, as aceite e acredite nelas, e confie na sua expressão. Todo o resto na vida fluiria desse estado criativo livre e equilibrado de ser. Todas as porções da personalidade integrar-se-

ão automaticamente com as outras em benefício de todas. Então as decisões podem ser tomadas facilmente quanto às atividades a prosseguir na vida diária: que livros escrever, como lidar com o público, etc.

(Muito mais poderia ser acrescentado a tudo isto, claro. Quero obter os comentários da Jane e que o Seth o discuta. Por baixo das partes familiares penso que há aqui algo de novo.)

SESSÃO APAGADA

17 DE FEVEREIRO DE 1981

(Ver o material anexo que a Jane recebeu a 6 de Fevereiro. É muito bom, claro, e pelo que consigo perceber contém a chave dos problemas da Jane. Ela recebeu mais por sua conta, semelhante a esse material, ontem e hoje, mas ainda não o dactilografou a partir das notas.

(Não houve sessão ontem à noite, obviamente, porque a Jane estava muito relaxada. Sentiu-se melhor ao longo do dia e dormira bem na noite anterior. Também dormiu bem na noite passada e sentiu-se melhor hoje. Mais cedo mencionara fazer uma sessão para compensar a de ontem, mas, à medida que as 21h passaram, pensei que decidira deixar passar de novo por estar relaxada. Mais uma vez estava muito confortável no sofá depois do jantar, a ver as notícias na televisão; na verdade, há já alguns dias que os seus melhores momentos, no que toca a sentir-se melhor, ocorrem enquanto relaxa depois do jantar.

(Nota que a sessão desta noite se refere às notas que escrevi “por inspiração” no fim da última sessão, de 11 de Fevereiro. Dizem respeito à minha intuição — simplista, sem dúvida — de que uma das contrariedades da Jane resulta do seu receio de que o Seth tomasse conta se lhe fosse dada a oportunidade. As minhas notas incomodaram-na um pouco quando as leu pela primeira vez, e desde então mencionou-as várias vezes. Nota, porém, que escrevi que ela temia que o Seth tomasse conta — não necessariamente que ele o faria se lhe fosse dada a oportunidade — uma grande diferença. Mas o Seth parece sossegar as nossas preocupações aqui esta noite.

(Ao mesmo tempo, a Jane gostou também do material conclusivo nas notas, sobre a integração de cada porção da personalidade num todo, e assim alcançar a liberdade para seguir qualquer rumo escolhido no mundo.

(Mencionei o pensamento a preto e branco nas notas, e o Seth também tem usado essa expressão várias vezes recentemente. Comentei hoje com a Jane, então, que o que precisamos é de mais compreensão do fenómeno de tal pensamento em si — pois, afinal, essa abordagem aos desafios da vida levou aos nossos problemas, ao que me parece. Quis dizer, claro, que todos nós nos entregamos a tal pensamento a preto e branco por vezes, em alguns temas, e acrescentei que periodicamente tenho de me apanhar a mim próprio quando reajo em demasia a certos acontecimentos. A questão é por que razão a personalidade escolheria usar o pensamento a preto e branco para começar, quando os resultados são tantas vezes deletérios para o todo da personalidade, se pudermos simplesmente dissolver tais abordagens... Gostaria que o Seth comentasse.

(Mais uma vez a Jane disse que a sessão seria curta; começou a falar pelo Seth a bom ritmo.)

Ora bem: falando em geral, o Ruburt aprecia as nossas sessões e encara-as com um entusiasmo natural.

Isto aplica-se — novamente, em geral — quer haja ou não ditado real de livros. As dificuldades surgem, porém, no ditado de livros quando, em certas ocasiões, ele se torna demasiado “pesado” e se preocupa com a responsabilidade de ajudar a resolver os problemas do mundo — com as suas capacidades ou as minhas nesse aspeto — e quando considera as possíveis e várias objeções que qualquer tema possa suscitar por parte de qualquer grupo de pessoas. Assim, se a área se torna demasiado sensível, deixamos o ditado de lado por um tempo. Por vezes insiro primeiro o material particular nas vossas sessões privadas, para que ele se aclimate um pouco.

As únicas outras vezes em que há tal dificuldade envolvem também responsabilidade quando ele se concentra na responsabilidade de manter as sessões — isto é, quando foca a necessidade, a função ou a utilidade como separadas de outras questões envolvidas. Tais sentimentos podem então, por um tempo, sobrepor-se às suas inclinações naturais e ao seu prazer natural e à sua excitação natural com que, de outra forma, encara as nossas sessões.

(Bastante deliberado:) Ele não teria tido as sessões, para começar, ao longo deste período de tempo, apenas por tua causa, ou sequer principalmente por tua causa — simplesmente teriam esmorecido. Tens, no entanto, um grande papel a desempenhar, e explicá-lo-ei com mais clareza

juntamente com a forma como por vezes poderás ter interpretado mal algumas das tuas próprias atitudes. Nada, porém, o teria mantido nas sessões por este tempo todo a não ser que ele as quisesse.

Existem também ritmos naturais, como mencionei, e é bastante compreensível fazer pausas de vez em quando, mesmo sem perceberem por que querem fazê-las. Quando se concentram, porém, na responsabilidade, então cada interrupção torna-se uma queda de ação responsável e complica o ritmo espontâneo interior que, em grande medida, se mantém automaticamente.

Usa as tuas capacidades (*sublinhado*); uma bela ideia, boa política, excelente rumo — mas não quando é encarado como um mandamento.

As capacidades do Ruburt — e as tuas, já agora — vieram à luz porque são características naturais dos vossos seres. Trazem-vos prazer, realização, compreensão, excitação, descoberta. Ora, isso pode ser dito da tua pintura e da poesia do Ruburt. O Ruburt escreve poesia sozinho, mas, deixado em paz, aprecia lê-la depois aos outros. (*Pausa.*) De modo estranho, não sente responsabilidade de escrever poesia — não usa a capacidade porque acha que “deve”. De facto, às vezes escreve poesia quando pensa que não o devia estar a fazer, mas sim algo mais responsável. Ora, basicamente ele tem as sessões porque as aprecia, e tu também. Por cima disso, porém, toda a ideia de responsabilidade tem pesado em demasia, e é essa ideia de responsabilidade sobremedida que é, em grande medida, responsável pela imagem idealizada da pessoa pública com a qual o Ruburt tentou, sem sucesso, competir.

Parece-lhe que — se estivesse a usar todas as suas capacidades como “deve” — seria uma figura pública. Seria também muito mais capaz de ajudar as pessoas a resolver os seus problemas através de algum tipo de quadro terapêutico. (*Pausa.*) Veria que o maior número possível de pessoas tivesse a oportunidade de assistir a uma sessão e, além disso, estaria também a desenvolver a sua própria experiência psíquica a um ritmo muito maior. Em confronto com esse tipo de imagem, sente-se inferior. tinhas guardado, recorte (*Pausa.*) Há algum tempo tinhas um velho artigo de jornal sobre os perigos de usar as palavras “devia” ou “deveria” demasiadas vezes — e talvez não haja nada que possam fazer tão prejudicial ao verdadeiro desenvolvimento do eu natural.

Parte da dificuldade no que o Ruburt considera o desenvolvimento das suas capacidades, ou a inserção mais frequente de trabalho

inspiracional seu, é precisamente o facto de se sentir tão responsável por assim desempenhar. Todas estas questões são altamente importantes. A ideia de responsabilidade, tal como aqui descrita, bloqueia a criatividade, tolhe o fluxo psíquico e físico natural: “Eu devia estar a fazer assim e assado.” “Do que gosto eu de fazer? O que me apetece fazer? O que me faz sentir bem?” Essas perguntas são bem mais pertinentes. Quando querem verdadeiramente fazer algo, geralmente há poucos impedimentos reais. O desejo flui livremente para a ação.

Os nossos livros e sessões são antes de mais uma celebração da vida, não uma justificação dela, nem uma desculpa ou pedido de perdão pelas condições da realidade física. O material do Ruburt, ultimamente, é excelente, e ajudará a ampliar o quadro. Surgiu espontânea e claramente. O corpo dele tem tentado relaxar.

Quando lhe apetece fazê-lo, então tal atividade — ou ausência dela — é precisamente o que é necessário no momento, e ele não precisa de sentir que devia estar a fazer outra coisa.

Muito em breve abordarei a questão da atitude do Ruburt em relação a mim, como pediste numa nota. Há aí alguma aplicação, mas a maior aplicação às suas próprias ideias do que alguém na sua posição deveria (sublinhado) estar a fazer, e a imagem idealizada é em parte uma construção à qual também acrescentaste detalhes inadvertidamente no passado.

Se se recordarem dos vossos eus naturais e das vossas próprias características, teriam uma ideia muito melhor e mais clara do que esperar realisticamente de vós próprios, e deixariam de lado outras ideias quando elas conflituam com as vossas inclinações bastante definidas. As potencialidades plenas das capacidades do Ruburt e do nosso trabalho resultarão de seguir os contornos naturais dos vossos seres, a partir dos quais também podem ser erradicados os vossos problemas individuais e conjuntos.

Uma organização não é obviamente característica de duas pessoas que são em grande medida solitárias. Não se pode esperar razoavelmente uma vida pública extensa de duas pessoas que valorizam a privacidade tanto quanto vocês dois. Isto não significa, novamente, que não haja pensamento a preto e branco envolvido. O Ruburt tem-se esforçado por corresponder a uma imagem irrazoável — por vezes com a tua ajuda involuntária — um esforço que certamente o tem feito arrastar os pés e que é extenuante.

De novo, os velhos sentimentos acerca da espontaneidade aplicam-se, claro, por isso lê esta sessão lembrando-te de outras. Eu próprio já dei no passado bastante informação sobre os conflitos que podem surgir quando o Ruburt sobrevaloriza a ideia de trabalho em detrimento da criatividade.

(*Pausa.*) A maioria das pessoas trabalha um certo número de horas e depois, relativamente falando, segue os seus prazeres tanto quanto possível. Como não tens horas fixas nesse aspeto, o Ruburt encheu-as todas com “Devo fazer isto”, ou “Deveria estar a fazer aquilo”, ou “O que deveria estar a fazer agora?” — e só isso já bloqueia o fluxo criativo.

É ainda mais inibido se esse sentido de responsabilidade se casa com a ideia de resolver os problemas do mundo ou dos correspondentes, ou quando tal tentativa é autorizada a tingir quaisquer sessões de livro. Não me refiro aqui a Eventos de Massa, que foi de facto dirigido à condição do mundo, mas a questões — sejam elas quais forem — em que o Ruburt sente uma responsabilidade da sua parte (*sublinhado*) para que eu dite material específico que possa responder a perguntas que pensa que cientistas ou outros possam ter em mente sobre qualquer tema; pois eu escrevo a partir de um ponto de vista diferente, e o nosso material não deve ser ditado, em nenhuma (*pausa*) medida importante, pelas declarações do vosso conhecimento oficial em determinado momento. É para ir além de tais categorias. É para apresentar um quadro temático mais vasto, que então pode ser usado para recompor o mundo de uma forma diferente por aqueles que queiram fazê-lo.

(*Pausa.*) Nesse sentido, o material do Ruburt está correto; simplesmente por ser o que é, o nosso material cumpre o seu propósito — e o seu propósito é múltiplo.

Lembrem-se do que vos disse há algum tempo, embora tenham feito progressos excelentes nesse aspeto, acerca do homem natural, em contraste com o que possam pensar que deveriam (*sublinhado*) estar a fazer, em termos de um eu idealizado com características que não são vossas.

Fim da sessão. Ora, o Ruburt fez a sessão porque espontaneamente lhe apeteceu fazê-la — e envio-vos as minhas mais calorosas saudações.

(*“Muito obrigado, Seth.”*)

(*“Bem, ainda bem que o fiz”, disse a Jane. “Estive sentada a pensar nisso durante quinze minutos antes de te chamar. Pensei que devia estar a lavar a loiça... Quero mesmo ler essa — acho que há coisas lá que me vão ajudar logo de imediato...”*)

(E como de costume, disse-lhe eu, lê-la-ia à mesa do pequeno-almoço.)

FRAGMENTO DO SONHO DE PRATA DE JANE

14 DE FEVEREIRO DE 1981

Acordei de manhã com o corpo bastante dorido e com a memória de uma cena anterior de sonho. Eu tinha entrado numa sala onde decorria uma espécie de palestra religiosa, pessoas em cadeiras dobráveis; fiquei bastante surpreendida. Estava claramente a interromper, por isso sentei-me cautelosamente até que o evento terminasse. Mais tarde, uma mulher encarregou-me de limpar os talheres de prata — talvez usados para os refrescos na reunião. Disse aos “ajudantes” que aquilo não era a minha praia, que teriam de ajudar; ao mesmo tempo descobri que afinal não era a melhor prata como eu pensava, mas sim peças suficientemente funcionais. Não me parecia que a boa prata tivesse sido usada. O meu corpo doía de tanto polir aquelas peças...

Mesmo antes de acordar tenho consciência das dores no corpo e penso que se devem a cuidar da prataria — que nem sequer era a melhor; de alguma forma a prata representava a minha capacidade psíquica... ou simplesmente capacidades em geral, e ser tão cuidadosa com elas transformou-me em sua serva...

O sonho veio-me à mente várias vezes, mas não o passei a limpo até ao fim-de-semana. Contudo, anotei-o logo de imediato, sentindo que era significativo. Havia uma sensação de desilusão associada e eu diria que representa alguns sentimentos sobre as minhas capacidades — eu pensava que eram de lei, realmente extraordinárias — e esgotei-me a cuidar delas, mas temo que afinal sejam apenas muito boas, funcionais; a promessa inicial não se concretizou... ou que o excesso de zelo as tenha transformado em ferramentas utilitárias... utensílios para sustento em vez de ligações elegantes e artísticas, como a prata de lei — que é, em si mesma, bela e ao mesmo tempo funcional...

A cena religiosa inicial sugere que fiquei horrorizada ao descobrir que as minhas capacidades me levavam a algo dentro do domínio das ideias religiosas logo de início. Por ter sido tão cuidadosa com as capacidades — na verdade porque as valorizava — acabei por me tornar sua serva, mas na prática termino a usar as minhas capacidades ao serviço

dos outros, para ajudar a salvar o mundo, resolver problemas, etc....
voltando a estar demasiado preocupada com a sua utilidade...

SESSÃO APAGADA

18 DE FEVEREIRO DE 1981

(Estava a dactilografar a primeira parte da sessão de ontem à noite quando ouvi o Presidente Reagan a proferir o seu muito aguardado primeiro discurso ao Congresso; falou principalmente sobre questões económicas. Fiz uma pausa às 21h15 para ver parte do seu discurso na televisão. A Jane estava descontraída no sofá, como de costume. No entanto, surpreendeu-me ao dizer que tentaria uma sessão. Mais cedo, nesse dia, tinha-me dito que a faria amanhã à noite. (O presidente terminou o discurso. À medida que os minutos passavam e nós esperávamos sentados, perguntei à Jane em que estava a pensar.

(Ela disse que tinha decidido realizar a sessão porque “devia” fazê-la — ao passo que a sessão da noite anterior fora totalmente espontânea: ela quis fazê-la. O que levantou questões intrigantes sobre o sentido de responsabilidade que ainda sentia — precisamente aquela qualidade contra a qual devíamos estar tão atentos. Por outro lado, dada a orientação do nosso trabalho, as sessões teriam de acontecer em algum momento da semana — pelo menos duas vezes — e não parecia razoável pensar que todas elas seriam fruto de impulso espontâneo. De alguma forma, em algum momento, seria tomada uma decisão responsável para as realizar...)

(Anoto aqui a minha questão para não ser esquecida, embora na verdade a tenha mencionado à Jane depois da sessão desta noite. Simplesmente, pensei que seria uma boa ideia se o Seth nos dissesse quais as coisas boas que conseguimos alcançar ao longo dos anos no que diz respeito aos sintomas da Jane. Seria reconfortante saber que problemas superámos, que já não se aplicam. Isto pareceria implicar que outros surgiram ou foram desenvolvidos por nós para ocupar o lugar — pelo menos algo terá sido criado para isso. Mas seguramente também alcançámos coisas benéficas. A transmissão da Jane como Seth foi bastante animada e enérgica.)

Ora bem—

(“Boa noite.”)

—existem diferentes tipos de sistemas de valores, cada um perfeitamente funcional de acordo com o tipo de indivíduo que o sustém.

As pessoas são impelidas a agir de maneiras altamente individuais: o que faz um homem avançar pode fazer outro recuar. Regra geral, a produção de qualquer tipo de arte é inicialmente privada. Essa arte pode acrescentar riqueza à sociedade, à cultura — mas a arte possui sempre a sua natureza secreta interior, e é com essa natureza que cada artista, de qualquer tipo, deve sempre relacionar-se.

Na sua base, independentemente de todas as histórias em contrário, a arte é de facto produção do amor. Ruburt escreve porque ama escrever — a própria atividade é intrigante, e novamente, é um método de descoberta e realização, de celebração. É natural para ele sentir-se inspirado.

Existem manuais escritos sobretudo como compêndios ou guias para ajudar outros, onde não há tentativa de criar arte, mas de expor um caso. De certa forma são o resultado de dois tipos diferentes de sistemas de valores: a arte pelo amor à arte, produzida por amor, ou textos produzidos principalmente para benefício e instrução de terceiros. Neste segundo caso o valor está, antes de mais, em ajudar os outros declarando o mais claramente possível factos conhecidos sobre determinados assuntos como saúde ou o que seja.

Ruburt está envolvido com a produção artística. Subverter a natureza da arte ocorre quando lhe é exigido servir outro mestre, por mais benéfico que esse mestre pareça ser — pois a arte, pela sua natureza, surgirá sempre com surpresas, e lida não tanto com pormenores ou instruções, mas com padrões gerais que devem estar sempre livres para se desenvolver em direções novas e inexploradas.

(Excelente definição...)

Se estás demasiado preocupado em ajudar outros, então primeiro tens de questionar se o teu material criativo, ainda em formação, servirá esse propósito, e se não, ou se houver dúvida, dás origem a hesitações e dúvidas que — novamente — subvertem o fluxo livre da arte. Um sentido excessivo de responsabilidade conduz na mesma direção.

(Pausa.) Assim, a verdadeira arte deve, de forma vital, separar-se da utilidade, ou da sua função fora de si mesma, ou acabarás com outra coisa totalmente diferente. Deixada por si só, a vida criativa do Ruburt cai em padrões inspiracionais que brotam das suas próprias fontes secretas. Se os

“produtos” ajudam pessoas, essa ajuda é um atributo adicional que flui naturalmente da própria arte, e não algo imposto de fora de forma pesada.

(*Pausa.*) Ruburt sentiu-se demasiado responsável para desenvolver as suas capacidades psíquicas, para produzir outra obra “psiquicamente inspirada” de sua autoria. Esse tipo de responsabilidade sufoca o amor, que deve ser livre para formar a sua própria criatividade à sua maneira. Portanto, deixado a si próprio, Ruburt escreve livremente, e de forma inspirada porque essa é (sublinhado) a sua natureza. É o que ama fazer. Quando se preocupa excessivamente com ideias de responsabilidade de usar o seu talento, então o amor subjacente é em parte abafado e o seu fluxo negado.

Quando esse fluxo não encontra grandes obstáculos, ele sente-se naturalmente atraído pela atividade subjetiva e pela atuação no mundo natural também. Nesses momentos, gosta de ver pessoas. Gostar de ver pessoas é algo diferente de esperar de si mesmo ser uma personalidade pública, contudo. Ruburt tem vindo a experimentar um sistema de valores que não é naturalmente o seu. Disse a si próprio que a sua arte deveria ser usada para ajudar pessoas — como se esse tivesse sido o seu objetivo principal desde sempre. A arte torna-se então um método de fazer outra coisa — e essa ideia vai diretamente contra a integridade básica da arte, e contra a forma como ele a compreende verdadeiramente. Assim, frequentemente sentiu-se forçado a fazer o que antes fazia porque queria.

(*Pausa.*) Isto conduziu certamente a conflito. A ideia da imagem pública que vinha através da correspondência, e como era interpretada por Ruburt, aprofundou ainda mais a sensação de responsabilidade. Certamente, “um grande mestre psíquico” tinha uma responsabilidade de peso (*ironicamente humorístico*), e por isso parecia imperativo a Ruburt não cometer erros, corresponder às características geralmente atribuídas a essa imagem. Assim, alguma experimentação foi posta de lado (*como por exemplo?*). Começou a pensar que qualquer coisa aquém dessa personalidade pública era cobardia.

Sentia que os teus visitantes vinham ver a imagem pública (como de facto vinham, eu diria), e sentia-se inferior em comparação. Em certa medida, afastou-se de alguns dos seus próprios sentimentos, pois agora pareciam-lhe inferiores.

Sempre gostara de ser um pouco irreverente — via-se a si e a ti a vaguear pelas margens da sociedade (*como a Jane dissera mais cedo nesse*

dia) — não apenas como observadores, mas em grande medida afastados dos seus vícios, e certamente não atolados nos seus mal-entendidos convencionais. Gostava de lidar com isso enviando a palavra escrita para a arena pública. Insistiu nisso — a publicação do seu trabalho. Os livros seriam a sua tribuna pública.

Sente orgulho nessa tradução da experiência criativa privada para o ato artístico público da publicação. Não é, contudo, um intérprete no mesmo sentido que um ator, cuja arte exige, para a sua melhor execução, uma audiência viva e responsiva, imediatamente presente. Ele não queria ser uma personalidade pública desse género.

Parecia, no entanto, que isso lhe seria imposto — que era esperado, e que de facto ele próprio deveria esperar tal desempenho de si mesmo. (*Longa pausa.*) As suas próprias atitudes anteriores relativamente a tais assuntos começaram a parecer-lhe cobardes, por isso tentou afastar-se delas. Essa ideia, contudo, juntamente com a ideia de responsabilidade, percebes, estava sempre em pano de fundo.

De certa forma, os medos tornaram-se substitutos dos sentimentos naturais anteriores com os quais antes estivera em contacto. Havia então razões para não (*sublinhado*) sair para o mundo: era perigoso, e assim por diante. Esses sentimentos de medo foram reativados para fornecer uma explicação aparentemente razoável para os sentimentos naturais anteriores com os quais já não estava em contacto.

(*Longa pausa.*) Os sentimentos anteriores viam-vos aos dois como afastados das engrenagens internas da sociedade — não divorciados, agora, da sociedade — mas ambos tinham seguido políticas de não seguir os costumes sociais. Orgulhavam-se de não ter empregos regulares e de estar afastados de certas parcelas da cultura. Reconheciam a importância da comunidade sem aderirem a nenhuma das suas organizações.

Ruburt fazia gestos de inconformismo. Ir à televisão pública, participar em workshops e assim por diante não seria o caminho do Ruburt, mesmo quando sentia que tal curso de ação era esperado dele. Ele pensa em termos de indivíduos. Não confia em multidões. (*Longa pausa.*) Não tem qualquer uso para congregações — mas todos esses sentimentos permaneceram em grande medida não expressos nos últimos anos.

(*Longa pausa.*) Para além disso, sentia que tal desempenho alteraria a direção que o seu trabalho tomaria de formas que seriam prejudiciais no geral, pois a amplitude desse tipo de discurso só poderia ser tão vasta

quanto a qualidade da compreensão da sua audiência, de modo que o material poderia tornar-se demasiado moldado à necessidade ou consumo público — preso a responder a perguntas convencionais — um excelente ponto, aliás.

(Sim. E um ponto de que a Jane e eu nos apercebemos logo naquela primeira digressão muito limitada que fizemos para ajudar a publicitar O material Seth.)

Faria bem a ambos se tirassem algum tempo para conhecer melhor os vossos próprios sentimentos sobre quem são ou o que são, em vez de quem ou o que pensam que deveriam ser, e porque pensam que deveriam ser diferentes.

A natureza poética e subjetiva do Ruburt leva-o a períodos de pintura e exploração de pensamento não convencional. Contudo, sentia que devia estar a fazer outras coisas: devia (*sublinhado*) usar melhor o seu tempo.

O corpo dele está a relaxar porque precisa, e ele finalmente está a permitir isso. Foi capaz de ver a qualidade da sua poesia hoje para o seu livro. A poesia acrescenta ao mundo simplesmente por existir. A arte não é para ser uma receita. É uma celebração. As pessoas que celebram não precisam de receitas.

Esta será uma sessão breve. Quero que leiam as últimas sessões, no entanto, para vossa própria edificação. Se quiserem, anotem quaisquer perguntas em particular que queiram fazer — sabendo, claro, que eu as responderei à minha maneira. O material do Ruburt da noite passada, no estado de sonho, foi excelente, trazendo sentimentos à superfície e reavivando algumas atitudes que ele tinha esquecido.

Esta foi uma sessão que Ruburt apreciou — também uma que teve por um sentido de responsabilidade, mas pelo menos com algum entendimento das questões envolvidas. Desejo-vos então uma boa noite.

(“Obrigado, Seth. É muito bom.”

(A Jane achava que a sessão tinha sido curta. Ficou surpreendida ao saber que tinha passado uma hora. Estava também “um pouco mais confortável” na cadeira.

(Anexo está mais do material dela que “lhe veio”. Acabou de o dactilografar, embora o tenha recebido na segunda e terça-feira passadas. É material excelente, como Seth disse, e é uma continuação do que ela recebeu a 6 de fevereiro; ver o final da última sessão eliminada [de 17 de fevereiro].

(Tenciono agora começar a compilar uma lista de perguntas para Seth que surjam das suas sessões recentes — daí a observação dele acima sobre tal lista. Já falámos sobre isto várias vezes, e também o mencionei nas notas de sessão. Juntamente com isso farei a compilação de citações breves das sessões — destacando pontos para a leitura rápida da Jane que considero especialmente bons. Esta lista pode também servir como guia para nos remeter ao corpo de material de onde qualquer citação em particular foi retirada.)

NOTAS DA JANE

16 DE FEVEREIRO DE 1981

Cada pessoa ou ato tem a sua “posição própria”, ou plataforma de intenção a partir da qual operar. Existem curadores, por exemplo, que respondem principalmente às necessidades dos outros. No campo não psíquico estes correspondem aos vossos médicos e enfermeiros e até, digamos, a reformadores sociais. O enquadramento é excelente para aqueles que o encontram como uma extensão natural da intenção interior. Lida com utilidade, função, necessidade e o “corrigir de injustiças”.

Para além dessa plataforma (que não é a vossa nativa) existe outra que funciona como “arte superior”, na qual a atividade é pelo seu próprio valor, pela alegria e descoberta da execução ou desempenho, um jogo elevado que coloca as necessidades do mundo de lado, pelo menos momentaneamente, e se eleva acima dos pormenores até esses domínios mais vastos de onde os pormenores emergem.

(Nota: À medida que dactilografo isto, vejo cada vez melhor a cópia.)

Têm operado em grande parte a partir de uma base que não é naturalmente vossa, mas que foi assumida como resultado da vossa simpatia pelo mundo e pelos problemas dos outros. Mas essa base não fornece o tipo de trampolim ou impulso de que necessitam ou que as vossas capacidades requerem. É como se, a níveis comuns, tentassem ser médicos em vez de escritores. A níveis psíquicos, as qualidades de que necessitam para as sessões e para o vosso próprio trabalho não se harmonizam com a necessidade dominante de ajudar os outros. Precisam da alegria livre da execução. Então, ajudar os outros segue-se naturalmente à medida que o vosso trabalho ajuda os outros a ajudarem-se a si mesmos. De facto, este é o único tipo verdadeiro de ajuda.

(Fiquei muito relaxada quando recebi este material.)

NOTAS DA JANE
17 DE FEVEREIRO DE 1981

A níveis mais mundanos, surge o mesmo tipo de problema quando a arte é considerada em função da sua utilidade, função ou valor social — em vez da ideia da arte pelo seu próprio valor. Pelo contrário, claro, a arte deve antes de mais ser uma aventura privada, procurada por si mesma.

De certa forma, consideras a arena pública da televisão e das digressões da mesma maneira que o Joseph vê o mundo das galerias de arte, exposições e leilões. Despreza-las, enquanto consideras aceitável a publicação. Para além disso, parece-te que tais encontros envolvem uma simplificação e distorção pela sua própria natureza no que diz respeito ao teu trabalho, juntamente com um tipo único de exposição psicológica que poderia ser humilhante, faltando-lhe o enquadramento adequado de compreensão. Num mundo em que as mulheres são consideradas passivas e o transe largamente feminino, sentes que a realização de uma sessão poderia ser demasiado facilmente mal interpretada. Isso ofende o teu sentido de privacidade, enquanto ler poesia para outros não.

Ao mesmo tempo, sentiste uma forte responsabilidade de atuar em público, de vender livros, de transmitir a tua mensagem, de deixar as pessoas verem que — sim, as sessões acontecem — não há fraude envolvida. Também tinhas receio de que, espontaneamente, quisesses realizar encontros públicos, que fosses tentada, que, uma vez iniciado, fosses arrastada e que as circunstâncias se tornassem voláteis.

Ou seja, o trabalho em transe, sentes, exige um enquadramento seguro e acentua uma postura privada mesmo que as suas mensagens possam ser partilhadas. Mesmo assim surge a questão da resposta pública a mensagens em transe quando estas contradizem o pensamento oficial e as tuas questões sobre como o material poderia ser mal utilizado — como explicaste muito bem em *O Deus da Jane* — e quão “responsável” é a mente consciente pelas mensagens em transe? — Quão responsável és tu pelas mensagens do Seth? Esse é o tipo de questão com que poucas pessoas se debatem. O simples modo de colocar a questão e a palavra, responsável, mostram a sua natureza carregada. Na verdade, as sessões mostram uma síntese notável de capacidades conscientes e inconscientes, uma fusão criativa que preenche todas as partes da psique....

SESSÃO APAGADA

23 DE FEVEREIRO DE 1981

A Jane estava novamente muito relaxada depois do jantar, sentada no sofá a ver televisão. De facto, tinha estado bastante relaxada durante boa parte do dia, alternando com períodos de dor na parte inferior das costas. Não fez muito, além de algum trabalho de dactilografia no seu livro de poesia de manhã; dormiu várias horas hoje. As mudanças no corpo continuam.

(Pela primeira vez em muito tempo, a maior parte do correio da semana passada permanece por responder — pousado no cesto em cima da mesa no fim do sofá. Outro lote de cartas chegou hoje da Prentice-Hall, aumentando a pilha. Algumas cartas são excelentes, outras bastante deprimentes. Noutras palavras, abrangem as situações humanas habituais que encontramos. Uma até nos criticou por “obscenidades” no Volume 2 de Rel. Desconhecida. A Jane e eu temos conversado sobre a melhor forma de lidar com as implicações do correio — isso muitas vezes incomoda-a — mas não chegámos a conclusões. Pode não haver uma forma simples de lidar com a situação. Coloco uma ou duas perguntas sobre isso na minha lista de perguntas para o Seth.)

(Sim, comecei a minha famosa lista de perguntas para essa “essência de personalidade-energia”; baseia-se neste último conjunto de sessões privadas, que começou a 4 de fevereiro de 1981. A Jane leu as duas primeiras páginas de perguntas. Algumas podem conter novas percepções sobre os nossos desafios. A seguir vem a minha lista de “citações sucintas” do mesmo conjunto de sessões — afirmações positivas do Seth [geralmente] que possamos rever rapidamente. Já consigo ver que ambas as listas podem ser quase intermináveis....

(“Bem, pelo menos estou algo confortável na cadeira esta noite”, disse a Jane enquanto esperávamos às 20h58. “Posso inclinar-me um pouco para trás — mas é sempre na cadeira que estou mais desconfortável. Não sei o que estou aqui a fazer em vez de estar na cama. Bem, estarei pronta dentro de um minuto....” No entanto, ao mesmo tempo, estava sentada rígida para a frente, o corpo inclinado para a esquerda; não parecia confortável, e decidiu experimentar as almofadas de espuma sob as coxas, medida que por vezes “ajuda a aliviar a pressão sobre esses ossos [pélvicos] lá atrás e impede-me de sentir que estou a cair para a frente. Também me ajudam quando me mexo na cadeira.” A sua conversa

lembrou-me, paradoxalmente, que na noite passada, sentada no sofá, conseguir cruzar as pernas de uma forma que não conseguia há muito tempo.

(Às 21h00 disse-me que achava que o Seth iria discutir as minhas perguntas n.º 5 e 6, sobre pensamento a preto e branco, e tocar em “aquele artigo” sobre micro dobração de metal, ou dobração psicocinética de metal. Fiquei surpreendido ao ouvi-lo, pois embora eu tivesse ficado bastante interessado no artigo, naquele momento tinha-o esquecido. Apareceu no boletim PSI News da Associação de Parapsicologia, Vol. 4, n.º 1, de janeiro de 1981.

(Ela tinha lido o artigo ao almoço, ao meio-dia, quando lhe chamei a atenção para ele. Até ler o texto há uns dias, não me apercebera de que tinha sido feito tanto progresso científico na deteção de dobração psíquica de metal em microescala. A apresentação da informação parecia muito direta, embora eu tenha a certeza de que será atacada pelos céticos de várias formas. Talvez venhamos a saber mais sobre a situação à medida que se desenvolve. Estou a anexar uma cópia do artigo a esta sessão, pois o Seth trouxe alguns conhecimentos únicos sobre cura e micro dobração de metal, ou PKMB.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: a mente consciente legitima a realidade física. Põe o seu carimbo de aprovação sobre aquelas probabilidades que são consideradas reais e efetivas no vosso mundo. Fá-lo de acordo com as vossas crenças, e o molde massivo das vossas crenças forma-se à medida que aprendeis com pais e professores o que esperar da natureza dos acontecimentos.

(A Jane continuava a mexer-se na cadeira...)

Dessa forma, à medida que amadureceis desde a infância, tornais-vos neurologicamente reativos a certos percursos de atividade, ignorando ao mesmo tempo outras fases neurológicas perfeitamente válidas. Em certa medida desenvolveis padrões habituais de referência a esse respeito, de modo que certos sinais no ambiente desencadeiam automaticamente a atividade neurológica familiar.

A partir de uma quantidade muito pequena de dados físicos, então, deduzem-se certos tipos de desenvolvimentos e, quase automaticamente, esses percursos são ativados. (Pausa.) Um pequeno exemplo: o cheiro de uma laranja pode proporcionar-vos instantaneamente uma imagem mental

de uma, de modo que aquilo que é recebido por um sentido é “apanhado”, de certa forma, pelos outros — todos servindo, de um modo ou de outro, para vos dar uma imagem mais completa do objeto ou evento em causa.

Estes hábitos ficam bastante enraizados. Funcionam com grande fluidez. Ora, quando alguém está envolvido particularmente em experiências formais tratando, digamos, de PK, encontrareis atividade cruzada a esse respeito. A mente consciente está configurada pelos vossos sistemas de crenças para acreditar que os efeitos PK são impossíveis ou, na melhor das hipóteses, altamente improváveis.

(Pausa.) Se tal indivíduo conseguir convencer-se de que, de algum modo, todo o assunto é mais da natureza de um jogo, então pode haver por vezes algum êxito, porque num jogo a mente consciente está disposta a fazer concessões e a “fingir”. Em muitos casos, contudo, a própria experiência formal cria uma barreira, pois está a pedir-se à mente consciente que coopere numa empreitada que ela considera quase impossível.

(Pausa.) Esta opinião é sustentada, compreendes, pelo uso habitual da atividade neurológica costumeira, e mesmo que tal indivíduo concorde que a PK é possível a certos níveis, existe uma espécie de preconceito neurológico embutido. Acresce a isso a posição da mente consciente como árbitro do que é real. Isto aplica-se em especial a eventos como dobragem de metal de talheres de prata ou o que seja.

Em certa medida, os próprios sentidos físicos ficam escandalizados. Em experiências microscópicas, contudo, os sentidos não conseguem perceber esse comportamento alterado da mesma forma (sublinhado). Não estão habituados, de início, a lidar com eventos tão minúsculos, nem com eles se identificam. Nessa medida há grande liberdade.

O mesmo se aplica à própria mente consciente, que não está programada da mesma maneira para ser o árbitro de eventos microscópicos. Não se sente demasiado ameaçada, portanto; apesar disso, em muitos casos ainda haverá algum bloqueio dos efeitos PK. Esse bloqueio pode ainda permitir um tipo de mira em alvo deslocado, no qual as capacidades interiores são autorizadas a operar, mas de forma algo sabotada — não acertando no alvo com o qual a mente consciente está tão familiarizada ou concentrada, mas antes atingindo outro alvo microscópico, onde então os efeitos se tornam notórios.

É a mente consciente tal como é treinada na vossa sociedade que lida com o pensamento a preto e branco, a propósito de uma das vossas perguntas. A ligação entre o pensamento a preto e branco e a criatividade é legítima, mas existe ao contrário: por regra, o artista ou criador é (*sublinhado*) criativo na medida em que escapa ao pensamento a preto e branco, pois a pessoa criativa lida com sínteses, versões originais da realidade e a consideração de diferentes grupos de probabilidades — grupos que, do ponto de vista do pensamento a preto e branco, parecem de outro modo muito improváveis em conjunto.

(*Longa pausa.*) O efeito de alvo deslocado é altamente importante, pois opera de muitas outras maneiras. Em toda a cura natural, evidentemente (como a Jane mencionou ao meio-dia), estais envolvidos com atividade PK — tal como estais, em última análise, com qualquer ato físico e com qualquer movimento, microscópico ou não. Demasiada concentração, porém, sobre o fim desejado — demasiada concentração — pode provocar um efeito de alvo deslocado.

Podeis ter, por exemplo, má visão enquanto estais concentrados em tentar curar-vos de outra coisa — uma perna partida: os vossos olhos podem ser curados num efeito de deslocação, enquanto a cura da perna, ou o que for, pode ser adiada de imediato porque está bloqueada pela vossa própria excessiva preocupação.

(*Longa pausa.*) O movimento dos eventos microscópicos envolve sempre probabilidades, que estão no coração do vosso mundo, e as curas envolvem sempre também atividade a esse nível. Desviar a mente consciente pode, por conseguinte, ser de grande importância — desfrutar da televisão, relaxar de qualquer modo, permite que a atividade desejada ocorra. É por isso que tais distrações são tão benéficas. Em algumas ocasiões, a companhia pode prestar o mesmo serviço. Ruburt deve, portanto, tentar distrair mais a mente. Os seus esboços a tinta servem esse desígnio. A televisão também.

(*Pausa.*) Na vossa criatividade, ambos evitam em grande medida o pensamento a preto e branco, e saltam automaticamente para fora desse enquadramento. A mente consciente está bastante disposta a largar nesse aspeto, pois a arte não só lhe proporciona prazer, como cumpre o seu próprio quadro de ação. Não considera a arte exatamente um jogo, mas também não espera que se apliquem as mesmas regras a uma maçã pintada numa tela e a uma maçã real.

(Pausa.) O padrão alterado de atividade está a ajudar o Ruburt. É (sublinhado) uma excelente ideia ele anotar quaisquer e todas as melhorias que observe em cada dia. Tornam-se parte das provas físicas do mundo. O corpo dele está a mudar a níveis microscópicos — altamente importante. (Pausa.) A questão principal é, de facto, a lembrança de que pode confiar no próprio ritmo e movimento nativos — que é seguro exprimir-se na sua vida natural. O ponto principal também é ficar livre da comparação com uma superimagem, com pensamentos sobre o que deveria ser, e um reconhecimento dos seus próprios (sublinhado) sentimentos acerca de qualquer evento ou situação. Ele identificava-se de facto com as suas próprias tensões, de modo que, à medida que estas são aliviadas, por vezes sente medo.

Podes ajudar recordando-lhe que não há razão para ter receio a esse respeito.

Os olhos dele melhoraram na leitura. Tentarei responder a todas as tuas perguntas de uma forma ou de outra. O Ruburt está a trabalhar agora muitos temas com bons resultados; no entanto, quero mencionar que o Plano subjetivo envolve frequentemente tais alvos “deslocados”, quando um evento desejado pode estar bloqueado numa área, mas um evento benéfico de consequência semelhante ocorre em vez disso numa área que parece bastante afastada.

O corpo do Ruburt está a mudar enquanto ele dorme. As áreas envolvendo movimento estão altamente implicadas. Ele está a dormir melhor — todas questões que devem ser lembradas. Isso será suficiente por esta noite, e entrarei em algumas das tuas perguntas na próxima sessão.

(“Obrigado.”)

Então despeço-me com votos de uma boa noite.

(“Muito obrigado, Seth. Boa noite.”)

(A transmissão da Jane tinha sido bastante boa, embora não parecesse muito confortável na cadeira. Expliquei-lhe que esta sessão oferecia pistas valiosas sobre como usar a sugestão: Se se puder aprender a dirigir as sugestões — mesmo através do uso de desvio — muito se pode conseguir. O uso desse desvio teria certamente também conotações engraçadas, pensei.

(Também penso que há ligações claras entre o material do Seth esta noite e o apresentado no Apêndice 4 do Volume 1 de Realidade Desconhecida. Nesse material citei o material da própria Jane sobre

“outros poços laterais” de atividade neurológica. Escrevi mais tarde em Real. Desconhecida que achava que o Apêndice 4 continha algum do melhor material dessa obra, e ainda o acho.)

SESSÃO APAGADA

25 DE FEVEREIRO DE 1981

(Estou a começar estas notas antes da sessão desta noite sem ter a certeza de que a Jane irá realizar uma — embora eu ache que planeia fazê-lo. Mais uma vez, dormiu várias horas a meio do dia. Neste momento está sentada no sofá, a sentir-se bastante relaxada depois do jantar, a ver as notícias na televisão. Quanto a mim, quero tentar reconstruir a nossa conversa de hoje depois do pequeno-almoço.

(Ao começarmos a reler a sessão de segunda-feira esta manhã, a Jane disse algo que desencadeou em mim uma reação que senti basear-se no material que o Seth deu nessa sessão: “Digo todos os dias ao meu corpo que confio nele, que ele pode aguentar o meu peso quando vou à casa de banho, por exemplo”, ou palavras muito próximas disso. De repente ocorreu-me que ela tinha isso ao contrário — que o corpo dela não precisava de confiança adicional, que estava perfeitamente disposto a obedecer-lhe a qualquer momento, incluindo curar-se a si próprio. O que ela deveria sublinhar, disse eu, era que confiava no seu eu espontâneo — então o corpo reagiria automaticamente ao alívio da tensão, à sua confiança nesse eu espontâneo. Por outras palavras, o intelecto deve então aprender a cooperar com essa confiança, relaxando a sua cobertura protetora quase paranoica.

(Tudo isto é uma simplificação, claro, pois tivemos uma discussão bastante longa sobre o assunto. Mesmo assim, pude ver que deixei a Jane um pouco confusa: é que ela usava essa sugestão típica sobre confiar no corpo há anos, e eu tinha concordado com ela, pelo menos tacitamente, além de, às vezes, usar sugestões semelhantes eu próprio.

(Mas, com uma nova visão nascida desta série de sessões privadas deste mês, expliquei, agora sentia que se podia chegar mais diretamente ao cerne dos desafios de cada um, em vez de tentar persuadir o corpo a comportar-se de modo diferente — afinal, a condição do corpo era o resultado de certas formas de pensar, não a causa do problema. Além disso, era óbvio que o corpo não tinha respondido a essas sugestões habituais ao longo dos anos, portanto era necessária outra coisa. A causa

dos sintomas da Jane é o seu medo do eu espontâneo — é essa a área que precisa de tratamento. Seria melhor abordar os medos de ser a pessoa pública, por exemplo, em vez de tentar inutilmente remendar um corpo que apenas seguia fielmente hábitos espelhados, profundos e de longa data.

(Na altura a Jane concordou com tudo isto, mas mais tarde, enquanto pintava, perguntei-me se não teria sido demasiado veemente no que disse. Não queria que ela se sentisse mal. E soube durante o dia que a nossa conversa a tinha perturbado bastante, embora eu lhe tivesse dito que via “muita esperança” nas ideias expressas na nossa discussão. A Jane reforçou a minha preocupação quando disse mais tarde que não sabia que sugestões dar a si própria quando ia à casa de banho e, depois, quando se deitava.

(Mesmo assim, senti que estava no encalço de algo bom e pedi à Jane, de forma bastante clara, que fizesse com que o Seth abordasse o assunto esta noite. Também queria que ele falasse sobre o tema que tínhamos mencionado para a sessão de segunda-feira à noite, mas que não fora abordado: as razões para a dor na parte inferior das costas dela, e o que poderia fazer para ajudar a aliviar o desconforto da anca e da perna. De algum modo, afastámo-nos totalmente desse assunto quando o Seth entrou no tema interessante do PKMB, ou dobragem psicocinética de metal. Mas, neste ponto destas sessões, temos de obter todos os dados novos que pudermos para ajudar nas nossas próprias dificuldades.

(À hora de almoço o Frank Longwell deixou um aparelho médico que é usado para transferir calor húmido para o corpo. Depois do almoço, ocupei-me a transplantar um estolho de hera sueca enquanto a Jane dormia. Também queria tentar recuperar algum do tempo de pintura que perdi esta manhã. Quando acabei de limpar o vaso, tive mais um dos “insights” que tenho vindo a ter desde que iniciámos esta série de sessões privadas a 4 de fevereiro de 1981; ver as minhas notas no final da sessão de 11 de fevereiro.

(Anotei os meus dados intuídos, mas, estranhamente, esqueci-me de lhos mostrar quando ela se levantou por volta das 14h00. Ou lhos lerei antes da sessão desta noite, ou discutirei isso com ela depois do pequeno-almoço de amanhã, quando lhe ler a sessão desta noite. Aqui estão as minhas notas:

(“Insight, 25 de fevereiro de 1981, 13h20. Embora a Jane aprecie as sessões, como o próprio Seth disse na sessão de 1 de fevereiro de 1981, ela

continua algo receosa do que ele produzirá no futuro — novas teorias e ideias que poderão ou irão colocá-la em confronto adicional com os principais postulados do nosso mundo comum — isto é, a ciência, a religião, a medicina, a história, o que for. Ela receia, então, que o Seth vá demasiado longe como expressão do seu eu criativo e espontâneo. Essa expressão deve, portanto, ser mantida dentro de limites rigorosos e seguros. Este receio de desenvolvimentos futuros liga-se às suas preocupações naturais acerca de se tornar uma figura pública, alguém que deveria ser capaz de resolver os problemas do mundo. Mais uma vez, sei que estou no encalço de algo aqui, concordando de antemão que expressei o insight em termos simplistas.

(“O insight também me faz lembrar uma das minhas perguntas para o Seth: planeio pedir-lhe pistas sobre que tipo de ideias ele avançaria se lhe fosse dada liberdade para isso pela Jane. Ele já aludiu a essa noção através de uma referência bastante recente ao facto de ter ‘atenuado’ parte do seu material para Manifestações em Massa a fim de o tornar mais aceitável. Agora gostava de lhe ter perguntado na altura: aceitável para quem? Para a Jane e para mim, para a Prentice-Hall, para o mundo, para os críticos, para os correios?”

(Devo acrescentar também que este insight mais recente se articula bem com o parágrafo do Seth que copiei da sessão eliminada de 28 de janeiro de 1981, para acrescentar à minha lista de citações destas sessões privadas recentes: o Seth discutiu o medo da Jane de largar — não porque tenha medo de relaxar em si, mas porque receia ir longe demais.

(A Jane chamou-me para a sessão às 20h25. “Não sinto o Seth por perto e não me apetece uma sessão”, disse, “mas suponho que é melhor...” Ficámos à espera algum tempo. Mostrei-lhe as minhas notas provisórias sobre o insight mais recente e tive o cuidado de lhe explicar que não era uma afirmação negativa, mas algo que eu via como tendo apenas conotações benéficas. “O que penso que aconteceria se o Seth fosse livre para fazer tudo o que quisesse seria ótimo”, disse eu. “Quer fosse publicado ou não. Podemos falar disso mais tarde.” Concordámos que o insight representava algo de novo.

(“Posso ter dado um passo maior do que a perna”, disse a Jane às 20h43. “Mas presumo que o Seth teria dito muito mais sobre coisas como OVNI, Atlântida e reencarnação se eu o tivesse deixado...” Respondi que isso pouco importava, que o elemento tempo entrava em jogo, que

continuaríamos a querer material sobre os temas que nos interessavam, que Atlântida estava “muito abaixo na lista”.

(Por fim, enquanto a Jane se sentava bem direita na cadeira, começou a sentir o Seth por perto. Ao mesmo tempo falou de como estava perturbada por dormir durante o dia; e somava-se agora à sua perturbação a questão de que sugestões usar. Falou em ter uma sessão de “avanço” para esclarecer as suas dificuldades. Então:)

Ora bem—

(“Boa noite.”)

—para o nosso amigo. *(Pausa.)* Ele tomou de facto, ultimamente, a decisão de deixar ir uma boa parte da sua couraça corporal.

O corpo está a amaciar. No entanto, o assunto assusta-o porque, como se mencionou antes, ele identifica-se fortemente com as suas próprias tensões corporais. Deixá-las ir coloca-o num encontro mais ou menos constante com muitos dos medos que ajudaram a gerá-las. Alguns destes têm a ver com uma ideia errónea de relaxamento em geral, naturalmente, com o seu pai, e com a espontaneidade.

Muitas vezes parece-lhe que relaxar é ser laxista, baixar a guarda, não fazer nada, não conseguir nada, como se, deixado espontaneamente a si mesmo, fosse preguiçoso, sem ambição e, novamente, laxista. Ele tem esses sentimentos e medos. *(Pausa.)* Ao mesmo tempo, há sentimentos de que relaxar seria largar em demasia *(mais alto)* — resvalar para um comportamento excessivamente espontâneo, faltar-lhe controlo sobre a própria vida, perder o foco fino de observador. À medida que o corpo começa a relaxar — como de facto começou — esses sentimentos tornam-se mais proeminentes do que antes. Nas circunstâncias, ele está a lidar com eles razoavelmente bem.

Apresentam, contudo, dificuldades e são a causa das emoções de pânico que por vezes sente. O relaxamento do corpo é, por ora, irregular. Certos músculos relaxam pela primeira vez em tempos recentes, enquanto outros podem momentaneamente contrair-se para que o equilíbrio se mantenha — assim, o corpo está num estado de mudança constante.

A própria mudança, e os relaxamentos, dão-lhe por vezes a sensação de não ter apoio firme *(como a Jane disse mais cedo hoje)*. No entanto, ele deveria tentar falar contigo quando estiver ansioso, para encurtar tais períodos. Os medos prolongam de facto este período particular.

O Ruburt, muito mais do que outras pessoas, está envolvido numa vida que utiliza atividade consciente e inconsciente, pelo que quaisquer dilemas a esse respeito se refletem certamente fisicamente. *(Pausa.)* Qualquer coisa que eu possa dizer numa sessão é relativamente aceitável para ele, embora a sua publicação em livro possa por vezes causar dificuldades, quando ele se interroga sobre como o material será interpretado pelos outros.

Levar algum tipo de caderno de escrita ou desenho, ou o que for, para o quarto ajudará, para que ele possa fazer algum trabalho criativo ali, se quiser. O mesmo se aplica ao sofá.

No que diz respeito à fisioterapia, se dessem compressas de água quente — toalhas simples, ou o aparelho do Frank — um ou outro — a mesma atenção, ou até metade, que deram aos banhos de água fria, isso traria agora um benefício imediato excelente. Há razões para que o corpo, a dada altura, responda primeiro ao frio e depois à água quente.

A ideia de que é de facto seguro relaxar é importante, aliada à percepção de que toda a criatividade é basicamente agora — basicamente — sem esforço, e de que isto se aplica também ao movimento do corpo. Quando ele cria um poema sem esforço, não se preocupa com estar a relaxar em excesso, ou a ir longe demais, ou a ceder o controlo. Em vez disso, está a largar seguindo a si mesmo *(com toda a intenção)* — e essa atitude faz toda a diferença.

(Pausa.) A rigidez que era uma característica geral está a desfazer-se, percebes, de modo que, por contraste, partes do corpo lhe parecem vulneráveis — macias, desprotegidas — mas esses sentimentos estavam em grande medida encobertos antes. Agora ele está fisicamente consciente deles, e mentalmente também. Podem então ser enfrentados de forma muito mais direta e, à medida que o são, o corpo sentir-se-á cada vez mais capaz de responder mais e de largar as outras travas que ainda operam.

Admito que por vezes é de algum modo difícil atingir o equilíbrio adequado, para que não estejais novamente a concentrar-vos exclusivamente no problema. Aquelas sessões de início de outono, e as de fim de verão, ajudam aqui a equilibrar o que estamos a fazer agora, pois lembram ao Ruburt a moldura mágica e o seu funcionamento, e asseguram-lhe que o relaxamento é um dos melhores métodos que liberta o Plano subjetivo e a sua criatividade.

(*Pausa.*) O papel específico de sugestões — ele saberá o que quero dizer — contém uma boa variedade de sugestões para ele, formuladas em termos altamente benéficos. Novamente, certas sugestões formuladas de uma maneira funcionarão numa dada altura, conforme as circunstâncias, enquanto o mesmo conjunto pode ajustar-se de forma algo adversa a outras circunstâncias. Sugestões gerais dão, naturalmente, uma excelente margem de manobra, para que a pressão possa ser retirada de quaisquer áreas específicas de preocupação excessiva.

(*Longa pausa.*) Dêem-nos um momento... o aspeto de deslocação mencionado (na última sessão privada) ajudou na melhoria dos inchaços do Ruburt no braço. Por exemplo (gesticulando para a zona), quando ele simplesmente, por momentos, se esqueceu deles devido a outras preocupações com o seu estado.

É muito importante que o Plano subjetivo seja lembrada, que as sugestões gerais sejam criativas e ao mesmo tempo abertas (*deliberadamente*), em vez de, neste momento, demasiado fechadas. Falar contigo é agora altamente importante; muitos dos sentimentos que a rigidez escondia, percebes, emergem agora para a consciência — uma situação excelente porque podem e estão a ser enfrentados. Toda a arena do esforço público suscita questões sobre as diferenças entre comportamento espontâneo e controlado, claro (*longa pausa*) — um tema no qual entraremos outra altura, mas de forma exaustiva.

Estou a tentar dar informações que sejam de benefício prático imediato, já que o Ruburt estava tão preocupado. Há mais algumas sugestões de que ele tem conhecimento, num bloco, que também são boas agora. Ele procura a tua aprovação e reação, e as tuas próprias respostas têm sido excelentes a esse respeito (inclinando-se para a frente, hirto). Mencionei aqui bastantes questões diferentes, e elas envolvem recomendações, incluindo a leitura frequente, por parte do Ruburt, dessas sessões anteriores.

Não precisam de ser estudadas todos os dias, mas mantidas em mente. Toda a fundamentação, tal como expressa em algumas dessas sessões, relativa às tendências algo paranoicas da mente consciente, deve também ser lembrada. Tais questões ajudam a situar certas reações do Ruburt em perspetiva.

Estou a tentar cobrir todos os pontos importantes. (*Pausa.*) A seu tempo, juntamente com as tuas perguntas, darei algum material,

novamente, sobre as atitudes do Ruburt em relação a ambos os pais, na medida em que estas se relacionam com as suas dificuldades. Por agora, contudo, vou dar a sessão por encerrada, embora ele possa ter breves sessões espontâneas, sabes, noutras noites além das nossas habituais. Desejo-te uma boa noite.

(“Obrigado, Seth.

“Foi curto”, disse a Jane, “mas eu queria algo que ajudasse já.” A sua transmissão tinha estado aceitável. Eu disse que lho leria de manhã antes de o dactilografar.

(Na verdade é sexta-feira à noite enquanto termino esta dactilografia, e li à Jane as partes não dactilografadas da sessão todas as manhãs à medida que a ia preparando. Tem sido de grande ajuda. Ela está a dormir melhor, e mesmo assim continua desconfortável na parte inferior das costas e nas pernas. Os medos continuam a vir à superfície. Eu diria que ela está a ir muito bem, e parece que desta vez estamos realmente a fazer progressos. Ontem ocorreu-me outro breve insight, de que lhe falei: simplesmente que ela tinha cedido a sua própria volição a uma parte da sua personalidade. Mencionei-o porque ela discutiu a questão da volição em O Deus da Jane; ela achou que o insight fazia sentido.)

SESSÃO APAGADA

2 DE MARÇO DE 1981

(Tive outro dos meus “insights” enquanto pintava esta manhã, e falei disso com a Jane depois do jantar. Foi, simplesmente, que estávamos errados em culpar os excessos imaginados do eu espontâneo pelos seus problemas — que, na verdade, a dificuldade residia na sua descoberta de que, com as capacidades psíquicas, estava destinada a ver-se fora da autoridade criativa convencional: uma pessoa que soube que teria de proteger a sua própria integridade como pessoa contra acusações de fraude. As editoras não colocam avisos de exoneração em romances ou poesia, disse eu. Acrescentei que o Seth — e devemos ter coberto este terreno muitas vezes ao longo dos anos; mas agora sentia que, mais uma vez, estava no encalço de algo importante.”

(A nossa conversa durou quase uma hora apesar de mim, pois eu não queria que ela ficasse perturbada antes de uma sessão. Sentia que não podíamos dar-nos ao luxo de perder sessões nestes dias. O facto de ela ler o NY Times Book Review todas as semanas lembrou-me recentemente que

a sua leitura atenta dessa publicação representava uma aspiração em direção a algo que ela não estava prestes a alcançar — o reconhecimento convencional na escrita criativa.

(Ela, obviamente — pensei —, esperara reconhecimento pelos seus pares no campo da escrita quando amadurecesse, com os seus talentos evidentes. No entanto, viu esse desejo profundo ser-lhe arrebatado com o advento das capacidades psíquicas — adeus a todas essas recensões aceites, ao êxito crítico, até ao dinheiro, que acompanhariam a imagem pública convencionalmente aceitável da escritora bem-sucedida de poesia e/ou ficção de boa qualidade. Disse que grande parte da poesia e ficção “bem-sucedidas?” talvez não penetrasse muito profundamente na condição humana, comparada com a compreensão que os seus próprios dotes psíquicos ofereciam, mas que teria sido segura e aceite pelos seus pares. Que mais poderia alguém pedir à vida, perguntei ironicamente?

(O insight, tal como era, ofereceu muitas pistas para a nossa situação atual. Pedi que o Seth o discutisse caso ela realizasse uma sessão esta noite. A Jane tinha ficado bastante abatida depois de dormir durante um par de horas no fim da tarde — e após já ter dormido duas horas de manhã. Não era que o seu trabalho psíquico e os livros não fossem bons, disse eu, ou que não ajudassem as pessoas, mas que não se encaixavam no mundo tal como ela o via. O próprio Seth tinha-se referido muito bem ao seu dilema no excerto que retirei da sessão privada de 26 de janeiro de 1981.

(O seu desafio, então, é que nunca integrou plenamente a sua orientação psíquica, a verdadeira fonte de todos os seus dotes, com a sua visão do resto do seu mundo. Penso — acrescentei — que era um erro culpar o medo de o eu espontâneo ir longe demais se lhe fosse dada rédea solta — não creio que a natureza arranjasse as coisas assim, pois o organismo não poderia sobreviver muito tempo desse modo. O comportamento de Instream, o outro psicólogo em Oswego, a exigência de credenciais por parte de Fell e outros, as cartas a pedir ajuda de vários tipos — especialmente as oriundas de pessoas desequilibradas — tudo isto e mais somava-se, aos seus olhos, a uma acusação, por assim dizer, da própria natureza de alguém. Indicações claras de que, deixado sozinho sem salvaguardas, alguém iria longe demais para o seu próprio bem.

(Não admira, então, a retirada do mundo, até a recusa em sair de casa. A proteção contra o mundo tinha de ser obtida a todo o custo, mesmo

enquanto ela, com a minha ajuda, persistia em usar as suas capacidades, pelo menos em certa medida, através dos livros. Perguntei-me quanto de tudo isto ela nunca deixara o Seth dizer. Não admira que procurássemos cada vez mais privacidade: qualquer exposição pública passou a ser evitada automaticamente, como parte da coloração protetora.

(A Jane não reagiu em demasia a nada disto, para além de sugerir pelo menos um acordo geral. Fiquei bastante surpreendido quando ela concordou em realizar a sessão. “Bem, acho que estou quase pronta”, disse. “Deves ter posto isto em marcha...”

(Ela tem dormido muito melhor, mas com surtos intercalados de inquietação e desconforto na parte inferior das costas e nas pernas. Neste momento também estava desconfortável enquanto esperava que o Seth surgisse. Mais cedo hoje disse-lhe que me apercebi de quão habilmente ela tinha organizado as suas atividades para não ir muitas vezes à casa de banho. Naquele momento, não ia desde o meio-dia.

“Iria se tivesse de ir”, protestou, mas respondi que simplesmente treinara o corpo para esperar o máximo possível por tais atos naturais; assim podia evitar todo o desconforto de chegar à casa de banho e sentar-se na sanita, etc. Acrescentei que supunha que agora ela arranjará as coisas para ir à casa de banho apenas uma vez antes de ir para a cama depois da sessão. Perguntei-me se estaria a tentar bater um recorde de resistência. Em contraste, queria pedir ao Seth que comentasse as coisas boas que as suas capacidades psíquicas tinham conseguido. Mas, precisamente agora, ela mal consegue ir da cadeira para se sentar na sanita ou na cama — literalmente.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Estás de facto em águas delicadas com a tua discussão. A maioria das ideias que enunciaste eram altamente pertinentes, aplicando-se especificamente à situação do Ruburt — mas muito sensíveis para ele. Em criança, enquadrado na Igreja Católica, a sua poesia era um método de expressão natural, uma arte criativa, e também o veículo através do qual examinava a si mesmo, o mundo tal como o conhecia, e as crenças da Igreja Católica Romana.

As suas capacidades criativas levaram-no para além dos preceitos dessa igreja, criativamente falando, bastante cedo — embora o ponto de rutura efetivo só tenha ocorrido de facto quando já era adolescente. Era

então, no entanto, bastante jovem quando se deparou pela primeira vez com conflitos entre a criatividade enquanto tal, o conhecimento intuitivo, e as ideias dos outros sobre a realidade.

Já o mencionei por vezes — que ele se sentia bastante diferente dos seus contemporâneos. Muitas crianças dotadas sentem-se assim, e ele usou vários tipos de coloração protetora. Independentemente do que lhe era ensinado na escola católica ou mais tarde na pública, as suas intuições, aliadas às suas capacidades criativas, levaram-no a questionar pontos de vista estabelecidos.

A poesia não era considerada facto, claro. Era uma espécie de conhecimento oculto, aparente mas não aparente. Mais tarde tentou romances “linha reta”, mas quando se permitia soltar-se, a sua ficção natural caía na forma de fantasia, fora das convenções do romance, para a forma da ficção científica — e, nessa época, ainda mais afastada da corrente principal. Conseguiu, no entanto, publicar parte do seu trabalho, de modo que, ao chegar aos trinta e poucos anos, trazia já algum aprendizado no currículo. Os seus primeiros sonhos eram simplesmente ser poeta. O romancista americano foi sobreposto como um enquadramento mais aceitável e prático.

Mais uma vez, as suas capacidades naturais continuavam a conduzi-lo, ao que parecia, para longe do enquadramento do romance “linha reta” e para o formato da ficção científica, onde, nessa altura, descobriu que a ficção científica não recebia qualquer honra particular no campo literário. Decidiu afastar-se dela. Novamente tentou alguns romances “linha reta”. Ao mesmo tempo, as suas capacidades examinavam o mundo em geral, e os vossos próprios mundos, à medida que se desdobravam.

Nessa altura, ambos tinham mais perguntas do que alguma vez tiveram nas vossas vidas, e o vosso crescente conhecimento prático do mundo fê-los perceber quão pouco a espécie sabia em áreas vitais. Foi mais ou menos nesse ponto que as capacidades do Ruburt aparentemente começaram, ou que a sua iniciação psíquica começou subitamente.

Existem inúmeros elementos a operar contra tal iniciação na vossa sociedade, e particularmente operavam naquela época em que as sessões começaram. Há um desejo natural de querer o respeito dos semelhantes, de evitar tabus sociais ou ostracismo. Essas questões foram então enfrentadas porque as capacidades do Ruburt as fizeram irromper à superfície. As suas capacidades cresceram apesar dos fatores inibidores da sociedade. De facto,

levou algum tempo até Ruburt compreender plenamente como o seu trabalho poderia talvez ser considerado. O facto de eu também poder escrever livros foi de enorme benefício, claro (secamente, quase com um sorriso), e ninguém ficou mais surpreendido do que o próprio Ruburt ao descobrir que eu o podia fazer.

(Uma longa e desconfortável pausa.) O Ruburt podia ter dito: “Não tenho responsabilidade pelas palavras do Seth, uma vez que não são minhas no sentido habitual.” Por outro lado, embora examinasse criticamente o nosso material, insistiu, nesses termos, “que devia ser responsável por ele”, no sentido em que ele e toda a gente devem assumir uma responsabilidade normal, de certa forma, por ações “subconscientes” ou informação reveladora.

Poderia ter tentado publicar o material de forma camuflada através da ficção, e esteve muito mais tentado a seguir essa via do que talvez tenhas percebido. Se um dos seus romances “linha reta” tivesse sido aceite nessa altura, a história poderia ser algo diferente. Reconheceu, no entanto, a excelente qualidade dos seus escritos mais recentes e também do meu trabalho. Reconheceu os elementos de mistério e criatividade envolvidos em todo o assunto, e percebeu que, afinal, não poderia camuflar tudo isso, e assim tomou o rumo em que ambos embarcaram.

Estava muito inseguro de si, pois toda a dimensão de atividade era nova e, nessa altura, extremamente rara no vosso país. A ideia inteira de ser um “psíquico” era completamente nova.

À medida que prosseguia com os seus livros e os meus, ficou mais perplexo, no sentido em que parecia não existir um enquadramento literário no qual fossem legitimamente recenseados. Era como se já não fosse considerado escritor, ou como se a própria escrita, embora considerada suficientemente boa, fosse também tida como bastante acessória, de interesse secundário; e, no campo psíquico, a própria palavra “criativo” tem frequentemente conotações suspeitas. Muitas dessas pessoas querem a verdade, com letra maiúscula, de forma bastante literal, sem que a criatividade “arraste” a mensagem, por assim dizer, ou esbata as fronteiras absolutas entre facto e ficção.

(Pausa.) Houve um período de tempo necessário em que tu e o Ruburt experimentaram em várias áreas de exploração psíquica, escolhendo e seleccionando, com toda a razão, as áreas que melhor vos serviam, e ignorando outras que, por quaisquer razões, consideraram inadequadas.

Ruburt descobriu rapidamente que a imagem pública de um psíquico era bastante diferente da atribuída a um escritor, e também o era a imagem social. À medida que a nossa leitura crescia, à medida que ouviam leitores, ou alguns membros dos media, ou o que fosse, pareceu a Ruburt que o que ele fazia melhor — realizar sessões, escrever os seus livros — não era suficiente, que dele se esperava muito mais.

Ao mesmo tempo, ver-se-ia negado o seu lugar de direito enquanto escritor (*como disse antes*), para defender essa nova posição — uma posição, além disso, que parecia mudar continuamente porque, a par dos meus livros, havia Seven, Sumari, e mais tarde Cézanne e James. Cada um a afrontar um ou outro tipo de mal-entendido convencional. Ele sentia que mal conseguia acompanhar o eu espontâneo: o que estaria ele prestes a fazer a seguir?

Agora, em *Manifestações em Massa* e *O Deus da Jane* foi ainda mais longe, corajosamente, deixando “cair a máscara”, como se costuma dizer — uma parte necessária do seu próprio crescimento e desenvolvimento. Ou seja, está melhor por ter produzido esses dois livros do que estaria de outro modo.

Ao mesmo tempo, porém, ao longo de um período, começou a refrear criativamente, até certo ponto, a própria inspiração, perguntando-se para onde o poderia conduzir, e isso causou parte das suas dificuldades físicas (longa pausa), sendo o bloqueio físico, claro, o reflexo do bloqueio interior. Parte desse bloqueio também se relacionava diretamente com as suas ideias de trabalho e responsabilidade.

(*Pausa.*) Nem a poesia pareceu durante algum tempo ser trabalho, por exemplo, nem a atividade psíquica pelo seu próprio valor (*longa pausa*). Tudo isto, à sua maneira, articula-se com outro material — mas nenhum escritor de mérito, por exemplo (*deliberadamente*), fora o Richard Bach, lhe escreveu aplaudindo o seu trabalho, e, para a comunidade literária, parece que ele não existe. A comunidade psíquica é uma amálgama na qual ele não sente inclinações naturais, no que toca às suas organizações ou filiações.

Isto deve-se ao facto de a sua posição ser única, na medida em que está a lidar com áreas que servem de limiares, onde a criatividade comum é acelerada e vai além de si própria, onde o facto se transforma em ficção e a ficção em facto. Nesses reinos desconhecidos, de onde todos os acontecimentos psicológicos são formados, ele quer voar em frente

teoricamente — isto é, mergulhar, através dos meus livros e dos seus, em ideias que ainda aguardam — e sente-se algo zangado porque lhe parece que um excelente material teórico é, em grande medida, ignorado por outros, enquanto é usado como um penso rápido para ajudar nos problemas atuais das pessoas.

Contudo, tem refreado a sua inspiração, por confusão, questionando experiências que não podem ser postas diretamente em uso benéfico, e também por preocupação, novamente, de que o eu espontâneo e os seus discernimentos intuitivos o coloquem em conflito adicional com o mundo.

Quando queres ser pintor de paisagem, pelo menos sabes o que é uma paisagem. Tens os teus pincéis e cores com que trabalhar. No caso do Ruburt, não há, de certos modos, limites definidos às dimensões dessa criatividade — não há métodos específicos, nem vias específicas, e é por essa razão que tentou exercer tal força de equilíbrio.

Experiência é uma palavra pobre — incursões — na biblioteca enquanto vocês os dois se sentam à mesa, por exemplo, seriam excelentes. Os vossos episódios de sonho conjuntos são sempre benéficos. O incentivo a tal mobilidade interior liberta também os mecanismos corporais. É seguro mover-se: ele pode sair do ponto morto.

(Longa pausa.) A imagem pública está condenada a fazê-lo sentir-se inferior se a levar demasiado a sério. Isso estimula sempre a sua ideia de responsabilidade. É a sua imagem pública enquanto psíquico, claro, não enquanto escritor, que aqui está em causa. De certa forma estamos a fornecer materiais de origem para cada pessoa interpretar e fruir. Pode servir de material de base para vários tipos de disciplinas, ou escolas, ou o que seja. *(Pausa.)* Servirá para inspirar outros, mas cada pessoa é responsável pela sua própria vida, e o Ruburt não tem clientela privada, nem é temperamentalmente talhado para usar as suas capacidades psíquicas para seguir pessoas ou para servir como terapeuta. Isso estreita as suas capacidades de modo demasiado específico e trava-o quanto a outros tipos de explorações para as quais está altamente equipado e é bastante proficiente.

Um foco na inspiração natural, na criatividade espontânea, na exploração psíquica, ajudará automaticamente a aliviar a situação física, se isso for feito com algum entendimento.

Fim da sessão.

(“Posso fazer uma pergunta?”)

Podes.

(“Como é que ele vai chegar a um entendimento com a falta de reconhecimento público que deseja tanto enquanto escritor?”)

Isso é apenas uma parte do panorama. Para começar, ele não estava particularmente a pensar em grande fama, mas sim naquele reconhecimento q.b.—

(“É isso que quero dizer.”)

—de trabalho bem feito. Esse reconhecimento, de certo modo, vem de várias frentes — de pessoas de todos os quadrantes, de professores, membros de diferentes profissões — em vez de especificamente de outros escritores (pausa), e com o tempo essa própria situação irá melhorar. É a imagem pública que ele pensa ter como psíquico que o incomoda, mais do que aquela que sente faltar-lhe enquanto escritor.

A imagem pública psíquica (*longa pausa*) é um composto, claro, composta nas vossas mentes em grande parte a partir da vossa correspondência, e, a esse respeito, ambos tendes frequentemente a exagerar certos elementos em detrimento de outros. Concentrai-vos em certos tipos de correio. Essa questão pode ser compreendida com alguma ajuda da minha parte e com o vosso próprio bom senso.

Fim da sessão. Não me esqueci das vossas perguntas, mas também procuro manter estas sessões afáveis e responder às vossas intuições à medida que as exprimis. Uma boa noite.

(“Obrigado, Seth. Boa noite.”)

(A transmissão da Jane foi surpreendentemente boa, muito mais enfática e ritmada do que eu esperava. No entanto, não esteve confortável na cadeira. Ficou satisfeita com a sessão, que eu disse que devíamos memorizar. Chegou a dizer que ia à casa de banho ao fim de dez horas e meia: ‘Ainda aguentava mais uma hora’, disse. Disse-lhe que esse tipo de coisa estava fora de questão — que eu tencionava, todos os dias, insistir para que fosse em intervalos decentes.)

(O vento estava forte, sacudindo as persianas metálicas do lado oeste da casa. A temperatura tinha descido abaixo de zero depois de um dia bastante agradável. O chão estava limpo de neve, e assim tinha estado durante muitos dias.)

SESSÃO APAGADA

4 DE MARÇO DE 1981

(Hoje fiz menção à Jane de que gostaria que o Seth abordasse alguns dos elementos da pergunta 17 da lista que compilei até agora — especialmente as partes relativas a porque é que a personalidade global não sabia quando tinha ido longe o suficiente, ou até demasiado longe, no que diz respeito aos sintomas. Tinha também curiosidade em saber o que ele diria sobre a minha especulação de que os próprios sintomas poderiam, na verdade, ser um dos principais desafios dela nesta vida.

(A seguir a esses pontos, queria que o Seth comentasse a pergunta 2, relacionada com as coisas boas que alcançámos ao longo dos anos.

(Mais uma vez, a Jane não estava confortável na cadeira enquanto se preparava para a sessão das 21h00. “É mesmo estranho ser tão pouco ambiciosa”, disse, enquanto tentava encontrar posição. Hoje fez excelentes notas para o seu terceiro ensaio para o seu livro de poesia, embora não tenha trabalhado nisso tanto como noutros dias recentes. Também dormiu várias horas hoje, embora, como de costume, depois de se deitar por pouco tempo, os braços e as pernas lhe ficassem muito doridos. Acordou pouco depois desse primeiro delicioso ressonar.

(Quanto a mim, tenho tentado fazer quatro horas de pintura por dia — sem sucesso, diga-se — mas continua a ser um verdadeiro prazer. No sábado passado comprei mais de 30 dólares em sementes de flores, e estou a experimentá-las aos poucos em vários vasos e recipientes para ver que flores se dão melhor em que circunstâncias — luz artificial, luz natural, etc. Está a revelar-se um empreendimento bastante intrigante, e tenciono manter a casa decorada com flores frescas no inverno e no verão.

(As provas do índice de O Deus da Jane chegaram anteontem, e a Jane deu-lhes o visto bom quando as conferiu hoje. O Tam disse-lhe recentemente que o livro sairia em Maio. Manifestações em Massa deveria sair a 13 de março, mas esta data é evidentemente um erro, já que acabámos de saber que não veremos as provas das páginas iniciais até à próxima semana. A Jane acha que o Tam queria dizer a edição de bolso do Volume 2 de Realidade Desconhecida, já que os números de vendas da semana, que chegaram hoje, mostram a venda de cerca de 3.000 exemplares dessa edição. Mas continuamos inquietos com todo o assunto Manifestações em Massa — a questão do aviso de exoneração, a reação da Jane ao livro desde que o Seth começou a dá-lo, etc. — e qualquer atraso

só serve para nos deixar mais desconfiados, receio. Acho que nunca vi um livro ser aguardado com menos entusiasmo do que esse.

(A Jane começou a sentir o Seth por volta das 21h15. Então:)

Agora—

(“Boa noite.”)

—alguns comentários.

Muitas dificuldades surgem quando vos comparais a versões estilizadas ou idealizadas de vós próprios — a imagens compostas de vós que podeis ter apanhado pelo caminho — um tema que já mencionámos anteriormente.

Tais imagens pouco têm que ver com as vossas personalidades básicas ou naturais, ou com os vossos passados individuais, mas aplicai-las sobre vós como sobreposições. Nesses casos não conseguis realmente avaliar o vosso próprio progresso ou as vossas próprias realizações, pois não as olhais com base nas vossas capacidades e inclinações, mas usando, em vez disso, as imagens hipotéticas idealizadas.

Por exemplo: ficaste satisfeito, Joseph, com o retrato que fizeste e mostraste ao Ruburt, observando, porém, que gostarias de ter feito tal trabalho mais cedo, e noutras ocasiões fizeste comentários semelhantes. Comparas frequentemente a tua própria vida e obra, de forma crítica, a artistas que estiveram obcecados com uma arte desde o início das suas vidas, ou que seguiram aquilo que é, na realidade, um percurso em linha reta e sem desvios — talvez corajoso, muito focado, mas um percurso que tem de ser, em certos aspetos (*sublinhado*), limitado no alcance e na complexidade, não atravessando quaisquer barreiras exceto as que parecem ocorrer estritamente dentro do próprio domínio da pintura (*tudo deliberadamente*).

(Devo acrescentar aqui que, enquanto o Seth dava este material, dei por mim a pensar que esse não era, afinal, um modo assim tão mau de viver. Admiro esse foco intenso, esse compromisso de corpo e alma, e a história oferece inúmeros exemplos — famosos, se quiseres — de indivíduos talentosos que viveram assim e deram grandes contributos....)

(Pausa.) Ora, desde criança que desenhavas ou pintas, e, nesse sentido, tem havido esse interesse constante. Olhaste o mundo através dos olhos de um pintor — mas era mais do que o mundo de um pintor aquilo que vias (*uma grande frase, como disse a Jane*). Sempre te interessaste também pela escrita. Por vezes esperas de ti um tipo de realização que o primeiro tipo de

artista poderia produzir, sem qualquer atenção devida ao facto de que és a tua própria pessoa, de que possuías também um amor pelas palavras, de que tinhas excelentes capacidades críticas.

Ignoras igualmente o facto de que até o tipo de pintura que fazes não poderia ser feito por mais ninguém, e contém em si a matéria-prima da tua própria experiência única e natural com a vida — e de mais ninguém.

Uma experiência desse tipo não chega aos 20, ou sequer aos 30. Parte da tua realização reside nas nossas sessões e no teu próprio trabalho considerável com as notas, e com a aura invisível contida nessas notas, pois aí, de um modo diferente, estás a pintar um retrato — o retrato de duas vidas a partir de um ponto de vista altamente individualista, extremamente único — e esse é o tipo de experiência que seria arrancado ao tecido da tua vida se fosses a versão hipotética idealizada com a qual por vezes te relacionas — uma versão altamente romantizada, permita-me acrescentar.

(*Pausa.*) Tais ideias, então, impedem-te de fruir as tuas próprias realizações, como mais propriamente deverias, e de fruir o seu crescimento através do tempo, a partir do pano de fundo que foi o teu. O mesmo se aplica ao Ruburt.

Ele pode pensar num escritor literário hipotético — novamente uma imagem composta — suficientemente confortável, ligeiramente vanguarda, de forma “fashion”, em contacto com os seus pares, esquecendo, novamente, que o seu — e a sua mente sempre foi muito menos convencional do que isso, muito mais inquisitiva e, ainda novamente, esquecendo que sempre gostou de ver a sociedade de um ponto de observação ligeiramente exterior a ela.

Regra geral, os psíquicos não são particularmente bons escritores. Ele tenta ver o seu próprio trabalho através de alguma imagem idealizada de um psíquico que seja tão dotado quanto ele como escritor e, ao mesmo tempo, altamente dotado para lidar com o público, dar espetáculos, atuar como curador, como profeta, e como terapeuta perito — tudo de uma só vez — e, ao fazê-lo, as suas próprias características, capacidades e inclinações naturais perdem-se pelo caminho.

Os próprios livros mostram que ele está a cumprir mais do que a sua promessa enquanto escritor, tanto em alcance como em arte. Têm sinais de grandeza (*dito com naturalidade*).

(*Concordo.*)

Ambas as vossas mentes estão a fazer mais do que cumprir as suas promessas: estão a ser usadas com excelente capacidade. A vossa compreensão emocional também se aprofundou grandemente ao longo dos anos. Isto aplica-se a ambos. O Ruburt lida lindamente com pessoas, individualmente e com grupos — particularmente para alguém que é (*sublinhado*) em grande medida dado ao trabalho solitário.

Todas estas questões são importantes. Devem sempre dirigir-se à pessoa natural, e quando o Ruburt fica confuso com imagens, é porque se está a relacionar com outras versões compostas às quais pensa que deve corresponder.

(*Longa pausa.*) Dêem-nos um momento... (*Longa pausa.*) O esforço de tentar corresponder a tais imagens causa tensão, naturalmente. Causa também sentimentos de desaprovação de si, onde uma lembrança constante do próprio passado coloca as situações atuais, pelo menos, em perspetiva. Agora o corpo do Ruburt está a tentar livrar-se dessas tensões, e ele está a aprender a largá-las, e com a tua ajuda, que ultimamente tem sido considerável.

O relaxamento permitirá a expressão natural fácil e o regresso do movimento normal. É importante, no entanto, que ele se lembre do que disse sobre o movimento interior na nossa última sessão: algum regresso a leves experiências psíquicas — a oportunidade reservada para elas.

(*Pausa.*) O correio de hoje mostra, claro, o lado melhor da vossa leitura, cartas de pessoas de muitos quadrantes da vida que não são fanáticas, mas que são indivíduos normais que reconhecem qualidade e que a procuram. Estais a mudar-lhes a vida, ou a permitir-lhes fazê-lo, claro, ajudando-os a libertar as suas próprias capacidades — realizações que devem ser consideradas em linha, novamente, com os vossos próprios passados, e não comparadas com hipotéticas.

Tudo isto para além da considerável realização de vos manterdes firmes na sociedade enquanto fazeis as vossas próprias coisas, e em alcançardes bastante liberdade nesse sentido. O vosso crescimento psicológico não é algo que possais ver ao espelho, mas é esse crescimento que é também responsável pela vossa pintura e escrita — pelos livros do Ruburt e pelas suas ligações comigo. De certo modo, os sintomas do Ruburt são causados porque ele tenta compreender as suas capacidades e a sua vida num contexto demasiado limitado, com definições ainda demasiado estreitas. Estamos a tentar alargar essas definições.

(*Pausa.*) Existem consideráveis liberdades ao vosso dispor que ignorais porque as vossas ligações com essas imagens idealizadas governam algumas das vossas reações conjuntas. Falarei de algumas delas numa altura posterior.

Parte do vosso crescimento psicológico é óbvia através dos livros, claro — óbvia para os outros, mesmo que muitas vezes não para vós. Os livros têm um impacto psicológico difícil de descrever — um que, naturalmente, no seu conjunto, apresenta uma espécie de retrato multidimensional, altamente difícil de avaliar. (*Longa pausa.*) Perdeis contacto convosco próprios na medida em que vos comparais com os outros e, por isso, a vossa própria obra pode escapar-vos, novamente, tal como o contorno da vossa própria experiência. Estais a plantar sementes, e com os livros estais a plantar sementes — só que os resultados não estão imediatamente diante dos vossos olhos — um bom ponto a recordar.

Esta será uma breve sessão e, a não ser que tenhais outros comentários, tentarei responder a duas ou três das vossas perguntas de cada vez nas sessões imediatamente seguintes.

(*“Está bem.”*)

Então desejo-vos uma boa noite.

(*“Obrigado, Seth. Igualmente para ti.”*)

(*A Jane saiu do transe de imediato, e percebi que estava satisfeita por ter realizado a sessão. Disse-lhe que tinha sido excelente — que devíamos colá-la na testa e memorizá-la, juntamente com a sessão da última segunda-feira.*)

NOTAS DA JANE

SONHO — 5 DE MARÇO

Sesta. Contexto: Ontem à noite o Seth deu uma sessão para mim e este sonho parece ser uma resposta direta a ela. Durante a noite acordei várias vezes, com aquela dor peculiar nas coxas e nos braços; ao mesmo tempo, os maxilares caíram-me visivelmente e pude sentir movimento a percorrer o corpo. Ao pequeno-almoço, quando o Rob me leu a sessão, fiquei muito relaxada e tive de me deitar. Então tive este sonho:

O Jack Gridley e mais algumas pessoas, o Rob e eu, estávamos numa sala. Eu estava muito relaxada. O Jack estava pronto a partir, talvez para uma viagem. Pediu-me para aspirar o quarto dele, descontraidamente, como se fosse dado adquirido que eu faria a tarefa. Eu disse que o aspirador

(que era nosso) estava mesmo ali à vista. Se queria o quarto aspirado, devia fazê-lo ele próprio. Então acordei.

O Jack Gridley era um político que conhecíamos nos anos 60, precisamente quando as sessões começaram. No sonho, representa a autoridade; era também bastante alcoólico. Seja como for, o aspirador representa o meu trabalho como ferramenta — eu dou o aspirador mas as pessoas têm de apanhar a sua própria sujidade; não tenho de o fazer por elas. Posso ter apanhado uma sensação de responsabilidade de o fazer, na época em que conhecíamos o Gridley....

Perceções posteriores, desligadas do sonho, surgiram-me ao longo do dia:

Não tenho de me envergonhar de que o Seth dê tantas sessões para mim; muita gente vai a médicos ou terapeutas toda a vida e isto é a um nível muito mais complexo.

A considerar: os meus sentimentos de que as pessoas vêm cá para ver o Seth, em vez de mim.

A considerar: as minhas preocupações, quando o Seth ditava *Manifestações em Massa*, sobre o efeito das suas ideias na medicina e nos impulsos dos outros.

A questão: Porque é que tenho medo das minhas capacidades psíquicas?

NOTAS DA JANE

8 DE MARÇO DE 1981

Parte de mim não quer lidar com este material de todo, mas ontem à noite tive uma das experiências mais estranhas, bastante assustadora — tanto mais estranha porque há tão poucos acontecimentos reais a que me agarrar. Seja como for, logo depois de nos deitarmos percebi que estava no meio de uma experiência estranha, de pesadelo, terrivelmente vívida em termos emocionais, mas sem enredo real. Só sei que envolvia o seguinte: uma história de infância ou/e um brinquedo de infância como o boneco de gato fofinho que tive em criança, chamado Suzie, de quem eu gostava imenso. Seja como for, a questão era que a história... e aí perco o fio; não consigo ver as ligações. Só sei que acordei a chorar, com o corpo muito dorido, sentei-me na beira da cama e fiz as seguintes ligações a partir dos meus sentimentos da altura:

Eram estas: que o mundo inteiro e a sua organização se mantinham unidos por certas histórias ou uma em particular — como a da Igreja Católica; que era perigoso para além de todo o saber olhar através das histórias ou examiná-las ou procurar a verdade; e que existiam todo o tipo de tabus para nos impedir de o fazer, pois... pois do outro lado, por assim dizer, havia uma dimensão caótica incompreensível, aterradora, forças malévolas para além do que podemos imaginar; e que questionar as histórias era ameaçar a sobrevivência, não apenas pessoal, mas a estrutura e a organização da realidade tal como a conhecíamos. Assim, a excomunhão era o castigo ou a condenação... o que significava mais do que mero ostracismo, mas o completo isolamento de uma pessoa desses sistemas de crença, sem nada entre ele ou ela e essas realidades assustadoras... sem uma moldura em que organizar sequer significado. Era isto que a condenação realmente significava. Procurar a verdade era então o mais perigoso dos comportamentos bem-intencionados... e a retribuição tinha de ser rápida e certa.

Ao mesmo tempo não consigo lembrar-me dos acontecimentos ligados ao pesadelo que deram origem a esses sentimentos... mas estava a ser assaltada ou atacada por... uma força psicológica que queria que eu compreendesse o perigo de tal caminho, e quando voltei a dormir, de algum modo, tudo voltava a acontecer outra vez... uma vez penso que o título da — (a Jane deixou isto em branco) — ou do conto infantil apareceu no ar em grandes letras de bloco. A ideia sendo também que fora da ordem conhecida fornecida por essas histórias, havia forças em fúria a trabalhar contra a existência do homem. (A velha ideia da Caixa de Pandora vem-me à mente.)

Relaciono isto com três acontecimentos: um filme que vi na televisão anteontem, onde o Sean Connery descobre o deus do seu povo depois de ler *O Feiticeiro de Oz*; um boneco Raggedy Ann que o Rob encontrou no quintal e trouxe para dentro, que me lembrou da minha antiga Suzie; e uma parte de uma recensão que li ontem sobre um livro acerca da morte.

O livro baseava-se na ideia de que a natureza estava contra o homem; e que a religião era a tentativa do homem de operar dentro desse contexto inseguro. Os sentimentos que eu tinha iam ainda mais longe, de que a religião ou a ciência ou o que fosse não eram tentativas de descobrir a verdade, mas de escapar a fazê-lo, de substituir por uma história satisfatória qualquer. E suponho que, se alguém persistisse o suficiente, encontraria os

buracos nas histórias... e desfaria toda a estrutura. A ideia das histórias era salvar cada homem de ter de enfrentar a realidade de forma tão assustadora... as personagens das histórias faziam-no por ele, à sua maneira... e se continuasses... ameaçavas a delicada estrutura de organização que, só ela, tornava a vida possível....

SESSÃO APAGADA

11 DE MARÇO DE 1981

(Ver as cópias anexas dos sonhos da Jane sobre reencarnação e o avô de 6 de março, e a sua experiência de pesadelo de 8 de março. Penso que todos estes são muito importantes, sendo a experiência de 8 de março, diria eu, a mais relevante. São todos clássicos. A Jane acordou-me muitas vezes durante a noite enquanto tinha a experiência de 8 de março, e pensamos que contém muitas pistas importantes para os seus problemas. Ela já releu todas as experiências várias vezes e fez algumas notas adicionais sobre o acontecimento de 8 de março em particular.

(Pensávamos que o Seth poderia referir-se a eles na sessão da última segunda-feira, mas não houve nenhuma porque, mais uma vez, a Jane estava tão relaxada no sofá depois do jantar. Estava também um pouco melancólica e desanimada. Na verdade, eu não esperava uma sessão esta noite até ela me chamar às 20h40, tão relaxada estava. Tem dormido geralmente muito melhor, embora continue a fazer uma sesta no fim da manhã, bem como a nossa habitual pausa para dormir pouco antes do jantar. Também tem ido para a cama meia hora mais cedo à noite.

(Esteve muito calada à medida que a hora da sessão se aproximava, mas não estava muito confortável na cadeira. Eu também estava calado — tínhamos estado mais ou menos assim durante todo o dia. “Acho que vai ser curta”, disse ela finalmente.)

Bem...

(“Boa noite.”)

A experiência de pesadelo do Ruburt *(de 8 de março)* é um belo exemplo do tipo de conteúdo emocional explosivo que muitas pessoas carregam, bastante oculto, representando certos tabus, traduzidos, claro, de maneiras individualistas.

Não quero entrar aqui numa história da cultura, mas as vossas organizações, historicamente, foram em grande parte construídas sobre os vossos conceitos religiosos, que de facto foram extremamente rígidos. À

luz desses conceitos, a expressão artística foi canalizada, focada, dirigida em certas direções. Foi desencorajada noutras. A natureza repressiva do pensamento cristão na Idade Média, por exemplo, é bem conhecida.

A própria expressão era considerada altamente suspeita se se afastasse dos preceitos aceites, e particularmente, claro, se levasse outros a agir contra esses preceitos. Em certa medida, o mesmo tipo de política ainda se reflete nas vossas sociedades atuais, embora a ciência ou o próprio Estado possam servir em vez da igreja como a voz da autoridade.

Por detrás de tais ideias está, claro, o ponto central do Cristianismo, ou pelo menos um dos pontos centrais, de que o homem terreno é uma criatura pecadora. Ele é dado ao pecado. Nesse sentido, a sua expressão natural deve ser estreitamente vigiada. Deve ser dirigida para a oficialidade, e fora desse limite situava-se, particularmente no passado, o reino muito desconfortável do herege.

Na Idade Média, ser excomungado não era um incidente trivial, mas um acontecimento que significava uma cisão que tocava a alma, o corpo e todas as condições políticas, religiosas e económicas pelas quais ambos estavam interligados.

O bem-estar económico de muitas pessoas, claro, dependia de uma forma ou de outra da igreja, e em termos reencarnatórias muitos milhões de pessoas vivas hoje estavam então familiarizadas com tais condições. Os conventos e mosteiros eram instituições sociais e religiosas de longa data, alguns extremamente rigorosos, enquanto outros eram religiosos apenas de nome. Mas existe uma longa história dos conflitos entre o pensamento criativo, a heresia, a excomunhão ou, pior ainda, a morte. Todos esses fatores estavam envolvidos, de uma forma ou de outra, na estrutura do material do pesadelo do Ruburt.

(Pausa.) Mais uma vez, muitas pessoas carregam o mesmo tipo de carga emocional. Os medos do Ruburt, tal como expressos nesse material, podem ser enfrentados, claro. É quando estão ocultos que surgem dificuldades, porque a sua carga é então acrescentada a outras questões.

Existem, contudo, ligações clássicas entre o pensamento criativo e a heresia, entre a crença estabelecida e o perigo de o material revelador ser disruptivo — primeiro da igreja e depois do Estado.

A igreja era bem real para o Ruburt em criança, através dos padres que vinham [a casa] regularmente, através do contacto direto com a escola [primária] religiosa, e o apoio oferecido à família. A poesia do Ruburt,

ainda muito jovem, ofendeu o Padre Boyle, que se opôs aos seus temas e queimou os seus livros sobre a queda de Roma, pelo que ele tinha mais do que uma sensação hipotética acerca de tais questões. Muitos desses medos originaram-se muito antes das sessões, claro, e antes de ele perceber que havia qualquer alternativa entre, digamos, crenças religiosas convencionais e descrença total em qualquer natureza de divindade.

Na altura em que esses medos surgiram, ele partilhava a estrutura de crenças do Cristianismo, de modo que acreditava que fora desse enquadramento não poderia haver nada além de caos, ou o ateísmo convencional da ciência, em que o universo estava à mercê de leis mecanicistas sem sentido — leis que, no entanto, operavam sem lógica, mas mais importante ainda, leis que operavam sem sentimento.

Ele [Ruburt] tinha medo de que, se fosse longe demais, descobrisse que se tinha catapultado para um reino onde tanto respostas como perguntas eram sem sentido, e em que não se encontrava lógica alguma. Fazer isso era uma coisa, mas levar outros consigo seria, sentia ele, imperdoável — e no enquadramento desses medos, à medida que o seu trabalho se tornou mais conhecido, tornou-se ainda mais cauteloso.

(Uma frase muito significativa:) Toda a estrutura dos medos, claro, baseia-se numa crença no eu pecador e na natureza pecaminosa da expressão do eu.

Fora desse contexto, nenhum desses medos faz qualquer sentido (igualmente importante, claro). Em grande medida, a igreja através dos séculos governou mais pelo uso do medo do que pelo uso do amor. Foi precisamente na área da expressão artística, claro, que as inspirações poderiam mais rapidamente saltar através da estrutura dogmática aplicada. A natureza política do material inspiracional de qualquer tipo era bem compreendida pela igreja.

Com tais táticas, a igreja conseguiu manter o controlo de uma civilização inteira durante séculos. (*Longa pausa.*) O Ruburt sabia bem, mesmo em criança, que tais estruturas já tinham cumprido a sua função, e a sua poesia forneceu um canal através do qual podia exprimir os seus próprios pontos de vista à medida que amadurecia. Mais tarde, os velhos medos, se surgiam, não eram enfrentados. Pareciam-lhe inferiores, indignos ou cobardes — mas, em qualquer caso, a sua validade enquanto sentimentos não era reconhecida ou compreendida.

O Ruburt de facto iniciou uma pequena ordem religiosa no século XVI, em França, e esteve apaixonado durante muitos anos pelo homem que encontrou no seu sonho — um clérigo. O amor não foi consumado, mas foi, no entanto, apaixonado e duradouro da parte de ambos.

(Longa pausa.) O Ruburt teve consideráveis dificuldades com a doutrina da igreja, mesmo então, e as regras da ordem, tal como eram realmente postas em prática, foram mais tarde consideradas conter as suas próprias sementes de heresia. O Ruburt foi forçado a deixar a ordem que ele próprio tinha iniciado, já em velha idade. Partiu com algumas companheiras que também foram ostracizadas e acabou por morrer de fome. Foi uma época em que padrões de pensamento não convencionais, de expressão não convencional, podiam ter consequências terríveis.

O nome Normandia vem à mente, e o nome Abelardo. O sonho veio para lembrar o Ruburt dessas ligações, mas também para lhe lembrar que a sua vida, mesmo então, foi enriquecida por uma relação amorosa de longa data. Os dois correspondiam-se frequentemente, encontravam-se muitas vezes e, à sua maneira, conspiravam para alterar muitas das práticas que eram abomináveis, mas mantidas como política própria da igreja.

Algumas das pequenas notas do Ruburt, escritas após a experiência do pesadelo (e que pedi à Jane para copiar para este registo), mostram que ele está a começar a colocar o material na devida perspetiva. Esses medos, no entanto, têm sido pertinentes, uma vez que se interpuseram entre velhas crenças e novas — isto é, impediram-no de tirar pleno proveito do seu conhecimento mais recente, e das capacidades e boas intenções do eu espontâneo.

Tanto a experiência de pesadelo como o sonho foram parcialmente desencadeados pela nossa última sessão (de 4 de março), claro, e serviram para mostrar ao Ruburt porque é que ele tinha começado a reduzir algumas (sublinhado) das suas próprias experiências psíquicas, inspiração e expressão — uma política refletida na natureza reprimida da expressão corporal.

O sonho representando o seu avô permitiu-lhe simbolicamente voltar ao passado desta vida, a um momento de choque severo — a morte do avô — que ocorreu quando ele começava a substituir a crença religiosa pela crença científica, perguntando-se se a consciência do avô então caíra de volta a um estado de ser sem mente, ao caos, como a ciência certamente pareceria sugerir. No sonho, o avô revive. O avô sobreviveu num fato

demasiado grande, o que significa que ainda havia espaço para ele crescer (*como eu tinha sugerido à Jane*). Ele [Ruburt] teve uma pequena experiência de ouvir uma voz falar-lhe na mente [ontem] — uma voz de conforto, tudo o que ele recordava da assistência bastante legítima que recebeu de outras personalidades ligadas à vida francesa, que surgiu como resultado do sonho francês.

Ele ainda precisa das tuas garantias e deve dizer-te quando se sente desencorajado, pois as suas pernas estão a soltar-se mais, e tudo o que precisa é do renascer da confiança. Desejo-vos uma boa noite, e não me esqueci das vossas perguntas. As minhas mais calorosas saudações—

(“Muito obrigado, Seth.”)

—e para ti e as tuas flores.

(“Boa noite.”)

(Sorri, pensando nos resultados mistos que estou a ter a tentar fazer germinar várias sementes de flores tanto dentro como fora do vaso que a Jane me deu no Natal. As ervilhas-de-cheiro e as malmequeres estão ótimas, a godécia e os cravos-túnicos não tão bem, por agora.

(Meio a brincar, disse à Jane: “Que te pareceu isso? Estás a tentar dizer-me que a religião esteve por trás disto o tempo todo? Eu pensava que tinhas deixado a igreja. Parece que afinal não a deixaste nada... Vou ter de te arranjar um exorcismo.” (A Jane riu-se, mais ou menos.) “Bem, ainda bem que a tive.”

(“Também eu. Pode muito bem ser inestimável. Na verdade, o material aborda duas das perguntas que tenho listadas sobre ligações reencarnacionais com os sintomas.”

(“Achei que pudesse”, disse a Jane. “Vou beber leite e comer uma bolacha para tomar a aspirina, e depois vou para o quarto às 22h30.”

(O Bill continuava alternadamente a dormir e a limpar-se ao meu lado no sofá, como fizera durante toda a sessão. O pelo dele está lustroso e bonito. Admirei o carinho com que tratava cada parte do corpo.

(Sugeri à Jane que visse o que conseguiria captar por si acerca da vida francesa. Mencionei que a província da Normandia fica no canto noroeste de França, a umas 20 milhas através do canal a partir de Inglaterra. Li que é predominantemente rural, e pensei que provavelmente o seria ainda mais no século XVI. Poderia ter sido um cenário duro, embora belo.

(Especulámos que Abelardo é um nome famoso, historicamente e nas artes,

embora não nos ocorressem ligações específicas. Mas, tal como a Normandia, deve aplicar-se a várias pessoas e temas.)

SESSÃO APAGADA

18 DE MARÇO DE 1981

(Não houve sessão na segunda-feira à noite porque a Jane estava novamente muito relaxada — isto é, eu pensava que essa era a razão, mas falaremos disso mais adiante. “Quando me sento no sofá e relaxo depois do jantar, não me apetece fazer nada”, disse ela. “Nem sequer me apetece fazer uma sessão esta noite. Não o sinto por perto de todo.” Tinha-me chamado às 20h45. Continuava no seu lugar habitual no sofá e, seguindo uma sugestão que fiz no outro dia, decidi tentar fazer a sessão a partir dessa posição. Isso permitir-lhe-ia recostar-se, “tirando a pressão do meu rabo”, riu-se. “Mas não sei como vai correr.”

(O resultado foi eu sentar-me na cadeira dela, de frente para ela através da inevitável mesa de centro. Ela não sabia se devia sentar-se direita ou recostar-se: “Já me parece estranho e ainda nem comecei. Por isso estou à espera.”

(Na verdade, soube enquanto falávamos, a Jane tinha-me chamado para uma sessão na segunda-feira à noite, mas eu não a ouvi. Tomei por certo que preferia descansar em vez disso. Mas ela disse que, quando eu não respondi, decidi deixar a sessão ir.)

(Ver as experiências anexas da Jane, de 13 e 16 de março. Mostrei-lhas para refrescar a memória. Tal como as experiências anteriores, foram excelentes e bastante certas, tendo em conta as suas dificuldades. Era fácil perdê-las de vista, infelizmente. “Também me esqueci completamente das tuas perguntas”, disse ela. Eu também, na maioria. E não tenho acrescentado nada a essa lista há muito tempo. Uma coisa que me inibiu foi estar consciente, claro, do contexto ou tom predominantemente negativo de toda a ideia da lista. É uma atitude contraditória, claro, já que estas sessões privadas são um esforço para aprender algo sobre as nossas dificuldades — não um exercício de congratulação pessoal.

(Às 21h12 a Jane lembrou-me que tinha dormido muito melhor recentemente. “E os meus braços estão definitivamente mais longos, e vão mais para os lados, e acho que as minhas pernas também estão melhores — não ficam tão levantadas por baixo dos cobertores quando me deito de costas.”

(Como o Seth menciona tais episódios esta noite, anoto aqui também que, ultimamente, a Jane tem tido vários sonhos envolvendo programas de televisão que temos visto — séries como Dallas, telefilmes, etc. Agora, enquanto se preparava para o Seth surgir, sentou-se direita no sofá. Então:)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: temos tido um grupo de sessões bastante concentrado, e é perfeitamente natural que o Ruburt queira fazer uma pausa como fez, para poder assimilar o material.

Ele está a ter a sessão desta noite pelo menos em parte por senso de responsabilidade — porque acha que deve, e porque acha que tu achas que ele deve. Ele tem de, ou deveria, sentir-se livre para ter as sessões — para ter as sessões.

Ele tem usado os materiais da vossa cultura — os programas de televisão e por aí fora — com excelente proveito no estado de sonho e de outras formas, de modo que mensagens da sua própria psique surgem. Os programas de TV tornam-se como sonhos e, de facto, aparecem reescritos no estado de sonho também, à medida que a psique agarra diferentes tipos de veículos para a sua própria expressão terapêutica.

O sonho da Máfia (*de 16 de março*), baseado na série de gangsters, por exemplo, serviu para trazer à consciência não apenas a informação, mas os sentimentos do Ruburt acerca do papel dominante do masculino na vossa cultura atual. São os sentimentos que são tão importantes. Não devem ser afastados ou tratados como enteados, mas compreendidos com compaixão.

Assim (*sublinhado*) podem transformar-se noutra coisa. O mesmo se aplica aos sentimentos do Ruburt na área religiosa. Não há necessidade de dizer: “Que maneira ridícula de sentir” — não uma tentativa de deserdar os sentimentos, mas de os aceitar como próprios e, com compaixão, explicar as circunstâncias atenuantes e o novo conhecimento que alteram as circunstâncias iniciais que estimularam os sentimentos ao princípio.

As nossas sessões tardias ajudaram a suscitar vários sonhos importantes que mencionei, e também ativaram outras camadas terapêuticas, de modo que diferentes tipos de mensagens foram recebidas enquanto o Ruburt estava no sono ou no estado de sonho.

(Nesse momento a Jane começou a recostar-se no sofá; parecia estar muito mais confortável.)

Nessa medida, ele prosseguiu as sessões, usando-as para bom fim. A pessoa natural é, claro, a sonhadora natural, e é por isso tanto mais infeliz que a psicologia tenha conseguido divorciar o mundo do sonhar da psicologia saudável natural. Na pessoa natural, os sonhos servem sempre uma função de equilíbrio, conduzindo à autoconhecimento, cultivo pessoal, ajuda própria.

Esse processo foi reforçado, no que toca ao Ruburt, mais uma vez. O poema de Stonehenge *(que a Jane começou a escrever no início de março, quando recebemos um postal inglês do Michael Lorimer)* é, de certo modo, um caso em questão, pois mostra o reacordar de um certo tipo de atividade criativa e psíquica. O mesmo acontece com o relaxamento corporal, contudo, e essa redução constante da tensão está destinada a trazer bons resultados à medida que ele aprende a confiar mais em si.

(Um bom ponto. Disse à Jane, quando lhe li a sessão a partir das minhas notas esta manhã, que é daquelas coisas óbvias fáceis de passar por alto: o relaxamento constante da Jane está destinado a ajudar...)

Ele está a começar a identificar-se melhor com o corpo — um ponto muito importante. Quero dar-vos toda a informação pertinente de que necessitais. Quero também, no entanto, ver que os ritmos do próprio Ruburt são respeitados, para que não haja uma concentração exacerbada de novas preocupações ou inquietações. Estamos embarcados numa jornada de expressão; parte dessa expressão envolverá, necessariamente, sentimentos que têm sido inibidos, de natureza stressante.

O problema não está nos sentimentos, mas no facto de não terem sido anteriormente expressos ou aceites. Há outras inspirações reprimidas e intuições criativas que também virão à dianteira. Infelizmente, é incrivelmente difícil descrever verbalmente as ligações entre o estado de sonho, a saúde, os estímulos culturais e a forma como tudo isto é articulado na inter-relação do corpo e da mente — mas as notas do Ruburt sobre os seus sonhos e outras experiências, por serem específicas, podem oferecer excelentes pistas.

O teu próprio interesse em sementes *(de flores)* neste momento apresenta-te um excelente exemplo da inclinação da pessoa natural para procurar nova estimulação e aliar-se, ainda que inocentemente, a essas forças de criatividade natural. O interesse exterior, as manipulações físicas,

representam também e refletem manipulações interiores com o crescimento psíquico, e servem como símbolos de uma abordagem psicológica unificada.

Há outros episódios de sonhos que o Ruburt esqueceu, e ajuda que recebeu, que não precisa de se tornar consciente. Tudo o que é necessário, principalmente, é confiança nesses processos de cura, e particularmente no relaxamento do corpo.

As terapêuticas naturais funcionam sempre, claro, mas na vossa sociedade, pelo menos, existe uma pressão considerável do outro lado, pois é a pessoa natural que vos ensinam a não confiar.

(Pausa.)

A inversão, claro, nunca pode tornar-se total, mas a ciência e a ciência médica em particular — quase conseguiram divorciar o homem do seu sentimento natural de confiança nas suas próprias capacidades, de tal forma que parece, por exemplo, que a ciência médica per se sabe mais sobre o corpo de um indivíduo do que o próprio indivíduo. *(Pausa.)* Isto deve-se à projeção da ideia de mecanismos corporais, per se, em oposição ao funcionamento corporal espontâneo interior.

Poucas pessoas, então, têm experiência com essas inter-relações que ligam sonhos, acontecimentos diários e saúde física.

Recomendo novamente que o Ruburt não se esqueça de consultar a biblioteca, de fazer alguma pesquisa energética sobre si mesmo e, de qualquer forma possível, tentar incentivar um ambiente em que esteja “menos cauteloso”.

(Pausa.) Quero também sublinhar o facto de que toda a área psíquica de expressão pertence à pessoa natural. Não é uma adição esotérica. O homem, por exemplo, já manifestava atividade psíquica natural muito antes do nascimento da ciência — e, aliás, antes do início da religião formal.

Existe, portanto, uma grande ligação entre criatividade — a poesia em particular —, os sonhos e a exploração psíquica. Se alguma coisa, estes fornecem à humanidade uma grande e rica estrutura de atividade psicológica da qual emergem todos os elementos culturais, religiosos ou científicos posteriores. Portanto, lembra ao Ruburt que a sua atividade psíquica representa uma parte fundamental da sua natureza — e da natureza humana.

(Longa pausa.) Toda a dinâmica da civilização está, em grande medida, diretamente relacionada com a experiência psíquica individual e

coletiva do homem, e ele recebe sempre informação nova dessas fontes interiores. Caso contrário, os seus dilemas físicos, individuais e mundiais, já teriam terminado em catástrofe certa há séculos.

(*Pausa.*) O nosso material era precisamente do tipo que ameaçaria diretamente as velhas crenças, por isso, nesse sentido, haveria inevitavelmente pontos de conflito. O Ruburt enfrentá-los-ia de forma bastante direta, já que, afinal, ele não era uma pessoa hipotética a ler os nossos livros, mas sim a pessoa responsável por os transmitir. De certa forma, no entanto, o material devolve-lhe um conhecimento interior natural mas místico da sua infância, antes (*sublinhado*) de o ter revestido com as vestes da igreja, e seria bom que ele se lembrasse disso e talvez tentasse recapturar alguns desses sentimentos muito precoces que conscientemente esqueceu.

Por outras palavras, o desenvolvimento psíquico faz parte do seu crescimento natural (*longa pausa*), uma reafirmação e reestruturação de informação interior que, de uma forma ou de outra, sempre esteve disponível para ele, mas que precisava de encontrar um formato consciente, uma expressão consciente, uma forma de atravessar os hábitos aparentemente opacos de conhecimento do mundo cultural.

Tais garantias e lembretes podem ajudá-lo a ligar-se a sentimentos desse tempo anterior. O sentimento vivo precoce de reencarnação, quando sabia que Roberts não era o seu nome verdadeiro (ainda em criança); o episódio em que observou crianças da escola primária quando ele próprio era apenas um bebé, e soube que já tinha ido à escola antes; os sonhos de voo fora do corpo; e o sentimento de identificação com a natureza, e particularmente com a noite — esses sentimentos aguardavam a sua vindicação, pois não se encaixavam no mundo que lhe diziam então. Ponto final.

Por outras palavras, toda a sequência psíquica só pareceu ser-lhe imposta nos seus trintas. (*Longa pausa.*) Uma reconciliação agora pode ajudar a reavivar esses sentimentos juvenis de apoio e o prazer do conhecimento natural e das características naturais.

(*Longa pausa.*) Estou a tentar ligar presente e passado aqui de uma forma muito importante, para que o Ruburt possa compreender as suas próprias raízes psíquicas, pois são de facto as fundamentais, e essa compreensão é tão importante para o seu desenvolvimento agora como qualquer outro material que eu possa dar. Terminarei então a sessão, a

menos que tenhas uma pergunta que queiras particularmente ver respondida esta noite.

(“Não....” Na verdade eu tinha muitas perguntas, mas decidi renunciar a elas uma vez que o Seth já tinha referido antes que a Jane precisava de tempo para assimilar o material que ele já tinha dado.)

Então desejo-vos uma boa noite *(sorriso)*.

(“Igualmente para ti. Boa noite.”)

(A transmissão da Jane a partir da sua nova posição no sofá tinha sido firme e enfática até que abrandou visivelmente perto do final da sessão. Disse à Jane que tinha sido uma excelente sessão e que ela tinha estado muito bem. Alternou, enquanto estava sentada, entre se endireitar e se recostar.)

NOTAS DA JANE 13 DE MARÇO DE 1981, SEXTA-FEIRA

Na noite passada, na cama, durante toda a noite, intermitentemente, tive a seguinte experiência difícil de explicar mas bem-vinda. Primeiro, depois de adormecer levemente, soube de repente como virar-me de uma forma particular e fácil que não doía quase tanto como de costume. Depois, algum tempo mais tarde, percebi que tinha estado muito confortável, a dormir maravilhosamente, mas agora estava a começar a ficar dorida outra vez — especialmente as ancas e os braços. Então fiquei desorientada, e não conseguia perceber se estava na cama ou na minha cadeira. Percebi que estava na cama, numa posição particular e a fazer certos movimentos que eram autoconflituosos, levando ao desconforto; e que estava nessa posição porque pensava que tinha feito algo de errado que, de alguma forma, exigia essa posição.

A culpa estava envolvida. Quase ao mesmo tempo percebi com toda a clareza que tinha cometido um erro; não tinha feito nada de errado e a posição era desnecessária. E imediatamente o meu desconforto físico desapareceu. Esse mesmo processo — com diferentes posições na cama — aconteceu quatro ou cinco vezes, cada vez com o desconforto a desaparecer quase instantaneamente. *(De manhã estou bastante desconfortável, contudo.)*

A experiência é, no entanto, esperançosa e, juntamente com os meus sonhos recentes, parece indicar que as minhas capacidades psíquicas estão pelo menos a reaquecer outra vez....

O episódio da voz que o Seth mencionou na nossa última sessão foi muito breve, não muito vívido, mas definido. Durante a minha sesta há uns dias, ao despertar, uma voz na minha cabeça estava a dizer.... “Estamos a ir embora agora. Tentámos tirar-te este peso terrível e achamos que conseguimos, embora possas não te aperceber disso ainda...”

Telefonei ontem à Tam, 12 de março; *Manifestações* previsto para daqui a um mês. (*Ainda não vimos as provas de abertura.*)

NOTAS DA JANE 16 DE MARÇO DE 1981

[Eu] estou a escrever duas experiências de sonho, cada uma com alguns elementos de pesadelo, embora não demasiado intensos.

A primeira foi na noite de sábado, 14 de março: tínhamos visto *The Gangster Chronicles* na televisão nessa noite, sobre a Máfia. A experiência pareceu durar toda a noite, intensificando-se gradualmente, sem uma linha dramática de enredo explícita — havia material sobre a Máfia na sua relação com a família e, particularmente, em ligação com as mulheres — este parecia ser o ponto central. Acho que a ideia era que os homens funcionam como uma Máfia, independentemente de ligações a gangsters.... havia muito sobre isto; eu meio que acordava, muito dorida; meio a chorar.... Como me lembro de poucos detalhes, é difícil explicar a qualidade de pesadelo que isto teve. Havia também algum material sobre a minha mãe....

Na noite de domingo dormi muito bem até ao amanhecer. Depois, novamente, entrei num sonho de qualidade de pesadelo, sem enredo. Ou muito pouco. Imaginei as diferentes maneiras como revistas como o *National Enquirer* poderiam enganar alguém para dar uma entrevista, para começar, e virar as pessoas umas contra as outras (a Carol Burnett está a processar esse jornal — a história estava recentemente nas notícias).

Daí, algumas coisas selvagens que não fazem sentido, com coisas estranhas a acontecer à minha almofada da cadeira enquanto eu me sentava nela.... não tenho a certeza, mas a ideia era de que coisas desagradáveis imprevisíveis podiam acontecer, suponho que para “te deitar abaixo do rabo”. Novamente fiquei muito dorida depois de uma noite bastante confortável — meio acordada a chorar enquanto diferentes coisas aconteciam que já esqueci....

Então, tudo o que retiro disto, suponho, são sentimentos libertados de que o mundo é, no melhor dos casos, imprevisível e pode magoar-te a qualquer momento. Eu também meio que sabia que todo o episódio estava exagerado.... a ideia era trazer os sentimentos à frente da minha mente.... O episódio lembrou-me de um incidente quando eu era criança, na aula de ciências, no primeiro ano do liceu. Outro miúdo puxou a minha cadeira para trás quando me ia sentar, e caí no chão em vez disso. Era a mesma aula em que defendi a posição da Igreja contra a evolução, para desgosto do meu professor....

SESSÃO APAGADA

25 DE MARÇO DE 1981

(A Jane disse que primeiro me chamou para a sessão às 20h20, mas eu estava a trabalhar no armário do estúdio e não a ouvi. Ela chamou de novo às 20h40. Já eram 21h00 quando me acomodei e ela ainda não sentia “a presença dele” — significando o Seth, claro. Acrescentou que estava a fazer a sessão porque supunha que devia.

(Não houve sessão na última segunda-feira à noite porque a Jane estava tão relaxada, tal como agora. As mudanças físicas dela continuam, com algumas boas notícias sobre melhorias nas pernas, relatadas por Frank Longwell depois de um exame. O mesmo acontece com a sua vida ativa de sonhos-experiências, muitas vezes ainda baseadas em programas de televisão. A Jane teve um episódio de sonho “assustador” na noite passada, que foi bastante desagradável, disse ela, e envolveu ver-se a si própria em diferentes quadros temporais e três programas ou filmes de TV ao mesmo tempo. Agora já não sabe dizer porque é que o episódio tinha sido tão assustador.

(A Jane tinha relido a minha lista de perguntas para o Seth, baseada neste último grupo de sessões, e a que se referia frequentemente. Depois do jantar falámos das perguntas 2 e 13, as mesmas que pedíamos que o Seth discutisse noutra sessão privada recente; ele ainda não o tinha feito, contudo. E, claro, o seu material ao longo destas sessões não pode deixar de tocar em vários aspetos relacionados com essas perguntas. Portanto, partindo desse princípio, as perguntas estão a ser discutidas o tempo todo.)

Ora bem.

(“Boa noite.”)

Eu disse-vos que nascem no vosso tempo sabendo de antemão os problemas, desafios e potenciais desenvolvimentos que são possíveis.

Isto aplica-se a todos, claro. Todos vós tendes uma participação na formação dos acontecimentos mundiais. Essas conexões são trabalhadas em todos os níveis da realidade, no estado de vigília através dos vossos dispositivos de comunicação e da vossa cultura, e através da arena muito mais complexa da cultura dos sonhos. Os vossos sonhos são vossos, mas interagem com os dos outros, e os sonhos dos outros são questões de fundo nos vossos próprios encontros oníricos.

Os sintomas do Ruburt não são o seu desafio desta vez, como perguntaste (*na pergunta 13*), mas as conotações filosóficas por trás das suas dificuldades certamente envolvem os seus desafios desta vez.

De uma forma ou de outra, cada pessoa espelha a experiência do mundo, ao mesmo tempo que acrescenta a essa experiência de forma original, imprimindo a realidade como nenhum outro indivíduo poderia. É verdade dizer que a realidade, tal como a compreendem, muda à medida que cada indivíduo muda. Os vossos pensamentos, portanto, mudam o mundo, quer ajam de acordo com eles ou não, eles têm o seu efeito.

As dificuldades do Ruburt baseiam-se em certos dilemas filosóficos, que lhe são pessoais — dilemas, contudo, que também pertencem ao vosso tempo, e que são, portanto, em grande parte responsáveis pelas dificuldades no vosso período histórico. Até certo ponto, mais uma vez, todo o episódio é um esforço em que todos os filhos têm os seus papéis a desempenhar.

As questões envolvidas afetam, por exemplo, a mobilidade pessoal do Ruburt. Estão também ligadas a questões sociais muito maiores, como os usos a que será posta a vossa tecnologia nuclear.

Foram ensinados durante séculos, de uma forma ou de outra, que a repressão, em termos gerais, era no fim de contas um requisito natural, bom, social e moral, que a expressão era perigosa e devia ser contida e canalizada — porque se acreditava profundamente que as capacidades naturais do homem o levavam a comportamentos destrutivos em vez de positivos.

A energia era temida, a expressão suspeita, a não ser que fosse dirigida e temperada em moldes convencionais. Ao longo de todas as religiões e filosofias do homem essa linha de pensamento foi a mais proeminente; aqueles que tinham mais energia sofriam mais com isso, claro. Se não acreditassem que a energia era mais naturalmente perigosa do

que benéfica, não teriam quaisquer dificuldades relativamente a questões como as bombas nucleares.

Em vez disso, a vossa criatividade natural e as vossas energias naturais já vos teriam levado naturalmente (*sublinhado*) a um uso mais produtivo da força nuclear, a formas de tornar tal uso inofensivo a curto e a longo prazo, para que pudesse ocupar o seu lugar numa tecnologia amorosa. Vocês tomam o contrário como garantido, claro, e consideram a energia psicológica nos mesmos termos.

O Ruburt tentou, como disse antes, usar as suas capacidades sendo muito cauteloso. Tentou expressar essas capacidades sentindo que precisava de todo o tipo de salvaguardas, tanto porque em parte partilhava a crença de que a energia era perigosa, como porque também temia que outras pessoas reagissem a ele dessa forma.

Vocês estão vivos para expressar a força vital individual que é a fonte do vosso ser. Foram ensinados, no entanto, a não confiar nessa energia e, de uma forma ou de outra, os vossos programas sociais e os vossos próprios governos baseiam-se na proposição de que o homem deve ser protegido da sua própria natureza — uma natureza vista, na melhor das hipóteses, como desagradável.

Nos vossos tempos, os problemas individuais de massas de pessoas estão ligados a tais questões e, à medida que trabalham para as suas próprias soluções, então, de certa forma, ajudam a resolver problemas ao nível da ação mundial. Tens toda a razão: o Ruburt passou muitos anos a “construir as suas defesas”. Determinado a usar as suas capacidades, mas também determinado a proteger-se, e de (pausa) qualquer perigo que essas capacidades pudessem, por si só, acarretar.

Uma das principais questões é o reconhecimento do facto de que a energia é boa, que a sua expressão deve ser naturalmente incentivada, e que, através de tal incentivo, cada indivíduo realiza melhor a sua vida e contribui também para o desenvolvimento e compreensão da espécie.

O vosso país, apesar de todos os seus erros óbvios, continua a ser aquele em que tais questões podem ser melhor trabalhadas, tanto filosófica como praticamente. Agora, nas vidas de ambos, conseguiram expressar capacidades criativas de forma vantajosa, tirar partido delas não apenas em períodos isolados das vossas vidas, ou de forma parcial, mas de tal modo que vos forneceram estruturas contínuas de autodescoberta e criatividade

— por isso, quando estiverem a contar realizações, lembrem-se disso (*em referência à pergunta 2*).

Existem saltos qualitativos que são impossíveis de atravessar apenas com o intelecto, que separam, digamos, tentativas bem-intencionadas, razoavelmente adequadas, de realização artística, de obras que são em si mesmas exposições naturalmente artísticas. Uma vida inteira de esforço concentrado e preocupação intelectual, por exemplo, não transformará um mau poeta num bom poeta. As técnicas podem melhorar, o trabalho pode tornar-se mais polido, mas o que importa é a qualidade da própria poesia.

Ambos puderam contar com essa qualidade.

Ela forneceu-vos uma estrutura suplementar através da qual ver a realidade. Agora, a vossa é, digamos, a poesia da pintura. Agora, na área filosófica que estamos a discutir, estão também a lidar com saltos imaginativos, com disposições de mente e espírito que são tão raras quanto a verdadeira capacidade artística. Nessa área, pede-se-vos que unais percepções filosóficas ao lado prático e quotidiano da vida. Pede-se-vos que façais florescer, de forma prática, essas subtis compreensões — uma tarefa considerável, e duplamente assim quando as questões filosóficas envolvidas vão contra o grão estabelecido do conhecimento historicamente aceite.

(*Pausa.*) De uma forma ou de outra, o Ruburt sempre compreendeu que as suas inclinações naturais o conduziam nessas direções. É fácil dizer que ele exagerou nas suas defesas. (*Pausa.*) No entanto, essas defesas também serviram, até certo ponto (*sublinhado*), como parte de um processo maior de aprendizagem, e como uma forma de conter conhecimentos que ele queria e sentia que necessitava.

Quais eram exatamente os mecanismos de tais sistemas de defesa, tal como os indivíduos os usavam? As nações usam-nos da mesma forma. Tudo isto pode ser bastante difícil de explicar. Seria altamente invulgar que o Ruburt tivesse permanecido intocado pelos sistemas de crença do seu tempo — particularmente se tivesse como objetivo mudá-los. (*Pausa.*) Não se trata simplesmente de tentar olhar o mundo de forma diferente, por exemplo, ou de mudar uma realidade hipotética, mas de provocar criativamente alguma versão de uma visão criativa e artística que resulte não apenas em poemas ou pinturas maiores, mas em representações maiores da realidade (tudo muito intensamente).

(*Com um sorriso:*) Quando queres exprimir a escuridão podes pintar a tua tela de preto em vez do teu mágico branco (*à la William Alexander*), de modo a que, então, o uso de cores mais claras sobre ela indique mais claramente a qualidade da luz, pelo menos para os propósitos da pintura. Assim, até certo ponto, a adesão do Ruburt a crenças passadas de natureza “negativa” também foi usada na própria vida dele, surgindo como sintomas que apenas ressaltavam mais a necessidade de luz e a necessidade das maiores compreensões que ele procurava.

Isto não significa que estivesse destinado a fazer tal coisa, que não pudesse ser feito mais facilmente de outras formas, mas é possível ver aí uma correspondência ao olhar para as suas (*sublinhado*) pinturas, e para o uso vívido de cores contrastantes que não são subtis. Esta é, claro, uma das formas de olhar para toda a questão. O mesmo dilema filosófico, novamente, está na base dos vossos acontecimentos de massa. O Ruburt tem usado programas de televisão e tais dados culturais como base para alguns dos seus próprios sonhos. Desta forma, ele vê a sua própria situação pessoal mais claramente — mas também vê a situação mundial, na medida em que reflete o mesmo tipo de questões filosóficas.

De certa forma, têm os vossos locutores de notícias oníricos, claro, só que estes são mais extensos e mais pessoais do que os equivalentes televisivos. Os vossos noticiários de sonho resumem-se à questão de que ações são tomadas pelos indivíduos (*sublinhado*) — e as ações individuais, novamente, são tão influenciadas pelo conhecimento recebido em sonhos quanto pela atividade exterior. O Ruburt tem estado, então, de facto, envolvido em trabalhar os seus dilemas, tanto na sua natureza privada como pública, através do uso de tais técnicas de sonho, dos subsequentes sentimentos despertados durante o dia, e das resoluções e perceções intuitivas que depois ocorrem.

Ele não “abandonou” as sessões dos livros, a propósito, mas suspendeu-as para estas sessões, para vos dar mais tempo, mas estão meramente em suspenso.

Estou a tentar inserir respostas a algumas das vossas perguntas de uma forma que esteja também em sintonia com as necessidades de ambos em cada sessão — por isso despeço-me com um afetuoso boa noite.

(*“Obrigado, Seth. Boa noite.”*)

(*A transmissão da Jane tinha sido surpreendentemente boa e enfática, considerando o seu estado relaxado. “Só fiz a sessão porque me apetecia*

mesmo não a fazer”, disse ela. Eu disse-lhe que tinha sido uma boa sessão, como sempre.

(Discutimos a referência do Seth na página 85 sobre a Jane reear que outros pudessem realmente considerá-la perigosa por causa das suas capacidades. Ao princípio pensei que fosse uma percepção nova da parte do Seth, mas decidimos que não, que ele já tinha abordado esse terreno noutro material sob vários pontos de vista. Há, no entanto, algo na sua simples afirmação que é intrigante — que outros, para além de a considerarem antirreligiosa, por exemplo, também a poderiam ver como perigosa.)

SESSÃO APAGADA

13 DE ABRIL DE 1981

(Não temos tido sessão há três semanas. Na minha opinião, a nossa situação tem-se deteriorado constantemente. Penso que chegou a um ponto crítico ontem, quando finalmente percebi que, nos últimos dias, a Jane tinha reduzido as suas idas à casa de banho a apenas duas vezes por dia — ao levantar-se e antes de se deitar. A razão dela para isto, quando a questioneei, foi: “dói-me mexer. Mas estou a trabalhar nisso.”

(Eu não compreendi o que havia para “trabalhar” relativamente a ir à sanita, já que era absolutamente essencial que se fizesse. Disse-lhe que, segundo a minha compreensão dessas questões, o seu comportamento poderia levar a envenenamento urémico, ou a desidratação, caso compensasse “aguentar” por períodos tão longos reduzindo a ingestão de líquidos. Acrescentei que a desidratação podia ser tão fatal quanto o envenenamento urémico. Era demasiado óbvio que ela tinha levado a reação aos seus problemas tão longe quanto era possível ir, pelo menos nessa direção.

(Tivemos várias das nossas famosas discussões desde a última sessão de 25 de março. Sinto-me apanhado em contradições, porque se as novas sensações da Jane nas ancas e nas pernas são sinais de nova atividade muscular, como ela pensa, e como o Frank Longwell concorda, isso são boas notícias; mas essas mesmas sensações, o seu desconforto físico agudo e prolongado, as suas dores e achaques, fizeram-na tornar-se quase totalmente inativa.

(Conforme escrevi na pergunta 13 há algumas semanas, ela abdicou praticamente de toda a atividade exceto a envolvida em levantar-se e

deitar-se, comer, ir à casa de banho de forma muito limitada, e ocupar-se um pouco na sua sala de escrita envidraçada durante uma hora ou assim, ocasionalmente. Conseguiu enviar o seu livro de poesia à Prentice, e agora não está a trabalhar em nenhuma escrita. Chegou até a deixar de registar o seu material recente de sonhos, alguns dos quais tinham sido excelentes, com informações aparentemente precognitivas de natureza positiva.

(Ela passa grande parte do seu tempo de vigília no sofá a ver televisão, ou a dormir parte do dia.

(Um comentário que fez ontem provavelmente ajudou a cristalizar a minha nova determinação de fazer algo acerca do que parecia ser uma situação em franca erosão: disse que o Tam lhe tinha dito recentemente que Manifestações em Massa deveria ser publicado no dia 13 — hoje — e O Deus da Jane no início de maio. Estes dois livros são, penso que concordamos, os mais recentes gatilhos a que ela reagiu de forma negativa, por isso, ontem percebi subitamente que a Jane devia estar a reagir, no presente, à iminente publicação dessas duas obras. Pareceu-me óbvio. Eu sabia que estavam para sair em breve, mas falhei na minha própria consciência de que a publicação poderia — iria — causar-lhe problemas adicionais; a minha opinião baseava-se no seu documento de dezembro passado, no qual escreveu que, desde o início, tinha-se preocupado com a receção que Manifestações em Massa teria por parte de vários elementos do público.

(Ainda penso que esse documento é muito revelador, pois contém várias pistas importantes que devíamos ter sempre em mente, mas muitas vezes não temos. Entre elas está o medo da Jane em relação à natureza controversa do material médico do Seth, que levou a Prentice-Hall a colocar o odiado aviso de isenção de responsabilidade.)

(Várias vezes, nas últimas semanas, disse que gostaria que tivéssemos retirado Manifestações em Massa da publicação, usando a controvérsia do aviso de isenção de responsabilidade como desculpa pronta. A ideia era que isso, pelo menos, libertaria a Jane de preocupações nesse aspeto. No entanto, a trabalhar com o pêndulo no quarto à 00h30 da noite passada, ela disse que ainda queria que o livro fosse publicado — e aí residia pelo menos uma fonte de muitos problemas, pensei e disse.

(A sessão com o pêndulo não foi um sucesso, na minha opinião. Não achei que a Jane tivesse feito perguntas suficientemente específicas, que de algum modo estivesse relutante ou incapaz de o fazer — até que parecia

estar um pouco desconfortável ao usá-lo. Ela estava perturbada, claro, e eu também. Fui para a cama muito infeliz com a nossa situação — e suponho que esse sentimento ajudou a levar-me ao grupo de declarações abaixo, na manhã seguinte, e a esta sessão.

(A Jane não dormiu muito bem, por isso não a chamei de manhã. Em vez disso, depois do pequeno-almoço escrevi a minha lista de pontos para discutir com ela. Vi-os como uma alteração significativa — pelo menos potencialmente — nas nossas vidas. Mas depois pensei: dada a nossa situação atual, as nossas vidas iam mudar de qualquer maneira, e talvez drasticamente; o facto de ela não ir à sanita de forma adequada não era um bom sinal.

(A Jane levantou-se por volta das 10h30. Uma hora depois iniciei a nossa pequena discussão. Li-lhe e expliquei-lhe cada um dos pontos da minha lista:)

Vamos ter sessões todas as noites, ou pelo menos várias vezes por semana, numa tentativa desesperada de chegar ao fundo do problema.

Ela deve telefonar ao Tam para confirmar que os dois livros em questão vão ser publicados como esperado. Especialmente importante aqui era Manifestações em Massa, que considero o principal gatilho do momento.

Ela deve começar a ir à sanita pelo menos quatro vezes por dia.

Ela deve começar a dar pelo menos um passo por dia com a ajuda da mesa de escrever.

O número de sessões de “choque” realizadas dependerá do progresso obtido, da ajuda que o Seth puder oferecer. Planeio tentar compreender objetivamente quaisquer efeitos benéficos que haja. Não penso que tais sessões se prolonguem indefinidamente — talvez três semanas ou um mês, no máximo.

O próximo passo será procurar ajuda médica — nomeadamente, ir a um hospital para fazer exames, terapia, diagnóstico, medicação, o que for. Planeio perguntar ao Paul O'Neill como conseguir que ela seja internada, ou pelo menos examinada. Ou irei eu próprio a um hospital e pedirei para falar com alguém. A ideia não é que uma estadia no hospital produza uma cura milagrosa — embora eu ficasse encantado se o fizesse — mas que alguma ajuda ou alívio dos sintomas da Jane pudesse eventualmente ser alcançado através de terapia ou o que quer que fosse. A minha opinião pessoal no momento é que devíamos ter dado este passo há muito tempo. É

interessante especular sobre porque é que eu concordei com a teimosa recusa da Jane em procurar ajuda médica estabelecida.

(A Jane não reagiu tanto ao ponto 6 como pensei que reagiria. A última vez que lhe sugeri que considerasse procurar ajuda médica foi no Natal, quando lhe pedi para pensar no assunto e me dar a sua resposta. Mas não ouvi uma palavra dela sobre o assunto.

(A Jane teve vários sonhos vívidos desde a última sessão; foram do tipo descrito em recentes sessões privadas — combinações de acontecimentos e personagens de pesadelo, juntamente com lampejos de percepção sobre as causas dos sintomas, e visões dela própria a andar normalmente, etc. Mas escreveu muito pouco sobre eles. No entanto, foram valiosos ao mostrar que ela ainda está a enfrentar medos previamente enterrados. Continuamos a esperar que desempenhem um papel importante em permitir-lhe obter maior libertação física. Mas, neste momento, parece que tudo é difícil, ou pior, especialmente quando me preocupo com o longo caminho que ela ainda tem de percorrer só para conseguir que as pernas se endireitem, pelo menos parcialmente. Disse-lhe que sentia que um momento de decisão estava muito próximo.)

(A Jane sentou-se no sofá, na sua posição habitual para a sessão, e eu sentei-me de frente para ela, do outro lado da mesa de café, usando a sua própria cadeira. Ela falou devagar grande parte do tempo, e muitas vezes sentada rigidamente ereta.)

Bem—

(“Boa noite.”)

—começaremos breve e suavemente.

Os sentimentos de mobilidade física do Ruburt estão, em certa medida, ligados aos seus sentimentos de mobilidade criativa — isto é, as conexões são fortes.

No que toca a dilemas, ele sente um em relação à Prentice, já que vê a Prentice como um veículo (*sublinhado*) que leva o seu trabalho para o domínio público, e sente que esse veículo está, no melhor dos casos, presentemente parado, enquanto nenhum outro se encontra de imediato à vista, de forma prática.

Tanto a mudança na posição do Tam como as mudanças que ocorrem na editora contribuíram, juntamente com as vossas próprias fortes insatisfações com a Prentice desde o início. Criativamente, apenas nesse nível, ele também se sente parado, já que não sabe se deve ou não continuar

com o meu livro, ou se deve ou não começar um dos seus próprios — por isso têm uma mobilidade parada, sem decisões particularmente claras a serem tomadas.

(Assim que terminei de lhe ler a minha lista de pontos, esta manhã, a Jane telefonou ao Tam sobre a publicação de Manifestações em Massa. Ele disse-lhe que o livro ainda não tinha chegado ao escritório, mas que o esperava, e que iria verificar se estava dentro do calendário. Depois enviaria a habitual primeira cópia.)

Nesse tipo de período, ele está mais propenso a sentir-se insatisfeito, a remoer sobre a sua condição física e, por conseguinte, a agravar os sintomas. Estes são, no entanto, a imagem exterior da interior — avançar ou recuar. Avançar em que direção? Em vez disso, a situação é de estagnação.

Em pano de fundo, está, claro, a sua reação aos dois livros. Parte desse material já dei. *(Longa pausa.)* Parte é difícil de explicar claramente, porque o Ruburt quis assegurar-se da validade das sessões desde o início e, devido a outro material dado no passado, não aceitou totalmente as sessões nem as suas próprias capacidades psíquicas como parte integrante da sua personalidade — já que apareceram relativamente tarde na vida, onde a poesia, por exemplo, sempre tinha sido mais ou menos evidente.

Ele sentiu um forte compromisso com a poesia e a escrita. Não conseguiu, cedo, aceitar a ideia de ter uma missão na vida fora da simples missão de escrever, que sempre o impulsionou. Examinou as sessões exaustivamente durante anos, não sentindo o mesmo tipo de autoconfiança que sentia, percebes, com a sua “própria” escrita.

A sua própria escrita, no entanto, passou pelas suas próprias transformações, e de facto começou essas traduções anos antes das sessões, de modo que, por exemplo, até a ficção científica já não podia conter ou camuflar a estrutura intuitiva maior que ele estava a desenvolver.

(Longa pausa.) Já observei antes que parte do problema reside nas discrepâncias de crescimento. Hoje falaste de alguns artistas que pintam pinturas de fórmula. Para o Ruburt, tentar publicar romances comuns, por exemplo, não resultaria: ele já ultrapassou as fórmulas. Ao mesmo tempo, por muitas razões, tem havido dificuldade em aceitar os padrões naturais do seu próprio crescimento individualista — e isso deve-se, em parte, ao facto de não haver categorias arrumadinhas nas quais parecessem naturalmente

encaixar-se. Assim, ao procurar novos caminhos, pessoal e criativamente, o Ruburt sentiu-se em terreno inseguro.

Essa insegurança tem-no impedido, em grande medida, de usar plenamente as suas próprias capacidades em seu próprio benefício (*intensamente*). Ele é dotado precisamente do tipo de capacidades que podem resolver todos os seus problemas. Os medos, no entanto, impediram-no de confiar plenamente ou de tentar de forma consistente tais caminhos — não apenas os medos, mas também os conjuntos de crenças do passado, tanto da parte dele como da tua, com os seus infelizes padrões de comportamento e respostas condicionadas. Por vezes, é difícil para mim traduzir o que sei sobre a situação em termos que possam aceitar conjuntamente, devido ao peso dessas crenças e ao comportamento e condicionamento habituais que as acompanham.

Estou ciente da natureza premente das vossas preocupações e da nitidez do quadro físico tal como o percebem — no entanto devo continuar (*quase com um sorriso*) a sustentar os seguintes pontos: uma concentração sobre um problema aprofunda-o. Uma busca excessivamente intensa pelo que está errado é debilitante — particularmente quando acabam por procurar acontecimentos como bodes expiatórios em vez das crenças com as quais certos acontecimentos são percebidos.

Os vossos sentimentos neste momento de que o Ruburt está à beira de ficar acamado são — principalmente agora — o resultado de condicionamento negativo — parecem muito realistas. Certamente que a evidência parece (*sublinhado*) dar a esses sentimentos pelo menos algum suporte. São o resultado final de uma recente concentração sobre o problema. E, neste caso, ambos caíram sob a sua influência ao mesmo tempo.

Tudo isto vos envolve no detalhe privado de lidar com os modos de pensar e raciocinar que são tão característicos na vossa sociedade e no vosso tempo. Em certas áreas em que os contrastes na direção oposta são tão marcantes, vocês escaparam em grande parte a esse comportamento condicionado. Escaparam porque aprenderam e cresceram mais facilmente nessas direções — ou aplicaram, consciente e inconscientemente, novos conceitos a essas outras áreas.

(“Como que áreas?”, perguntei ao Seth. Quando ele me fixou o olhar, repeti a pergunta de forma bastante insistente.)

(Praticamente a rir:) Estava pronto para te dizer. Essas áreas incluem a psíquica, a criativa, a financeira e a mental. Ou seja, há áreas das vossas vidas que funcionam de forma bastante harmoniosa, ainda que de certo modo quase fora da vossa direção consciente. O que quero dizer é que essas áreas vos trazem recompensas muito frutuosas, de tal forma que até certo ponto as tomam por garantidas, sem estarem conscientes das manipulações que ocorrem para as concretizar.

(Este foi um dos momentos em que me apeteceu interromper o Seth para protestar que eu — e a Jane também, acredito — não damos tais benefícios por garantidos. Tento estar grato todos os dias pelo que temos, embora saiba que os mecanismos que nos proporcionam esses benefícios podem operar largamente a níveis inconscientes.)

As vossas mentes habituam-se, por exemplo, a um nível muito elevado de pensamento conceptual. *(Pausa.)* O dinheiro chega-vos em quantidades confortáveis. *(Longa pausa.)* Criativamente, lidam com acontecimentos e episódios que, em contraste com a vida da maioria das pessoas, são muito notáveis. Nessas áreas, ultrapassaram em grande medida o condicionamento negativo da sociedade.

A situação física do Ruburt, portanto, parece ainda mais evidente à luz de tais contrastes. Na área dos sintomas, comparativamente falando, ainda ficaram mais ou menos dentro do mesmo quadro de comportamento, relativamente falando, que outros da vossa sociedade, pelo menos em muitos aspetos.

Mesmo aí aprenderam, claro, e o conhecimento do Ruburt e o vosso ajudou-vos a ambos na saúde de muitas maneiras — mas não usaram as vossas capacidades nessa direção da mesma forma que noutras, e na tentativa mais recente de o ajudar a libertar-se (mais profundamente), espero orientar-vos nessas direções.

Trataremos das crenças do Ruburt, claro, do psiquismo e dos livros, e da outra mobília da mente que parece tão óbvia, mas espero ensinar-vos a transformar essas questões noutra coisa. Não quero falar de grandes missões, mas também é verdade que, de certa forma, a vida de cada criatura é uma missão, com todas as suas características e capacidades singularmente adequadas.

As capacidades do Ruburt trazem consigo todo o apoio, proteção e força de que ele precisa para as usar livre e criativamente, mas ele não percebeu que era assim. Essa frase deve ser completamente sublinhada.

(*Pausa.*) Estão condicionados a comportar-se de certas formas em tempos de stress, por isso é precisamente em tais períodos que as velhas crenças muitas vezes parecem emergir com força renovada. Tratarei das situações envolvidas, mas tentarei também suscitar o uso criativo das vossas próprias capacidades psíquicas e mentais, para que possam ser dirigidas especificamente para resolver tais questões — e estou, claro, disposto a realizar sessões diárias a vosso pedido.

Isso é suficiente para o início desta noite—

(*“Posso fazer uma pergunta?”*)

Podes.

(*As minhas perguntas são paráfrases das que realmente fiz ao Seth, já que não tive tempo de as escrever devido ao seu comprimento durante a sessão. Mas grande parte da formulação é quase literal, uma vez que fiz anotações depois da sessão, além de as recordar claramente.*)

(*“Porque é que ele respondeu ao seu sentimento — como disseste?”* perguntei enquanto procurava nas páginas anteriores da sessão, que tinha atirado para o chão ao lado da cadeira — *“de estar estagnado, desistindo ainda mais da sua mobilidade física agora? Estou terrivelmente preocupado com tudo isto. Não entendo porque é que ele não consegue andar dentro da própria casa, pelo menos, onde é seguro. Toda a questão tornou-se muito ameaçadora.”*)

A resposta mais próxima que te posso dar, penso, ficou clara na sessão de hoje, mas para a clarificar mais: (Longa pausa.) Ele acreditava que o seu movimento estava bloqueado, essa crença foi expressa fisicamente. Foi para trazer a situação à tona, tal como os sentimentos de pânico também serviram para o tornar conscientemente ciente da dificuldade — uma dificuldade que, basicamente, tem a ver com movimento psicológico e crescimento.

Este assunto faz parte de um que planeio para uma discussão de uma noite. Antes, os sentimentos de pânico permaneciam em grande parte ocultos, e ele sentia-se até certo ponto estagnado, claro, já há algum tempo, para além dos dois livros em questão.

(*Pausa.*) Tanto a estagnação física recente — como os sonhos e os ocasionais sentimentos de pânico — foram incentivos de certo tipo para lidar com as crenças mais profundas. Essas crenças envolvem a liberdade de se mover e crescer de forma segura e plena até às suas capacidades, dentro do enquadramento da vossa sociedade atual.

(O Seth fez uma pausa, então perguntei: “Mas o que é que ele pensa que está a fazer? Porque levar qualquer coisa a tais extremos? Não estou a pedir uma atuação perfeita, e eu próprio não a conseguiria, mas é um comportamento extremo da parte dele quando não consegue atravessar a maldita sala—”)

Cada personalidade está num estado do seu próprio crescimento e desenvolvimento, e não podes impor quaisquer exigências-padrão a tal processo, por mais tentador que seja fazê-lo.

(“Mas não acho que pedir-lhe que seja capaz de andar seja uma exigência-padrão”, disse eu. “Que bem faz desistir da sua mobilidade física? Deve haver muitas maneiras de chamar a atenção para quaisquer problemas sem fazer isso.”)

(O Seth respondeu pacientemente:)

Estou a dar-te a melhor informação que posso, e seria melhor se lesses a sessão com atenção e a compreendesses antes de formares novas perguntas.

(“Está bem, mas nada do que disse aqui é novo. Tenho tido estas perguntas há anos.”)

Estou ciente disso—

(“Está bem.”)

—e desejo-te uma boa noite.

(“Boa noite.”)

Que o Ruburt faça um pedido simples, e nenhum outro, antes de dormir: que receba experiências de cura terapêutica em todos os níveis da sua existência enquanto dorme, começando esta noite. Fim da sessão.

(“Está bem. Obrigado.”)

(A Jane esteve bem. Estava muito calma quando saiu do transe. Senti que se tinha dado algum tipo de início quando fiz as minhas perguntas e disse o que pensava no fim da sessão. Como já referi, tive vontade de interromper várias vezes enquanto o Seth falava.)

(A Jane lembrou-se da minha conversa com Seth — a troca mais longa que tive com ele em anos. Explicou que, em transe, tinha consciência das minhas perguntas “no fundo da mente”, e de Seth a responder-lhe, e que de certa forma as perguntas atrapalhavam o que Seth tentava dizer; podiam interromper demasiado; eu sabia disso por algumas experiências raras, muito anteriores, durante as sessões, e muitas vezes pensara que, se insistisse demasiado, as perguntas poderiam tirá-la do transe. Mas agora

senti que tínhamos de fazer algo drástico para começar, e que tínhamos conseguido alguma coisa.

(“Temos de obter a informação”, disse eu a Jane, e dei por mim a repetir muito do que tinha dito a Seth; senti novamente a carga emocional por detrás das perguntas. Jane estava muito sombria. “Mas estou a ter dificuldades em lidar com isto,” disse-lhe, “e preciso da tua ajuda. Eu também tenho de conseguir — caso contrário, haverá mudanças drásticas nas nossas vidas.”

(“E o que me deixa transtornado nisto tudo,” disse eu, “é que, se eu não fizesse barulho quanto a isto, nada seria feito. Concordas com isso?”

(“Não sei.” disse Jane calmamente, até sombriamente.

(“Bem, eu sei que tenho razão.” disse eu. “Vi a mesma situação repetir-se muitas vezes no passado e deixei passar, mas agora não podemos fazer isso....” E nem sequer cheguei a mencionar a opção médico-hospitalar a Seth. Disse a Jane que compreendia o que Frank Longwell estava a fazer e apreciava os seus esforços em ajudar, tão generosamente dados. Mas acrescentei que FL poderia massagear-lhe as pernas “até ao fim do mundo”, e faria pouco bem até enfrentarmos as causas básicas por detrás dos sintomas.

(Não admira, pensei, que o meu estômago, as costas e um dente me tivessem incomodado todo o dia.

(Veja-se os sonhos anexos da Jane, de 4, 6 e 12 de Abril. O último tem uma relação distinta com os acontecimentos da manhã de amanhã, terça-feira, dia 14.)

SONHO DA JANE

4 DE ABRIL DE 1981

Sábado à noite. Sonho de cura. Longo, complexo, embora eu tenha perdido muita coisa. Estava a dançar com um homem de meia-idade que tinha uma coxeira ou algo assim. Ao ritmo de música nativa. De qualquer forma, em pouco tempo estou completamente curada. A andar normalmente, encantada, a dizer a R.

Também recordação muito vaga. Sexta, sábado, domingo à noite. Vários sonhos confusos.

SONHO DA JANE

6 DE ABRIL DE 1981

Grande parte da noite, ou assim parece. Corpo muito dorido. Depois a zona da minha anca transforma-se num hotel ou num castelo antigo — como nos filmes de terror. A dor transforma-se nas paredes rochosas que estremecem. Tudo é sensação. Não consigo descrever — “Mau.” Uma voz diz: “Que o teu útero murche e morra!” Uma coisa terrível de se dizer, penso — suficientemente separada para perceber e comentar. Apercebo-me de que são sentimentos da infância. Igreja a um nível muito criativo ou a sensação de usar a capacidade criativa para provocar castigo, doença ou o que quer que seja. E é assim que funciona a chamada “magia negra.” (Também tinha visto recentemente um programa sobre Jack, o Estripador, e penso que as mulheres estavam tão convencidas das suas “maneiras más” a esses níveis que transmitiam a sua necessidade de castigo.) Finalmente desperto — sono intermitente, mas dorida. E ao acordar, muito dorida, sentimentos de pânico (ou quase). No passado não teria permitido que esses sentimentos se expressassem —

NOTAS DA JANE

6 DE ABRIL DE 1981

O Tam telefona! Recebeu bem o livro de poesia e vai lê-lo de imediato! Deixa-me realmente contente. Sai na Primavera de 1982.

NOTAS DA JANE

7 DE ABRIL DE 1981

De vez em quando tenho estado a trabalhar no poema de Stonehenge — hoje passei a limpo 6 novas páginas dele.... Frank L. vem ao meio-dia.

SONHO/NOTAS DA JANE

12 DE ABRIL DE 1981

A 12 de Abril tenho um “sonho” em que um homem está a falar comigo principalmente sobre *Manifestações em Massa*, dizendo que tinha visto uma cópia e que não havia nada sobre a nota de exoneração que me

devesse irritar, que estava tudo bem, e depois mencionando *O Deus da Jane*. Havia também coisas que entretanto esqueci, mas que me fizeram acordar de repente, furiosa; alguma ligação entre os dois livros, além de um monte de sentimentos que me surgiram acerca da nota de exoneração ser como um sinal ou uma declaração de que sou mentirosa ou que o meu trabalho não é verdadeiro, ou como, raios, a letra A de adúltera que costumavam prender às mulheres pecadoras....

NOTAS DA JANE

14 DE ABRIL DE 1981

A 14 de Abril, o Rob decide que realmente temos de fazer alguma coisa para enfrentar as minhas dificuldades, que têm sido mais do que consideráveis ultimamente; sugere que telefone ao Tam para ver quando sai Events; ou se já saiu, visto que a data de chegada era 13 de Abril. Ah, espera; foi nesse mesmo dia, 13, que telefonei. O Tam disse que voltaria a ligar; ainda não tinham chegado livros, mas deviam, pelo que sabia. Depois, a 14 de Abril, a Ethel Waters telefona da Produção, por insistência do Tam, a dizer que, afinal, Events fora adiado até 14 de Maio devido a problemas com a nota de exoneração; por isso sairia no mesmo mês que *O Deus da Jane*.... mas que havia 10.000 encomendas em atraso de Manifestações em Massa, por isso diria que o meu sonho provavelmente me deu essa indicação, de que algo estava retido.

SESSÃO APAGADA

14 DE ABRIL DE 1981

(A Jane dormiu até tarde esta manhã e, depois do pequeno-almoço, li-lhe a sessão da noite anterior. Achámo-la excelente, claro. Agora surpreendeu-me ao dizer que pensava compreender que, se desviasse o foco dos sintomas para o Prentice, por exemplo, ou qualquer outra entidade ou situação “exterior”, poderia melhorar fisicamente ao dar ao corpo a liberdade para tal. Soava a coisas que eu já tinha dito — e Seth também, muitas, muitas vezes; eu pensava que ela já tinha compreendido isso. A ideia é um avanço importante para ela, e um que deve ser alcançado se quiser melhorar fisicamente.

(Nas notas que precediam a última sessão escrevi que Jane devia telefonar ao Tam sobre a data de publicação de Manifestações em Massa e O Deus da Jane. Ela telefonara, e o Tam deveria ligar de volta ontem ou hoje com a informação. A chamada esperada chegou enquanto eu terminava de ler a Jane ao pequeno-almoço — mas não era do Tam: a Ethel Waters pediu desculpa pelo facto de Manifestações em Massa ter sido agora adiado até 19 de Maio, ou possivelmente só até 4 de Maio. Manifestações em Massa e O Deus da Jane estão agora previstos para publicação no mesmo mês. A notícia ligava-se ao sonho perturbador da Jane de 12 de Abril — ver cópia anexa à última sessão; isto torna o sonho precognitivo, pelo menos nalgum sentido.

(A Ethel, aliás, disse à Jane que ela própria também tinha dificuldades em comunicar com o departamento jurídico do Prentice, tal como parece acontecer a toda a gente.

(A princípio ficámos descontentes com o atraso, mas depois começámos a vê-lo provavelmente como uma coisa boa. Pois dava-nos tempo extra para termos estas sessões antes da publicação do livro. Se precisássemos de preparação para quaisquer reações após a publicação, etc.

(Repeti a leitura da sessão de ontem à noite à Jane depois do jantar, já que hoje nem sequer comecei a passá-la a limpo. Pinteí durante uma hora esta manhã enquanto Jane dormia, mas senti um peso peculiar ou moleza a que não estava habituado. Ao meio-dia já tinha dificuldade em manter-me acordado. Uma reação física nervosa — incluindo perturbações de estômago e costas — aos acontecimentos pessoais de ontem, pensei. Jane também sentiu. Fomos para a cama às 14h e dormimos até à hora do jantar, depois de vermos a reentrada e aterragem perfeitas do Columbia, o primeiro vaivém espacial do país.)

(Aquele acontecimento, assim como o lançamento do vaivém espacial na manhã de domingo, tinham sido experiências muito emocionais para mim, algo que até me surpreendeu. “Mas o que me deixa tão furioso,” disse eu à Jane no domingo, “é que a espécie tem a capacidade de realizar algo assim, mas depois faz uma confusão enorme com as coisas cá em casa, no planeta. Tenho a terrível suspeita de que, se tivéssemos naves suficientes, e houvesse um planeta habitável ao alcance, levaríamos para lá membros-chave da espécie, recomençaríamos e tentaríamos deixar todos os nossos problemas para trás, em vez de os resolvermos.

(Por causa do nosso horário alterado, a Jane só tinha ido à casa de banho duas vezes até à hora de jantar, quando eu já tinha imaginado pelo menos três idas a esse lugar para ela até agora. Também não fizemos nada no sentido de tentar dar um passo por dia com a ajuda da mesa de datilografia. Mas disse-lhe antes da sessão que ainda não ia prescindir da lista que fiz ontem, incluindo eventual tratamento hospitalar.

(Continuei a tentar verbalizar um pensamento que me ocorreu depois do jantar, mas não conseguia dizê-lo. “Tem a ver com compreender que é preciso proteger ou encorajar a integridade pessoal antes de mais nada,” disse eu, “mesmo que isso signifique projetar os problemas para uma entidade como o Prentice, a igreja ou o que quer que seja. Embora não possamos realmente culpar essas entidades por fazerem muito mais do que aquilo que nós próprios lhes permitimos fazer....” Mas sabia que estava a tentar aproximar-me de algum tipo de verdade mais profunda, e a Jane também o sabia. Como o Seth diz, cada um de nós cria a sua própria realidade.

(“Sinto-o muito vagamente por perto,” disse a Jane às 21h30, depois de estarmos sentados para a sessão desde as 21h10. Eu tinha estado ocupado com estas notas enquanto esperava. Mais cedo, ela terminara uma pequena natureza-morta a acrílico com flores e fruta.

(“Isto deve ser difícil de transmitir para mim, ou algo assim,” disse a Jane às 21h40, “ou não estaria ainda aqui sentada à espera....” Então:)

Ora bem. Boa noite.

(“Boa noite, Seth.)

Para o Ruburt: não conduzes as pessoas a lado nenhum. Não podes forçá-las a mudar as suas crenças. (Longa pausa.) Nenhum fanático hipnótico conduz qualquer grupo de pessoas para o mau caminho. Cada um faz a sua própria realidade. As pessoas usam os materiais do mundo à medida que entram em contacto com eles, à sua maneira e pelas suas próprias razões. Imaginar que tu ou outra pessoa podem conduzir grandes massas de pessoas para o mau caminho é uma conceção altamente errónea.

Numa aceção mais ampla, por exemplo, a Igreja Católica foi originalmente formada como uma organização psíquica, em níveis psíquicos, por grandes grupos de indivíduos, à medida que a psique de massas formava a base do Cristianismo.

Se acreditas que a tua grande energia pode levar outros ao erro, estás na verdade a dizer que os outros não têm poder próprio. O Ruburt foi

extremamente cauteloso no passado, querendo certificar-se, como já foi mencionado, de que não estava a conduzir outros pelo caminho errado. Ele não sentia o mesmo em relação à sua poesia, que de muitas formas transmite as mesmas mensagens que os nossos livros.

Os livros são diferentes, no entanto, enquanto a poesia traz a marca mais claramente reconhecível da sua identidade assumida, pelo que ele temia que eu pudesse conduzir pessoas ao erro, talvez inadvertidamente, através da energia e do poder das nossas comunicações. Essa preocupação persistiu, independentemente do estatuto que ele me atribuía. A relação, claro, é invulgar: pouquíssimas pessoas têm de lidar com tais questões. O Ruburt descobriu como era basicamente fácil termos as nossas sessões. Mas também como era basicamente fácil os seus livros sobre, digamos, Cézanne e James também, pois criativamente avançava muito depressa.

(Longa pausa.) Ideias de usar grande cautela já estavam com ele antes mesmo das sessões começarem, quando reconheceu a sua própria energia, a facilidade com que podia encontrar pessoas. Como, por exemplo, quando trabalhou como vendedor anos atrás, às vezes reunindo pequenos grupos em esquinas da Flórida. Aprendeu a temer, em certa medida, a sua própria energia — ou melhor, acreditava que tinha de ser muito cauteloso no seu uso. Esses hábitos já estavam lá, de novo, antes das sessões começarem, e têm a sua base nos conceitos da igreja acerca da natureza pecaminosa do eu básico.

A maioria das pessoas funciona num único estado de consciência quase exclusivo. Mesmo a maior parte do trabalho criativo é feito no limiar reconhecido da consciência de vigília normal. O Ruburt foi confrontado — ou confrontou-se — com uma situação em que grandes partes da sua vida criativa surgiam em livros que eram escritos num estado de consciência totalmente diferente. Não admira, então, que sentisse que devia alertar todos os controlos naturais e normais.

(Longa pausa.) Nesse sentido, os seus sintomas desenvolveram-se mais no sentido de exercer cautela do que, por exemplo, procurar proteção. *(Longa pausa.)* É como se alguém, por si próprio, desenvolvesse uma nave espetacular e rapidíssima, e construísse um sistema secundário — um sistema de reserva — que permitisse um grande poder de travagem caso fosse necessário compensar a velocidade da nave.

(Longa pausa.) Ele sentiu que era seu dever examinar o seu material psíquico com força supercrítica, já que parecia vir do outro lado da

consciência, por assim dizer, e já que apresentava uma visão tão diferente de todos os aspetos da realidade. (*Pausa.*) Contudo, os seus sintomas serviram também outros propósitos, como já foi dito muitas vezes. De certa forma, funcionaram como reguladores que, em determinada altura, ele sentia que lhe permitiam viver de modo equilibrado, atenuando a espontaneidade ou a exploração psíquica para que não avançassem depressa demais para ele acompanhar, protegendo-o ao mesmo tempo de outras distrações para que pudesse prosseguir as suas explorações.

Por outras palavras, ele sentia que precisava de uma força de contraponto para a sua própria espontaneidade. Recebeu algumas ideias desse tipo de ti no passado. De certo modo, os sintomas eram quase um método de apresentação que, de outra forma, espelhava completamente as tuas notas (*um ponto excelente*). Nesse sentido, destinavam-se a mostrar que ele era tão razoável, ordeiro, crítico e responsável quanto as tuas notas certamente mostravam que tu eras.

Os sintomas oscilaram, servindo por vezes mais a um propósito do que a outro — mas, no geral, o que tens é uma crença num tipo de poder de travagem com o qual lidar com a atividade espontânea. De novo, essa crença na necessidade de controlo está enraizada nos conceitos anteriores do Eu Pecador (*longa pausa*) — conceitos que vieram à tona em acontecimentos contemporâneos recentes, com a nova atenção dada aos cultos religiosos e religiões. Os acontecimentos atuais podem, portanto, desencadear tais reações. O Ruburt disse a si próprio que tais sentimentos estavam abaixo dele, mas muitas vezes os sentimentos iam para o subterrâneo. Esses sentimentos eram quase incompreensíveis para ti, pelo que era difícil perceberes como podiam sequer ser levados a sério.

Foi em *Manifestações em Massa* e em *O Deus da Jane* que o conceito habitual do Eu Pecador foi mais direta e vigorosamente abordado, e em que o valor dos impulsos individuais foi enfatizado com vigor consistente. O Ruburt tem lidado com esse material desde então. (*Pausa.*) Muitas pessoas da vossa sociedade e de outras estão a lidar precisamente com as mesmas questões, embora em contextos diferentes.

Estais no processo de mudar as vossas definições de vós próprios enquanto criaturas, e cada pessoa está, de uma forma ou de outra, envolvida. A ideia do Eu Pecador constituiu uma grande parte dessa definição durante séculos, trazendo consigo inúmeras dificuldades, naturalmente. À medida que o Ruburt se liberta dessa ideia, como deve e

pode, a necessidade de tal comportamento cauteloso desnecessário dissipar-se-á por si só.

Não é coincidência que tenhas estado relativamente livre desse conceito na sua conotação religiosa tradicional. Trabalhaste isso em grande parte na tua existência de Nebene, e devido às tuas próprias preparações para a vida em que agora estás envolvido.

De novo, a questão não é meramente hipotética, mas uma que afeta diretamente as ações mais privadas das pessoas. Deve ser afastada e claramente reconhecida como não tendo qualquer papel natural a desempenhar, pois é um conceito antinatural, que vai contra a boa intenção de cada um dos indivíduos da natureza, de qualquer espécie que seja.

Se considerares o eu como bom, sentes-te livre para o expressar e às suas capacidades. Algumas das ideias do Ruburt nesse sentido foram fortemente reforçadas tanto pela mãe como pela igreja, e mais tarde, à sua maneira, pelas próprias declarações da ciência.

Como o trabalho do Ruburt o envolvia diretamente no exame do eu e nas áreas desconhecidas da psique, então as suas experiências levaram-no a um conflito com a ideia do Eu Pecador. Um dos principais pontos do seu trabalho, e do meu, é a definição do eu bem-intencionado, naturalmente. O Ruburt temeu, em certa medida, aceitar plenamente esse conceito — por isso não conseguiu utilizá-lo em pleno, na sua crença errada de que devia manter uma postura largamente crítica.

Isso é suficiente por esta noite.

(“Posso fazer só uma pergunta?”)

Podes.

(“Esta manhã a Jane disse que começava a compreender que, se desviasse o foco dos sintomas, para algum lugar fora de si própria, poderia melhorar ao dar ao corpo a liberdade de o fazer. Fiquei surpreendido, porque pensei que ela já tivesse entendido isto.”)

Ele teve tais lampejos brevemente no passado, mas não conseguiu separar-se o suficiente da sua situação física para compreender claramente essa questão.

O material que dei esta noite deve ajudá-lo a ver a razão dos problemas por trás dos sintomas. *(Pausa.)* É humilhante perceber que te consideras um Eu Pecador, potencialmente mau, e confrontar os próprios sentimentos *(intensamente)* — por isso o Ruburt empurrou-os para debaixo da terra.

Em termos pessoais, ele temia que o pai o tivesse abandonado por essa razão, que a mãe não gostasse dele por essa razão, pois cada pessoa interpretará a crença na sua própria vida de acordo com as circunstâncias.

(Voltei a ficar surpreso, e procurei palavras enquanto o Seth esperava em silêncio. “Espera um pouco.... Estás realmente a dizer que ele sente que a mãe e o pai ambos pensavam nele como mau e que agora ele pensa que é mesmo assim tão mau?”)

Ele pensava que era uma pessoa tão má que tinha separado os pais, talvez causado a doença da mãe, talvez a morte da avó — pela qual a mãe de facto o culpou várias vezes — e que a ideia clássica do Eu Pecador foi interpretada dessa forma individualmente na vida pessoal inicial do Ruburt.

A mãe disse-lhe que ele arruinava todos aqueles em quem tocava. Essas experiências foram suficientemente infelizes, mas fizeram parte da vida inicial de alguém que mais tarde se vê envolvido no estudo da própria natureza do eu, pelo que o levaram a acreditar que métodos de forte cautela deviam ser usados. Ponto final.

Se o Ruburt tivesse estado envolvido noutros empreendimentos que exigissem quantidades invulgares de expressão e criatividade, porém, os mesmos métodos de cautela também teriam sido ativados em graus variados.

Não estou a dizer que ele estava destinado a comportar-se assim. As razões prosaicas para as crenças, no entanto, encontram-se no seu passado privado e, até certo ponto, em experiências humilhantes de recordar para um adulto. Em vez disso, o Ruburt diz a si mesmo que devia estar acima de tais sentimentos, ou que simplesmente já não deviam aplicar-se. Não estão destinados a aplicar-se, mas há um vaivém entre o futuro e o passado. Compreender essas questões pode ajudá-lo ainda mais a abandonar toda a construção.

Uma boa pergunta e uma boa noite. *(“Obrigado.”)*

Fiquei contente por ter feito a segunda pergunta em particular — ao início achei difícil acreditar que a Jane pensasse em si própria como má por qualquer razão, pais ou o que fosse. Não que não soubéssemos, a partir de material anterior e das nossas próprias experiências conscientes, que a mãe, em especial, tinha muitas vezes exercido uma pressão pouco saudável sobre a filha — mas fiquei surpreso ao perceber que o Seth estava realmente a dizer que a Jane se tinha considerado má.

(“Esta coisa do Eu Pecador corre o risco de se tornar na causa principal

por trás de toda a questão,” disse eu à Jane. “Imagina expiação, autopunição por coisas aprendidas há mais de 40 anos. Incrível.”

(“Como é que vais lidar com uma sessão por noite?” perguntou a Jane.

(“Precisamos do material?”

(“Sim....”

(“Essa é a tua resposta.”)

SESSÃO APAGADA

15 DE ABRIL DE 1981

(Depois do jantar de hoje, a Jane disse que, pela primeira vez em algum tempo, foi à casa de banho sem um sentimento de pânico. Fez um pouco melhor. Estou agora a terminar de datilografar a sessão de segunda-feira passada, a primeira da nossa nova série, mas já penso que o programa a ajudou.

(Tem estado a dormir de manhã porque eu não a tenho acordado às 6h15, quando me levanto, mas a partir de amanhã ela planeia levantar-se comigo para termos tempo suficiente ao longo do dia para fazermos mais coisas. A Jane ainda não tem ido à casa de banho mais do que três vezes por dia, nem ainda tentámos o ponto 4 da minha lista: dar um passo por dia com a ajuda da mesa de datilografia. Dormiu bem na noite passada. Eu também me sinto melhor depois da exaustão de ontem. O Frank Longwell visitou ao meio-dia.

(Estava tão absorto a datilografar que a Jane teve de me chamar três vezes para a sessão. Finalmente ouvi-a às 20h50. Mais uma vez ficámos sentados à espera, ela no sofá como antes. Mencionei o que o Seth dissera sobre o pai na última sessão, e perguntei-lhe se achava que material sobre a mãe poderia ajudar. Para minha surpresa, a Jane concordou. Mas eu não queria que tal material interrompesse o que quer que o Seth tivesse planeado para esta noite.)

Ora bem:

(“Boa noite.”) Continuação, a propósito do Ruburt e do Eu Pecador.

O Ruburt encontrou grande conforto na igreja enquanto jovem, pois se ela criava nos seus membros a imagem de um Eu Pecador, também, claro, oferecia um sistema constante de tratamento — uma série de rituais que davam ao indivíduo alguma esperança de que o Eu Pecador poderia ser

redimido, como na maior parte da estrutura do Cristianismo através da adesão a determinados segmentos do dogma cristão.

Quando o Ruburt deixou a Igreja, o conceito do Eu Pecador ainda lá estava, mas os métodos que antes serviam para aliviar as suas pressões já não estavam eficazmente presentes. O conceito foi transferido para o Eu falhado de cunho científico.

A ciência não tem sacramentos. Os seus únicos métodos de lidar com tal culpa envolvem a psicoterapia psicanalítica padrão — a qual, por sua vez, aprofunda o dilema, pois a própria terapia assenta na ideia de que o eu interior é um reservatório de impulsos selvagens. Ponto final.

(Longa pausa.) A natureza criativa do Ruburt cedo começou a perceber, pelo menos, que a existência humana continha outras realidades mais profundas. *(Longa pausa.)* Parte disto é difícil de separar. Deixar a igreja, digamos, significava ainda carregar algumas das antigas crenças, mas sem os pensos rápidos que antes ofereciam alguma proteção.

Começou a procurar, na verdade desde a infância, de forma natural, uma estrutura mais ampla que oferecesse uma explicação para a realidade que tivesse pelo menos alguma semelhança com a visão natural da sua melhor poesia. Já disse antes que muitas pessoas criativas, altamente dotadas, morreram jovens de uma forma ou de outra porque os seus grandes dons criativos não encontraram espaço claro onde crescer. Ficaram estranguladas pelas crenças dos tempos culturais.

Nesse sentido, a criatividade do Ruburt continuou a lutar pelo seu próprio crescimento e pela realização do seu valor. O seu reconhecimento ou iniciação psíquica representou um avanço notável, destinado a dar-lhe esse espaço psíquico adicional que garantiria a expansão contínua das capacidades do eu natural. O conceito do Eu Pecador é pessoal para cada um que o sustenta, mas também é projetado para fora, sobre toda a espécie, claro, até que o mundo inteiro pareça manchado.

Na altura em que as sessões começaram *(pausa)*, o mundo começava a parecer insensato, verdadeiramente incompreensível, para qualquer pessoa que tivesse algum sentido de poesia ou sanidade. As vossas vidas privadas mostravam as suas próprias dificuldades, e a situação nacional era horrenda. A criatividade do Ruburt rompeu esses quadros para proporcionar as nossas sessões e libertar as capacidades psíquicas que antes tinham sido quase, mas não completamente, reprimidas.

A poesia dele funcionou, em certos aspetos, como um estimulador. Essa descoberta, pode dizer-se, talvez com alguma exageração, foi um salva-vidas, pois sem tal expansão o Ruburt teria sentido que não podia continuar a forma particular da sua existência. Não é possível dizer em palavras o que uma pessoa ou outra procura na vida, ou que características únicas promovem melhor o seu crescimento e desenvolvimento. Até duas plantas da mesma espécie às vezes exigem tratamentos completamente diferentes.

As sessões abriram então a porta a um tipo particular de realização de valor que era natural ao ser do Ruburt. Agora, em certa medida, foi aquele pobre e infeliz Eu Pecador, uma estrutura psicológica formada por crenças e sentimentos, que também procurava a sua própria redenção, já que até ele tinha ultrapassado o quadro que o definia de tal forma.

Já disse que em quase todos os casos de grande insatisfação ou doença as razões subjacentes não serão tanto encontradas na descoberta ou expressão de ódio ou agressividade reprimidos — embora estes possam estar presentes — mas sim na procura de expressão valorizada da realização de valor que, por uma razão ou outra, está a ser negada.

(Longa pausa.) O Ruburt rompeu tanto a nível psíquico como criativo — ou seja, as sessões quase imediatamente lhe deram nova inspiração e expressão criativas, bem como as expansões psicológicas necessárias que ajudariam a cumprir a sua promessa enquanto escritor e como personalidade madura. No entanto, continuava a carregar consigo as crenças no Eu Pecador, e levava dentro de si muitos medos profundos que lhe diziam que a autoexpressão e a espontaneidade eram altamente perigosas. Nesse sentido, tens aquilo que equivale a um dilema criativo.

Uma coisa é dizer que o dilema é infeliz, mas também é verdade dizer que o dilema existiu por causa de uma descoberta que lhe deu, na prática, uma nova vida na altura....

À medida que se tornava mais conhecido, parecia que lhe eram exigidas maiores responsabilidades. Outra imagem do eu entra em consideração, de tal forma que lhe parece que é esperado que seja quase um eu santo — ou pelo menos que é visto como alguém de quem se espera desempenhar de forma absolutamente superlativa. Quase um super-eu: novamente, uma excelente personalidade televisiva, um curador e vidente consumado, escritor e professor ainda por cima.

À luz desta discussão, agora, esse eu era tão irrealista no seu extremo do espectro como o Eu Pecador o era no outro, pois o Ruburt sentia que deveria demonstrar uma certa espécie de façanha sobre-humana, não só conseguindo por vezes revelar vislumbres das maiores capacidades do homem, mas demonstrá-las competentemente a qualquer instante, de boa vontade, a pedido de outros. Ao mesmo tempo, acreditava que era o Eu Pecador, e que a expressão era altamente perigosa — assim, entre esses dois quadros, a organização psicológica, funcionava o melhor que podia, ainda a procurar a realização de valor natural que era a sua herança natural.

(*Longa pausa.*) A imagem do super-eu em si parecia condená-lo, claro, já que sentia não conseguir estar à altura dela — e, portanto, algures pelo caminho, tanto o super-eu como o Eu Pecador tornaram-se de certo modo unidos, ou pelo menos aliados. Através de tudo isso o Ruburt, claro, procurava novos desenvolvimentos criativos e descobertas intuitivas, pois, de novo, precisava de mais espaço.

Entretanto, como já era mais velho e à luz das nossas sessões, parecia-lhe que tinha de ter superado muitas das crenças da infância, e que devia ter perspectiva suficiente para que aqueles sentimentos e medos anteriores já não se aplicassem. Eram altamente desagradáveis.

Com a mãe morta, parecia-lhe muito pouco desportivo lançar, por exemplo, qualquer censura ou expressar nova raiva contra a injustiça. Entretanto, a sua própria compreensão estava a crescer, assim como as suas capacidades criativas. No meu livro identificámos de forma bastante elegante esses problemas precisos que tanto mancharam o vosso mundo, e em *O Deus da Jane* o Ruburt fez uma excelente tentativa de descobrir a natureza do Eu Pecador e de delinear o dilema.

Ora, esses livros foram o resultado de realização de valor e criatividade. Foram projeções necessárias de compreensão e crescimento. Estavam também destinados a trazer todo o conceito à luz, a trazer o problema à superfície. O Ruburt, portanto, encontrou novos surtos de sintomas que demonstravam e refletiam eficazmente a sensação de falta de mobilidade. De novo, precisava de espaço para crescer.

As capacidades psíquicas e as criativas — quase impossíveis de separar — fornecem por si só toda a ajuda de que necessita, mas o conceito do Eu Pecador impedia-o de usar essas capacidades de forma suficiente — pois como é que se pode confiar nas expressões do Eu Pecador?

Portanto, temos agora de mostrar ao Ruburt a origem do Eu Pecador desde o início, e convencê-lo de que esse não é de todo o seu eu natural e, para isso, teremos de ir, até certo ponto pelo menos, ao seu passado inicial. O ponto principal, no entanto, será a necessidade de expressão e de realização de valor que, de uma forma ou de outra, sempre foi impedida pelas crenças inerentes a todo o conceito do Eu Pecador.

Um ponto: a resposta não está, por exemplo, em decidir não terminar o meu livro (*Sonhos, “Evolução,” Cumprimento de Sentido de Valor*). Sois livres de terminar o meu livro ou não, como preferirdes, mas não o terminar pensando que tal ação ajudará a resolver dificuldades não resultará.

(Eu devo notar que a Jane parece interpretar mal a minha atitude aqui: o objetivo não é usar o trabalho interrompido no último livro do Seth como dispositivo curativo, mas sim, pelo menos, evitar que as coisas piores. Começou a parecer-me que terminar este último livro seria apenas mais do mesmo, com as mesmas atitudes e crenças por trás dele — logo, como poderia ajudar? Nunca disse à Jane, por exemplo, para não terminar o livro.

Sugeri sim que adiasse a publicação até tentarmos aprender algo. Mesmo assim, vai demorar bastante até que esse volume esteja terminado, quanto mais pronto para a imprensa. Espero devotamente que consigamos aprender algo entretanto. Só sei, por enquanto, que o que temos feito até agora levou a resultados que tememos. Será interessante ver como este pequeno dilema se resolve, e quais serão os resultados a longo prazo, se é que haverá.)

Pois, nesse sentido, estás simplesmente a decidir reduzir ainda mais a realização de valor e a limitar a expressão, quando a limitação da expressão é parte do problema. A expressão não é o problema. O medo da expressão é.

(Exatamente, poderia acrescentar. Portanto, como poderia a publicação do próximo livro do Seth ajudar?)

As capacidades criativas, novamente, podem ajudar a fornecer o movimento e a direção psicológicos necessários — em grande medida já o fizeram no passado, mas não foram suficientemente longe. Não foram suficientemente longe porque o Ruburt não enfrentou a sua versão privada do Eu Pecador, e, portanto, continuou a manter-se aberto a todo o condicionamento negativo que aí está tão envolvido: um condicionamento que encara toda a expressão criativa com desconfiança.

O Ruburt não era responsável pela realidade da mãe, pelas suas características, reações ou crenças. Não era responsável pelo casamento dela, pela sua rutura, pela doença da mãe, de novo, nem por toda a “tragédia” que ele vê como a vida da mãe.

(Longa pausa.) Ele agiu para com ela de acordo com a sua própria compreensão, o melhor que pôde. Não precisa de se punir de forma alguma por quaisquer ações ou omissões nessa relação. Isto não significa que não pudesse ter agido melhor em algum caso particular, talvez, pois isso pode ser dito sobre quase qualquer pessoa.

(Uma pausa de um minuto.) O Ruburt escolheu o seu ambiente. O Ruburt escolheu os pais para a sua vida: nasceu no lugar certo e no momento certo. Agora, nessa perspetiva mais ampla, até o conceito do Eu Pecador tem a sua razão, pois é, mais uma vez, partilhado por milhões de pessoas há séculos. O Ruburt propôs-se derrubá-lo.

(Sorri para o Seth. “Não é isso uma tarefa demasiado grande?”)

Esse conceito será mudado porque muitas pessoas da vossa sociedade e do vosso tempo nasceram de facto com a mesma intenção, e nas suas vidas privadas e públicas estão a enfrentar essa questão.

A realidade de massas está pronta para tal mudança. *(Longa pausa.)* No passado, a ideia do Eu Pecador fazia tão parte do condicionamento do Ruburt que estabelecia toda uma estrutura de comportamento. A necessidade de justificar a vida através da escrita, a necessidade exagerada de proteção contra o inconsciente enganador e o mundo inseguro, e o próprio conceito estavam tão envolvidos com todo o seu padrão de pensamento que ele não conseguia isolá-lo para ver onde e como influía nas suas atividades. Agora podemos separar esses fios.

(Longa pausa.) Essas crenças, em maior ou menor grau, também aparecem na tua vida e no teu passado, embora sem as fortes conotações religiosas, e isso também será abordado na série. A ideia do livro do Ruburt *(sobre o racionalismo)* é uma boa ideia porque representa um impulso criativo — empreendido, contudo, à luz de uma compreensão mais recente, e terei mais a dizer sobre essa questão.

Fim da sessão.

(“Uma pergunta?”)

Podes.

(“O que pensas da ideia de um passo de cada vez com a mesa de datilografia todos os dias?”)

Uma sugestão excelente.

(“Podes dar-lhe uma sugestão que o ajude com a mesa e com ir à casa de banho?”)

Deixa as coisas como estão por um dia ou assim. Depois terei mais a dizer dentro de um dia ou assim.

(“Está bem.”)

Uma afetuosa boa noite.

(“Muito obrigado, Seth. Boa noite.”)

A Jane tinha-se portado muito bem. Lembrava-se do Seth mencionar a sua ideia do livro — sobre racionalismo — embora ela não tivesse ainda “grandes sentimentos” sobre o assunto — como o fazer ou começar. Fiquei surpreendido por ela estar interessada num estudo sobre racionalismo, já que as suas próprias capacidades questionariam seriamente muitos dos princípios do racionalismo, pelo menos em termos correntes.

(Mas frisei que, independentemente do que fizesse em relação a livros, independentemente dos problemas em que nos pudéssemos meter com essa atividade, ela simplesmente não podia abdicar da mobilidade física para expressar qualquer falta de mobilidade psicológica em que nos pudéssemos envolver. Era um preço demasiado alto a pagar, demasiado desnecessário. “Simplesmente não podes,” disse eu, “aconteça o que acontecer, profissionalmente...” Ela concordou.)

(Acrescento que eu não fazia ideia de que a noção do Eu Pecador ocupava uma posição tão proeminente e básica na sua vida. Começava a parecer que o conceito do Eu Pecador ocupava a posição central nas suas crenças. Faria muito sentido, disse eu, se fosse verdade, e explicaria coisas como uma obsessão com o trabalho, abdicar de outras atividades da vida, etc. — tudo feito numa tentativa disfarçada de apaziguar esse Eu Pecador que alegremente continuava ano após ano.... “Mas, de certa forma, isso até pode ser positivo,” meditei, “porque, se for isso, agora sabemos onde podemos agarrar o Eu Pecador, uma vez que saibamos o que estamos a fazer, e não andarmos às apalpadelas num pântano de suposições e especulações.”)

SESSÃO APAGADA

16 DE ABRIL DE 1981

(Já terminei de datilografar a sessão de segunda-feira passada e tenho 5 páginas feitas da de terça-feira, por isso estamos em boa situação agora, só faltando a de quarta-feira. Todas as manhãs, depois do pequeno-almoço, leio uma sessão à Jane. São todas, sem exceção, excelentes. Esta manhã ela levantou-se comigo e passou um dia relativamente tranquilo, fazendo as suas habituais sextas da manhã e da tarde.

(Senti-me um pouco cansado, mas pensei que o mal-estar fosse mais psicológico do que outra coisa qualquer. A Jane também ficou um pouco deprimida depois de ler as minhas notas das sessões de segunda e terça, embora já conhecesse o conteúdo delas.

(Chamou-me para a sessão por volta das 20h, embora tenha sido mais tarde quando me sentei em frente dela e comecei estas notas. Ainda estávamos à espera às 20h30.)

Ora bem: apesar da sua aparente sofisticação, o eu tal como geralmente é visto pela ciência é apenas a interpretação científica do Eu Pecador em termos mecanicistas.

(Longa pausa.) Tanto a religião como a ciência veem o eu como herdeiro sobretudo de falhas, decadência. Só que o Eu Pecador da ciência opera num quadro em que não há redenção sacramental. A ciência vê o mundo como correndo em direção à sua própria dissolução, e o eu como o sistema mecanicista a desgastar-se desde o momento da concepção.

Nessas condições, parece que apenas o pessimismo pode ser uma resposta adequada, de modo que qualquer condição adversa, privada ou global, deixada por si só, tenderá a deteriorar-se ainda mais. Lembra-te, juntamente com estas passagens, do material que dei recentemente sobre os usos da mente racional, e da sua necessária dependência de uma inteligência que ela própria não pode perceber diretamente.

O mundo, nesses termos (*pausa*), é tanto o resultado de comportamentos imprevisíveis, acontecimentos imprevistos, benefícios inesperados, condições imponderáveis, como é o resultado de ações previsíveis, fenómenos normais de causa e efeito (*pausa*), e uma inspeção atenta da vida pública e privada mostraria claramente que ambos são magnificamente tocados por coincidências significativas. Acontecimentos inesperados, ações imprevisíveis da natureza mais auspiciosa.

(Longa pausa.) Quando parece que, deixada por si só, a condição do Ruburt só vai piorar, estão a seguir esses velhos padrões de pensamento condicionado, a projetar situações negativas para o futuro, a imaginar o desfecho ou desfechos infelizes, e a agir como se operassem dentro de um sistema fechado. Estão a concentrar-se no problema para o resolver, muitas vezes a assustar-se e a mergulhar ainda mais em depressões.

É assim que vos ensinaram a resolver problemas.

O conceito do Eu Pecador leva-vos a esperar o pior em qualquer situação. À luz disso, a expectativa esperançosa parece totalmente deslocada e inviável. Sem os ditames do Eu Pecador, porém, podem começar a sentir os contornos do eu natural, ou da pessoa natural. Podem começar a sentir as vossas próprias boas naturezas, por outras palavras, e essas naturezas básicas são automaticamente otimistas.

São automaticamente propensas a esperar o melhor de qualquer situação. Representam pessoas naturais. À medida que o Ruburt começa a compreender as características “artificiais” do conceito do Eu Pecador, então essas características naturais da pessoa natural emergirão cada vez mais. Será, por exemplo, menos difícil ter expectativas agradáveis, pois elas começarão a borbulhar sozinhas para a mente.

É verdade que o Eu Pecador traz consigo um conjunto de padrões ou reações; métodos de lidar com problemas, e, assim, as crenças do Ruburt nessa linha coloriram as suas reações, os seus planos, as suas interações contigo ao longo dos anos. No passado, porém, esses métodos pareciam fazer sentido: se acreditas que o eu é pecador ou enganador, então tens de erguer barreiras para permitir a expressão e, ao mesmo tempo, monitorizá-la cuidadosamente.

As barreiras tornam-se desnecessárias quando percebes que o eu não é pecador. Uso a palavra “pecador” no caso do Ruburt por causa das ligações precoces com a igreja em particular. O Eu falhado da ciência ainda carrega o mesmo peso, no entanto, sendo a ideia de que, embora a ciência diga que não lida com valores, engana-se bastante ao fazer tais afirmações, pois projeta o pior tipo de valores tanto sobre a humanidade como sobre o resto da natureza — de modo que, mesmo que não estejas contaminado pelas velhas crenças da religião, é difícil escapar a tais ideias.

(Pausa.) Muitas das crenças do Ruburt mudaram, mas a crença central no Eu Pecador tem sido muito teimosa. Embora não a possuas da mesma

forma, também estás contaminado por ela, absorvendo tais crenças desde cedo, e principalmente do teu pai, nesse aspeto.

A pessoa natural pode ser evocada, e as suas respostas suscitadas, particularmente através do toque e de declarações de amor e afeto. O Eu Pecador sente que não merece tal atenção. O amor é, por isso, rodeado muito cuidadosamente por todo o tipo de barreiras, tanto pela ciência como pela religião, e, nas vossas próprias vidas, poderiam agora ser muito mais demonstrativos a esse respeito. Pois oferecem uma terapia natural.

(Longa pausa.) Não quero dar-vos demasiado material carregado num período concentrado de tempo. Portanto, lembrem-se, durante os dias, por exemplo, de se permitirem alguns prazeres, e de considerarem quaisquer sentimentos, mesmo os desagradáveis, como expressões valiosas de sensação ou emoção.

O Ruburt não foi responsável pela morte da governanta quando estava no liceu. No entanto, sentiu tais acusações. Até essas o levaram a questionar a natureza da realidade. Eram matéria-prima para o moinho. Era a forma como o problema se apresentava.

Um ponto importante aqui: vocês usam a consciência — aquilo a que chamam consciência racional — de uma forma invulgar. Obviamente, outras espécies usam as suas consciências de modo diferente. De certa forma, o seu conhecimento é imediatamente posto em prática. Isto traz consigo um sentido requintado de segurança biológica e espiritual. O vosso tipo de consciência, relativamente falando, envolve algumas dificuldades intrínsecas, juntamente com potenciais espetaculares. Estão a aprender como formar a realidade a partir das vossas próprias crenças. E ao mesmo tempo a ter a liberdade de escolher essas crenças — de escolher o vosso estado mental de uma maneira que os animais, por exemplo, não têm.

Nessa perspetiva mais ampla (*sublinhado*), não há erros, pois cada ação, agradável ou não, será (*sublinhado*), à sua maneira, redimida, tanto em relação a si própria como em relação a um quadro mais vasto que a mente consciente pode não conseguir perceber no presente.

(Pausa.) Isto significa que lidam, mesmo conscientemente, com vastas áreas de probabilidades, com várias combinações, com formas nas quais a identidade em si será definida e experienciada. Reagirão às vossas definições de vós próprios. Nesse sentido, o conceito do Eu Pecador representa uma versão exagerada e distorcida do reconhecimento do homem de que, de certas formas, ele parece (*sublinhado*) menos seguro de

si do que as outras espécies, menos à vontade, pois assumiu o reconhecimento criativo das incertezas (*tudo deliberadamente*).

(*Longa pausa.*) Ele está a aprender a criar mundos privados e públicos inteiros que correspondem diretamente aos seus próprios estados de espírito. A diversidade possível e a vasta variedade de empreendimentos criativos possíveis significam que aceitou certas medidas de incerteza. Encontra obstáculos.

No entanto, até estes atuam como dispositivos automáticos de aprendizagem e, deixados por si mesmos, desencadeiam os procedimentos criativos necessários que começariam medidas corretivas. Quando se sustenta a crença no Eu Pecador, no entanto, as próprias medidas corretivas muitas vezes não são confiáveis.

(*Longa pausa.*) No caso do Ruburt, a crença central, de novo, no Eu Pecador foi difícil de diferenciar, porque podia aparecer sob muitas outras formas. Durante algum tempo perdeu a sua coloração religiosa mais óbvia e podia simplesmente aparecer como uma dedicação invulgarmente forte ao trabalho e à disciplina. O Eu Pecador não tem utilidade para o jogo, porque acredita fervorosamente que, deixado sozinho, será de facto preguiçoso ou infantil, ou desperdiçará a si próprio — ou, vendo do outro lado, teme que, deixado sozinho, só jogará ou será indolente. Veem isto mais claramente na teologia protestante.

Estas questões podem, no entanto, ser todas enfrentadas, e adequadamente enfrentadas, uma vez que sejam claramente compreendidas. Não é particularmente necessário que o Ruburt volte atrás no passado de propósito para descobrir esses sentimentos antigos. Muitos virão agora à tona, provavelmente por si próprios, em resposta a acontecimentos atuais, como aconteceu esta manhã: as memórias não estarão congeladas, mas mover-se-ão naturalmente para a experiência presente e ocuparão o seu lugar natural.

Ele deve, definitivamente, exprimir quaisquer sentimentos que lhe ocorram dessa forma, como fez com aquele momento fugaz de raiva contra ti (esta tarde). Esses sentimentos representam comunicação. Resolver-se-ão por si, desde que sejam expressos.

Isso será tudo por esta noite.

(*“Está bem,” disse eu. A Jane, como Seth, esperou, olhando para mim, os olhos grandes e escuros, durante alguns momentos.*)

Nenhuma pergunta da assistência?

(“Não.” Na verdade tinha muitas perguntas, mas quis dar um descanso à Jane.)

Então despeço-me com uma afetuosa boa noite.

(“Obrigado, Seth.”

(Disse à Jane que a sessão tinha sido muito boa. Por vezes, durante ela, senti-me algo sobrecarregado, a pensar no que ainda tínhamos de aprender e realizar, assim como no que não tínhamos aprendido no passado: porque demorava tudo tanto tempo? Os pensamentos provinham do meu estado de espírito um tanto sombrio antes da sessão. Mas a sessão foi muito boa, percebi, e ao mesmo tempo senti uma esperança renovada.)

SESSÃO APAGADA

20 DE ABRIL DE 1981

(Ontem foi Páscoa, e um dia muito tranquilo no bairro. Temos estado muito ocupados. A Jane chamou-me às 20h para a sessão. Tínhamos muita coisa para obter informação.

(Não nos deitámos ontem à noite antes da 1h. Às 3h30 a Jane tinha tido uma série de três ou quatro sonhos — muito agradáveis no geral, contendo “um prognóstico, como se eu tivesse tomado uma boa decisão. A intenção de um deles era bastante específica.” Sentou-se na cama e escreveu-os, o que lhe levou cerca de meia hora. Cópias deles estão anexas a esta sessão.

(Quando tentou voltar a dormir, porém, continuava a acordar muito dorida e tomou aspirina às 5h. Ao mesmo tempo, “sabia que o meu corpo estava a experimentar algumas novas posições na cama, como fazia antes de tudo isto acontecer. Também sabia que estava a resolver alguns conflitos, e não estava preocupada. Mas depois, quando decidi ficar na cama quando te levantaste, começou o pânico.... Tentei lembrar-me do que o Seth dissera e seguir os sentimentos até ao fim para não reprimir nenhum deles.... (Verdade — pois, do meu ateliê de pintura, conseguia ouvi-la a revirar-se inquieta na cama toda a manhã.... “Pânico e medo — o mais próximo que consigo chamar a tudo isto é susto,” disse ela. “Nada de maligno, mas certamente um medo de deixar ir, de expressão, talvez de abandono.” Tudo isto acompanhado por fortes sensações físicas de dor.

(Depois, quando a chamei ao meio-dia, a Jane chorou pelo menos meia hora. Custava-lhe verbalizar os seus sentimentos, até mos contar,

mas sentiu ondas de pânico e medo a varrerem-na — não escondidas ou encobertas agora, mas enfrentadas e admitidas, embora com muita dificuldade. Esses sentimentos persistiram durante todo o dia, embora parecessem quase desaparecidos à hora da sessão.

(Talvez fosse apenas exaustão, pois sentia-se bastante relaxada agora. Não discutimos os sonhos nem a experiência do choro, nem sequer lemos uma sessão depois do pequeno-almoço. Nem li as notas dela sobre os sonhos. “Tinha decidido que voltaria a lidar diretamente com o mundo de novo no primeiro sonho,” disse ela. Planeia passá-los a limpo para esta sessão.

(Toda a experiência foi obviamente muito terapêutica e, para mim, pareceu um excelente sinal de que estava a enfrentar crenças que tinham ajudado a criar o seu Eu Pecador. A Jane chegou, de facto, tão longe quanto podia fisicamente com os seus bloqueios físicos: levou algum tempo até conseguir confiar em si o suficiente para passar da cama para a cadeira, e mais ainda antes de se mover da cadeira para a sanita.

(Vê-la lutar para fazer isto lembrou-me da situação em que ambos nos encontramos e que deve ser resolvida. Foi também um lembrete de até que ponto ela tinha levado a sua resistência à mudança e ao confronto com o Eu Pecador — e muitas vezes sem eu realmente compreender até que ponto estava mal. Mais uma vez, na casa de banho, fiquei espantado de que qualquer crença pudesse ter um efeito tão poderoso sobre uma pessoa que esta tolerasse tais limitações físicas dia após dia, ano após ano, em vez de enfrentá-las num esforço de obter pelo menos algum alívio. Gostaria ainda de algum material do Seth sobre porque é que a personalidade escolheria ir tão longe em nome da autoproteção.... Não mencionei nada disto à Jane, já que ela se portou tão bem hoje, mas quero deixar registados aqui os meus sentimentos.)

(É desnecessário dizer que esperávamos que o Seth abordasse toda a experiência desta madrugada, já que representava uma tão boa melhoria no esforço dela em direção à compreensão dela própria.

(Estou em dia com a datilografia das sessões da semana passada. Parece difícil acreditar que só tenha passado uma semana desde que pedimos ao Seth para começar esta última série.

(Esta tarde cortei a relva pela primeira vez e aparei uma ou duas árvores. Depois de regressar a casa, senti o regresso dos meus próprios sentimentos de pânico no peito e na garganta ao preparar-me para uma

sesta. Depois de me levantar, o pêndulo disse-me que os sentimentos surgiram porque eu ressentia-me de ter de fazer o trabalho do quintal sem a Jane poder ajudar-me. O ato de fazer o trabalho em si era inocente, percebi. Também não tenho problemas de coração. Uma vez obtida a informação necessária, os sentimentos desapareceram e senti-me bastante confortável ao jantar. Mais uma vez, não discuti esta situação com a Jane.

(Ainda estávamos à espera da sessão às 20h30. Terminei estas notas. Finalmente:)

Agora: mesmo em jovem, o Ruburt era o tipo de pessoa considerada deslocada, rebelde ou até ligeiramente perigosa em qualquer congregação católica romana — particularmente na época da sua juventude.

(Pausa.) Levava os ditames da igreja a sério, mas questionava-os com tanta paixão e entusiasmo quanto aqueles que, no geral, aplicava à sua ligação com toda a organização da igreja. A igreja não gostava desse tipo de questionamento e, de certo modo, sempre foi altamente desconfiada dos que eram demasiado místicos, pois tais pessoas, na sua originalidade, não eram fáceis de conduzir.

(Inclinando-se para trás no sofá, olhos fechados:)

Quando o Ruburt era membro da igreja, porém, a própria igreja estava lá, facilmente identificada. Até certo ponto, mais tarde, mesmo quando era um adversário digno, o Ruburt podia ver onde as suas próprias ideias se encaixavam ou não. Havia apenas uma certa margem concedida, apenas um certo grau de questionamento permitido — para além de um certo ponto, claro, toda a estrutura dogmática desmoronar-se-ia.

A maioria das pessoas era demasiado emocionalmente dependente de toda a organização para a abandonar. *(Longa pausa.)* Quando o Ruburt deixou a igreja, pensava que ela também tinha perdido o seu poder emocional sobre ele. Sentiu-se livre, e saltou imediatamente para aquilo a que, em geral, podem chamar o ponto de vista científico.

(Longa pausa.) Muitas outras pessoas estavam a fazer o mesmo salto naquela época na vossa sociedade. Ele estava longe de ser cientista, claro. Teve maus resultados em ciências na faculdade, aliás, pois se a sua mente era demasiado científica para o dogma religioso, era demasiado criativa e emocional para o pensamento científico convencional.

Mesmo mais tarde, quando começou a escrever ficção científica, essa escrita caiu então sob o rótulo menos invejável de *fantasia científica*

(*sublinhado*), que não era considerada tão pura nos círculos da ficção científica.

(*Longa pausa.*) O Eu Pecador mostra-se num período de transição do seu formato religioso para o científico na ficção científica ou fantasia em particular, onde quase se pode traçar a tradução do eu da religião, manchado pelo pecado original, para os conceitos darwinianos e freudianos do eu falhado, destinado à destruição de uma forma ou de outra, movido pelo inconsciente desenfreado ou por um defeito evolutivo.

As histórias do [Ray] Bradbury, por exemplo, são na realidade contos de um moralista religioso. Quando se teme que o homem vá com certeza destruir-se a si mesmo através do mau uso das tecnologias, então está-se a expressar o mesmo sentimento de forma diferente, expresso pela atitude religiosa — só que os diabos da religião transformam-se em dispositivos tecnológicos. Assim, a crença do Ruburt no Eu Pecador foi para o subterrâneo nesses anos.

As capacidades criativas devem girar, em grande parte, em torno da definição que o homem faz de si próprio, da sua origem e propósito, e toda a vossa literatura e arte ocidental giraram em torno do conceito do Eu Pecador de uma forma ou de outra. As peças de Shakespeare são um excelente exemplo, mesmo quando tratam de heranças ainda mais antigas; por isso, o artista criativo, em qualquer campo, tem certas tradições criativas que se tornam modelos clássicos para a sua arte e para a do mundo.

(*Longa pausa.*) O uso do monstro de Frankenstein e assim por diante nos dramas televisivos, e a fusão de fortes tendências destrutivas entremeadas com as capacidades psíquicas nas atuais histórias de terror psíquico, mostram novamente a mistura potente do Eu Pecador da religião e do eu falhado da ciência. Até certo ponto, embora de forma diferente, ambos temem o surgimento de novos conhecimentos, já que novos conhecimentos são capazes de abalar inteiramente qualquer dos quadros.

A ciência, claro, insiste que procura tal conhecimento, enquanto ao mesmo tempo estreita o seu campo aceitável de definições de tal modo que efetivamente bloqueia qualquer informação que não concorde com os seus próprios preceitos. (*Pausa.*) Tanto a ciência como a religião, de um modo geral, prestam certos serviços, que, de novo de forma geral, podem ser recusados aos que se rebelam contra tais autoridades.

A igreja pode excomungar-vos. A ciência, na sua posição de autoridade, pode ridicularizar aqueles que discordam dela. As crenças básicas do Ruburt no Eu Pecador formaram-se na infância, interpretadas individualmente através da sua própria experiência, dotadas, por outras palavras, de forte validade emocional e carga emocional.

(Longa pausa.) “A igreja” não era uma entidade hipotética, mas encontrava-se na experiência do Ruburt com os padres que visitavam, no efeito deles sobre a sua vida e poesia, e em todo o tecido de uma intensa vida quotidiana jovem. Se a igreja se incomodava com o que o Ruburt escrevia ou lia, então o Padre Ryan queimava um dos seus livros, ou discutia a sua poesia, por exemplo, por isso tudo isso era conteúdo emocional vivido.

As capacidades criativas do Ruburt ainda tinham esses modelos clássicos, mas, devido à originalidade da sua mente e à sua natureza intuitiva natural, essas capacidades criativas eram também alimentadas por informação não oficial: ele estava sempre, até certo ponto, em forte ligação com o conhecimento possuído pela sua pessoa natural — e esse conhecimento procurava continuamente expressão. A sua expressão contradizia diretamente primeiro os preceitos religiosos e depois os científicos. Continuava a procurar um quadro mais amplo para a sua própria realização e expressão, claro, e ao mesmo tempo parecia ao Ruburt que isso provocava mais dissensão. Tornava-o mais rebelde.

Demorou algum tempo até que tal quadro começasse a desenvolver-se numa espécie de duplo — representado pelo meu trabalho e pelo dele próprio — uma excelente conquista, claro. Também uma conquista que se destacava claramente como um desafio direto à religião e à ciência, que não só contradizia as suas teorias, mas oferecia um quadro alternativo através do qual a realidade podia ser experienciada.

Ao longo dos últimos anos, o fundamentalismo religioso começou a crescer, trazendo de volta em forma exagerada muitas das antigas crenças das quais o Ruburt pensava ter-se livrado tão cuidadosamente. A ciência, se se importasse, poderia chamá-lo de tolo, mas a religião fundamentalista podia chamá-lo de mau, ou afirmar que o seu trabalho era inspirado pelo diabo em termos cristãos, e assim as velhas crenças no Eu Pecador ou no eu mau foram reativadas.

(Longa pausa.) Sempre tinham estado presentes, claro. Ele não admitia, porém, esses sentimentos. Foram empurrados cada vez mais para o

fundo. Pareciam especialmente humilhantes à luz do que ele pensava que devia ser a sua posição pública. Inspiravam todas as dúvidas. Quero que fique claro que esses sentimentos, no entanto, eram muitas vezes usados como propulsores criativos. O outro material dado recentemente sobre o Eu Pecador deve ser tido em conta juntamente com esta sessão. O termo “moralidade” é fraco, mas, nos termos mais simples, os homens nascem com o conhecimento da sua própria bondade básica — portanto, nos termos mais simples, procuram ações boas. É quando os dogmas distorcem a bondade natural que surgem os problemas. Não é natural sentir que se existe num estado pecaminoso.

A religião, tendo em certos termos criado todo o conceito, teve depois de criar a ideia da redenção para o retificar. O Ruburt não conseguiu utilizar a graça natural do eu básico por causa dessas crenças na sua natureza pecaminosa. Esses foram os sentimentos que ele experienciou esta manhã — o medo de que a própria expressão do eu fosse de algum modo errada, já que o próprio eu estava intrinsecamente falhado. A vossa renovada intimidade da outra noite, e expressões de afeto, ajudaram a iniciar toda a experiência, ao deixar o Ruburt sentir-se suficientemente seguro para estar consciente e experienciar essas sensações. Claro que se refletem sobre o corpo. Procuram expressão. Não é que sejam tão temíveis em si, mas o esforço para os reprimir dá-lhes carga adicional.

Claro que a experiência representa um ponto importante de progresso, tal como as intenções dos sonhos. A libertação desses sentimentos vai limpar o ar em todas as áreas, permitindo que as percepções da pessoa natural ganhem nova liberdade, de modo que a nova informação necessária a todos os níveis possa fluir para a sua experiência.

Quero enfatizar novamente a má reputação que tanto a ciência como a religião têm em relação ao conhecimento não oficial, uma atitude claramente exposta em muitos contos e lendas, desde Adão e Eva à caixa de Pandora até ao monstro de Frankenstein. O Ruburt sentia que era alguém destinado a ter acesso a tal informação. Portaste-te extremamente bem em ajudá-lo com os acontecimentos do dia. Fim da sessão, a menos que tenhas uma pergunta.

(“Não.”)

Então despeço-me com uma afetuosa boa noite.

(“Boa noite, Seth. Obrigado.” 21h55. Mais uma vez disse à Jane que a sessão tinha sido excelente, especialmente o material desta página.)

SESSÃO APAGADA
21 DE ABRIL DE 1981

(A Jane dormiu bem na noite passada, levantou-se comigo esta manhã e teve um dia relativamente tranquilo. Disse que “tem estado a acontecer qualquer coisa no lado direito do meu corpo todo o dia. Não sei o que é, por isso tentei ignorar.”

(Ainda não passou a limpo os sonhos de ontem para a última sessão. Hoje, porém, conseguiu escrever mais algumas páginas de caderno de um “manuscrito do Orador” — uma ideia sobre a qual começou a receber material na quinta-feira passada, pensa ela. Costuma registar esse material enquanto está sentada na cama. Hoje, como tem feito muitas vezes ultimamente, trabalhou a pintar uma pequena paisagem a acrílico.

(Não tinha perguntas para o Seth. “Acho que ele vai entrar nalgumas daquelas coisas que recebi ontem à noite sobre o verdadeiro e o falso, por isso pensei que o deixava ir.”

(Sentou-se no seu lugar habitual no sofá, e eu fiquei de frente para ela na cadeira, do outro lado da mesa de café. Atrás de mim, na lareira, ouvimos novamente os sons misteriosos de arranhar, bater ou chilrear de que nos temos apercebido ultimamente, como se uma família de animais ou aves tivesse crias a nascer ou a crescer num ninho do outro lado do registro fechado.

(Tinha ouvido o mesmo som há alguns dias, mas como estava um dia ventoso pensei que fosse causado por ramos a roçarem contra a casa ou a chaminé por fora. Não sabemos exatamente o que deve ser feito em relação à situação, se é que deve ser feito algo. A minha preocupação atual é que, se houver crias de aves na lareira, possam ficar presas, sem espaço suficiente para aprender a voar. Mas porque é que as aves construiriam um ninho num tal lugar, assumindo que conseguissem lá chegar em primeiro lugar? Não parecia natural que qualquer criatura fizesse isso. Sempre tivemos a impressão, desde que nos mudámos para aqui, de que a lareira tinha uma grelha a vedar a chaminé contra tais possibilidades.)

Boa noite.

(“Boa noite.”)

Bem: no geral, os sistemas globais de crença convencional são relativamente simples e servem para definir a realidade numerando como

verdades ou factos certos tipos de acontecimentos, aceitando-os assim como mobiliário legítimo para a mente.

Têm, nesse sentido, um mundo de verdadeiro ou falso, e uma visão psicológica relativamente muito plana da identidade. Dentro desse quadro, porém, têm as capacidades criativas, e estas destacam-se pelas suas próprias formas, já que “brincam com os factos”. Muitas vezes não respeitam convenções conceptuais. Não cabem na categoria do verdadeiro ou falso. A imaginação pode, naturalmente, conceber se tais acontecimentos existem ou não.

As pessoas rígidas muitas vezes franziram o sobrolho perante o uso da imaginação, considerando-o muito perturbador. (*Pausa.*) Desde o início que o Ruburt questionou se o nosso material dava uma explicação verdadeira da realidade — ou pelo menos apresentava uma que fosse o mais aproximadamente verdadeira possível. Ou seriam apenas hipóteses criativas oferecidas? Seria o material verdadeiro ou falso?

A ideia do Eu Pecador entrou aqui em jogo, pois se o material não fosse verdadeiro, então nesse quadro teria necessariamente de ser falso ou, pelo menos, muito enganador. Isto levou a muitas perguntas. Estaria a criatividade em si envolvida numa espécie de mentira traquina? Todas essas perguntas fazem sentido num quadro em que os ditames de um sistema de crenças — o Cristianismo — são aceites como verdadeiros, e tudo o que não concorda com eles é aceite como falsidade.

Nesse mesmo quadro, então, a natureza da minha própria realidade também, claro, entra em questão. Sou eu uma personalidade independente, que de facto sobreviveu não a uma mas a muitas mortes? (*Pausa.*) Dentro desse quadro têm muito poucas alternativas com que lidar. Em primeiro lugar, como estão a aprender, o vosso mundo aceita como válido aquele segmento de um acontecimento que consegue mostrar-se dentro das vossas coordenadas reconhecidas de tempo e espaço.

Isto aplica-se não só a acontecimentos aparentemente “puros” e objetivos, mas também ao acontecimento mais complicado de um ser psicológico individual. De facto, a totalidade das vossas próprias identidades não aparece normalmente perante vós durante as vossas vidas, porque essa realidade é demasiado complicada, demasiado multidimensional, para caber na vossa imagem aceite de pessoa. Nesse sentido, os factos maiores não se mostrariam. Não haveria forma de os perceberem a partir de dentro (*sublinhado*) do vosso sistema de realidade.

Quando lidam com esse tipo de investigação filosófica, são mais ou menos forçados a procurar outras definições. (*O ruído da lareira estava agora bastante alto.*) As vossas próprias ideias da natureza da realidade mudam. Continuam, até certo ponto, obrigados a reconhecer estruturas e organizações convencionais, incluindo as psicológicas. Ao mesmo tempo, procuram evidência maior de um tipo de realidade vastamente diferente.

(*Longa pausa.*)

Os factos mais amplos sobre a realidade psicológica, por exemplo, não podem ser ajustados às definições do mundo. Só podem obter versões e interpretações. Traduções e dramatizações que servem para vos dar vislumbres de estruturas psicológicas cuja própria natureza não cabe nos factos do mundo (*tudo deliberadamente*).

(*Pausa.*) As capacidades criativas são das mais úteis a esse respeito, pois conseguem esticar os conceitos reconhecíveis até ao limite, permitindo-vos vislumbrar organizações demasiado vastas para as dimensionalidades do vosso próprio mundo.

Essas estruturas incluem as partes não experienciadas das vossas próprias identidades. Todos os vossos conceitos de deuses e deusas são basicamente tentativas criativas de retratar dramatizações psicológicas de outras partes da psique que não aparecem em carne e osso. Para insinuar outras capacidades e dimensões do ser que não podem, por si, ser espremidas nas vossas definições menores. Por isso, quando o Ruburt faz tais perguntas a partir do quadro das velhas crenças, com os seus velhos significados, não consegue encontrar respostas adequadas.

As categorias de sim ou não, verdadeiro ou falso simplesmente não funcionam quando lidam com tais questões. (*Longa pausa.*) Nesse sentido, é importante que ele perceba isto. Todo o conceito do Eu Pecador só pode existir em certos níveis de experiência. Só pode parecer fazer sentido num contexto muito limitado. (*Pausa.*) As capacidades criativas servem mais frequentemente como pontes psicológicas, permitindo ao homem conceber a existência de realidades fora do seu próprio ponto particular de referência. Podem insinuar a maior diversidade do ser, a dimensão mais ampla dos acontecimentos. Podem apresentar dramatizações. Podem servir de limiares (*longa pausa*), mas não conseguem conter experiência direta em si com acontecimentos que estão intrinsecamente para além desses alcances.

(*Longa pausa.*) Nesse sentido, a tentativa de ser demasiado literal não traz benefício algum. As religiões perderam-se, claro, ao insistirem na interpretação literal do material simbólico. Não estou a dizer que não existam factos maiores, mas que esses factos maiores não podem ser contidos no vosso sistema tal como são.

(*Estrada longa.*) A realidade básica lida com muito mais do que qualquer categoria de verdadeiro ou falso, e as dimensões mais profundas da atualidade contêm o material de origem do qual, de facto, o vosso mundo de verdadeiro ou falso emerge — pelo que não faz nenhum bem particular a Ruburt preocupar-se em demasia. O nosso material é a melhor aproximação, o melhor modelo aproximado que podeis perceber de um campo psicológico de existência mais vasto.

(*Estrada longa.*) Estais na posição de viver no mundo comum, ao mesmo tempo que sentis aqueles outros campos de atualidade nos quais esse mundo tem a sua existência. A ideia do Eu Pecador pode ser particularmente prejudicial quando confrontada com experiências que necessariamente terão de cair fora do seu domínio de referência. Tanto a igreja como a ciência, novamente, possuem uma profunda suspeita relativamente ao conhecimento não oficial ou reveladora, pois este deve necessariamente envolver a inserção de nova informação num sistema incapaz de explicar quaisquer factos que não os seus próprios.

O mesmo tipo de padrões reconhecíveis que são normalmente aplicados à categoria de verdadeiro-ou-falso não funcionam para tal conhecimento, já que esse conhecimento é basicamente, automaticamente, amplo o suficiente para conter o próprio domínio do verdadeiro-ou-falso — ou seja, a informação reveladora coloca lado a lado as designações de verdadeiro e falso, e acaba por formar um sistema suficientemente vasto para conter ambos, em que cada um é visto como constructos válidos que são apenas parte de uma visão mais ampla dos acontecimentos psicológicos.

Reconheço as dificuldades, por exemplo, que enfrentais de forma bastante pessoal ao lutardes com a condição física do Ruburt, ou aquelas que experienciais, digamos, ao verem o noticiário televisivo, onde desfilam perante a vossa visão acontecimentos infelizes que parecem retratar de forma mais clara a evidência da natureza falhada do homem. É-vos impossível perceber de forma tão direta o campo majestoso, quase inimaginável, da ação criativa em que qualquer desses eventos ocorre, no

entanto, em que cada ato, por mais destrutivo que pareça, tem propósitos criativos vitais que podem ou não aparecer dentro das referências limitadas das vossas dimensões convencionais.

(*Pausa.*) A esse respeito, as questões do “Eu Pecador” do Ruburt devem de facto parecer-lhe muito alarmantes, pois não possui qualquer enquadramento de referência no qual as suas próprias perguntas possam ser respondidas. Estas próprias passagens têm como objetivo ajudar a abrir a porta da compreensão, para que o Eu Pecador possa compreender porque se sente como se sente, para que também perceba que existem outros sistemas nos quais as suas questões podem ao menos ser consideradas.

Quando Ruburt fecha a mente aos sentimentos do Eu Pecador, encerra-o numa prisão como se não pudesse receber nova informação, mas tivesse de operar sempre com as crenças distorcidas do seu nascimento. Não pode obter retorno.

(*Estrada longa.*) São os seus medos desses sentimentos, mais do que os sentimentos em si, que causam dificuldades, pois a repressão mantém o Eu Pecador para sempre preso ao passado, sem educação, em pânico. A libertação de tais sentimentos permite ao Eu Pecador alguma expressão e dá-lhe uma sensação de comunicação para que possa, de facto, ser alcançado pela compreensão adquirida por outras partes do eu — um ponto altamente importante.

Os sentimentos envolvem o medo de ser abandonado e ficar sozinho, proscrito. O Eu Pecador acredita que não é amado e que é, por natureza, não-amável. Falais-lhe como consolaríeis uma criança. Dizeis-lhe que é amado e que não será abandonado. Que é bom e que aqueles que lhe disseram o contrário estavam em grave erro. Nenhuma parte do eu está fora de alcance nesse (*sublinhado*) aspeto, ou é impossível de ensinar. Quando Ruburt sente esse tipo de pânico é de facto o medo da pequena criança de ser abandonada por ser má (enfaticamente), e sentimentos de impotência por causa da relativa falta de poder da criança em relação ao mundo adulto.

Esses sentimentos, novamente, podem ser aceites como expressões tardias. Dessa forma, a experiência atual do Ruburt pode recuar para confortar a criança no presente. Tal processo é relativamente simples em vez de complexo, e pode ser bastante benéfico. Pode dizer-se ao Eu Pecador que é um bom eu, que é amado, que é seguro expressar-se, que é livre para seguir o seu próprio movimento e curiosidade.

Fim da sessão. Uma afetuosa boa noite.

(“O mesmo para ti, Seth. O que é isso com que ele anda a brincar acerca dos manuscritos do Orador?”)

Ruburt sabe e não sabe que está em vias de descobrir algo. Veremos até onde o leva. Pode ser altamente importante, naturalmente, mas tanto isso como ele devem, nesse aspeto, ser deixados aos seus próprios caminhos neste momento, por isso deixarei o assunto em repouso. (Acenei boa noite.

(“Sou eu”, disse Jane. “Sabia que tinhas feito a pergunta. Acho que também não quero saber sobre isso, para que não fique sob qualquer pressão.” Concordei.

(Os ruídos de animais/aves continuaram na chaminé da lareira atrás de mim. Mitzi tinha entrado durante a sessão e escutado breve e atentamente, mas sem reagir de forma surpreendida. Nesse momento os ruídos pareciam ter recuado um pouco.)

SESSÃO APAGADA

22 DE ABRIL DE 1981

(Esta manhã a Jane voltou a dormir até ao meio-dia, como tinha feito na segunda-feira passada. Dormiu bem até às 2h30, mas depois teve uma noite difícil, muitas vezes com dores, agitada, a rebolar-se.

(Depois de eu me levantar e começar a pintar, ela começou a experienciar outra série de ondas muito desconfortáveis de pânico durante o sono, combinadas com as dores do corpo. Foram “um pouco menos” do que as da segunda-feira passada, mas ainda assim intensas. Muitas vezes debatia comigo próprio se deveria acordá-la quando começava a chorar ou a soluçar durante o sono. Disse depois que isso se devia ao desconforto físico.

(Ao mesmo tempo, nas ocasiões em que semi-acordava, a Jane dizia a si mesma que se lembrava do material de Seth sobre a expressão de medos anteriormente enterrados, e fazia grandes esforços para acompanhar isso, deixando que os sentimentos viessem à superfície, onde poderia enfrentá-los. Por isso acho que o facto de eu não a acordar por simpatia, digamos — tinha sido o caminho certo a seguir.

(Jane não tinha perguntas para Seth. Disse-lhe que eu tinha muitas, mas que me tinha absterido de as fazer na maioria das vezes até vermos o

que poderíamos aprender com o material. Algumas são pessoais, outras mais teóricas e/ou gerais. Não escrevi nenhuma delas.

(Agora mencionei a Jane talvez a questão principal que tenho, e sobre a qual muitas vezes me interrogo: a intensidade da resposta da sua personalidade à ideia do Eu Pecador. Embora, como disse, não pensasse no seu Eu Pecador como algo inteiramente separado de outras partes da sua personalidade, mas como parte delas. Porque é que o “Eu Pecador” não recebeu a mensagem de que foi longe demais, e não recuou ao menos um pouco para que toda a personalidade tivesse espaço para respirar e iniciar a recuperação física, por outras palavras? As suas ações, tal como são, são claramente contraproducentes. Há aqui muitas questões fascinantes mas sérias. Jane concordou.

(Disse que estava bem consciente de que Seth tinha dito recentemente que todas as ações acabam por ser redimidas — mas e entretanto? Como se vive até isso acontecer? Ao discutir a questão Jane disse que começava a sentir a presença de Seth. Eu certamente não esperava que ele abordasse a questão naquela noite; de facto, estive muito perto de não a mencionar de todo naquele momento.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Uma pergunta muito difícil de responder.

Tentarei, contudo, dar uma resposta compreensível. A criança ou o bebé são altamente sugestionáveis relativamente aos sistemas de crenças parentais, de modo que cedo podem ser dotados de uma estrutura conceptual complementar ao seu meio envolvente, ao grupo ou ambiente.

A criança, nessa altura, não está em posição de entrar em conflito com os sistemas de crenças — é demasiado jovem e dependente. Os sistemas de crenças podem ser como blocos, que são utilizados e depois mudados ou substituídos, mas há uma espécie de (*sublinhado*) vinculação do eu infantil com as ideias que retira dos pais.

Há aqui grande margem de manobra. Algumas pessoas, lembrem-se, estão apenas periféricamente envolvidas com conceitos ou ideias. Ruburt sempre esteve altamente fascinado por ambos. As crianças querem “ser boas”. Procuram aprovação. É bem verdade que mais tarde também procuram independência. E sacodem de lado muitas crenças iniciais. A identificação com o Eu Pecador é particularmente infeliz, pois para “ser bom” a criança tem de se considerar má ou pecadora.

Logo aí, a criança é confrontada com um dilema, naturalmente. *(Pausa.)* Crianças e adultos precisam também de respeito próprio. A própria igreja, novamente, possuía um sistema elaborado dentro do qual o Eu Pecador podia ser ao menos momentaneamente redimido, pecados confessados e assim por diante — de modo que, dentro desse sistema, as pressões geradas por todo o conceito eram ao menos momentaneamente aliviadas através dessas descargas.

O Eu Pecador recebia então alguma esperança.

Havia todo o tipo de auxílios disponíveis: indulgências, ladainhas, rosários e assim por diante. Quando Ruburt abandonou esse sistema intelectualmente, algum do antigo poder de vinculação permaneceu, a cola emocional, mas ele já não acreditava nas indulgências, nos sacramentos e afins, pelo que o Eu Pecador ficou bastante isolado, ainda acreditando em certa medida que, para “ser bom”, tinha de ser mau, mas sem as descargas de culpa outrora proporcionadas pela ajuda e crença eclesiástica.

(Estrada longa.) Dá-nos um momento... A ciência não proporcionou, naturalmente, tais descargas, pois encarava logo de início todos esses valores como destituídos de significado, incluindo todo o conceito de alma. Durante algum tempo, no entanto, não houve desafio direto ao Eu Pecador depois do Ruburt ter deixado a igreja. As suas capacidades criativas estavam a crescer e a desenvolver-se, os seus conceitos a expandirem-se, mas esteve durante algum tempo tão convencido da perspectiva científica que as ideias do Eu Pecador eram vistas como indignas e supersticiosas. Estava aliado, em vez disso, ao racionalismo.

Muitas questões, portanto, permaneceram por resolver, ali deitadas sem desafio. Quando as suas capacidades criativas consideraram também o pensamento científico contemporâneo demasiado estreito, no entanto, e as suas intuições naturais o conduziram a um novo enquadramento — que, novamente, introduzia valores relacionados com a natureza da consciência, ou da alma — então as novas ideias começaram a conflitar diretamente com as antigas, enterradas, em particular aquelas ligadas aos conflitos entre expressão criativa, a igreja e o “conhecimento proibido”.

Avançar criativamente, formar novas versões de uma realidade espiritual, afirmar que o homem e os seus impulsos eram bons, trouxe-o finalmente a um confronto direto com as velhas crenças do Eu Pecador, cujo sistema de valores assentava na ideia de que o eu era de facto pecador, não merecedor de confiança.

(E aqui temos uma excelente resposta em cápsula sobre porque é que Jane tem piorado progressivamente de O Deus da Jane de que começou Manifestações em Massa — ver o artigo dela de dezembro passado acerca do seu desconforto em relação a esse livro e O Deus da Jane — e porque é que os seus sintomas se têm agravado ainda mais à medida que se aproxima a data de publicação de Manifestações em Massa. Agora está previsto para maio.)

Além disso, as pessoas estavam a ler os nossos livros, pelo que para o Eu Pecador Ruburt estava a desencaminhar deliberadamente essas pessoas. Temos aqui uma situação bastante intensa. (Uma pausa de um minuto.) Dê-nos um momento... O eu natural opera dentro de um estado de graça, seja qual for o nome, um estado que permite a espontaneidade e implica confiança em si mesmo. A maioria dos conceitos religiosos, infelizmente, independentemente das intenções originais, acaba por dividir o homem do seu próprio sentido de graça — o seu sentido de retidão dentro do universo — e o indivíduo fará quase qualquer coisa para recuperar esse sentido, pois ele é altamente vital.

O seu Eu Pecador tentou, portanto, reafirmar a sua posição para corrigir a situação, mas o seu raciocínio, novamente, era que o sentido de graça dependia da admissão prévia de uma realidade pecadora. Tendes, naturalmente, nesse aspeto, um eu dividido, operacionalmente falando, e isso acontece frequentemente na vossa sociedade. O resultado é repressão de uma espécie ou de outra. O material que vos dei ontem à noite fornece informações valiosas sobre como comunicar com essa parte da personalidade e trazê-la à atualidade, por exemplo.

(Estrada longa.) Essa é pelo menos uma resposta parcial à vossa pergunta. Ruburt começou de imediato, como vedes, e tem-se saído bem. A vossa ajuda também foi de grande valor, pois mostrou, evidentemente, que ele não estava a ser abandonado, para começar. Vou manter a nossa sessão breve esta noite, contudo.

Dê-nos um momento... *(Estrada longa...)* Assim que tal material vem a público todas as partes da personalidade podem trabalhar em conjunto. Até então, tendes partes a operar pelo menos sem um sentido de unidade. *(Estrada longa.)* O Eu Pecador foi, novamente, formado na infância. Pode ser confortado. Pode ser-lhe dito agora aquilo que ansiava ouvir na altura — que era de facto bom, e não mau nem perverso, que podia de facto usar

a sua curiosidade sem a ameaça de abandono, e que podia confiar na sua própria criatividade e amor pelo jogo.

O Eu Pecador é “um constructo psicológico artificial” — imposto em certa medida ao eu natural, e em determinada altura opôs-se completamente a tal condicionamento, pelo que, com comunicação, ficará satisfeito em deixar ir essas velhas crenças desde que, naturalmente, toda a questão não seja empurrada para o subterrâneo.

As capacidades criativas começarão de imediato uma nova tentativa de reconciliar toda a questão, com uma liberdade maior do que antes.

(“Já chegámos a esse ponto?”)

Estais a começar a aproximar-vos. O Eu Pecador não se identifica tão bem com as capacidades criativas, pois não confia nelas. Nesse sentido, a melhor política é uma abordagem suave, mas a transição está a aproximar-se.

Vede televisão, ou de outro modo distraí as vossas mentes pelo resto da noite, e quando tiverdes outra pergunta terminarei a sessão.

(“Tenho outra, mas podes discuti-la mais tarde. Diz respeito à mãe do Ruburt, e à intensidade da sua reação.”)

Guardaremos isso para outra ocasião. Isso levará algum tempo.

Um afetuoso boa noite.

(“Obrigado, Seth. O mesmo para ti.”)

(A exposição da Jane tinha sido muito mais rápida do que noutras ocasiões ultimamente. Notem que também precisou de muito menos tempo para entrar em sessão. A minha pergunta entusiasmou-a, disse. Acho que pode vir a revelar-se uma questão-chave na nossa busca.)

SESSÃO APAGADA

23 DE ABRIL DE 1981

(Depois do jantar, Venice McCullough [Palmer] visitou-nos. Ela e o marido estão a pernoitar em casa de Bumbalo antes de ela ir para o interior ajudar a filha enquanto a neta é operada ao lábio leporino. Venice parecia bem, mas estava mais pesada do que nunca. Ofuscava Jane quando as duas se sentavam lado a lado no sofá. “Ora aí está algo que ela podia fazer, algo em relação a tomar uma decisão”, disse eu mais tarde, referindo-me ao peso. Achei que uma decisão dessas seria simples comparada com as que Jane tenta enfrentar.

(A Jane dormiu bem na noite passada e levantou-se comigo esta manhã. Quando foi para o quarto para a sesta das 11h acabou por aceder a memórias esquecidas sobre o tratamento desonesto que recebera da mãe. Bastante emoção estava ligada a essas memórias. “A minha mãe agredia-me psicologicamente perante os outros”, disse. “Ela era, como se diz, uma mentirosa patológica...” Jane descreveu vários episódios humilhantes que a mãe lhe tinha infligido. Ao mesmo tempo, parecia óbvio que essas memórias, ao virem à superfície, representavam uma instância terapêutica do que Seth dissera que aconteceria: memórias a borbulhar à superfície onde poderiam ser examinadas e neutralizadas, em vez de ficarem reprimidas no passado. Muito bem, disse eu a Jane.

(Eram 20h20 quando Venice saiu, e sentámo-nos para a sessão. Os ruídos da lareira tinham sido bastante altos mais cedo, mas agora estava tudo quieto. “São esquilos”, afirmara Frank Longwell ao meio-dia. Prometeu trazer uma escada para a casa na próxima semana para que pudéssemos inspecionar a chaminé a partir do telhado. Senti-me melhor: ao menos os esquilos teriam hipótese de sair — mas as crias de pássaros?

(Tinha duas páginas dactilografadas sobre a sessão da noite passada, e dei a Jane a página 1 para que pudesse refrescar-se quanto à minha pergunta, aquela que Seth tinha começado a discutir, sobre a intensidade das suas reações. “Bem, quase sinto a sua presença agora”, disse Jane às 20h42.)

Ora bem: o Ruburt fez hoje uma excelente ligação.

O excesso de escrúpulo que tinha em jovem, e a intensa preocupação — por vezes preocupação excessiva — que sentia com a “verdade” literal de qualquer situação, é e foi em grande parte a sua reação ao padrão

habitual, muitas vezes traquina, de mentiras da mãe. Não tinha percebido isso antes.

A mentira patológica da mãe significava que Ruburt tinha de avaliar e reavaliar qualquer situação em criança. Determinou não ser malicioso como a mãe era. A sua ansiedade levou às mais severas análises de consciência, sendo tais análises uma prática católica recomendada.

Foi também excelente que uma dessas memórias tivesse trazido consigo uma resposta emocional direta. Esse tipo de resposta significa que existe comunicação entre, digamos, áreas presentes e passadas da psique.

A informação surgiu de forma natural — o que é, novamente, excelente. Não quero repisar todo o seu passado inicial, mas é importante que ele tome consciência do conteúdo emocional. Queria apenas acrescentar alguns aspetos. O Ruburt tomou contacto com o cristianismo não-católico em qualquer medida somente depois das nossas sessões começarem. O Eu Pecador é tão evidente aí quanto é na Igreja Católica.

A versão protestante mistura-se, no entanto, frequentemente com organizações psíquicas. Nessa ótica, como na católica, a culpa feminina é vista como ainda maior do que a masculina. Assim, é lançada uma pressão acrescida sobre as mulheres, vistas de facto como espiritualmente inferiores — ou (*sublinhado*) por outro lado pintadas como puras, seres de pedestal à maneira da Virgem Maria.

Esse assunto em particular pode ser discutido noutra altura. Ruburt tem-se muitas vezes intrigado com a fraca qualidade da maioria do material intuitivo, sobretudo por se supor que é tão importante. A verdade, naturalmente, não está intrinsecamente na natureza do próprio material, mas sim no facto de ele ser quase exclusivamente traduzido em termos do pensamento cristão, por mais bizarra que essa interpretação possa ser. Aliás, esse material muitas vezes apenas reafirma todo o conceito do Eu Pecador sob outra forma. Muitas vezes essa forma é altamente inflamatória. O ponto essencial, contudo, é bom de reter.

As intuições do Ruburt, a sua natureza, as suas capacidades criativas e o seu intelecto conduziram-no ao estudo da natureza da realidade, na medida em que procurava encontrar um enquadramento de referência mais vasto. E seguiu vigorosamente esse curso mesmo quando não via conscientemente a continuidade de tal projeto em determinado momento.

O Eu Pecador estava altamente desconfiado de qualquer tal atividade. Creio que começámos uma excelente terapia natural nesse sentido. O

Ruburt está agora a trabalhar todos os ângulos do problema noutros níveis de consciência, e o Eu Pecador começa a sentir um novo sentido de reciprocidade. *(Pausa.)* Outras partes da personalidade do Ruburt utilizam também o nosso material, naturalmente, e lidamos com um certo tipo de cadência natural. É uma excelente ideia rever estas sessões uma a uma e manter o material no primeiro plano da consciência durante algum tempo.

Quando surgem memórias relativas ao seu passado, então estas podem ser usadas para fornecer um sistema de retorno necessário. Os sentimentos de pânico do Ruburt podem então ser compreendidos como originando em resposta a uma vida inicial altamente complicada, intensa, e em situações concretas. Não há dúvida de que foi maltratado. A mente do Ruburt estava, no entanto, preocupada com o enquadramento mais vasto em que a vida da mãe existia. Não podia satisfazer-se com uma resposta como “É isso que a vida é”, nem com uma condenação simplista da natureza básica do homem.

Novamente, o material que vos dei ontem encaixa bem com este. Haverá referências específicas que virão a Ruburt, como a ligação emocional de hoje, que não só atenuarão o que resta do pânico, mas mostrarão que o próprio pânico tem uma base mais ou menos razoável — não num medo informe, mas em acontecimentos específicos.

(Um ponto muito bom.)

O próprio Eu Pecador também pode chegar a tais percepções uma vez aberta a porta à comunicação. Estais a trazer informação contemporânea ao passado, libertando bloqueios e abrindo caminho à cura natural. Haverá, novamente, uma cadência natural, e da parte de toda a personalidade um movimento adicional à medida que a informação é assimilada e se efetuam ajustamentos para uma maior acomodação.

As próprias sessões servem para ativar muitos níveis diferentes de atividade e fornecer material de base. Muitas das atitudes atuais do Ruburt, por exemplo, farão pelo menos mais sentido para ele ao ver que tiveram origem em resposta a situações contra as quais uma criança não tinha recurso. Ruburt não contou a ninguém sobre as mentiras da mãe, por exemplo, não até ser adolescente, e tinha demasiada vergonha da forma como a mãe frequentemente o tratava para contar a alguém.

Esse tratamento reforçou as suas crenças de que devia de facto ser uma pessoa má ou pecadora. Recordem todo este material, novamente, à luz do que foi dito acerca da sua imagem pública. Onde sentia que dele se esperava um comportamento quase super-santo — pois tendes,

naturalmente, aí duas versões completamente diferentes do eu, ambas irrazoáveis.

(*Pausa.*) Com *O Deus da Jane*, o Ruburt descreveu de forma bela e experiente as suas próprias vivências com crenças, e pelo menos sugeriu algo do seu passado. Ao mesmo tempo sentia que devia oferecer mais: a imagem pública, a compreensão santificada, e assim por diante.

Tendes alguma pergunta?

(*“Não, creio que não, exceto continuar com a da última sessão.”*)

Estou a marcar o ritmo destas sessões agora, permitindo quatro ou algo assim por semana, de acordo com as próprias experiências dele, de modo que o material possa também ser assimilado ao longo do caminho. As últimas sessões são altamente importantes. (*Estrada longa.*) Parte desse material está agora a ser usado pelo chamado Eu Pecador — que agora está aberto a nova informação. É bastante sincero no seu próprio desejo de “ser bom”, ou de sentir um estado de graça no seu ser, pelo que compreende esse tipo de propósito.

(*“Tem alguma noção dos resultados físicos que surgiram em Ruburt?”*)

No geral, esses resultados são considerados pelo Eu Pecador, agora, como lamentáveis mas necessários, como talvez o uso de disciplina demasiado severa, ou o uso de castigo “para o próprio bem da personalidade” — tudo o que faz perfeito sentido dentro da estrutura de crenças do Eu Pecador e da estrutura filosófica mais ampla do próprio Cristianismo.

(*Uma resposta extremamente reveladora e prejudicial. “Tem o Eu Pecador alguma noção de que as suas políticas se tornaram agora autoderrotistas?”*)

(*Pausa.*) Outra questão difícil. (*Estrada longa.*) Teria de dar uma resposta “não” no sentido em que colocaste a questão.

No enquadramento de referência do Eu Pecador e na filosofia católica em que se baseia, sofrer por um bom propósito, em direção a um bom fim, em direção a um bom objetivo pelo bem da alma, é uma virtude. (*Pausa.*) Todo o dogma católico está construído em torno da agonia e morte de Cristo. Ora, para uma parte da personalidade que acredita nesse sistema, a posição do Ruburt mal provoca uma ruga. Esse sistema encara o corpo como altamente distrativo, perturbador, herdeiro das luxúrias da carne, e

assim por diante. A sua disciplina através do sofrimento é um dos efeitos mais atrozes do Cristianismo.

A própria ideia de a carne ser agraciada parecia então bastante blasfema ao Eu Pecador. Está, no entanto, bastante pronto para reorganizar o seu raciocínio uma vez que é alcançado. No passado tem sido ignorado — outra boa questão. De resto, não tinha consciência do próprio conhecimento do Ruburt acerca da ligação estreita entre inspiração, por exemplo, e o conforto e relaxamento do corpo. *(Pausa.)* Aprova a inspiração, mas é a parte da personalidade que também teme a informação não oficial por causa do sistema de crenças que lhe deu origem.

Novamente, é, contudo, capaz de tal compreensão, e pode mudar. A sua motivação é sentir-se em unidade com um estado de graça, em unidade com o seu lugar no universo. Esse propósito é o mesmo que o do Ruburt, mas os seus métodos e compreensão estão ainda a um determinado nível, um nível que pode de facto ser mudado e reeducado.

(“Está o Eu Pecador assim tão ligado ao eu físico, então, ou foram outras partes da personalidade do Ruburt que provocaram os sintomas porque conheciam as crenças do Eu Pecador?”)

(Estrada longa. Seth fitou-me demoradamente.)

Não posso responder à questão tal como a colocaste.

(“O Eu Pecador teve ajuda na criação dos sintomas, por outras palavras?”)

Dai-nos um momento... Guardemos a questão. Reformulá-la-ei para ti e responderei noutra sessão.

(“Está bem.”)

Fim da sessão e uma afetuosa boa noite.

(“Obrigado. O mesmo para ti.”)

(“Sinto que o fizeste outra vez”, disse Jane assim que saiu do transe, “tocaste em coisas realmente boas.”)

(Também pensei o mesmo. A primeira pergunta levou automaticamente às seguintes. Havia ainda muitas mais para fazer. Fiquei chocado, pensando ao mesmo tempo que talvez finalmente tivéssemos chegado ao cerne do problema, e pudéssemos tomar medidas para fazer algo a respeito. O Eu Pecador... Que conceito, pensei, especulando brevemente sobre os danos incalculáveis que deve ter causado a milhões de pessoas ao longo dos séculos. O meu primeiro pensamento, após a resposta à primeira pergunta, foi que devia ser extirpado do carácter do

Ruburt, ou pelo menos que as suas crenças deviam ser tão alteradas que se tornasse irreconhecível comparado com o que é agora.

(A Jane ligou a televisão após uma breve discussão. Eu queria muito estudar esta sessão com a ideia de basear nela futuras perguntas. Queria saber como é que o sofrimento podia ser bom para a alma, entre outras questões, já que, a partir da sua posição supostamente exaltada, dificilmente se pensaria que a alma precisasse de sofrimento para melhorar a sua posição ou compreensão. Os meus sentimentos em relação ao Eu Pecador não eram certamente caritativos, nem estava prestes a conceder-lhe um estado de graça em vista das suas ações prejudiciais, mesmo que Jane o tenha ignorado e cortado a comunicação. Há muito a aprender aqui. Talvez tenhamos finalmente uma boa noção do que precisa de ser feito.)

SESSÃO APAGADA

24 DE ABRIL DE 1981

(A Jane passou uma das piores noites até agora na noite passada: “Foi uma grande merda.” Dormiu muito mal e esteve continuamente agitada. Tomou aspirina, sentou-se muitas vezes, e até me chamou para lhe massajar as pernas e as costas quando essas zonas a incomodaram muito mais do que o habitual. Nada ajudou muito. Dormiu até às 11h, depois passou um dia muito silencioso e deprimido em termos de humor. As pernas, sobretudo, incomodaram-na.

(Tínhamos quase a certeza de que as suas reações provinham do bombardeamento de material que Seth nos tem dado desde que começámos esta série de sessões “intensivas” na semana passada, mas esse conhecimento não a ajudou muito hoje. Pareciam particularmente evidentes, pensei, os efeitos da sessão da noite anterior, que considero excelente. Esta manhã na cama Jane agitava-se e choramingava quase constantemente, tanto dormindo como acordada, incapaz de se sentir confortável. Os sentimentos de pânico não permitiam isso, antes expressavam-se em ondas como tinham feito na manhã de segunda e de quarta. Interpretei isto como sinal de que a comunicação continuava entre o Eu Pecador e outros níveis da sua personalidade.

(“Bob, tudo o que quero é melhorar”, disse ela na casa de banho, quase a chorar, após mais uma luta para voltar para a cadeira vinda da sanita.

(“Se calhar devias ter uma sessão esta noite”, disse eu. Não o disse a sério, já que pensávamos que as sessões tinham terminado na quinta-feira.

(“Não quero outra sessão”, disse Jane. “Só quero ver qualquer coisa estúpida na televisão esta noite e esquecer isto tudo.”

(“Incrível”, disse para comigo, pensando na luta diária que ela tinha agora de enfrentar só para fazer algumas coisas básicas como usar a casa de banho. A sessão da noite anterior estava na minha mente, naturalmente. E pensei que anos atrás, [e com a minha própria cooperação inconsciente] Jane tinha cedido o controlo da sua vida, em certos aspetos importantes, ao Eu Pecador através dos sintomas — e sim, permitira abjetamente que exercesse tal poder e influência que agora se encontrava finalmente nas garras de uma força poderosa, ou conjunto de crenças. Porque seguir tal curso de ação, tal rendição, como eu via? Um pouco de sofrimento na vida — vá, pensei, considerando a sessão da noite anterior — mas isto? Ela tinha chegado ao limite em certas áreas, como a da casa de banho.

(Ao meio-dia, enquanto almoçávamos, perguntei-lhe o que achava que o Eu Pecador faria do material do manuscrito do Orador que andava a receber nos últimos dias. Jane disse que também tinha pensado nisso.

(Esteve muito soturna e silenciosa enquanto passou grande parte da tarde e do serão no sofá. “Algo tem de ser feito”, disse. “Não aguento muito mais isto.” Foi ela própria quem sugeriu a sessão, então, e claro que concordei. Disse-lhe também que não me tinha esquecido da lista de seis pontos que fiz para a sessão eliminada de 13 de abril de 1981. Isso parecia agora ter sido há uma eternidade. O último desses pontos descrevia a nossa procura de ajuda médica para ela. Para mim, nesse momento, esse seria o “algo a ser feito” caso não conseguíssemos ajuda suficiente destas últimas sessões.

(Seth começou logo esta noite com uma afirmação bastante surpreendente, e também esperançosa. Jane começou a falar por ele com vigor inesperado:)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Ora bem: Um ponto que queria registar. O Eu Pecador, no entanto, já não se identifica com a Igreja Católica Romana, como outrora, e com o que

representava no passado também ficou insatisfeito com esse enquadramento. É um resíduo das dúvidas e questionamentos do Ruburt, essas áreas não resolvidas que estavam carregadas emocionalmente não só por causa, digamos, da doutrina da Igreja, mas intensificadas por episódios emocionais com a mãe, ou outras questões semelhantes. Nesse sentido, o Eu Pecador, então, não está satisfeito com a sua situação.

(*Estrada longa.*) Não sentia que estava a receber qualquer reconhecimento satisfatório, no entanto. As principais questões são as já apresentadas. Deveis discuti-las em conjunto à luz das sessões, e com compreensão. Estão ligadas à importância, à natureza e à fiabilidade do material revelador e à forma como este se relaciona com uma interpretação literal de verdadeiro-e-falso.

O Eu Pecador quer ter a certeza de que não está a mentir, porque sente que, segundo as suas próprias definições, está naturalmente inclinado para tal comportamento — ser mau, pecador, etc. Toda a síndrome do falso profeta deriva desses sentimentos.

Em menor grau a mesma questão aplica-se a qualquer criatividade altamente inspirada — que, novamente, sempre foi posta em causa pela organização da igreja, que se opôs firmemente até, digamos, à interpretação individual da própria Bíblia.

A ideia de que o nosso trabalho pudesse fundar uma nova igreja, portanto, é uma questão muito delicada. Todas estas matérias devem, contudo, ser discutidas, explicadas e compreendidas de forma satisfatória, uma vez entendido que tais questões são legítimas, e não preocupações tolas a serem simplesmente descartadas.

Na realidade, representam assuntos muito complexos, e complexos de explicar, pois em si mesmos contêm as sementes de material necessário a qualquer compreensão da natureza da realidade e das crenças. A própria religião, naturalmente, dificilmente resistiria ao teste.

Muitas questões outrora ligadas a esse núcleo de crença do Eu Pecador foram há muito resolvidas, reconciliadas ou de outra forma alteradas. (*Estrada longa.*) Os sentimentos de pânico representam o medo de qualquer criança de ser abandonada pelos pais ou pela comunidade se for demasiado rebelde. (*Estrada longa.*) Esses sentimentos de pânico são os que ele reprimiu, naturalmente. Representam frequentemente humilhações, na maioria das vezes às mãos da mãe — humilhações que o convenceram de que era de facto não-amável e destinado a problemas.

Os sentimentos em si, no entanto, estão longe de ser incontroláveis, e podem ser enfrentados. Enquanto lidamos com esse material deveis, sem dúvida, tentar ser um pouco mais indulgentes convosco próprios, em termos gerais — Ruburt em particular. Façam amor mais vezes se surgir a oportunidade. Recebam visitas ocasionais ou o que seja.

(Estrada longa, depois intensamente mas com um toque de humor:)

Sei que sabeis isto, mas não vos concentreis no problema. Desfazeis metade do vosso bom trabalho quando o fazeis. Estreitais o vosso âmbito de interesse.

(“Posso dizer uma coisa?”)

Podes.

(“Parece que a Jane pouco mais consegue fazer.” Eu pensava na sua reação deprimida de hoje perante os sintomas. “Não estava certamente em condições de fazer mais nada, parecia. Sentia-se muito mal.”)

Hoje foi um dia em que os sentimentos se tornaram conscientes e impregnaram o ar emocional, como se o mofo de uma porta de armário subitamente aberta se espalhasse pela sala. Esse tipo de situação em breve terminará, pois é uma reação — bastante natural — à primeira reabertura dessa porta para sentimentos do passado.

Antes, os sentimentos estavam presentes mas completamente camuflados nos sintomas físicos. Durante um curto período de tempo, pode parecer que, por vezes (*sublinhado*), tanto os sintomas como o estado de espírito se intensificam. Isso também desaparecerá, e será de curta duração.

No último período, Ruburt também produziu o seu material sobre os manuscritos do Orador, por exemplo, quando o seu estado de espírito era de natureza totalmente diferente, quando estava imerso na criatividade e sentiu um sentido de realização. O mesmo se aplica a meia dúzia de pequenos quadros.

(“Estávamos a pensar no que o Eu Pecador poderia achar do trabalho nesses manuscritos do Orador.”)

(Seth ou não me ouviu, ou escolheu ignorar a pergunta.)

Estão envolvidos velhos hábitos, naturalmente. A parte sobre não se concentrarem no problema, no entanto, continua a ser primordial, assim como a necessidade de ver a situação no seu enquadramento mais vasto. Quero dizer isso literalmente. Perante o passado do Ruburt ele conseguiu lidar tão bem como lidou, e noutras áreas da vida estão a sair-se muito melhor do que habitualmente se dão crédito.

Essas áreas tendem a ser negligenciadas nas vossas mentes, como se, ao lado dos problemas do Ruburt, fossem relativamente insignificantes — mas não as considerariam tão insignificantes se representassem as suas próprias áreas vitais de dificuldade.

Dá-nos um momento... (*Pausa longa.*)... Percebo que só podeis fazer tanto, Joseph, mas, numa noite particularmente difícil, se ficasses acordado, conversando com o Ruburt durante talvez 10 ou 15 minutos, poderiam ambos encurtar episódios problemáticos de forma considerável. Este último período foi também intensificado porque ambos estavam no mesmo estado de espírito ao mesmo tempo. Deveis lembrar-vos de que todo o problema existe, de facto, num enquadramento pessoal mais vasto no qual a vida e a energia são abundante e livremente dadas.

Todas as partes da personalidade do Ruburt estão, de facto, a trabalhar com o material, e a trabalhar para reconciliações. Noutro serão responderei à tua questão difícil (*que mencionei há uns dias, creio eu*) sobre aquelas áreas em que a minha interpretação da situação do Ruburt muitas vezes não se correlaciona com a tua.

Devo acrescentar provavelmente ainda outro exemplo desse tipo (*quase com humor*), dizendo-te que a condição das pernas do Ruburt é de facto terapêutica. É também verdade que ele teme que não seja assim, e que o próprio medo torna a situação mais desagradável do que precisaria de ser.

Em certas condições, até experiências corporais agradáveis podem ser vividas como dolorosas — e vice-versa (*intensamente*).

A situação do Ruburt não está fadada a piorar. (*Pausa longa.*) Ele não está temperamentalmente aprisionado. (*Pausa longa.*) Ambos tendes, ultimamente, permitido a vós próprios ver a situação sob a sua pior luz — e isso, naturalmente, é parte do problema. Reconheço que é fácil dizer isto do meu ponto de vista, e que as vossas expectativas têm de estar em parte baseadas na experiência atual, mas tendes aí muito mais margem de manobra do que utilizais.

Fim da sessão.

(*“Pergunta?”*)

(*Seth acenou afirmativamente. Repeti a minha pergunta sobre a opinião do Eu Pecador acerca da Jane trabalhar nos manuscritos do Orador.*)

Estou a deixar isso de lado para esta noite.

(*“Está bem.”*)

A situação pode começar facilmente a melhorar, quer eu saiba conscientemente como isso está a ser feito, quer não. Entretanto, usem essa sugestão com leveza.

(“Está bem.”)

Um afetuoso boa noite.

(“Obrigado, Seth. Boa noite.”)

SESSÃO APAGADA

27 DE ABRIL DE 1981

(Queríamos muito esta sessão, embora às 19h30 Jane estivesse tão em baixo que eu não sabia se conseguiria ou não. Ela disse que tentaria, e eu esperava que a sessão acontecesse.

(Pois a noite passada tinha sido uma das mais desconfortáveis até agora. Acordou-me a chorar às 4h, com sensações súbitas e fulgurantes na perna direita, da anca até ao pé. “Quando chega ao pé, quase que se sente bem”, disse. Tinha tomado Bufferin mas não pareceu ajudar muito. Já tinha tido sensações semelhantes nos últimos dias — ver a cronologia do fim de semana em baixo — mas na noite passada foram mais constantes e intensas. Jane também teve outra série de sonhos, mas infelizmente mal conseguiu recordar-se deles. Massajei-lhe as pernas durante meia hora, depois adormeceu. De facto, já ressonava antes de eu conseguir voltar a dormir.

(A Jane dormiu até ao meio-dia, e novamente durante a manhã agitou-se muito no sono, e por vezes choramingou ou gritou, presumivelmente por causa de um sonho. No entanto, quando a chamei, disse que tinha dormido bem. As sensações súbitas e quentes continuavam na perna direita, embora em menor grau. Frank Longwell visitou-nos ao meio-dia e também lhe massajou as pernas. Disse que as sensações eram um sinal positivo e terapêutico de “atividade nervosa”. No entanto, Jane voltou para a cama às 15h e dormiu até à hora do jantar.

(O Frank, aliás, trouxe uma escada para poder subir ao telhado e espreitar pela chaminé, tentando ver que criaturas estavam a causar a balbúrdia na lareira acima do regulador. Com a minha lanterna, conseguiu vislumbrar um guaxinim de tamanho médio, mas não conseguiu dizer se era macho ou fêmea, ou se tinha crias. Voltou às 17h para deixar cair uma corda grossa pela chaminé, na esperança de que o guaxinim

pudesse subir. Mas depois pensei que devia já andar a entrar e sair sozinho há pelo menos três semanas, e eu tinha a certeza de ouvir mais do que uma voz a tagarelar acima do regulador, tarde da noite. Parecia mesmo que os progenitores estavam a alimentar as crias.)

(O Frank, também, nunca tinha encontrado outro caso como o da Jane, desde os tempos em que foi quiroprático até agora. Disse que os médicos teriam dificuldade em diagnosticar os seus sintomas. Se a memória não me falha, Seth disse há muito tempo que a Jane não tinha artrite, mas que, por suas próprias razões, estava a imitar a doença da mãe. Jane está mesmo incomodada, no entanto, e confiamos que Seth estava certo na última sessão quando disse que esta fase dos sintomas da Jane passaria em breve.

(Mostrei à Jane novamente uma cópia do meu sonho de 23 de abril, e pedi que Seth o discutisse esta noite, pois tinha a certeza de que continha pelo menos alguns presságios positivos para ela. (Eis agora uma breve cronologia relativa aos sintomas da Jane desde sábado passado, o dia a seguir à última sessão:)

Sábado de manhã, 25 de abril:

Quando fomos para a cama, Jane sonhou com a mãe e com escrever sobre a sua vida com Walt. Teve uma experiência desagradável envolvendo a mãe quando nos deitámos, mas eu tranquilizei-a e ela dormiu bem. Teve um bom dia depois de eu sugerir que tentasse não se concentrar nos sintomas.

(Mas antes do jantar de sábado começou a sentir novas sensações muito estranhas: dolorosas na anca, mas muito mais agradáveis quando chegavam ao pé. Por vezes fazia movimentos rápidos quase involuntários com a perna ou o pé. Pensámos que essa sensação acrescida poderia ser resultado das últimas sessões, especialmente. Walter Zeh foi o seu primeiro marido.)

Domingo, 26 de abril:

Depois do pequeno-almoço às 11h30 — para Jane — encontrei-a sentada com as pernas apoiadas numa cadeira. As mesmas sensações percorriam-lhe dolorosamente a perna direita desde a anca — mas novamente, “quando chegam aos dedos dos pés sentem-se bem.”

«Bem, ainda me sinto longe de estar capaz de fazer grande coisa», disse Jane enquanto esperávamos esta noite às 20h15, «mas não há dúvida, as coisas continuam a acontecer. Essa sensação está agora bem aqui» — apontou para o topo do joelho direito — «e desce até ao tornozelo.» Também tinha reparado numa nova sensação no peito do pé direito, uma zona de que não tinha consciência há muito tempo.

«Presumo que possa ter uma sessão, mas para além de certo ponto é demasiado difícil», disse — e estremeceu quando outra sensação aguda «me atingiu mesmo no joelho. Mas sinto-o vagamente por perto...»

Mais uma vez sentou-se no sofá, e eu sentei-me na sua cadeira, de frente para ela, separados pela mesa de café e com atrás de mim a lareira fechada. Lá em cima, para além do registro, ouvia-se claramente os nossos hóspedes guaxinins a tagarelarem animadamente: talvez fosse hora de comer, o barulho era forte, um sinal seguro de coisas em crescimento, pensei. Achei que a algazarra pudesse perturbar Jane ao entrar em transe, mas não foi o caso.

Agora (*reclinada no sofá, olhos fechados*): Primeiro, começaremos com as sensações físicas do Ruburt.

Ele está a lidar com aquilo que é uma espécie de geração nervosa — regeneração — o reavivar da atividade e função dos nervos envolvidos no andar normal — um processo de reeducação em que as sensações nervosas são reintroduzidas.

A intensificação tem um propósito: trazer essas ligações nervosas à atenção consciente e (*longa pausa*) reafirmar essas ligações às conexões físicas adequadas com o cérebro. De certa forma, essas sensações tinham sido atenuadas, abafadas. Agora estão, digamos, temporariamente amplificadas. Significam, claro, movimento e ímpeto, e servem também para ativar todas as outras partes envolvidas na atividade de andar.

Em menor grau afetam todo o corpo, naturalmente. As sensações são «sensações líderes» destinadas a iniciar ciclos de outra atividade.

(*Pausa.*) Agora deem-nos um momento... As sensações retratam mudança benéfica, e são estimulantes. Agora. Um pequeno segmento esta noite na televisão deu-vos uma imagem da atividade confusa que pode ocorrer em situações exageradas — o segmento que tratava das crianças maltratadas, em que os pais reagiam da pior maneira possível aos ditames religiosos, tal como interpretados pelo «Eu Pecador».

(*Tinha pensado nisso na altura, mas não mencionei a Jane.*)

Todo o sentido de proporção quase desaparece. Em maior escala social o mesmo se aplica nas vossas guerras (*pausa*), em que as medidas mais drásticas são consideradas suficientemente sensatas e razoáveis se apenas o objetivo for «um bom». Os sonhos do Ruburt têm-no ajudado a identificar a sua própria experiência pessoal ao interpretar tais crenças na infância. (*Longa pausa.*) Ele tem reunido uma combinação de eventos físicos e mentais, para que possam ser enfrentados no presente e à luz da sua nova informação.

(*Longa pausa.*) O Eu Pecador é, claro, imposto, transformado naquilo que é. Não é uma construção psicológica natural, por isso, quando lhe é permitido, procura naturalmente também a sua própria libertação, e quando lhe é negada a comunicação, isso é o mais difícil. Parte do material onírico da noite passada lidava com as ideias, novamente, de criatividade — por vezes vistas como suficientemente inofensivas para crianças, como na peça em que Ruburt se lembrava de ter participado na sua escola pública católica. Em maior medida, porém, a criatividade era considerada algo de que os adultos se afastavam, sinal de uma adolescência prolongada, particularmente imprópria para a mulher cujos pensamentos deviam voltar-se para o marido e o filho.

(*De repente os ruídos da lareira tornaram-se tão fortes e íntimos que pensei que os guaxinins tivessem conseguido passar pelo registro fechado e estivessem atrás da grade na própria lareira, mas Jane continuou normalmente em transe.*) A criatividade pela qual Ruburt foi elogiado em criança — a escrita da sua poesia, por exemplo — foi-se tornando cada vez mais reprovada pela igreja à medida que crescia, sobretudo quando a poesia continha conceitos que não se ajustavam ao dogma cristão.

(*Agora o barulho na lareira oscilava.*)

Aí surgem problemas ligados à devoção católica ou cristã, ao feedback natural necessário no desenvolvimento do trabalho criativo, e à originalidade marcante das iniciativas criativas que se lançam por si próprias, formando os seus próprios caminhos.

(*Pausa.*) O eu criativo é levado a sentir culpa pela sua própria originalidade e produtividade. (*Longa pausa.*) A tudo isto, acrescentam-se os vários climas sociais ao longo de uma vida. Assim, o indivíduo também responde de acordo com a situação cultural. Se Ruburt compreender estas questões, todo o caso resolver-se-á, pois sentir-se-á uno consigo próprio. (*Pausa.*) Ele está a libertar-se de sentimentos e sensações que no passado

bloquearam o seu progresso. Novamente, o material deve ser lido e discutido agora, e deixem-no mencionar especificamente quaisquer acontecimentos que lhe venham naturalmente à mente à medida que leem ou discutem as sessões.

Jane discutiu um desses incidentes no dia seguinte, terça-feira, ao meio-dia, mesmo antes de eu começar a datilografar esta sessão. Tinha a ver com a morte da empregada da mãe, Mary, e a culpa que a mãe da Jane atribuiu à filha por isso.

(Pausa.) A intensidade das sensações na anca e na perna já atingiu o auge, e irá diminuir — e a vossa ajuda ontem à noite foi inestimável. A questão principal, novamente, é tranquilizar aquela parte importante da personalidade do Ruburt de que o eu não é pecador, não é mau nem perverso, e mostrar-lhe a natureza limitada da estrutura que assim o definiu.

Prefiro deixar o vosso sonho de parte por agora. Os seus aspetos esperançosos são obviamente evidentes. Ruburt deverá estar a experienciar alguns novos períodos de renovação e relaxamento, tanto mental como físico, e terminarei a sessão a menos que tenham uma pergunta específica que considerem importante.

(«Não.» Tinha imensas perguntas, mas pensei que Jane precisava de descansar.)

Gostaria que o material fosse assimilado e lido.

(«Está bem.»)

Tentem organizar o vosso tempo. Podem passar duas ou três noites sem sessões para ler o material, ou encontrar outro tempo durante o dia ou o que for, tomando as vossas próprias decisões, e uma boa noite.

(«Obrigado, Seth. O mesmo para ti.»)

A entrega da Jane tinha sido boa. Mencionei de forma bastante suave algumas das perguntas que tinha para Seth, dizendo que não queria julgar demasiado depressa um dado conceito ou ideia como o Eu Pecador. «Os meus sentimentos em relação ao Eu Pecador não são muito amistosos», disse, «mas não quero ser demasiado hostil ou poderei criar outros problemas...» Também queria tempo para reler especialmente as sessões mais recentes, pois penso que contêm o melhor material para nós neste momento. E novamente, disse a Jane, porque é que nos tinha levado tanto tempo a chegar a este ponto? Os anos passam.

(E as sensações na perna da Jane tinham regressado até certo ponto. Não havia dúvida de que estava desconfortável sentada no sofá. Não sabia

se havia de ver televisão ou comer uma bolacha com leite, ou ir sentar-se na cama e tomar algumas notas. Acabou por irmos deitar-nos talvez meia hora mais cedo.)

SESSÃO APAGADA

28 DE ABRIL DE 1981

(Tínhamos querido reler algumas das últimas sessões hoje, mas não o fizemos. O tempo pareceu voar. Jane dormiu até cerca das 10h30. Não tinha estado mal, e eu massageara-lhe as pernas antes de dormirmos. Teve algumas sensações na perna direita — fortes o suficiente para notar, mas não tão fortes como antes, e teve-as «intermitentemente durante todo o dia, sobretudo no joelho e na parte inferior da perna. Não tinha qualquer sensação ali há não sei quanto tempo.» Mexeu-se um pouco melhor na casa de banho esta manhã, e disse que a anca direita funcionava bem.

(Todos estes sinais são bons, naturalmente, e esperamos que continuem. Estas sessões têm certamente ajudado, como eu esperava que acontecesse.

(Frank Longwell visitou-nos hoje. Veio buscar a sua corda da chaminé da lareira — a nossa família de guaxinins ainda lá está, aparentemente imune às tentações oferecidas pela corda. Estão a tagarelar suavemente atrás de mim agora enquanto trabalho nestas notas.

(Esta tarde cortei alguma relva à frente logo que parou de chover, depois dactilografei a sessão da noite anterior, quase a terminando. Completei-a depois do jantar. Jane não tinha vontade de ler e discutir sessões, por isso decidimos ter uma esta noite e talvez fazer alguma leitura amanhã.)

Bem: algumas instruções.

Ao lerem este conjunto de sessões, a ideia não é de forma alguma acusar o Eu Pecador. É antes compreendê-lo, as suas necessidades e motivações, e comunicar a ideia de que lhe venderam gato por lebre na infância — assustaram-no de morte, difamaram-no.

A ideia é mostrar-lhe que essas crenças já não se aplicam, que a estrutura em que foram aprendidas era profundamente falha. Em vez disso, ele próprio — o eu — é de facto bom, como supunha antes de assumir tais disparates. Tratem-no de certa forma como uma criança assustada que pode ser confortada, e que pode compreender.

(*Longa pausa.*) Deve ser feito participante no processo, então, muito claramente, pois é a sua transformação e compreensão que se procura. Em breve darei uma coleção muito, muito breve de sugestões que poderão ler após cada sessão de leitura vossa, para aclarar o ambiente.

Ruburt está a portar-se muito bem perante a situação. As sensações na perna e no joelho significam de facto novo movimento e a vontade de se mover. Novamente, os sentimentos de pânico desaparecerão naturalmente, mas são importantes porque são, à sua maneira, os sinais da criança a chorar — e, em tempos, Ruburt adulto não ouvia.

Todo o conjunto de sintomas do Ruburt não segue qualquer padrão estabelecido. São o resultado de stress aplicado, finalmente exacerbado por sentimentos de desespero e por alguns sentimentos relativos de isolamento.

(*Longa pausa.*) O Eu Pecador, obviamente, não é um fardo que Ruburt carregue sozinho, mas algo inerente à vossa civilização. Infelizmente, os seus valores manifestaram-se de várias formas na vossa cultura. (*Longa pausa.*) Em termos de bondade, podem certamente dizer ao Eu Pecador que a saúde e a vitalidade são de facto não só boas, mas que, à sua maneira, representam atributos espirituais. Nenhum eu necessita realmente de batismo. Já é abençoado por Tudo O Que Existe antes do seu nascimento, e os seus desejos, impulsos e características são também inerentemente bons, destinados a assegurar a sua própria realização, a trazer à tona as suas melhores características e a ajudar também o resto do mundo — todas questões muito importantes.

(*Pausa.*) Ruburt poderá ter uma ou duas conversas imaginárias com o Eu Pecador. Isto pode ser bastante vantajoso, e certamente acelerará a comunicação. Ruburt provavelmente começará a experienciar cada vez mais o refrescamento e o relaxamento de que falei, mas também era importante que tivesse consciência do estado subjetivo que estava a causar a dificuldade. Esse estado poderá então dissipar-se através da expressão.

Esta será de facto uma sessão breve, mas quis dá-la antes de começarem seriamente a estudar este grupo. Querem fazer uma pergunta?

(*«Tenho-me perguntado ultimamente até que ponto as suas capacidades psíquicas têm a ver com a intensidade das suas reações à experiência da infância. Sei que já abordaste aspetos disso antes, mas...»*)

As capacidades criativas, passados uns tempos, eram elas próprias suspeitas. O Eu Pecador foi ensinado a desconfiar da sua própria natureza e expressão, acreditando que essa natureza, por virtude do pecado original,

era falha — mas de uma forma trágica — literalmente condenada por Deus, naturalmente, por causa dos pecados dos antepassados.

As capacidades psíquicas, em si, eram relativamente pouco importantes para Ruburt quando o Eu Pecador recebia todo esse ensinamento, por isso, nesse aspeto, vistas isoladamente, eram apenas encaradas sob uma luz um pouco pior do que as capacidades criativas. O problema surgiu com a inserção de questões de bem ou mal, verdade ou falsidade, e certamente com qualquer possibilidade de, digamos, instituir uma nova religião. Tornei esses pontos claros numa sessão recente, e são importantes. Fim da sessão.

(«Obrigado.»)

Uma boa noite —

(«O mesmo para ti.»)

— e também tu lidaste bem com toda a situação. (Longa pausa.) Uma pequena nota: mais uma vez, deve ser assegurado ao Eu Pecador que ele é bom, que não é pecador. É seguro expressar-se, é seguro mover-se, e foi produzido por Tudo O Que Existe a partir da grande energia do amor universal.

(«Bem. Ainda bem que a tive», disse a Jane. Note-se que o Seth começou a comentar de imediato as notas que eu escrevera no final da última sessão [de ontem], sobre os meus sentimentos pouco amistosos em relação ao Eu Pecador neste momento. Na sessão tocou também em vários outros pontos que eu tinha levantado muito recentemente, incluindo a natureza dos sintomas da Jane.

(Tinha chovido bastante depois do jantar, mas amainara à medida que se aproximava a hora da sessão. Quando acendi mais algumas luzes na sala de estar, para ver melhor para escrever, os nossos amigos na lareira começaram a manifestar-se — acrescentando um novo tipo de assobio ou choro — e Jane fez um comentário que pode ser pertinente: a luz pode infiltrar-se para além do registro fechado o suficiente para que os guaxinins respondam a esse estímulo. Mas ficaram muito mais silenciosos à medida que a sessão progredia.)

SESSÃO APAGADA

30 DE ABRIL DE 1981

(A Jane teve um dia bastante bom hoje até lermos algumas das últimas sessões esta tarde, aquelas relativas à sua relação com a mãe. Depois ficou «irritada e nervosa» ao deitar-se para a sesta. E na noite passada, como de costume, tivera alguns sonhos relacionados com os nossos esforços atuais para a ajudar. Contudo, não tinham sido pesadelos. Na verdade, dormiu bem e levantou-se para tomar o pequeno-almoço comigo. Esta manhã fez um acrílico dos crisântemos que Frank Longwell lhe tinha oferecido pelo seu próximo aniversário.

(Quando me juntei a ela para a sessão, encontrei-a sentada no sofá com os olhos semicerrados, meio fechados em relaxamento. No entanto, não estava sonolenta — «já dormi bastante hoje», disse, referindo-se às suas sestas da manhã e da tarde. Não tinha nenhuma pergunta em particular, mesmo considerando a sua irritação com o material da sessão. Também relêramos um grupo de sessões ontem à noite em vez de termos sessão, mas não queria perder a oportunidade de ter uma esta noite, já que a semana avançava.

(«Vês, assustei-me então», disse Jane às 20h17, despertando e sentando-se direita no sofá. Não tinha a certeza se o susto momentâneo vinha do sono ou do medo do relaxamento, embora eu sentisse que era do último. «Não sei se deves fazer perguntas sobre a minha mãe», disse, «isso é material carregado...»

(Esta tarde eu sugerira que talvez ela quisesse uma palavra de Seth sobre a situação atual da mãe — no sentido de que, se a mãe tivesse agora mais consciência do modo como tratara a filha, esse conhecimento poderia ajudar Jane a sentir-se melhor quanto às próprias reações à mãe. Mas Jane não tinha a certeza. Quando repeti a sugestão agora disse que isso regenerava aqueles sentimentos de pânico e/ou inquietação, «mas não temos tempo de os explorar agora, com a sessão a começar e tudo.»

(Tentei tranquilizá-la e acrescentei que não nos podíamos dar ao luxo de deixar esses sentimentos «irem esconder-se» de novo, no subterrâneo da psique. Jane concordou. Esta tarde eu também dissera que não a deixaria voltar a fazê-lo.

(E às 20h22 já sentia Seth por perto. O corpo todo dela estava ainda a mudar. «As pernas têm mudado completamente — acho que não te disse — ambos os joelhos têm sensações», disse. «Consigo senti-los quando

ando, e isso assusta-me. As ancas e os ombros, e a sensação de movimento na anca direita, por cima...» Mas não tem tido as sensações agudas em grau algum como as que tivera desde que lhe massageei as pernas a meio da noite, há duas noites. Tem estado muito mais confortável.

(Os nossos amigos guaxinins agitavam-se na lareira atrás de mim. Tinham estado bastante silenciosos a maior parte do dia, tanto que até nos perguntámos se a mãe e o pai teriam evacuado a família desse aconchegante local.)

Boa noite.

(«Boa noite, Seth.»)

Agora: levaremos isto com calma.

A mãe do Ruburt dizia-lhe muitas vezes que desejava que o parto não tivesse acontecido, e que o Ruburt não tivesse nascido. Deixava claro a Ruburt que queria era um rapaz — um filho — em vez de uma filha, logo de início. Assim, Ruburt sentia que era, no mínimo, uma desilusão. Fizeram-no sentir muitas vezes que era, pelo menos em grande parte, responsável pela doença da mãe. Também era verdade que, noutras ocasiões, a mãe pedia desculpa por tais declarações — mas essas declarações, naturalmente, eram altamente carregadas e emocionais, enquanto os pedidos de desculpa eram relativamente prosaicos.

(*Lentamente:*) A mãe do Ruburt escolheu a sua própria vida. Decidiu então, obviamente, ter um filho, com abortos ou sem eles, pois neste caso não resultaram. (*Longa pausa, olhos fechados.*) Ela e o Ruburt escolheram uma relação que terminaria, para que os dois seguissem os seus caminhos separados. (*Longa pausa.*) A mãe do Ruburt encontrou de facto nos lares de idosos um certo tipo de camaradagem. Estava sempre envolvida na política de tais instituições.

(*Longa pausa, uma das muitas.*) O passado do Ruburt formou a sua própria singularidade relativa — a casa estava carregada. Dêem-nos um momento... Ruburt escolheu esse passado porque lhe proporcionava certas oportunidades. Essas oportunidades envolviam compreensão emocional, um contacto muito próximo e emotivo com um sistema de crenças particular, e uma visão em primeira mão de um certo tipo de estrutura de realidade.

(*Longa pausa, olhos fechados, reclinada no sofá, os guaxinins a tagarelar na lareira.*)

Também permitiu o surgimento da criatividade. De certa forma apresentou um gênero de curso intensivo de aprendizagem. Ruburt mudou em muitos aspetos, mas ao longo da vida de Marie, Marie mudou relativamente pouco — isto é, qualquer mudança manteve-se dentro de uma escala reconhecível.

Porque haveria alguém de escolher esse tipo de vida? Essa foi uma das muitas, muitas questões (*pausa*) que Ruburt tinha colocado a si mesmo. Onde é que esse tipo de sistema de crenças iria parar? Como poderia ser alterado ou ajustado ou reorganizado para servir as necessidades da sua própria geração — ou já teria cumprido todos os seus propósitos? Quais eram os seus benefícios, assim como os seus aspetos infelizes? Como funcionava a criatividade sob tais condições?

Até certo ponto, cada pessoa testa a natureza da realidade em cada vida, por si mesma e também pela geração inteira. Como pode a vida ser melhorada? Assim, tudo isso fazia parte do desafio do Ruburt. Os propósitos de Marie eram os dela, mas os dois embarcaram obviamente numa relação em conjunto, sabendo que iria apenas até certo ponto e que seria relativamente insatisfatória.

Como já disse antes, Ruburt não foi responsável pela doença da mãe, pela rutura do casamento dela, pelas mortes da avó e da empregada (*longa pausa*) e, se tivesse tido irmãos ou irmãs, por exemplo, cada um teria reagido à sua maneira ao comportamento de Marie. Ruburt tinha sido colocado num campo de férias protestante por um curto e infeliz verão após a morte da avó, e mais tarde num lar católico por um período mais prolongado.

Até certo ponto pensava nisso como castigo, claro, como abandono, forçado também a aceitar caridade, e o lar reforçava todas as crenças católicas, sublinhando particularmente a pecaminosidade do corpo. Lembrem-se, por exemplo, dos episódios do banho. Não havia qualquer distinção: ser pecador era, claro, ser um pecador, e nesse lar não havia tempo para fomentar qualquer tipo de independência — as crianças tinham de seguir horários rigorosos, sem falhar.

(*Longa pausa.*) Passava então bastante tempo de joelhos, a fazer penitência, quando não se enquadrava nessa estrutura. Se olhava para um espelho e era apanhado a fazê-lo, era então apanhado no pecado do orgulho. Quando molhava a cama na quarta classe, noite após noite, o ato era caracterizado como sujo.

(*Longa pausa.*) Quando escrevia cartas à mãe, eram censuradas. As freiras diziam-lhe que devia dizer que estava feliz, estivesse ou não. Quando regressou a casa já era bastante rígido e moralista. Por outro lado, entretanto possuía um sistema de crenças muito seguro contra o qual, durante bastantes anos, podia testar o seu vigor mental, emocional e espiritual.

(*Longa pausa.*) Usou o dogma de forma mística, apenas para descobrir, no entanto, que o misticismo da igreja não tinha para onde ir: estava, de certa forma, num beco sem saída. Estrangulava a criatividade, a não ser que essa criatividade se vergasse ao dogma.

(*Longa pausa.*) Nesse contexto, Ruburt viu em primeira mão um exemplo de muitas das questões infelizes com que temos estado atualmente preocupados, pelo menos até certo ponto, ao seguir as peripécias da mãe através do sistema médico, por exemplo, através do processo de assistência social. Marie foi também uma mulher que viveu sem homem durante muitos anos. Era uma personalidade forte. Viveu num clima emocional relativamente tumultuoso, sempre fornecido com um ou outro género de excitação emocional.

(*Longa pausa.*) Em grande medida, contudo, a filha de Marie esteve sempre, digamos, na periferia da vida de Marie, e não no centro. No grau em que alguém esteve alguma vez no centro, foi Del, mesmo que não se vissem há anos. (Delmer Roberts, marido de Marie.)

A Marie não odiava o Ruburt, embora às vezes pudesse ser bastante odiosa nas suas expressões. Era sobretudo amarga, e essa amargura desferia golpes em qualquer pessoa, sendo Ruburt o alvo mais próximo. (*Longa pausa.*) A sua última doença, embora dolorosa, não foi longa e arrastada. Ruburt não deve culpar-se por não ter estado presente na morte de Marie.

(*Longa pausa.*) A situação emocional não se inclinava nesse sentido: tinham-se separado há demasiados anos. Era como se Marie dissesse: «É este o tipo de vida que tais crenças podem criar. Agora vai e vê o que consegues fazer para mudá-la.» Esses acontecimentos também acrescentaram grande drama, rico conteúdo e proporcionaram material criativo único. Mesmo nesse contexto e com o comportamento de Marie, Ruburt recebeu uma base em poesia, percebem. A mãe tentou a sua escrita. Nunca teria ocorrido à vossa mãe tentar escrever contos.

Os padres introduziram «boa» música, poesia e uma sólida base educacional, ainda que fosse uma estrutura limitada e distorcida. O padre

Traynor proporcionou alguma bondade, compaixão e boa vontade ao tentar traduzir o dogma católico para a mente rebelde do Ruburt. Tentou conter Marie nas suas expressões de amargura.

Marie encontrou também relações periféricas ao longo da vida, com enfermeiras ou assistentes que se tornaram amigas — e, embora a sua vida não tenha sido certamente feliz, não foi tão trágica como agora parece a Ruburt que tenha sido, de modo que os elementos benéficos desse passado inicial foram aproveitados sem contestação, claro. Os elementos não benéficos também foram utilizados, muitos com resultados bastante criativos.

Algumas dessas condições infelizes, porém, ou questões, permaneceram por resolver, e são com essas que estão a lidar. Resumem-se ordenadamente no conceito do Eu Pecador — um eu tão pecador que o próprio corpo tinha de lhe ser escondido enquanto se lavava (*com toda a intenção*).

A avó do Ruburt ensinou-o a dormir com as mãos por cima dos cobertores, para que a criança nem começasse subconscientemente a sentir as suas próprias partes enquanto dormia (novamente com toda a intenção). O Eu Pecador tornou-se então muito atento: como poderia confiar nas suas próprias obras, se estava tão indelevelmente manchado?

(*Longa pausa.*) Pior, as suas perguntas eram largamente ignoradas, de modo que o seu pânico cresceu. Outra parte do eu parecia estar a iniciar um sistema de realidade totalmente diferente, em completa oposição a esse passado inicial, e o Eu Pecador tinha de reagir com alguma apreensão. Já está a começar a mudar as suas opiniões. Queria que a comunicação começasse. Entretanto, Ruburt sentia, por causa dessas crenças — até certo ponto, estou a simplificar — que não podia fazer o suficiente, produzir o suficiente, ajudar-se a si próprio ou aos outros o suficiente, que não podia satisfazê-lo o suficiente em muitas áreas, porque sentia que era tão falho desde o início que, portanto, não merecia amor, e teria de trabalhar para o obter ou implorar por ele.

Assim, tais atitudes refletiam-se, e impediam-no até de apreciar o seu próprio trabalho. Todas essas questões serão abordadas.

Isso é suficiente para esta noite, já que também leram sessões hoje. Devem sentir-se bastante encorajados, contudo, pelas respostas recentes do Ruburt —

(«*Sim.*»)

— e desejo-vos uma boa noite.

(«Muito obrigado, Seth.»)

(Jane disse ao sair do transe: “Foi difícil para mim entrar nisso. Assim que parei, lembrei-me de uma coisa: quando me deitei depois de termos acabado de ler as sessões, tive outra daquelas experiências de sair do corpo meio consciente, acho que se pode chamar assim. Uma das coisas que aconteceu foi que eu estava de pé um pouco mais alta, talvez uma polegada ou assim, e caminhava bastante depressa — mas ainda assim estava muito inclinada para a frente, como se ainda estivesse no meu corpo tal como da primeira vez que isto aconteceu. Fiquei realmente contente, no entanto.”

(“E agora sinto-me mesmo estranha, estranha, ha-ha”, disse ela com pouco humor.)

SESSÃO APAGADA

5 DE MAIO DE 1981

(A Jane não tinha muita vontade de fazer uma sessão ontem à noite, e o tempo passou sem que a realizássemos.

(Ver as notas anexas da Jane, sobre as suas experiências de 30 de Abril e 2 de Maio. Na verdade, também aconteceu muito mais, mas não mantive registos diários e sinto-me um pouco perdido a tentar reconstruir os acontecimentos. Esta manhã, por exemplo, Jane dormiu até ao meio-dia, e depois de eu me ter levantado às 6h30, ela teve várias recorrências dos seus “ataques de pânico”. Ontem à noite tinha dormido razoavelmente bem, embora a certa altura se tivesse sentado para escrever algumas notas sobre os manuscritos dos Oradores. Na noite anterior, surgira-lhe bom material sobre como concluir o seu terceiro romance Seven. Devo acrescentar que ficou acordada o dia inteiro ontem, pela primeira vez em muitos dias. Descansou apenas com uma sesta ao fim da tarde, ao mesmo tempo que eu também me deitei.

(A Jane começou a chorar depois de eu a chamar, ao meio-dia, quando sentiu as ondas de pânico atravessarem-na, e continuou a chorar durante algum tempo. Disse que as sensações não pareciam estar ligadas a quaisquer acontecimentos específicos de que se lembrasse. Eram muito desagradáveis — assustadoras — e pensámos que deveriam ser de natureza terapêutica, de acordo com o material recente de Seth. Se ela

tivesse conseguido reprimi-las, como fizera no passado, presumivelmente mais problemas teriam irrompido mais tarde.

A Jane sentiu recorrências dos sentimentos de pânico em menor grau ao longo do dia e, por vezes, chorou ou soluçou um pouco. “Tudo o que quero é ser amada e acarinhada”, disse ao levantar-se, e eu tentei ajudar como pude — muito inadequadamente, receio. No entanto, conseguiu portar-se razoavelmente bem na casa de banho.

(O Frank Longwell visitou-nos ontem ao meio-dia. Durante uma das nossas conversas, mencionei também a Jane algumas das minhas próprias ideias sobre o poder do Eu Pecaminoso, segundo o material de Seth. Pois, mesmo que parecesse algo isolado ou desligado dos processos criativos da personalidade, bem como de muitos acontecimentos e ideias atuais, ainda assim tinha o poder de influenciar drasticamente o corpo físico. Isso, claro, implicava fortes ligações com o corpo no funcionamento da realidade física diária. Os dois estados pareciam quase contraditórios, disse eu a Jane, e esperava que Seth abordasse essa questão mais tarde.

(A Debbie Janney apareceu sem aviso para uma visita de uma hora depois do jantar — todo o tempo que Jane lhe concedeu —, daí o início tardio da sessão. Ela também perdeu a oportunidade de conhecer os Weissenbuehlers, de Big Flats, que vimos na sexta-feira passada, já que a DJ esteve em Washington, DC durante o fim de semana.

(Hoje a Jane telefonou ao John Nelson e ao Tam, e soube onde hei de assinar o contrato dos Seven, e que a Prentice-Hall estaria recetiva ao seu terceiro romance da série.

Foi também lembrada por Tam de que a Pocket Books comprara os direitos de edição em livro de bolso do segundo Seven, o que já tínhamos completamente esquecido. O adiantamento foi consideravelmente reduzido em comparação com o do primeiro Seven. Até onde sabemos, a Pocket Books ainda não agendou a publicação do Seven nº 2.

(A Jane queria que Seth falasse dos seus sentimentos de pânico esta noite, embora também não parecesse particularmente entusiasmada com uma sessão. Quando a Debbie apareceu e a hora se aproximava das 21h, pensei que Jane poderia acabar por optar por não fazer a sessão. “É importante, no entanto”, disse-lhe quando a Debbie saiu por um momento. Jane concordou, dizendo que a DJ estava pronta para ir embora, e realizámos afinal a sessão.)

Bem: por vezes é difícil explicar certas questões de forma a que acabem com uma explicação simples, a preto e branco.

Tudo o que disse sobre o Eu Pecaminoso aplica-se. O Eu Pecaminoso não é o “vilão”. Não se trata tanto de uma parte da personalidade infligir dificuldades a outras partes, mas sim de haver um padrão de reações a várias forças dentro da personalidade — que, até certo ponto, acabam por servir determinados propósitos. Podem, contudo, existir efeitos secundários muito desagradáveis.

As doenças são, de certo modo, métodos inadequados de resolver problemas. Ruburt tinha fortes elementos da sua personalidade ainda presos nas crenças do que chamei de Eu Pecaminoso. Ao mesmo tempo, por muitas razões, tinha a ideia de que se esperava que fosse não apenas uma pessoa natural bem adaptada, mas uma espécie de super-eu, a resolver os problemas dos outros, a ser uma figura pública, um intérprete psíquico, e assim por diante. Havia um imenso fosso entre esses dois extremos — um fosso que inevitavelmente gerava tensão, esforço e mal-entendidos.

Toda a síndrome do Eu Pecaminoso deveria lembrá-lo do seu próprio passado pessoal, para que pudesse ver o crescimento da sua personalidade, pois, em termos gerais, ele naturalmente ultrapassou esse quadro. Se não o tivesse feito, não teria realizado nenhum do seu trabalho criativo, e, à luz do seu passado, as suas conquistas tornam-se ainda mais notáveis. Os sintomas resultam da tensão entre as crenças persistentes da infância, em choque com os objetivos irrealistas de ser uma espécie de super-eu, pois, com base nesse tipo de imagem, espera-se tanto que quase qualquer conquista é tida como garantida.

(Longa pausa, uma de muitas.) Dissolve-se quase na luz imaginada de uma performance super-exigida. Isto gera, claro, um sentido de desaprovação. Também tende a ampliar a divisão entre essas duas imagens do eu. *(Pausa de um minuto.)* Queremos falar mais sobre as reações entre elementos da personalidade, por isso não quero que fixes uma parte como o vilão. Ao mesmo tempo, não quero minimizar os aspetos infelizes das crenças associadas ao Eu Pecaminoso. Esses aspetos estão no núcleo psicológico da vossa civilização e no próprio coração das vossas organizações, sejam elas quais forem.

Em certa medida, o pânico do Ruburt resulta também de tentar corresponder a uma imagem impossível, esquecendo-se do seu próprio passado pessoal, e esperando de si próprio que agisse como se esse passado

fosse irrelevante. (*Longa pausa.*) Foi alguém ensinado a acreditar que a expressão era de algum modo errada. Apesar disso, tornou-se um excelente escritor. Usa a expressão constantemente. Esperava de si ser uma figura pública — isto é, sentia a responsabilidade de o ser, como se esse sempre tivesse sido um objetivo, quando na verdade não o fora.

(*Longa pausa às 21h58.*) Fora tímido com as pessoas, tímido em ler a sua própria poesia, embora determinado a fazê-lo, e ainda assim sentia que deveria tornar-se essa figura pública, ou atuar. Continuo a tentar pensar em exemplos para que compreendam o que quero dizer. A ideia inteira de responsabilidade foi excessivamente enfatizada. O trabalho criativo não só tinha de ser criativo, imaginativo, intuitivo, contendo os mais elevados elementos do pensamento conceptual, como também tinha de ser capaz de resolver o problema físico mais concreto, afinado com uma espécie de diapasão mágico, de modo a poder servir para quase qualquer propósito que lhe fosse exigido.

Os sintomas resultaram da tensão exercida sobre a personalidade pelos puxões contraditórios de várias crenças — crenças que não se ajustavam à constituição natural básica da sua personalidade ou temperamento.

(*Longa pausa.*) Também se esperava que fosse uma excelente mulher de negócios, uma artista de mérito, uma personalidade extrovertida a brilhar em qualquer companhia, e ao mesmo tempo uma introvertida capaz de maior esforço espiritual. Esperava demasiado de si própria. Ao mesmo tempo, claro, até certo ponto bloqueava o seu próprio movimento natural (*sublinhado*), que decorria diretamente das suas motivações e capacidades, dos seus desejos e instintos.

Pode não querer ser uma figura pública, mas gosta de se expressar. Gosta da sua própria forma de ensinar. Parte de tudo isto deve-se ao aspeto original do vosso trabalho em si, que não tem definições bem delimitadas.

(*Pausa de um minuto.*) Sempre foram autodidatas, por isso as vossas forças e fraquezas tornam-se bastante evidentes. (*Longa pausa.*) Quem pode dizer quando a determinação se transforma em teimosia? (*Algo em que já refleti por vezes.*) No entanto, Ruburt tem enfrentado os sentimentos de pânico que tinha enterrado. Podem não ser agradáveis, mas são expressões, muitas vezes, de questões e medos suficientemente válidos que foram ignorados ou desprezados como insignificantes ou tolos à luz desta imagem de super-eu, que se esperava não tivesse dúvidas, nem medos, apenas uma performance irrepreensível.

(Longa pausa.) Ruburt sentia que os medos estavam abaixo dele, ou que deveriam estar. Sentia que tu também esperavas que pusesse de lado tais sentimentos, sobretudo se não correspondessem aos teus. Este é um tempo de limpar o tabuleiro. Vives fisicamente no tempo presente, por isso é o corpo que suporta o peso de tais dificuldades. *(Longa pausa.)* Tenta sempre corrigir-se, mas também tem de trabalhar dentro do padrão global eficaz de crenças e expectativas.

O pânico está a dissipar-se através de vários estágios de expressão. As expressões de amor e apoio da tua parte são inestimáveis. Assim, o Ruburt compreende que tu o amas pela pessoa que ele é, e não por algum eu melhor que ele deveria ser. Ele está a começar a avançar novamente de forma criativa, o que também se refletirá fisicamente. As duas coisas estão relacionadas.

A situação presente tinha inevitavelmente de resultar em maior concentração sobre o problema do que o habitual, mas, neste caso específico, os resultados globais tornam-se construtivos, porque resultam no movimento psicológico dos sentimentos de pânico libertados. As experiências que ele teve, de uma caminhada melhor imaginada, por exemplo, são indicações importantes de resoluções interiores, e de que o corpo está a fazer progressos. *(Longa pausa.)* O pânico impedia-o de confiar no corpo, e à medida que isso se dissipa, a confiança inata no corpo e nas próprias capacidades irá melhorar, bem como o desempenho, naturalmente. A sugestão que eu dei sobre a situação dele é importante a esse respeito. *(Ver sessão de 24 de Abril de 1981.)*

Isso é suficiente para esta noite. De um modo geral, contudo, tanto o desconforto físico como o pânico já ultrapassaram os seus períodos mais intensos. A ideia de responsabilidade prejudicou-o. Os episódios de pânico-de-manhã também começarão a desaparecer, mas também são causados pela sensação de não conseguir corresponder, aconteça o que acontecer.

Fim da sessão. Ele começou, de um modo geral, a sentir mais energia, e isso continuará. Fim da sessão, a menos que tenhas uma questão importante *(elaboradamente)*.

(“Apenas sobre aquela discussão que tivemos ontem, acerca do poder do Eu Pecaminoso em causar reações físicas tão fortes—”)

Eu tentei responder a essa questão esta noite.

(“Está bem. Eu sabia, mas perguntei na mesma, caso o Seth quisesse acrescentar algo ao material dele.”)

Um afetuoso boa noite.

(*“Obrigado.”*)

Uma nota para o Frank Longwell, a propósito—que, no geral, ele está a lidar bem com os acontecimentos da sua vida neste momento. Será útil se ele confiar que assim é, para que as dúvidas sobre si próprio sejam minimizadas. Também ajudará se ele se lembrar daquilo que gosta de fazer e de que realmente desfruta, em vez daquilo que pensa que deve fazer no âmbito dos negócios.

Fim da sessão.

(*“Boa noite.”*)

Vocês estão a ser conduzidos através deste período, a propósito. Vocês estão a ser protegidos durante este período. Será útil que os dois se lembrem disso.

(*“Bem, acho que me sinto um pouco melhor”, disse a Jane, “embora não consiga lembrar-me de muita coisa...”. A forma dela falar tinha sido pontuada por muitas longas pausas.*)

(*O Frank Longwell visitou ao meio-dia, e eu li-lhe o material do Seth a partir das minhas notas. Hei de dactilografar uma cópia para ele.*)

O PESADELO DA JANE

30 DE ABRIL DE 1981

Acordar disto, a gritar por ajuda. Esquecer o início. Numa rua noturna de uma cidade, talvez Nova Iorque, ouve-se um tiro. Eu posso ser um polícia, mas sou também eu próprio. Corro para uma loja próxima onde um homem muito jovem está a disparar—talvez um assalto em andamento. Ataco-o, persigo-o até à rua. Ele continua a disparar. Lanço-me de novo sobre ele, agarro-lhe o braço. Ele começa a desintegrar-se até que é apenas um vulto de uma mão, a disparar a arma contra mim, que agora eu seguro—uma vez que o corpo dele desapareceu. Eu sei que isto se refere à crença final na natureza pecaminosa ou intenção mortal do homem; quando acreditas nisso, tens a mão do agressor como sendo a tua própria. Tu disparas sobre ti mesmo...

AS NOTAS DA JANE

2 DE MAIO DE 1981

Aventura noturna: Ontem à noite convidámos o casal alemão de Big Flats, a mulher mencionada em *O Deus da Jane*, decidimos que devíamos mudar o ritmo das sessões intensas, etc. Enfim, gostei muito dos dois. Passei-lhes uma velha gravação de Seth, *Safe Universe*, e fui fortemente impressionada pela discussão do Seth, e percebi como já em '75 ele tinha as questões organizadas para o futuro... enfim, fez então uma sessão magnífica sobre o Eu Pecaminoso... Quando fomos para a cama, eu estava inquieta. O corpo queria realmente mover-se por todo o lado, esticar as ancas, as pernas, e assim por diante. No início, deixei-me ir.

De repente senti-me no chão do quarto, novamente não esticada de forma normal, mas mais alta do que nos dois episódios anteriores, a tentar falar; senti apoio no chão. Verifiquei, tão encantada que queria ter a certeza. Chamei o R., que acredito estar na sala de escrita. Ele não responde. Não grito, não quero assustar-me, mas determinada a mostrar ao R.—e a andar, talvez até meio quarto. A voz dele diz que está ocupado... e nesse momento, enquanto me irrita com a resposta, percebo que estou na cama e ele também. Estalo, desperto, fumo um cigarro e tomo uma aspirina.

Durmo maravilhosamente o resto da noite até de manhã cedo, quando acredito que tive uma sessão ontem à noite para o casal que nos visitou, e tenho consciência de alguns sentimentos em relação às sessões que me têm irritado desde o início. Sei o que são, mas perco-os ao acordar, restando apenas a sensação de raiva (e energia) que tento perseguir ativamente. Dou-me conta de que gostaria de uma pequena turma, duas vezes por semana, mais contida, no entanto...

SESSÃO APAGADA

7 DE MAIO DE 1981

(Ontem de manhã li à Jane a sessão de terça-feira, sobre o sentido exagerado de responsabilidade dela, etc., e pareceu ter um efeito quase imediato: ela ficou muito relaxada. Tivemos uma conversa sobre formas de minimizar esse sentimento de responsabilidade, caso persistisse de algum modo. Um dos tópicos foi o correio. Pensei na Jane a limitar as respostas a correspondentes apenas a postais, ou pelo menos só raramente enviar cartas mais longas a alguém realmente necessitado.

(No entanto, disse-lhe que talvez tivéssemos de deixar de responder ao correio se não houvesse outro alívio — qualquer coisa para reduzir o sentimento de responsabilidade. Mencionei um ponto positivo, pensei eu: se ela tivesse mesmo de se envolver com ideias de responsabilidade, então que pensasse que já cumpriu a sua responsabilidade de ajudar os outros, através do trabalho/livros que já fez. Assim, não haveria necessidade de levar isso mais longe. Ela sentiu episódios de pânico mais ligeiros ao longo do dia.

(Esta manhã levantou-se comigo, depois de dormir bem, e novamente com vestígios de pânico.

O Frank Longwell visitou mais tarde durante a tarde, e aplicou às pernas e às costas da Jane um dispositivo de aquecimento que nos tinha emprestado há algum tempo. Fornece calor húmido, e a Jane achou-o bastante eficaz; acabou bastante relaxada.

(A Jane decidiu, ainda assim, fazer uma sessão esta noite, visto termos perdido a de ontem, e termos convidados — os Rhoads e os Gallagher — previstos para sexta-feira à noite. Esperámos bastante tempo para a sessão começar. Eu estava cansado e desencorajado. Atrás de mim, na lareira, os nossos amigos guaxinins estavam moderadamente ativos. Fora isso, a noite estava bastante fresca e muito calma.)

Agora: quando escreves um livro, leva-lo até à conclusão.

Deve deixar-te com uma sensação de realização. As ideias nos livros saem para o mundo, onde serão trabalhadas, exploradas, de inúmeras formas, de modos que tu talvez nunca venhas a saber. Sabes mais ou menos onde o livro começa ou acaba, nas tuas vidas criativas, contudo, e tens a satisfação dessa atividade criativa.

(Pausa.) O teu correio apresenta-te vislumbres das pessoas que leem os nossos livros, de todas as esferas da vida, em todas as circunstâncias. Tu

não podes acompanhar as suas vidas do início ao fim como podes num livro. Não podes escrever os “livros” de vida delas por elas. Podes comentar muito brevemente sobre os pequenos vislumbres que te foram dados da realidade de outrem. A verdadeira troca dá-se quando essas pessoas leem os nossos livros, naturalmente, e quando as nossas ideias se cruzam com as vidas delas.

(Poderia acrescentar que ontem e hoje, em especial, o correio refletiu os extremos de resposta que a Jane costuma receber ao seu trabalho — desde o incoerente até ao muito elogioso, de pessoas a pedir literalmente alívio da possessão, digamos, até cartas curiosas e ponderadas de psicólogos e outros profissionais. Mas apanhei-nos a ambos a falar das cartas “negativas” em vez das positivas.)

(Longa pausa.) O Ruburt, por vezes, exagerou no sentimento de responsabilidade em relação àqueles que escrevem em necessidade. O chamado Eu Pecaminoso, agora, está demasiado disposto a aceitar tal responsabilidade, pois acredita, até certo ponto, que tal responsabilidade é uma espécie de penitência pelas próprias falhas. *(Longa pausa.)* O Ruburt não é de todo responsável nessas áreas por realizar sessões para os outros, ou por fornecer esse tipo particular de ajuda individual.

(Com ênfase:) Eu nunca me proclamei um curador — nem, aliás, um especialista. O nosso trabalho deveria, até certo ponto, iluminar muitos campos de conhecimento e interesse, porque não está direcionado para uma ou outra matéria, e certamente não está limitado a informações que tenham de ser imediatamente utilitárias. O fluxo natural das sessões nunca seguiu nessa direção, nem tão-pouco as inclinações naturais do Ruburt.

(Pausa.) O sentimento de responsabilidade em ajudar aqueles em necessidade desesperada é apenas uma faceta, no entanto, pois ele sentiu uma responsabilidade *(sublinhado)* de levar o nosso material às pessoas o mais rapidamente possível — uma responsabilidade de aparecer na televisão ou noutro meio, de promover as nossas ideias, ou de as apresentar ao mundo — uma responsabilidade que eu não incentivei.

(Longa pausa.) Ele cresceu, claro, com muitas responsabilidades ligadas ao cuidado da mãe dele. Mais uma vez, não havia regras conhecidas de procedimento *(longa pausa)* a seguir no que dizia respeito à carreira dele. A ideia de responsabilidade, contudo, começou a pesar mais do que a alegria da criatividade. Assim, parecia ao Ruburt que os livros não eram considerados suficientes: esperava-se que ele fizesse todas aquelas outras

coisas também. (*Longa pausa.*) Esse tipo de responsabilidade vai diretamente contra a criatividade. Tu compreendes que devo simplificar isso até certo ponto, mas, de modo geral, a criatividade não lida tanto com questões como “isto é verdade, ou isto é falso”, ela afirma: isto é, ponto final.

A criatividade lida frequentemente com material que não é conhecido, que não está acabado, nem sequer é imediatamente útil. Talvez por isso o Ruburt sentisse, por exemplo, que a poesia não era responsável, ou até que as próprias atividades espontâneas dele não eram responsáveis, a menos que fossem imediatamente úteis em termos práticos. A certa altura, a ideia de responsabilidade foi sobreposta às ideias dele sobre o trabalho. Tudo isto fê-lo sentir que não correspondia às expectativas, que era, até certo ponto, um fracasso por não fazer todas aquelas coisas.

(*Longa pausa.*) Agora, nada é assim tão simples, por isso havia mudanças nas atitudes dele: ele dizia a si próprio, por exemplo, que a televisão ou o que fosse lhe desperdiçaria o tempo, ou, noutras ocasiões, surgiam outros receios, de modo que o Eu Pecaminoso pensava: “E se tal atividade tivesse demasiado sucesso, levando grupos inteiros de pessoas a afastarem-se dos sistemas de crenças estabelecidos?” (*Longa pausa.*)

Parecia haver pouca resolução. A única resolução, claro, é a percepção de que tais responsabilidades na realidade não existem. Se ele tiver de pensar em termos de responsabilidade, então a única responsabilidade que ele tem é expressar o espírito da vida tal como é mais naturalmente sentido na experiência dele, através do desenvolvimento das capacidades dele no seu fluxo natural (*sublinhado*).

Ele sabe naturalmente o que se ajusta ao temperamento, às capacidades e à disposição dele.

(*Podia ajudar se a Jane escrevesse um pouco sobre esses tópicos, pensei.*)

(*Muito longa pausa.*) As pessoas reagem frequentemente às suas crenças sobre os tipos de pessoas que deveriam ser, e a acontecimentos imaginados. De tal forma que os acontecimentos imaginados são tão reais no efeito que têm nas suas vidas como os acontecimentos físicos. Em alguns casos, os acontecimentos imaginados nunca chegam a acontecer. Uma pessoa pode ver-se a si própria, digamos, como um explorador arrojado, um inventor, uma estrela da ópera ou o que seja, e reagir contra tais imagens.

Podem ser pessoas perfeitamente normais — até talentosas noutras áreas em vez daquela específica dos sonhos delas. Contudo, por mais realizadas que possam ser, algumas consideram-se fracassadas porque não corresponderam a essas imagens-fantasma. Ora, há razões para tal comportamento. No caso do Ruburt, contudo, ele sentiu que devia (*sublinhado*) agir de todas as outras formas que especifiquei, embora não quisesse. Mais uma vez, em certas ocasiões, ele prometeu a si próprio que, se andasse normalmente, ficaria mais do que contente em atuar dessas formas. Isto apenas acrescentava à imagem ameaçadora. Ele também tinha receio de que, espontaneamente, pudesse afinal querer fazer tais coisas, como se o eu espontâneo dele trabalhasse contra os melhores interesses dele.

Na realidade, claro, as capacidades criativas seguem uma veia mais ampla de conhecimento, e são responsáveis perante si próprias. Elas também aderem a uma ordem maior, muito superior às ideias de responsabilidade tal como são normalmente interpretadas em níveis correntes.

Tudo isto levou finalmente o Ruburt a sentir que tinha pouco espaço para se mover. O sentimento de melancolia aprofundou-se. A libertação desses sentimentos de pânico tem sido importante. Ele tem-se saído bem nesse aspeto. Tu foste, claro, de grande ajuda para ele esta manhã. E falar sobre os sentimentos dele permitiu a libertação de energia, em termos físicos. O engenho do Frank pode agora servir como uma excelente terapia física natural, particularmente útil nesta fase, transmitindo também a mensagem de que o Ruburt está disposto a deixar que tal relaxamento ocorra.

Isso mostra uma mudança de crença — estar disposto a proporcionar prazer físico ao corpo em vez da ideia do Eu Pecaminoso de, digamos, penitência ou expiação. O prazer é bom para o corpo e para a alma. As religiões têm negado ao corpo o direito ao prazer durante séculos, por isso mudanças nessas atitudes são significativas. Vou encerrar a sessão. É suficiente para digerir de uma vez, a menos que tenhas uma questão que particularmente queiras ver respondida esta noite.

(“Não, acho que não.”)

Então desejo-vos a ambos uma boa noite afetuosa e até algo prazerosa.

(“Obrigado.” 21h52.)

SESSÃO APAGADA

1 DE JUNHO DE 1981

(Tanta coisa aconteceu desde que a última sessão privada foi realizada há um mês [a 7 de Maio], que disse à Jane esta noite que não faria qualquer tentativa de resumir tudo aqui. Basta assinalar que, como também lhe disse ao sentarmo-nos para esta sessão, estas últimas sessões podem ser “o último suspiro” antes de procurarmos ajuda exterior, ou de sermos forçados a isso. De facto, esse processo provavelmente já começou. Os acontecimentos começaram a chegar ao auge na semana passada com a visita profissional do “nosso” optometrista, o Jim Adams, para avaliar os problemas de visão dupla da Jane.

(Os sintomas da Jane, especialmente a capacidade de andar dela, pioraram bastante desde a última sessão privada — tanto que, de repente, parece ser uma questão de quanto tempo mais ela conseguirá continuar a ir à casa de banho aqui em casa. Dificilmente será coincidência que, na semana passada também, recebemos os nossos exemplares de Manifestações em Massa da Prentice-Hall, juntamente com a notícia da Tam de que o livro controverso já está a ser distribuído a nível nacional. Estou certo, disse eu, de que ela piorou por causa da publicação desse livro, juntamente com a publicação iminente de O Deus da Jane, provavelmente ainda esta semana. Eu, por mim, estou em suspenso, na esperança e confiança de que a emissão do O Deus da Jane não contribua também para um agravamento dos sintomas dela. Os pés dela estão agora mais inchados e mais lentos do que eu os vi estar em muitos anos.

(A Jane passa agora muito tempo receosa de não conseguir movimentar-se na casa de banho, por isso parece que chegou a altura de recorrer a outros modos de ajuda que não apenas o nosso e o do Seth, disse eu — a menos que estas últimas sessões possam ajudar, a menos que consigam acrescentar uma compreensão e/ou um estímulo que lhe traga algum alívio. Estou pessoalmente bastante perturbado e fora de mim, e ela também. “O que se passa”, perguntei-lhe depois do jantar, “sentes-te culpada porque pensas que abandonaste a tua mãe?” Expliquei que sentia que a autopunição, um sentimento de indignidade, dúvida sobre si própria e desconfiança deviam estar na raiz dos sintomas dela — que ela sentia que tinha de pagar um preço por cada sucesso, como a publicação de um livro.

(Caso contrário, porque haveria uma pessoa de aguentar o que ela aguentou por bem mais de uma década, sem pedir ajuda aos outros? Incrível, disse eu, acrescentando que eu próprio devo ter contribuído imensamente para o comportamento dela. O que aconteceu à minha adorável esposa, perguntei-me, sentado ao lado dela no sofá enquanto jantávamos bacon e waffles? O que poderia haver de tão mau na vida que tivéssemos de pagar um preço assim? (Talvez não fosse coincidência que, antes do jantar, esta noite o Jack Joyce tivesse vindo discutir quanto deveríamos pagar trimestralmente no nosso imposto estimado do Estado de Nova Iorque para 1981 — outra história de sucesso pela qual se tem de pagar?)

(O Jim Adams também telefonou pouco antes do jantar, e eu transmiti o essencial da chamada dele à Jane. Na semana passada ele próprio tinha dito que os olhos da Jane estavam bem, que ela não tinha nenhuma doença ocular, nem glaucoma, etc. — preocupações sobre as quais a Jane se atormentou durante anos. O Jim concordou connosco e com o Seth, aliás — que o problema da Jane com a visão dupla era de natureza muscular. Ele decidiu não usar prismas para unificar a visão dela, por causa dos frequentes problemas de náuseas, etc., que as pessoas tinham. Em vez disso, mediu-lhe novos óculos de leitura, e só isso provocou uma resposta entusiástica da Jane, já que ela conseguia ver para ler muito melhor com as lentes de teste.

(O Jim Adams também sugeriu que a Jane consultasse um médico internista para investigar a raiz da dificuldade muscular, e deu-nos os nomes de três médicos locais que recomendava vivamente. Ele também prometeu telefonar a um amigo oftalmologista dele, para lhe expor o caso da Jane e ouvir o que esse médico — um Dr. Werner — teria a dizer sobre a visão dupla da Jane. Assim, esta noite, na chamada dele, o Jim disse-me que o Dr. Werner dissera que a visão dupla da Jane era “o resultado final” de algo de natureza muscular.

(O Dr. Werner recomendou que ela fosse testada para descobrir as causas, e perguntou ao Jim se a Jane alguma vez tivera “mini-enfartes”, visto que esses ataques, insuspeitados e até não sentidos, poderiam ter repercussões musculares. O Dr. Werner acrescentou que achava que a Jane devia ter atenção médica, já que a ajuda poderia prolongar a vida dela através do relaxamento muscular. O Jim Adams virá ver-nos ainda

esta semana para verificar as armações pretas para os novos óculos da Jane, e ela poderá então questioná-lo sobre as respostas do Werner.

(Eu poderia acrescentar que o Frank Longwell sugeriu que a extrema lentidão de movimento da Jane se devia atualmente a mudanças de cura a ocorrer nos músculos dela, e que tal movimento seria de natureza protetora. Talvez, disse eu, mas o movimento mais lento não parece estar a levar a lado nenhum, como seria de esperar. Percebemos que o Frank não é particularmente favorável a contactar a medicina convencional, mas perguntei à Jane: o que fazer, se não se consegue sair das próprias dificuldades sem ajuda?)

(A Jane tem tido dificuldades crescentes na casa de banho desde que a última sessão privada foi realizada e, claro, já antes disso. O Seth disse muitas vezes que só porque alguém tem dificuldades físicas isso não significa que esses problemas estejam destinados a piorar incessantemente e de forma progressiva, mas isso não se confirmou no caso da Jane até agora. Quanto mais podemos esperar? A própria Jane disse durante a primeira visita do Jim Adams que “não quero ir a nenhum hospital para exames”.

(A Jane pensou que talvez não conseguisse ter uma sessão esta noite, mas começou a sentir o Seth por volta das 19h30, logo depois de eu ter começado a escrever estas notas. Ela portou-se bem na sessão, ainda que um pouco devagar, mas ao mesmo tempo eu fiquei mais perturbado e frustrado à medida que o Seth falava.)

Ora bem

(“Boa noite.”)

— boa noite. Vocês quiseram criar um ponto de crise, acreditando, até certo ponto, que isso ajudaria a resolver as dificuldades do Ruburt.

Em grande medida, vocês acabaram por se concentrar no problema, de tal forma que ele se tornou cada vez maior nas vossas mentes e, portanto, na vossa experiência. Independentemente de tudo o que vos foi ensinado, e das próprias crenças contrárias de vocês, eu ainda vos digo que minimizar mentalmente um problema é de facto minimizá-lo. Eu compreendo, no entanto, que isso é extremamente difícil de fazer na vossa situação.

O Ruburt não está numa situação de risco de vida. Não há nada de errado, digamos, com o sangue dele, embora a circulação esteja comprometida. O vosso optometrista disse-vos mais ou menos aquilo que eu vos disse sobre os olhos do Ruburt. Ou seja, não há nenhuma doença

ocular propriamente dita. O Ruburt não teve uma série de enfartes — nem enfartes nenhuns.

A condição física em si, nesse nível (*pausa*), é causada (*longa pausa*) por relações “impróprias” — isto é, coisas que não funcionam bem em conjunto, embora as partes em si não estejam doentes, por si mesmas — e isso é resultado de stress, aplicado habitualmente, de hábitos corporais. A reação do Ruburt aos livros é parcialmente responsável pelas dificuldades mais recentes, mas também o é a criação da própria situação de crise.

Por causa da situação com a Prentice, e por causa da decisão de não trabalhar no nosso livro durante algum tempo, ele sentiu-se bloqueado, sem saber como ou quando avançar (*sublinhado*). Apesar de todos os vossos arrependimentos e recriminações acerca da Prentice, por exemplo, ele ficou contente com a carta da Tam hoje, por perceber que essa ponte para o movimento não tinha sido cortada.

(Para registo: o Seth referia-se à carta da Tam em que informava a Jane de que a Prentice-Hall lhe concedera a continuação dos antigos termos contratuais e das taxas de royalties. A nova organização na Prentice-Hall, a General Publishing Division, anunciou um novo sistema reduzido de royalties, mas a Jane continua como estava. O Tam também enviou à Jane uma cópia do novo formulário de contrato da Prentice-Hall, mas informou-a de que ela podia continuar a usar o antigo, a que estava habituada, se quisesse.)

Ele está à espera das reações ao meu livro (*Manifestações em Massa*), claro — e elas vão servir para o apaziguar quando começarem a chegar. O livro ajudará as pessoas, e à medida que elas lhe escreverem sobre isso, alguns dos velhos receios dele serão atenuados.

A situação de crise levou-o a concentrar-se nas dificuldades dele, o que agravou o stress, naturalmente. O desconforto e a concentração reduziram as capacidades criativas dele, o que agravou ainda mais o problema. Os livros ficaram parados, o meu só tendo sido recentemente lançado, e até agora ele não teve resposta dos leitores, o que lhe fornece uma espécie de retorno.

Ao mesmo tempo, ele estava a tentar descobrir as razões básicas das dificuldades dele, de modo que, no conjunto, estava a deparar-se com bastante material carregado, de uma forma ou de outra, algum discutido nestas sessões.

(*Pausa.*) Os receios dele vieram bastante à tona: o medo de não conseguir avançar ou de bloqueio, esse medo sendo fisicamente traduzido mas que, novamente, representa um medo interior de estar criativamente bloqueado, ou bloqueado psiquicamente, de ter aprendido que os próprios receios dele se interpõem no caminho e não podem ser resolvidos, ou que ele está num impasse.

A condição física é o espelho dessa atitude. O material sobre o Eu Pecaminoso, e por aí fora, dá alguma compreensão da natureza do problema. Ou seja, dá expressão à parte do eu que sustenta as atitudes que estão por detrás da dificuldade.

Todo o material que eu forneci sobre atitudes em relação ao material revelador é importante nesse contexto, e por favor compreendam que eu estou a categorizar. Nesse grau, e à luz desta discussão, vocês acabam com o que eu chamarei — e já chamei no passado — o eu demasiado consciencioso, que tenta lidar com as atitudes do Eu Pecaminoso verificando e revendo constantemente, sendo, noutras palavras, excessivamente consciencioso: estará o Ruburt a lidar com “a verdade”, e por aí fora? Esse tipo de questão é considerado incessantemente pelo eu consciencioso. Vocês são ensinados, em crianças, a serem honestos em termos muito literais, e muitas vezes as capacidades naturais imaginativas e criativas das crianças trazem-lhes bastantes problemas.

Quando o nosso material começou a lidar diretamente com o mundo, então, o questionamento do Ruburt intensificou-se. Ao mesmo tempo, contudo, o eu não renunciará à sua criatividade, e procurará de forma teimosa essas áreas da sua própria expressão, por isso não trabalhar no meu livro não ajudará a resolver as dificuldades do Ruburt, e pode de facto agravá-las, simplesmente devido à inibição adicional da expressão.

A natureza do Ruburt condu-lo para o tipo de criatividade em que ele naturalmente já estava envolvido. Isso representa a verdadeira natureza dele. Os receios e as dificuldades podem estar profundamente enraizados, mas são em grande medida aprendidos. Reduzir a atividade criativa não aliviará a situação. Uma preocupação excessiva (*sublinhado*) com a mecânica da publicação, ou a necessidade de publicação, ou os “ondes” e “comos” da publicação, ou um sentido de responsabilidade em relação ao trabalho, pode realmente causar dificuldade, mas a expressão criativa básica — que no passado já foi impedida por receios — deve ainda assim ser incentivada.

O medo do relaxamento ainda está presente, de modo que, mental e fisicamente, ainda impede o progresso. Em tudo isto, contudo, os pensamentos de autoacusação simplesmente têm de ser evitados tanto quanto possível, pois, em grande medida, de uma forma ou de outra, tais atividades e mal-entendidos estão na origem de qualquer doença, e o Ruburt está longe de se poder isolar em qualquer área como sendo mais estúpido do que qualquer outra pessoa. Todas estas questões são responsáveis pela dificuldade na casa de banho e, mais uma vez, eu sustento as tentativas constantes do corpo em recuperar. As tuas palavras de tranquilização, quando és capaz de as dar, são inestimáveis.

O Ruburt sempre quis ajudar a mãe dele, e sentiu-se em grande parte impotente para o fazer. A condição da mãe dele levou-o, naturalmente, a fazer perguntas sobre a condição do homem, numa idade muito precoce. Em certa medida, tentar ajudar o mundo é uma tentativa mais ampla e expandida de lidar com tais situações. Mais uma vez, ele de modo algum foi responsável pela condição da mãe dele, ou pela infelicidade dela, nem é, nesses termos, responsável pelas situações infelizes de outras pessoas.

O nosso material não funciona fornecendo pensos rápidos, mas sim proporcionando uma aura global de criatividade que, em si, gera cura e autoconhecimento — e é assim que as outras pessoas são ajudadas.

(Longa pausa.) Ele pode ajudar-se a si próprio, para além das sessões, incentivando o uso das próprias capacidades dele dirigidas à compreensão de si próprio e à cura. Uma vez por dia deve ser feito um exercício de utilização de energia curativa. Isso pode ter algum valor, sobretudo quando feito com regularidade. À maneira delas, os exercícios da biblioteca também são úteis, assim como o esquecido exercício do ponto-de-poder — todas técnicas práticas que não foram ainda usadas de forma concertada.

O corpo do Ruburt recebeu ultimamente uma dose acrescida de stress, pelas razões aqui mencionadas. As questões filosóficas, que envolvem verdade ou não-verdade, e assim por diante, são altamente importantes em termos práticos, e devem ser discutidas livremente. Isso é bastante para esta noite. Eu simpatizo com a situação, e espero que a sessão seja de alguma ajuda a esse respeito. Um afetuoso boa noite.

(“Boa noite.”)

SESSÃO APAGADA

2 DE JUNHO DE 1981

(A Jane disse que gostaria de uma sessão assim que tivéssemos acabado um jantar tardio — pelas 19h20 — e expressou a esperança de que o Seth tratasse da sua situação imediata, como se fosse uma espécie de tratamento de emergência.

(Depois da sessão da noite passada, fiquei tão perturbado que não consegui falar sobre ela, nem a Jane me perguntou nada acerca do conteúdo da sessão. Fiquei perturbado porque senti que era tudo verdade, e porque tive vontade de interromper constantemente enquanto o Seth estava a dar o seu material. Quis protestar, concordar e discordar de forma muito veemente. Também não via como iríamos conseguir ultrapassar aqueles momentos difíceis.

(As nossas dificuldades revelaram-se de forma implacável quando empurrei a Jane para a casa de banho na cadeira depois das 22h30: porque, pela primeira vez, ela não conseguiu levantar-se do assento da sanita e voltar para a cadeira enquanto eu esperava. Tentou duas vezes, mas os pés e as pernas simplesmente não a sustentaram, quanto mais lhe permitiram caminhar. Disse várias vezes que estava assustada. Não consegui chegar-lhe para ajudar do outro lado da cadeira, por causa da arquitetura da nossa casa de banho. O medo supremo manifestara-se, então: a Jane já não conseguia manobrar na casa de banho. E agora?

(Esperei muitos minutos enquanto a Jane lutava para se erguer. Fiquei sem palavras outra vez, quase incapaz de ordenar os pensamentos e sentimentos que fervilhavam na minha cabeça. Quando a Jane finalmente admitiu que não conseguia, voltei à cozinha para lavar a loiça e fechar a casa para a noite. A espera não ajudara; ela continuava sentada à espera na sanita. Perdi a paciência e o controlo ao ficar ao lado dela, ameaçando deixá-la ali sentada a noite toda enquanto eu ia para a cama. Os meus próprios medos faziam-me ver visões de uma relação drasticamente alterada entre nós e de um estilo de vida diferente, provavelmente consideravelmente menos privado se ela viesse a precisar de cuidados de enfermagem. “O que é que estás a tentar fazer-me?”, exigi, e assim por diante. “Por favor não grites comigo agora”, disse a Jane. “Faz isso depois...”

(No fim, e muito contrariado, já que considereei isso sinal de um fracasso maior, acabei por a carregar fisicamente da sanita para a cadeira

— de forma algo desajeitada, mas não com tanta dificuldade como temia, ainda que sentindo algum esforço na zona lombar. Ainda noto uma sensação muscular aí, embora tenha dormido bem. A Jane ficou muito aliviada por eu conseguir movê-la, e surpreendida, mas eu tinha dúvidas sobre a minha capacidade de o fazer a longo prazo: não ousava pôr em risco a minha própria condição física, não fosse depois ficar incapaz de cuidar dela de outra forma, por mais mal ou de má vontade que pudesse fazê-lo.

(Assim, esta manhã, terça-feira, também a levei até ao assento da sanita, e mais uma vez ela ficou bastante aliviada. Também dormira bem. Passámos a maior parte da manhã a trabalhar com o pêndulo, o que pareceu ajudar, trazendo-nos informações novas. Algumas das respostas foram surpreendentes. Começámos um caderno para o material do pêndulo.

(Devo acrescentar que a sessão de segunda-feira à noite começara, na verdade, a dar-nos lampejos de esperança, e que essa sensação de alento se manifestara de manhã, enquanto no dia anterior nos sentíamos bastante sem esperança quanto à situação. Esta manhã a Jane também mencionou que teve a ideia de tentar andar com a mesa de datilografia — algo que não fazia desde 16 de novembro de 1980, aliás — por isso fui buscá-la. Tentou levantar-se várias vezes; quase conseguiu, mas não completamente. Quer que eu lhe traga a mesa todos os dias até ser capaz de andar com ela como antigamente. Uma excelente ideia.

(Ainda não tomámos qualquer decisão firme sobre procurar ajuda médica, mas é óbvio que estamos muito perto disso.)

Agora...

(Cumprimentei o Seth com um aceno de boa noite. A Jane recostou-se no sofá.)

O que quer não é uma situação de crise, mas uma situação terapêutica — portanto, mude as formulações dos seus pensamentos. A sua intenção agora é criar uma situação terapêutica. Caso contrário, a sua concentração está sobre a crise.

Que elementos ajudam a criar tal situação? São elementos que talvez não pareçam ter nada a ver com o assunto em questão. (Longa pausa.) O fazer amor é extremamente importante a esse respeito, porque por si só promove uma melhoria global no corpo e na mente. Ajuda a criar o tipo de atmosfera mental que é propícia à cura em todos os níveis, e envolve-vos a

ambos ao mesmo tempo. Deve ocupar uma posição muito mais elevada nas vossas prioridades.

O vosso amor é suficientemente grande um pelo outro para resistir a qualquer expressão natural de agressividade ou ressentimento de parte a parte, conforme já referido. Por causa do passado do Ruburt (*longa pausa*), ele temeu muitas vezes o abandono. Parecia-lhe que não oferecia o que a maioria dos homens esperava das mulheres, de modo que, se queria um bom companheiro para a vida, tinha de andar com cautela. Sentia que muitas das suas próprias características eram consideradas desvantajosas numa relação homem-mulher.

(Devo registar aqui que o Seth já dissera isto antes, e que a Jane também o referira. Eu, por mim, nunca tive tais sentimentos, pois desde o início da nossa relação sempre tive a certeza de que encontrara na Jane a companheira ideal — uma conquista que considere da maior sorte, algo que mal ousava sonhar que conseguiria. Olhando para trás, o nosso encontro e união pareceram as coisas mais naturais e inevitáveis do mundo; como poderia melhorar isso? Sempre tive imenso orgulho nas realizações e capacidades da Jane, e contente por poder participar nelas no que fosse possível.

(O que me deixou angustiado, quase de coração partido, foi vê-la numa situação física cada vez mais debilitada com o passar dos anos. Especialmente devastador é quando o material explica de forma muito clara que não tem de ser assim. Não admira que lhe diga que pagámos um preço demasiado alto pelas nossas conquistas. Quero vê-la capaz de se mover como as outras pessoas, claro, e também que tenha as suas conquistas; o facto de as coisas não terem resultado assim até agora só pode ter um efeito profundo nos meus sentimentos, nos dela e na nossa relação, que sempre tomei absolutamente como sendo tão sólida e duradoura como os elementos.)

Ao mesmo tempo, ele precisa realmente das expressões de amor da sua parte, tal como tu precisa das dele. Ele identifica-se fortemente com o trabalho, de modo que muitas vezes existe, no entanto, um mal-entendido da parte dele, de tal forma que se o criticares, por exemplo, alguma parte do trabalho, ou a forma como ele o geriu com a Prentice ou o que quer que seja, ele frequentemente toma isso como uma crítica pessoal.

O vosso amor mútuo é extremamente importante precisamente porque trabalham de forma tão solitária, e porque a vossa inclinação mental não

conduz naturalmente a um dar-e-receber com um grupo emocionalmente amistoso de colegas próximos.

O fazer amor torna a vossa situação mais segura, de modo que encoraja a expressão e conforta automaticamente todas as partes do ser. Esse agente de conforto é altamente vital. (*Longa pausa.*)

O Ruburt tem receado as suas reações quando *Manifestações* e *O Deus da Jane* encontram o mundo público. Não quero ferir os sentimentos de nenhum dos dois (*pausa*), mas nos vossos casos a criação de um período de crise não é benéfica. Isto não significa que não possa haver discussão, ou decisões sobre procurar ajuda de outros, ou o que for, mas que a ideia de uma situação de crise agrava os sentimentos naturais (*longa pausa*) que estão presentes e infelizmente exagerados em toda a situação.

Ora, algumas pessoas lidam com situações críticas, e isso faz parte da sua natureza. Isso envolve muitos em várias categorias: correm de uma crise para outra, usando tais crises como impulsos. Essas pessoas, contudo, muitas vezes relaxam completamente entre elas. Em situações crónicas, existe frequentemente um escoamento constante, digamos, de energia. Agora, em termos correntes, há poucas reservas para tais crises.

Nos vossos casos, ambos começaram a concentrar-se nos elementos negativos. Não se trata apenas de trazer certos elementos, digamos, à consciência, mas de eles passarem a dominar o campo da vossa atenção. Isto aplica-se a si, Joseph, bem como ao Ruburt: o que aconteceria se o Ruburt piorasse? Como se protegeria, ou ao seu tempo? Qualquer raiva que sentisse em relação ao Ruburt no presente era então ampliada por esse futuro negativo imaginado, de modo que ficava mais zangado. O Ruburt, da parte dele, agia da mesma maneira: como reagiria ele à sua reação? — e outra vez, independentemente do que qualquer um de vós possa pensar em certos momentos. Esse tipo de comportamento não vos dará resultados terapêuticos.

SESSÃO APAGADA

3 DE JUNHO DE 1981

Vocês os dois tentaram lidar com a situação sozinhos, e essa afirmação aplica-se a ambos. A abordagem é bastante característica em vós, no geral. Pode ver-se noutros exemplos (*pausa*) — no vosso interesse, por exemplo, anos atrás, em situações de sobrevivência, usando os recursos da terra; nos vossos exercícios imaginados de lidar com uma possível guerra nuclear no passado, quando se viam a confiar em si mesmos; no vosso comportamento durante a cheia; na vossa determinação em procurar por vós próprios o significado da vida em vez de o procurar nas autoridades — e, de facto, também na forma como lidaram com a vossa própria saúde quando tais questões surgiram. Há linhas traçadas: vão a dentistas, por exemplo, mas o padrão geral é altamente característico.

Quero apenas tornar isto compreensível. Esse padrão significa muitas vezes que tanto as vossas forças como as vossas fraquezas aparecem de forma exagerada. Não estou a sugerir que se tornem inflexíveis nesse aspeto, mas que compreendam melhor as vossas reações individuais e conjuntas.

A condição do Ruburt não tem apenas um significado físico, então, para nenhum de vós, mas fica intrinsecamente ligada às vossas filosofias pessoais, parte dos vossos valores sobre criatividade e autossuficiência. Esses valores no Ruburt, em particular, foram contaminados, por assim dizer, pelos medos e questões de que falámos antes. Queremos, portanto, a concentração numa vez mais numa situação terapêutica. Isso deve automaticamente trazer uma mudança de foco. Ainda podem deixar em aberto a vossa decisão sobre ajuda médica, ou tomá-la, ou o que seja, mas não usarão o medo como impulso.

(*Longa pausa.*) A expressão deve ser encorajada de parte a parte, para que essa diretriz não específica esteja mais livre para encontrar a sua própria forma de manifestação. A primeira coisa é acalmar o Ruburt de novo. (*Longa pausa.*) O teu conflito pessoal sobre cortar a relva ou contratar alguém para o fazer é, a propósito, um exemplo menor das tuas tendências de fazer tu mesmo entrarem em conflito com outras ideias — um ponto que queria mencionar.

O Ruburt deve sem dúvida começar algum tipo de exercício energético, como sugeri ontem à noite, e adotar outras abordagens criativas

para o estabelecimento da situação terapêutica — alguma pintura ou poesia ou escrita ou o que for deve ser retomada. Isto é altamente importante.

Tiveste bastante razão, claro, em lembrá-lo de que os seus olhos estavam de facto saudáveis. O planeamento de um pequeno grupo é *construtivo*, e deve ser incentivado. O planeamento por si só já tem um resultado benéfico, já que na sua mente ele já se vê com uma melhoria considerável. A ideia da rampa enquadra-se na mesma categoria.

O Adams mencionou que, na verdade, os olhos do Ruburt respondiam bastante depressa às várias lentes. Também disse que, quando se usavam prismas, a atividade resultante nos músculos levava muitas vezes as pessoas a queixar-se de tonturas, náuseas e assim por diante. Todo esse grupo muscular tem tentado melhorar-se ultimamente, e em tais momentos o Ruburt sente-se desorientado com mudanças na pressão da cabeça, no equilíbrio, na perceção de profundidade. Essas sensações assustam-no. O corpo compreende essas situações, mas em estado de medo elas podem despertar nova desconfiança.

Há um relaxamento em curso, e um afrouxamento entre as ancas e as pernas, que faz com que outros músculos grandes se contenham para manter o equilíbrio temporariamente, movendo-se mais devagar para compensar o afrouxamento não habitual de outras partes. Esse afrouxamento também assusta o Ruburt por causa da desorientação resultante, mas a desorientação representa uma quebra de padrões antigos.

Agora, essa situação, mais as tensões mentais da condição de crise, trouxeram a situação presente. A situação física mudará de qualquer maneira, e para melhor (*longa pausa*), mas a situação de crise em si ajudou a reacender a falta de confiança do Ruburt. Muitas vezes se pensou que o fazer amor de algum modo prejudicava a criatividade; na verdade, é altamente propício a todo o tipo de esforço criativo — um ponto que quero enfatizar.

Fim da sessão, a menos que tenhas uma pergunta.

("Podes oferecer algumas palavras de encorajamento sobre os movimentos dele na casa de banho? Carreguei-o ontem à noite e esta manhã, e sinto um esforço nas costas.")

O esforço resulta das tuas próprias atitudes, claro — de um fardo que está a ser assumido mas que não devia ou não precisava de ser. Parece que não há nada de errado com as tuas costas. É a tua atitude que dói. E isso também fala ao Ruburt, para expressares os teus próprios sentimentos: não

podes depender de mim para fazer isto sempre. A mesma afirmação foi feita quando carregaste o Ruburt até ao carro. Em forma exagerada, o Ruburt faz a mesma declaração à sua maneira, com os seus sintomas — ou seja, eles também expressam atitudes. Em teoria, o teu amor sozinho poderia varrer o desconforto, de modo que o Ruburt se sentisse leve como uma pena. Eles exprimem a tua relutância, claro, e revolta contra a situação.

Se seguires as sugestões da sessão de ontem à noite e da de hoje, a situação em si mudará automaticamente. O Ruburt voltará a sentir-se suficientemente capaz para andar de novo na casa de banho, e dentro de um período relativamente curto.

(Longa pausa.) Ambos devem procurar encorajar os vossos sentimentos de otimismo. Eles não são irrealistas. São altamente pertinentes, e são mais realisticamente parte do vosso comportamento biológico do que os vossos padrões de pessimismo.

Mais uma vez, ajuda o Ruburt a confiar nos seus sentimentos de relaxamento, e confia também nos teus. Fim da sessão. Uma boa noite, com carinho.

("Obrigado, Seth.")

(A Jane portou-se bem. A família de guaxinins na chaminé atrás de mim esteve bastante ativa e por vezes barulhenta durante a sessão. Disse à Jane que a sessão fora muito boa, e ela suspirou de alívio. Disse-lhe que me dera um impulso de esperança, e que esperava que tivesse o mesmo efeito nela quando lho lesse esta noite, o que então passei a fazer. Ela concordou quando ouviu, embora fosse mais difícil escutar a sessão do que lê-la com calma.

(É já no dia seguinte que acabo de datilografar a sessão. A esperança continua a manifestar-se, e nós os dois sentimo-nos muito melhor. Levei a Jane à casa de banho ontem à noite antes de ir para a cama, e esta manhã quando se levantou depois das 10h. Correu bem em ambas as vezes. Embora sinta uma sensação mínima nas costas, esta diminuiu consideravelmente desde os comentários do Seth sobre as suas verdadeiras origens. Agora, quando penso nas costas, lembro-me de que posso sentir a Jane “leve como uma pena”. Não prevejo mais problemas nessa área.

(O Frank Longwell também visitou hoje antes do Jim, na verdade — e ajudou a Jane a experimentar certos exercícios para as pernas na casa de banho. Explicou o procedimento caso a Jane fosse para o hospital em

Sayre. O Jim, por outro lado, é a favor de a Jane procurar tratamento local. Isso seria mais fácil, claro, desde que o tratamento fosse equivalente. O Frank acha que a clínica em Sayre poderia oferecer mais serviços de uma só vez. Disse que a Jane não tem artrite reumatoide nem problemas de tireoide. O Jim disse que não podia comentar a situação da Jane do ponto de vista médico, exceto para dizer que os olhos dela, em si, estavam bem.

(A Jane também tentou andar com a mesa com a ajuda do Frank, como tinha feito comigo no dia anterior, mas mais uma vez não conseguiu erguer-se totalmente. No entanto, saiu-se melhor. Tentou também a biblioteca hoje, como o Seth sugerira, mas com “resultados nulos”; ainda não experimentou o exercício de cura energética. Planeia insistir em ambos. Teve uma imagem pouco clara ao tentar a biblioteca, e descobriu que isso era um pouco assustador. Contudo, enquanto tentava a biblioteca sentiu-se “relaxada e em pânico ao mesmo tempo.”

(A propósito, a Jane recebeu hoje a sua primeira carta de uma senhora que já lhe tinha escrito sobre *Manifestações em Massa*. Portanto, o livro anda a circular. A pessoa estava ligada ao instituto do Robert Monroe em Charlottesville, Virgínia. [Aliás, é quinta-feira à tarde enquanto datilografo, e dentro de uma hora um dos rapazes Ryall, do Handi Book Center em Elmira, virá cá a casa para a Jane autografar uns 20 exemplares de *Manifestações em Massa*; a livraria recebeu-os hoje e já tem várias encomendas.]

(Ainda levo a Jane à casa de banho, e faço-o com o mínimo de desconforto. “Leve como uma pena...”)

Boa noite. (Num sussurro).

(“Boa noite”, em sussurro.)

Agora: dentro de uma estrutura (pausa) relativamente regular de hábitos e de amplitude de atividades, vocês os dois escolheram, na realidade, um caminho que é de muitas maneiras incerto, irregular, imprevisível.

São trabalhadores independentes, por isso não lidam com uma situação financeira regular e definida, claro. Nesse sentido, o vosso sustento depende de muitos elementos. Nunca sabem com exatidão qual será o vosso rendimento mensal, como saberiam se recebessem salários. A própria natureza do trabalho em que estão envolvidos implica incerteza — e isto para lá da atividade psíquica. Ou seja, a escrita e a pintura em si já vos colocam em percursos incertos. Além disso, não são produtos com

especificações e medidas conhecidas. O trabalho psíquico acrescenta uma extensão adicional, tanto de um elemento “faça você mesmo”, como da incerteza criativa.

(Pausa.) Valorizam hábitos relativamente “assentes”, que servem como plataformas mais ou menos estáveis para perseguirem a natureza incerta tanto das vossas artes como da atividade psíquica.

(Longa pausa, uma de muitas.) Procuram respostas a muitas perguntas. Entretanto, não têm garantia de que as respostas serão encontradas, pois as próprias perguntas estão em constante evolução, e ainda assim estão sempre, claro, no processo de examinar o material que possuem, e de ver como se aplica ou não ao mundo tal como o conhecem.

O mundo oficial tem as suas respostas, métodos, filosofia, padrões, todos estabelecidos. A civilização está construída sobre eles. Vocês procuram melhores formas de viver as vossas vidas, em busca de uma moldura maior da existência. Não se trata de um empreendimento acadêmico seco, mas de uma questão de intensas atividades pessoais da vossa parte.

(Longa pausa.) Até certo ponto, isto significa que tentam viver as vossas vidas de acordo com uma filosofia ainda não concluída, métodos ainda não totalmente alcançados ou declarados, e isso, claro, envolve-vos na incerteza. O Ruburt, por exemplo, sente-se na obrigação de dizer a correspondentes com dificuldades de saúde que consultem as autoridades estabelecidas, certamente aqueles com doenças graves. *(Longa pausa.)* Ele sugere que os outros sigam o seu próprio material intuitivo, ao mesmo tempo que se apoiam nas estruturas estabelecidas das quais a maioria das pessoas depende.

(Longa pausa.) Ele também tentou seguir o nosso material, confiar nele o melhor que consegue. De formas importantes, a certos níveis, embora “a prova esteja no pudim”, a taça de pudim ainda está longe de estar cheia *(com algum humor)*.

Ainda não está todo o material disponível. Ora, em questões de saúde pessoal, isto aumenta inevitavelmente a incerteza: estão a tentar viver as vossas vidas segundo regras novas que ainda não foram totalmente dadas, e, nesse sentido, é natural que o Ruburt e tu fiquem por vezes inquietos, que se interroguem por vezes acerca do material pessoal, se estará distorcido nessas áreas, ou o que seja — e não há formas conhecidas de verificar tal material — o próprio material é original.

Foi, portanto, benéfico quando o Adams deu o “diagnóstico” dos olhos do Ruburt. Agora, por causa dessas incertezas — financeiras, criativas e psíquicas — outras certezas tornam-se altamente importantes, como moldura para tal aparente imprevisibilidade. Valorizam, por isso, a certeza do vosso amor um pelo outro. A certeza de um ambiente mais ou menos estável, e o Ruburt valorizava, e valoriza, a certeza que existiu durante muitos anos com a ligação à Prentice.

O parágrafo que ele leu esta noite acerca do teu amor duradouro por ele tocou-o profundamente. (*Longa pausa.*) Não há dúvida de que, por muitas razões já dadas, ele temeu a fiabilidade do teu amor (longa pausa, olhos fechados), caso as suas ações não te agradassem. Esse medo tinha raízes na infância dele e, claro, na cultura orientada para o masculino. Até certo ponto, então, ele sentiu até a segurança da vossa relação ameaçada quando te irritaste, por exemplo, com a Prentice. Ficou particularmente assustado quando receou que a relação dele com a Prentice pudesse adoecer-te.

As pessoas reagem de maneira diferente ao stress. A reação do Ruburt a situações de stress foi repressiva: de facto, sentia-se muitas vezes num estado constante de algum alarme. Por causa de outras crenças, parecia-lhe que não era seguro relaxar. A tensão aplicada nesse contexto passou a implicar uma espécie de suporte. Parecia oferecer uma moldura fiável para o impedir de ir demasiado longe numa direção ou noutra (*intensamente*), e era usada como almofada contra as outras incertezas das vossas vidas. O pânico que ele sente em certos episódios de relaxamento está de facto ligado aos sentimentos psicológicos que estavam enterrados dentro dessa tensão libertada.

Inicialmente, ao libertar-se a tensão, liberta-se também com ela o pânico enterrado que lhe deu origem (*longa pausa*). É importante que o Ruburt compreenda isso. Ele, mais uma vez, também aprendeu a identificar-se com a tensão, por isso pode sentir algum alarme ao deixá-la dissolver-se. Isto aplica-se apenas a certos períodos de relaxamento, no entanto, que estão ligados à liberdade eventual dos movimentos mais vitais do corpo.

Todas as questões que mencionei — o fazer amor, os exercícios energéticos, a poesia e assim por diante — conduzem a uma situação terapêutica (*pausa*), à percepção de que a expressão em si é segura, e servem para o lembrar de que a incerteza da criatividade é em si altamente criativa,

proporcionando a sua própria segurança num contexto de expressão exuberante. É importante, então, que ele comece a usar as suas capacidades psíquicas para ajudar a curar o próprio corpo, e ele começará a fazê-lo à medida que compreender que é de facto mais seguro deixar ir essa tensão, e libertar o seu movimento psíquico e físico.

(Longa pausa.) Agora, apesar de muitas objeções em contrário, a condição do Ruburt ainda serviu aos teus próprios fins, bem como aos dele — até ao presente. Até certo ponto, serviram de estabilizadores, dando-vos desculpas e proteções contra acontecimentos talvez intrusivos, como entrevistas ou visitas, ou até estranhos à porta. *(Longa pausa.)* De certa forma, produziram a sua própria espécie de certeza. Também refletiram — até certo ponto, agora — as tuas próprias crenças talvez mais secundárias de que não era seguro relaxar, ou de que a espontaneidade poderia levar a mais incertezas. Não é necessário que aprendas a derramar-te interminavelmente em declarações de amor ao Ruburt, mas é importante que o exprimas — e tens, de facto, melhorado nessa área. O vosso reconhecimento conjunto do vosso amor, no entanto, aumenta imensamente os sentimentos de segurança nas vossas vidas, e o fazer amor envolvendo o toque é muito remissivo do estado infantil de liberdade, quando as crianças se deleitam em tocar-se a si mesmas e a outros objetos, e assim por diante.

Fim da sessão e uma boa noite, com carinho.

(“Muito obrigado, Seth. Boa noite.”)

Espero que o que disse sobre relaxamento e pânico seja compreendido, e que ajudes o Ruburt a compreender-se nessas circunstâncias.

(“Sim.”)

(“Achei que havia algo relacionado contigo para o fim que não percebi”, disse a Jane. Quando respondi que o material me parecera suficientemente claro, ela disse que se tratava de algo que não saíra na sessão. Também ficou genuinamente surpreendida com a hora, que era muito mais tarde do que pensava: “Não consigo ultrapassar isso.”)

SESSÃO APAGADA

4 DE JUNHO DE 1981

(A Jane esteve em baixo astral durante parte do dia, mas animou-se antes de eu fazer a sesta. Ela escreveu uma quadra de um poema esta manhã, mas não está muito satisfeita com isso. Nós não tentámos a mesa hoje, mas ela fez o exercício de energia curativa, e, ao que tudo indica, com algum sucesso: ela vai escrever uma descrição para inserir no caderno do pêndulo. Eu continuo a levá-la à sanita, mas com dificuldade crescente, receio. O Frank Longwell visitou hoje.

(Hoje fui buscar ao senhor Steiner as ampliações em tamanho natural dos meus pais; estão notavelmente boas, e planeio pintar retratos deles a partir dessas fotos. Também planeio fazer o mesmo procedimento com a Jane e talvez com outras pessoas.

(Hoje mandámos cortar a relva pelo Bill Tolbert e pelo Jeff Colucci, que foram recrutados pelo Frank para o trabalho regular. É a primeira vez este ano que a relva fica toda cortada de uma só vez.

(Muitas mudanças continuam a ocorrer no corpo da Jane. Enquanto nos sentávamos para a sessão, ela relatou movimento extra no olho direito — aumento da atividade muscular que ela conseguia sentir até na garganta. “Estou só à espera”, disse às 20h56. Tínhamos jantado tarde. O dia tinha sido bonito, embora fresco grande parte do tempo.)

Ora bem — boa noite. (Num sussurro:)

(“Boa noite.”)

(Pausa.) A depressão do Ruburt — uma parte de hoje representou, de novo, o seu reconhecimento e expressão de sentimentos que antes estavam em grande medida enterrados nos sintomas, ou traduzidos neles.

Tais expressões não significam retrocesso da parte dele. Devem ser reconhecidas pelo que são, e ele deve (*sublinhado*) definitivamente expressá-las a ti quando se sente assim. São momentâneas — ou, pelo menos, tendo-se expressado num certo ritmo, dão depois lugar a outras experiências positivas. Isto não quer dizer que ele deva concentrar-se nelas, claro. Este período está a conduzir-vos a ambos a afastarem-se, até certo ponto, de padrões de pensamento a preto e branco, para que possam considerar os aspetos das vossas vidas, menos incomodados por absolutos.

É certamente tempo de olharem para as vossas prerrogativas, como sublinhei. O fazer amor, as expressões de apoio amoroso e de encorajamento devem subir na lista de prioridades de ambos mais do que

antes. Pode parecer que a questão dos serviços (*como o da relva*) é mundana, mas está ligada, claro, às vossas atitudes perante o trabalho e a vida diária. A tua escrita e a tua pintura fornecem “serviços” de outra ordem. Não deves tomar decisões absolutas neste último caso, digamos, sobre outros serviços. Alguns podem ser complementos agradáveis e servir de relaxamento. Por outras palavras, evita o pensamento a preto e branco. Tira partido de teres, ocasionalmente, serviços prestados por outros, e sê mais flexível nesse sentido.

O Ruburt recebe prazer estético ao ver as carpetes ou as janelas limpas — um prazer que, na verdade, incentiva a sua criatividade. O mesmo se aplica, claro, a ti e ao jardim.

(*Pausa.*) A arte fornece os seus próprios serviços ao indivíduo, quer pareça ou não utilitária. A inspiração do Ruburt opera com os seus próprios ritmos: o seu poema sobre Stonehenge, ou o que for. Pelo meio, embora possa parecer que ele não está a ser tão criativo, realiza-se trabalho interior que mais tarde surgirá num novo surto de criatividade. Isto aplica-se a projetos longos ou curtos.

É muito importante que ele compreenda isso. A sua criatividade, por outras palavras, está agora a renovar-se. (*Longa pausa.*) Um animal na condição física do Ruburt estaria simplesmente a descansar, a perceber alterações corporais e estados estranhos com aquiescência paciente, a fazer o que pudesse fisicamente e a esquecer o resto, confiando nas capacidades do corpo para se curar. Quanto mais o Ruburt relaxar, mais depressa o corpo mostrará as melhorias que agora se estão a desenvolver. Certas atitudes devem ser claramente expressas.

Não há necessidade de condenar as atitudes por que ele será inspirado tanto nos projetos longos como nos curtos. Ele receberá novos insights e inspirações. Agora ele fica assustado por pensar que não os terá. Tu podes ajudá-lo aí enquanto ele discute os seus sentimentos. Ele depende da criatividade, por exemplo — como tu — para lhe proporcionar uma fonte mais ou menos constante de prazer, entusiasmo, realização pessoal — para não falar do sustento — e, como na sessão de ontem à noite, a criatividade opera de maneiras que podem parecer incertas.

(*Longa pausa.*) As garantias de hoje nessa área devem, por si só, encorajá-lo. O pensamento absoluto pode muitas vezes conduzir a ideias ou planos sem saída. As atitudes dele em relação à profissão médica (*pausa*) estão de facto a mudar — não porque veja as práticas médicas numa luz

globalmente mais favorável, mas porque reconhece que o absolutismo também não é resposta. Nem tais decisões devem ser tomadas sob os auspícios do medo pessoal. Existem graus de participação, por exemplo. Deveis ser livres para tomar as vossas decisões com a mente razoavelmente clara.

O mesmo se aplica, de certo modo, aos serviços, ou mesmo ao vosso estabelecimento físico. Existem várias organizações possíveis na vossa casa, por exemplo, se esqueceres o pensamento absoluto, e se esqueceres o pensamento convencional em geral quando o aplicas a benefícios criativos.

Estou apenas a citar exemplos. A vossa casa está perfeitamente preparada, porém, de modo que, se quiseses, pode ser expandida para satisfazer necessidades futuras: a grande parte central (*gesticulando*) servindo como os vossos aposentos comuns — esta área — e, com algumas extensões criativas, poderias ter alas de trabalho separadas e bastante apropriadas em cada extremidade, oferecendo a ambos mais espaço de trabalho, sensações de privacidade e prazer estético.

(*Pausa.*) Quero que vejas que, em muitas das vossas situações, há possibilidades criativas que podem ser consideradas com flexibilidade, pois estas também se refletirão nos prazeres diários da vida, na satisfação criativa que literalmente não pode ser medida, digamos, em termos de quanto dinheiro é despendido — e, com a atitude adequada, o dinheiro simplesmente não importará, será repostado com facilidade.

O Ruburt pensa assim com bastante facilidade, por isso deixa-o usar o mesmo tipo de pensamento relativamente à sua mobilidade física e psíquica, imaginando mentalmente que está a abrir quartos interiores, a descobrir território interior que permaneceu por reclamar, ou a voltar a quartos deliciosos, cheios de movimento, que por momentos tinha esquecido.

Tal exercício mental, feito de forma leve, pode ser altamente benéfico e servir de excelente impulso.

Isto dar-te-á a tua quarta sessão em sequência, de novo. Lê as quatro sessões e discute-as. Faz com que o Ruburt se assegure de começar a seguir todas as sugestões nelas dadas. (*Longa pausa.*) A alteração de prioridades deve tornar-se mais ou menos uma segunda natureza, e não ser esquecida passado uma semana ou assim. Mais uma vez, o corpo do Ruburt está a mudar — e para melhor.

(*Longa pausa.*) As sensações momentâneas de desespero, então, devem ser reconhecidas, porque, de novo, abrem caminho para mais movimento, expressão e relaxamento.

Fim da sessão, a menos que tenhas alguma pergunta em particular.

(*“Não.”*)

Então, despeço-me, como sempre, com uma boa noite, com carinho.

(*“Muito obrigado, Seth.”*)

(*A apresentação da Jane tinha sido boa. “A ideia de acrescentar divisões faz-me arrepiar”, ri-me — “não que não possamos vir a fazê-lo...”. A Jane também se riu, concordando que pensa muitas vezes em alterações. Por agora, porém, ela está muito mais interessada em voltar a sentir-se suficientemente bem para começar a fazer alguma datilografia, escrita, ou o que for. A visão dupla continua a atormentá-la.*)

(*É domingo à noite, 7 de junho, enquanto datilografo esta sessão. Na sexta-feira ao meio-dia o Frank Longwell visitou. A Jane disse-lhe que, nessa manhã, eu tinha tido consideráveis dificuldades em levantá-la na casa de banho. Na verdade, as minhas costas incomodavam-me bastante, fosse a causa física, psicológica, ou ambas.*)

(*O Frank teve a ideia de pôr uma das nossas cadeiras velhas em rodízios, para que a Jane pudesse ser empurrada mesmo ao lado da sanita e deslizar para cima dela enquanto tivesse dificuldades em andar. Ele foi buscar as ferramentas e materiais, voltou numa hora, e nós os dois passámos boa parte da tarde a fabricar tal veículo. Funcionou — mas por pouco, pois estava demasiado alto para a sanita e não tinha almofada para o conforto do traseiro da Jane.*)

(*Decidi reconstruí-lo, por isso, na manhã de sábado, fui à madeireira buscar os materiais e passei o dia a fazer o trabalho, incluindo rebaixar ainda mais a cadeira. Os rodízios maiores ajudaram especialmente. [Eu tinha mudado os rodízios originais, ornamentados, que o Frank usara, mas os substitutos também eram demasiado pequenos.] A nova cadeira funcionou muito melhor, mas a Jane teve dificuldade em manter a almofada no sítio. As minhas costas incomodaram-me bastante na sexta-feira e no sábado.*)

(*Tivemos visitas no sábado à noite. Deixei a Jane dormir no domingo de manhã enquanto passei um par de horas a fixar a almofada no lugar e a cobri-la com material de toalha de mesa de linóleo para que ela pudesse deslizar mais facilmente. Experimentámos a nova engenhoca ao meio-dia,*

quando a Jane se levantou, e agora funciona razoavelmente bem, suficientemente bem para uso consistente. Poderei tentar um revestimento ainda mais escorregadio para a almofada se encontrar algum.

(No sábado à noite não me senti bem depois de as visitas saírem, e no domingo não muito melhor. As costas continuaram a queixar-se, embora num grau ligeiramente menor. Dormi duas horas à tarde. Estava exausto.)

SESSÃO APAGADA

8 DE JUNHO DE 1981

(No sábado passado, dia 6, não foi apenas “o dia da cadeira”, como disse à Jane, mas também o dia da sincronicidade, ao que parece. Quatro pequenos acontecimentos tiveram lugar, ou culminaram nesse dia, que certamente pareceram mais do que meras “coincidências” mundanas.

(Há uma semana, mais ou menos, a Jane tinha convidado os Lords, Cec e Jim, para virem cá a casa no sábado à noite. Então, no sábado de manhã, enquanto eu estava na madeireira Robinson a comprar peças para a cadeira da Jane, encontrei o Curt Kent, que costumava trabalhar comigo e com a Cec na Artistic; não via o Curt há uns dois anos talvez, nem a Cec desde o último Natal. A Jane também convidou os Weissenbuehlers para sábado à noite. Quando a Jane telefonou, a Ellspeth disse-lhe que andava ocupada a arranjar ou restaurar uma cadeira velha — ao mesmo tempo que eu trabalhava numa cadeira velha para a Jane.

(Quando eles chegaram no sábado à noite, a Ellspeth e o Heinz trouxeram um cheesecake caseiro. Acontece que na tarde de sábado eu tinha tirado um pacote de cheesecake congelado do congelador e deixado a descongelar para servir nessa noite. Ainda estava no balcão da cozinha quando a Ellspeth e o Heinz trouxeram o deles. Depois, quando a Debbie Janney chegou no sábado à noite, disse-me que por pouco não me encontrara no estúdio fotográfico do Steiner no início da semana; ao ir lá tirar um retrato, vira por acaso as ampliações dos meus pais que o senhor Steiner estava a fazer para mim. Eu tinha de as ir buscar no dia seguinte, e ela pediu-lhe para me dizer que lá estivera, mas ele esqueceu-se de mencionar.)

(A Jane estava bastante relaxada quando me disse que queria uma sessão por volta das 20h. Dormimos os dois mais de duas horas esta tarde, e sentíamo-nos capazes de dormir ainda mais. A noite estava bonita. O Frank Longwell tinha-nos visitado ao meio-dia, e eu mostrei-lhe a nova

cadeira que fiz para a Jane, baseada no design dele. Ela está a safar-se muito melhor com a cadeira, aliás. As minhas costas ainda me incomodam, mas talvez um pouco menos. Não tenho conseguido pintar muito esta semana.)

(A Jane não tinha perguntas para o Seth: “Estou só a esperar que ele continue como de costume.” Eu respondi que podia ter muitas perguntas, mas como não tinha estudado o material nem escrito nada, eu também tinha de dizer que não tinha perguntas.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: existem, obviamente, por baixo das áreas psicológicas que reconheceis, muitas outras camadas mais profundas de ação e interação. É, na verdade, a esses níveis que o mundo da atividade material é ordenado e sustentado. É abaixo da área habitual de causa e efeito que se encontram as verdadeiras “causas e efeitos”. Mais uma vez percebeste alguns pequenos indícios desse comportamento interior. Esses indícios são aparentemente variados, envolvendo questões como cheesecake, o arranjo de uma cadeira velha, fotografias antigas e uma loja de fotografia, e o reencontro com um velho conhecido depois de algum tempo.

(Devo acrescentar que nunca chegámos a ver os Cec e Jim Lord no sábado à noite. Planeava contar à Cec que tinha encontrado o Curt. Mas eles não apareceram por causa de um mal-entendido sobre as datas: a Cec pensava que a visita era no sábado seguinte — dia 13. O Jim perguntava-lhe várias vezes se tinha a data certa, aliás.

(Também devo notar que, quando encontrei o Curt na madeireira, nunca cheguei realmente a falar muito com ele, porque estava tão ocupado a correr atrás das peças e a pedir ajuda aos empregados. Talvez o Curt também não tivesse muito tempo, pois quando finalmente tive um minuto para falar, vi-o a sair pela porta da frente. Há aqui uma espécie de semelhança, então, além da sincronicidade comum: se não vimos de todo os Lords, também não cheguei a falar muito com o Curt, além de lhe dizer olá e apertar-lhe a mão. Posso ter parecido algo rude para ele, e planeio telefonar-lhe.)

(Todos estes são acontecimentos bastante mundanos, claro, mas mostram, ao longo de alguns dias, vislumbres da ordem interior da atividade, semelhanças e coincidências que estão, de facto, no coração dos acontecimentos e servem como a sua verdadeira organização.)

Quanto a ti, Joseph, ficaste alarmado com o que te pareceram ser certas implicações quando levaste o Ruburt à casa de banho. Temeste que isso lhe facilitasse demasiado. Tiveste medo de que então ele deixasse de tentar voltar a esforçar-se por si mesmo. E também não confiaste no teu próprio corpo para desempenhar adequadamente essa função — daí o teu próprio desconforto.

A cadeira tornou isso mais fácil para o Ruburt do que antes. Tornou-o mais participante no processo. Ambos compreenderam essa situação de forma bastante clara a certos níveis. Quanto à condição dele, os seus aspetos mais centrais estão a ser tratados: a mecânica de andar e de se mover. Mais uma vez, o corpo sabe o que está a fazer. É como se as molas ou a mecânica interior do movimento tivessem sido demasiado comprimidas, de modo que, ao serem libertadas, haja desigualdade considerável, movimentos bruscos imprevisíveis — um afrouxamento aqui e um aperto ali momentâneo, como se antes ele tivesse estado demasiado enrolado (*propositadamente*).

(*Longa pausa, uma de várias.*) Isto é particularmente relevante nas sensações dele relativamente ao maxilar e ao pescoço, à ligação com os olhos e ao seu sentido de equilíbrio (todos tópicos que a Jane mencionou muitas vezes recentemente). É também responsável, claro, pelas frequentes alterações na percepção da profundidade, e tudo isso ajuda, em parte, a explicar a sua incerteza frequente ao passar para o sofá (a partir da cadeira), e assim por diante.

É extremamente importante, no entanto, que leiais juntos essas sessões, e as discutais, mesmo que apenas uma de cada vez. Todas as relações no comportamento corporal dele estão a mudar para melhor, mas a leitura dessas sessões assegurará que as crenças antigas não fiquem de novo enterradas e, assim, permitirá que o processo continue e se acelere de forma mais suave.

Os teus encontros pessoais com a realidade têm sido invulgarmente de apoio ultimamente: o Adams, o Frank, os teus novos amigos alemães, e até o encontro com o fotógrafo. Esses encontros, cada um à sua maneira, destinam-se a mostrar-te que as outras pessoas têm, de facto, boas intenções, que vos enviam bons desejos (*longa pausa*), e os pequenos indícios mencionados antes destinam-se, de novo, a lembrar-te da unidade interior e das correspondências que existem por baixo dos acontecimentos.

O vosso fazer amor tem sido benéfico, e as vossas tentativas contínuas de expressar amor e afeto conjunta e verbalmente e fisicamente são importantes — e, em particular, para ambos neste momento.

(Longa pausa.) A níveis mais profundos, está a ser-vos enviado apoio e energia de todas as pessoas, conhecidas e desconhecidas, que têm os vossos melhores interesses no coração. Esta sessão será breve, porque gostaria que usassem o resto do tempo da sessão para ler o material mais recente e discuti-lo. Quero que esse material seja assimilado antes de eu amontoar material novo em cima dele (com humor). Tens alguma pergunta?

(“Não.”)

Diz ao teu corpo que, de facto, queres que se sinta confortável agora. Antes, não sabias se querias ou não que ele fosse suficientemente capaz de levantar o Ruburt, pois tinhas medo de instaurar um padrão de comportamento indesejável. Isto deve resolver as tuas próprias dificuldades.

Fim da sessão e uma boa noite, com carinho.

(“Obrigado, Seth. O mesmo para ti.”)

(“Sei o que ele disse”, riu a Jane, “mas não sei se consigo concentrar-me em fazê-lo.” Eu senti o mesmo: “Eu podia voltar direto para a cama.” (A noite parecia bastante quente e húmida. Ainda não estava completamente escuro. “Só por diversão”, disse eu à Jane, “quase pedi ao Seth que dissesse alguma coisa sobre Israel e o Iraque, mas não pedi...” Tínhamos lido até tarde esta tarde e, depois, vimos no noticiário da TV, enquanto jantávamos, que no domingo aviões de guerra israelitas tinham destruído o reator nuclear quase concluído em Bagdade, no Iraque.

(“Os iranianos devem estar aos saltos de alegria”, disse eu à Jane quando vi pela primeira vez a manchete no jornal. O Irão está em guerra com o Iraque. “Há que dar crédito aos judeus”, acrescentei. “Quando veem o que consideram um perigo real para a sua pátria, fazem alguma coisa a respeito, não importa o que os outros possam pensar.” Lembrei-me da ousada operação de resgate em Entebbe, no Uganda, há alguns anos, para libertar os seus compatriotas feitos reféns; esse acontecimento também foi mencionado nos noticiários de hoje à noite.)

(Depois desta sessão, acomodámo-nos para reler as quatro sessões privadas anteriores deste mês e falar de alguns pontos em consequência.

Mas estávamos os dois cansados e preparámo-nos para a cama mais cedo do que o habitual.)

SESSÃO APAGADA

9 DE JUNHO DE 1981

(A Jane teve um dia relativamente bom, e portou-se muito melhor com a nova cadeira para a casa de banho. Usou-a até uma vez extra esta tarde para ir à sanita — um sinal animador. Ela não tinha perguntas para a sessão desta noite: “Mas tive a sensação de que ele podia dizer alguma coisa sobre aquela coisa da Kübler-Ross, e que podia haver aí material carregado sobre mim — é a sensação que tenho, por isso estou só à espera...”

(O artigo em questão é uma entrevista da Playboy com a Elisabeth Kübler-Ross. O Leonard Yaudes deixou-nos recentemente o número de maio de 1981, e a Jane tem andado a ler a entrevista, depois de eu ter reparado nela e lhe sugerido que a revisse. As complicações da Kübler-Ross — pelo menos algumas delas — lembram-nos as nossas próprias. Notarei brevemente que no final do ano passado, em novembro-dezembro, a Jane tentou entrar em contacto com a Kübler-Ross a pedido de uma amiga dela, que tinha assistido às aulas da Sheri Perl. A Jane devia telefonar-lhe durante uma conferência em Wappinger’s Falls, NY; tentou várias vezes, mas foi sempre afastada por uma mulher desagradável e autoritária, que dizia constantemente que a Kübler-Ross estava “em conferência” e não podia ser incomodada.

(A Jane não quis deixar o nosso número privado. Disseram-nos que a KR sabia que a Jane iria ligar — de facto, tinha pedido que ela o fizesse. As duas nunca chegaram a contactar-se, e achámos que foi para o melhor, por qualquer razão. De acordo com a nossa conta telefónica, a última tentativa da Jane foi a 5 de dezembro de 1980. “Bem”, disse eu, “presumivelmente a KR sabia que tentaste falar-lhe, portanto, como nunca recebeste carta ou recado depois, esquece. Isto é, se aquela secretária, ou o que fosse, transmitia as tuas mensagens...”

(Passei parte da tarde e da noite a escrever ao Tam, pedindo-lhe que nos defendesse dos esforços bem-intencionados mas manifestamente desajeitados de várias pessoas no Canadá e na Suíça, que andavam a tentar arranjar traduções do trabalho da Jane em francês, italiano e

espanhol. E eu tinha jurado deixar de escrever tais cartas depois do fiasco com a Ariston...)

(A nossa família de guaxinins mexia-se um pouco na chaminé atrás da minha cadeira, enquanto eu estava sentado a olhar para a Jane no sofá. As minhas costas estavam um pouco melhores, embora não totalmente. “Se der, e se tiveres um minuto esta noite, e se estiveres com disposição para dizer alguma coisa sobre Israel e o Iraque, seria interessante”, disse eu à Jane. Ela acenou com a cabeça. Estava muito relaxada.

(Esperámos. A Jane ficou ainda mais relaxada. “Acho que começo daqui a meio minuto”, disse, “mas não sei até onde vou chegar.” Acendeu um cigarro.)

Bem.

(Acenei com a cabeça.)

Há redistribuições vibrantes de energia a ocorrer no corpo do Ruburt, reorganizações em que padrões de energia são realizados. Altamente importante.

Isto significa, de facto, mudança noutros níveis de atividade: o Eu Pecador não apenas a afrouxar o seu domínio, mas a ceder parte da energia que tinha retido e reprimido, de modo que a energia fica de novo disponível, falando praticamente, para uso do corpo. Isto acontece em ritmos, sendo normalmente — embora não inevitavelmente — necessários períodos de assimilação.

(Pausa de um minuto às 20h52.) Queria fazer alguns comentários sobre o Eu Pecador em geral, e sobre como ele é percebido e assimilado, digamos, no trabalho do Castaneda e na estrutura de crenças da Kübler-Ross.

Ambos representam sistemas de crença bastante diferentes do nosso material em muitos aspetos. É importante perceber que, em termos comuns, mesmo grandes visões não precisam de concordar entre si. Pois cada uma observa a experiência a partir de um ponto de vista altamente concentrado e, ainda assim, único e individual. Cada uma vê a “realidade” de um ângulo diferente, e assim cria uma visão diferente.

É de vital importância, no entanto, para esclarecimento geral, que um sistema de crenças se reconheça como tal. Caso contrário, torna-se mais um sistema fechado de pensamento, mergulhado em absolutismo e condenado ao peso do dogma.

O sistema do Castaneda aceita o poder do mal, por exemplo (*longa pausa*). Tal poder oferece uma moldura em que aqueles que o aceitam o confrontam, juntamente com um sistema de exercícios e crenças destinados a minimizar os efeitos do mal. De certa forma, essa abordagem em particular, apesar de toda a sua dependência da “feitiçaria”, não é na verdade fiel à abordagem mágica, porque insiste tão fervorosamente nos impedimentos que estão no caminho do homem, e sublinha a importância de rituais e métodos, e do esforço quase sobre-humano exigido (*pausa*) para alcançar os “fins mágicos”.

(*Longa pausa.*) A espontaneidade não é confiada, e o Eu Espontâneo, deixado a si mesmo, é visto como preguiçoso, dado à busca de prazer sem sentido. Até certo ponto, o Eu Espontâneo e o Eu Pecador usam a mesma máscara ou têm a mesma face. Nem é preciso dizer que a moldura é orientada para o masculino — mas mesmo assim o homem não é um verdadeiro homem a não ser que se torne um guerreiro, e se esforce contra os poderes da escuridão, por um lado, e contra a preguiça, por outro.

O sistema não tem, na prática, simpatia viva pelas massas da humanidade, nem qualquer compreensão particular dos acontecimentos mais mundanos que marcam o quotidiano do homem.

A Kübler-Ross não acredita tão profundamente na existência de forças malignas, mas está convencida da importância e necessidade do sofrimento, de uma forma ou de outra, como meio essencial para alcançar um bom fim. (*Longa pausa.*) Como o vosso mundo está construído em torno de uma aceitação carregada de crenças de forma tão profunda, normalmente parece que a realidade, tal como a percebem, é a única que inevitavelmente tem de ser percebida, enquanto todas as outras têm, na melhor das hipóteses, o estatuto de visões alucinatórias.

Como tentei explicar, no entanto, as vossas suposições sobre a realidade de facto moldam-na. Podeis literalmente perceber certos elementos da consciência em forma personificada, como guias espirituais, anjos, ou até como deuses e deusas. Podeis percebê-los em vez disso apenas como qualidades indefinidas e indefiníveis do pensamento, sempre esquivas e informes, ou como partes físicas sagradas da terra, ou como objetos físicos carregados.

No geral, é míope dizer que um tipo dessas percepções é mais verdadeiro do que outro, ou mais ou menos factual do que outro. A própria

existência de objetos físicos poderia ser um tema altamente debatível noutras realidades que não a vossa, por exemplo.

Os guias espirituais são perceções de outros tipos de atividade psicológica e psíquica. Em alguns casos, a vossa estação de realidade transforma-os automaticamente para se ajustarem aos padrões das vossas crenças. Podem ser tratados a esse nível, mas esse nível é até certo ponto superficial, relativamente falando. O sistema da Kübler-Ross continua altamente tingido pela crença na proeminente necessidade não apenas da existência do sofrimento, mas de que este, apesar de todo o seu foco na esperança (*longa pausa*), acabe por enfatizar em grande medida certos aspetos do sofrimento e do martírio.

Visões de natureza totalmente diferente, aparentemente a dizer coisas diferentes, podem ainda assim ser visões altamente legítimas, conduzindo de facto, por diferentes caminhos, a outras reconciliações mais amplas. (*Longa pausa.*) Será útil se o Ruburt se lembrar disto ao considerar outros sistemas de realidade. Vós criais a vossa própria realidade “mil vezes”. Compõe os acontecimentos psicológicos de várias formas. Misturas o que parece ficção ou fantasia com o que parece factual. A partir desses elementos, formas a tua imagem do mundo.

Agora, na política e na religião, o (*primeiro-ministro*) Begin considera muito mais prático lidar com o Eu Pecador e as suas “prerrogativas malignas” do que com o Eu Melhor que pode de facto representar “o Filho de Deus no homem”. Ele não fica à espera, portanto, confiando — ou confiando em excesso, no seu entender — na boa intenção do homem. O Eu Pecador está convencido do seu próprio mal, e do mau intento dos outros, e por isso sente-se impelido a proteger-se antecipadamente.

Como a maioria dos vossos aliados, dá-se por adquirido que as centrais nucleares acabarão por ser usadas na fabricação de bombas, que por sua vez serão certamente usadas de forma destrutiva. A esse nível, portanto, o Begin destrói uma instalação nuclear antes que o dano possa ser feito. (*Longa pausa.*) “Deus ajuda quem se ajuda a si mesmo”, posso dizer sardonicamente, é a crença por detrás de tais ações.

Agora, o corpo do Ruburt está a responder muito bem, e o material que demos sobre o Eu Pecador — e outros tópicos — está a ser assimilado. As vossas vidas, claro, refletem constantemente redistribuições de energia. Isso é visível nas vossas atividades a todos os níveis. Nessas alturas, pistas

e indícios do Plano subjetivo tornam-se muitas vezes mais acessíveis do que o habitual, por isso mantêm os olhos abertos para eles.

Fim da sessão, a menos que tenhas uma pergunta em particular.

(Hesitei. “Não ia perguntar isto hoje à noite, mas mais cedo encontrei-me a pensar em quanto dos sintomas da Jane resultam das minhas próprias atitudes e afirmações acerca da Prentice. Acho que agora penso que ela reagiu às minhas ideias ali mais do que eu percebia.”)

O assunto é demasiado vasto para começar esta noite. Traz-me isso à atenção formulando a pergunta antes da próxima sessão. Agora despeço-me, desejando-te uma boa e calorosa noite.

(“Obrigado. Boa noite.”)

(A Jane tinha-se saído bem. Tal como ontem à noite, nós os dois sentíamos-nos “fora de nós” depois da sessão.)

(Eu achei que a resposta breve do Seth à minha pergunta apenas reforçou a minha suspeita de que as minhas atitudes em relação à Prentice influenciaram indevidamente a Jane. Ele já tratou da questão um pouco em sessões passadas, claro, mas evidentemente não com a profundidade necessária. Não pude deixar de pensar que o material dele não seria exatamente lisonjeiro para mim. Não sabia se aguardava por isso com expectativa ou não, mas sentia que era essencial recebermo-lo. Devia haver uma razão, pensei, para eu ter feito a pergunta agora. (Ainda assim, reparei, a Jane não parecia muito incomodada com as implicações...)

SESSÃO APAGADA

11 DE JUNHO DE 1981

(Não temos feito sessão desde a noite de terça-feira passada. Temos estado muito cansados, mesmo exaustos; tenho dormido à tarde com a Jane. Ela tem-se portado muito bem com a nova cadeira na casa de banho, e agora vai à sanita três vezes por dia. [Quando observei que gostaria de a ver subir para quatro vezes por dia, ela ficou logo na defensiva, por isso deixei o assunto arrefecer.] Segui o conselho dela e pulverizei o assento da cadeira, coberto de linóleo, com cera para móveis para o tornar mais escorregadio, de modo a que ela possa deslizar mais facilmente de lado da cadeira para o sofá ou para a sanita. “Uma grande ideia”, disse ontem ao meio-dia ao Frank Longwell.

(Tenho relido à Jane, todas as manhãs desde que foi realizada, a última sessão a partir das minhas notas. A pergunta que fiz no final —

sobre que efeitos as minhas opiniões acerca da Prentice-Hall poderão ter tido na Jane ao longo dos anos — tem-me ocupado a mente desde que a fiz, e o Seth respondeu que era “um assunto demasiado grande” para entrar nele de imediato. Esta noite expliquei à Jane, depois do jantar, que agora acreditava que muitas das minhas opiniões foram por ela tomadas como opiniões pessoais negativas acerca do trabalho e dos esforços dela, o que significa, acrescentei, que devem ter contribuído pelo menos de forma substancial para os seus sintomas ao longo dos anos.

(A Jane tentou negar isso sem grande convicção, sem realmente considerar a questão, pensei — não que eu quisesse que o fizesse em grande medida antes de o Seth se debruçar sobre o tema. Ele mencionou o assunto ocasionalmente, claro. Mas disse à Jane que agora eu precisaria de conselho sobre como lidar com as minhas reações à Prentice-Hall para não a alarmar ainda mais.

(Falando da Prentice-Hall, hoje a Jane recebeu o seu primeiro exemplar de *O Deus da Jane* — um volume de aspeto elegante que espero que se porte bem com o passar dos anos. Andávamos a perguntar-nos se a Prentice-Hall iria manter o calendário e lançar o livro no início de junho, e eis que o livro chegou sem qualquer fanfarra. Disse à Jane que acho que é o melhor livro dela até agora.

(Esta tarde, quando voltei de tratar de recados — pagamento de impostos estaduais e federais, etc. — a Jane disse-me que lhe estavam a acontecer todo o tipo de “coisas esquisitas” nas costas e nas pernas, como se várias partes da sua anatomia se estivessem a soltar a ritmos desiguais. O equilíbrio e a visão dupla estavam também afetados. Dormimos juntos na sesta. Acordei com o estômago a incomodar-me, e a Jane, meio a chorar, com a continuação de sensações estranhas e intensificadas de movimento descontrolado/extra-movimento lento combinados e manifestos nas costas e nas pernas. Ela preocupou-se com a possibilidade de não conseguir ir da cama para a cadeira e para a sanita, mas portou-se bem, apesar de tudo.

(Ainda assim, achou as mudanças assustadoras, embora tivesse em mente o material do Seth de que o susto não é para ser temido, mas compreendido como expressão de medos enterrados, dizendo-o de forma simples. Quando me chamou para a sessão às 20h30, mostrou-me como tinha recuperado movimento invulgar nas pernas: conseguia levantar as pernas vários centímetros mais alto — a direita mais facilmente — do que

tinha conseguido fazer de manhã; sinais óbvios de que as mudanças eram benéficas. Ainda assim, não conseguia mover a perna direita para o lado de todo — “Não há ação nenhuma aí”, disse, “como se algo a bloqueasse.”

(Eu disse que isso significava que outros grupos de grandes músculos estavam contraídos para ajudar a manter o apoio enquanto os primeiros grupos se rejuvenesciam em segurança. Disse também que achava que a publicação do O Deus da Jane, finalmente, tinha servido de estímulo às mudanças. Aguardo mais melhorias físicas para ela.

(Agora explico à Jane o que considere ser “uma belíssima ilustração” de como conflitos inconscientes podem decorrer na psique, insuspeitados pela mente consciente, como causa de dificuldades físicas: como disse, quando acordei esta tarde o estômago doía-me. Tem-me chateado nos últimos dias, sem razão aparente; olhando para trás, provavelmente desde que o Jack Joyce nos visitou há uns dias sobre fazermos os pagamentos por conta dos impostos ao Estado de Nova Iorque.

(Interessantemente, porém, eu não tinha feito tal ligação consciente até começar a escrever estas notas. Então chegou à consciência: claro. Hoje paguei os impostos federais e do Estado de Nova Iorque, e planeava fazê-lo desde que vi o Jack. De imediato confirmei com o pêndulo — e obtive um grande sim de que era por isso que o meu estômago andava a reagir. O meu velho papão tinha regressado, mas muito manhosamente, de modo a que eu não me desse conta.

(Achava que tinha conseguido afastar preocupações com impostos, e de facto consegui em grande medida — prova disso é o meu bem-estar físico quando paguei impostos no passado dia 15 de abril, por exemplo. “Ainda assim”, disse à Jane, “mostra como os conflitos podem continuar subterraneamente se não estivermos atentos, e podem ser muito danosos a longo prazo...”

(Assim, enquanto esperávamos pela sessão, disse à Jane que não sabia se havia de pedir ao Seth que falasse da minha pergunta da sessão anterior, ou da chegada do O Deus da Jane e das novas mudanças físicas dela.)

Ora bem.

(“Boa noite.”)

O corpo do Ruburt está agora a ocupar-se das áreas que lidam principalmente com movimento e locomoção, e com o restabelecimento do equilíbrio do corpo.

(Longa pausa, olhos fechados, reclinando.)

O Ruburt não consegue compreender todos os processos envolvidos, mas o corpo sabe o que deve ser feito e está a trabalhar com os seus próprios ritmos. Isto pode causar desorientação temporária, mas isso também passará, como podes ver. Certas partes do corpo foram libertadas esta noite. Em todo o caso, deixa o Ruburt continuar a expressar-te os seus sentimentos sobre a situação e tranquiliza-o quanto à competência do corpo dele.

Está a ser feito trabalho que também irá melhorar vastamente a condição da visão dupla.

Agora: sobre a Prentice. Não quero dar ênfase a quaisquer efeitos negativos, mas explicar diferenças de opinião e de comportamento. A relação inicial começou há bastante tempo, claro, e, de certo modo, tinha o seu próprio pano de fundo no que dizia respeito ao Ruburt. Quando ele escrevia contos, por exemplo, via-se forçado a procurar editor para cada um — uma revista. Aprendeu a lidar por correio com vários editores. Vendeu a maioria dos seus contos à revista *Fantasy & Science Fiction* quando o Boucher era o editor.

Editores posteriores não concordaram com ele quanto ao seu trabalho. Ele aprendeu que o trabalho tinha de ser vendido no mercado se quisesse continuar a escrever. Tentou, sem sucesso, publicar vários romances. *(Longa pausa.)* Quando o Frederick Fell aceitou o livro de ESP, ele ficou radiante. De certa forma, o Fell representava o passo seguinte acima, digamos, das revistas “pulp”. Por outro lado, o Fell não aceitou os projetos seguintes que ele apresentou ou tinha em mente — nem a Ace Books, que caía na mesma categoria.

Ele considerou a Prentice-Hall um passo excelente adicional, um editor suficientemente reputado. O Tam, como editor, não aceitou a primeira apresentação dele — ou seja, a primeira apresentação do Ruburt — mas sugeriu o livro que acabou por ser *The Seth Material*.

(Longa pausa.) De muitas maneiras, o Tam e o Ruburt deram-se bastante bem, embora o Tam fosse bastante mais novo, quando antes os editores do Ruburt eram pessoas bem mais velhas do que ele. Quando o livro ficou pronto, o Ruburt começou outro, juntamente com várias

tentativas diferentes. *Dreams, Astral Projection and ESP*, creio, seria o título. O Ruburt assinou pelo livro, mas teve dificuldade com a apresentação, e ela refletia as suas indecisões, por isso o Tam, respeitosamente, sugeriu de início grandes alterações.

O próprio Ruburt reconheceu as deficiências do livro, e ele e o Tam, juntos, tiveram a ideia de trocar pelo meu livro, *Seth Speaks*, que ainda não estava contratado, em vez do *Dreams*. (*Longa pausa.*) O Ruburt ficou, portanto, impressionado até às orelhas com a necessidade de pôr um livro no mercado e com a importância de uma relação de trabalho decente com um editor — particularmente tendo em conta as incertezas do trabalho de escrita independente, mesmo em termos correntes.

O assunto do Ruburt, no entanto, não era rotineiro, especialmente nessa época. Ele sentia que a sua natureza única podia tornar a venda bastante difícil. Quando ele e o Tam começaram, então, a alcançar uma relação relativamente funcional, passou a valorizá-la cada vez mais. Sentiu que, no início, o Tam “bateu o pé” por ele várias vezes na Prentice. E o Tam, ao que parecia, mantinha as mãos afastadas do manuscrito na única forma que o Ruburt compreendia claramente: não alterava em geral o texto. Com os anos, o Tam e o Ruburt chegaram a certos métodos de operação que serviam pessoalmente ao Ruburt e que eram compreendidos por ambos.

(*Longa pausa.*) Esses métodos de operação envolviam certos indícios de brincadeira, alguma conversa social, confiança mútua, e deixavam abertas as portas a um certo tipo de padrão imprevisível de desenvolvimento — um padrão em que, por exemplo, o Tam podia reconhecer o livro latente no sonho do *Emir*, e ajudar a incendiar o Ruburt para o escrever, mesmo que, no fim, a Prentice não tenha sido a editora.

Não eram elementos de comportamento que parecessem particularmente profissionais, contudo. No geral, o Ruburt sentia-se bastante competente, mesmo a batalhar pelos seus adiantamentos — dois mil dólares de cada vez. Valorizava a relativa permanência da ligação, comparando-a, na sua mente, com outras situações em que, de outro modo, o tempo poderia ser necessário para encontrar um editor diferente para cada livro, ou um agente com quem o Ruburt sentisse empatia. Ponto.

A situação económica nacional levou-o a valorizar ainda mais essa relação. Ele fez comparações, claro, entre essa relação e o que sabia de outros editores por leitura ou por contactos diretos, como com a Eleanor,

por exemplo. Valorizava o canal de operação mais ou menos claro, desde a conclusão de um livro por ele até à sua publicação.

Agora, no geral, queria um pacote atraente, claro, mas para ele o livro estava sobretudo no texto. (*Longa pausa.*) As capas fotográficas da Bantam desagradaram-lhe, mas, de certo modo, não esperava mais do mercado de livros de bolso de massas. Durante algum tempo sentiu-se competente, então, nesses tratos comerciais. Sentia lealdade ao Tam, que considerava leal para com ele. Ao mesmo tempo, não idealizava o Tam e estava bem ciente de algumas das suas falhas naturais.

Muitas das gralhas, por exemplo, não existiam para o Ruburt. Ele valorizava os bons sentimentos que existiam entre ele e o Tam, e preferia, por exemplo, não lidar com demasiadas outras pessoas na Prentice, mas manter a situação o mais simples possível. Resolveram muitos assuntos por bilhetes rabiscados à pressa (*pausa*), e por outros métodos que às vezes nem pareciam lidar com a questão em causa.

Ele confiava em ti, no próprio manuscrito de um livro do Seth, para garantires o rigor do registo, no qual sentia que era relativamente deficiente, e também para contribuíres com o material de enquadramento que considerava tão necessário, mas que a ele lhe era difícil; e valorizava, claro, a tua lealdade, apoio e inspiração.

Ficava, portanto, perturbado sempre que surgiam dificuldades em que tu e a Prentice discordavam, ou tu e ele discordavam, e ficava altamente inquieto se tu e o Tam parecíeis discordar. Começou a sentir-se menos competente nos seus contactos. Começou a sentir-se algo humilhado por, como mulher, precisar do marido para tratar de tais assuntos, e sentiu-se ameaçado não só por tais circunstâncias, mas, claro, pelas mudanças que ocorriam na própria Prentice e pelo crescente desassossego do Tam.

Ele percebia que noutra casa poderia receber mais dinheiro ou mais publicidade, ou talvez outro pacote mais esteticamente apresentado, mas, face a outras incertezas e vicissitudes, sentia que tinha uma moldura de operação aceitável, cujas dificuldades eram suficientemente mínimas nas circunstâncias — uma que proporcionava liberdade criativa, pois, até ao *Emir*, a Prentice publicara os livros de visão de mundo dele, poesia e romances, bem como o meu trabalho. Tomou a decisão do *Emir* com pesar, mas com toda a clareza.

(*Longa pausa.*) O problema com os contratos e toda a questão das traduções incomodou-vos profundamente a ambos. O Ruburt sentiu, por

vezes, que foste demasiado severo, em certas ocasiões, no trato com o Tam, por um período. (*Longa pausa.*) Toda a situação o incomodava profundamente. Ele valorizava a relação com a Prentice (*longa pausa*), e valorizava a ideia de distribuir os livros em terras estrangeiras, mesmo que essa iniciativa implicasse mal-entendidos ou traduções deliberadas, como o encurtamento de um livro, sentindo que a Prentice, embora negligente, não era deliberadamente negligente, e que a situação seria corrigida e o material reposto.

Isso envolvia a eliminação de texto, percebes. Aí ele concordava contigo inteiramente. Embora não concordasse com a tua opinião da Prentice *per se* no que dizia respeito à dificuldade, culpava o editor estrangeiro. Sentia, porém, que parte da tua própria raiva contra o editor estrangeiro era dirigida ao Tam. Muito disto envolve simples diferenças de temperamento. Ele não negava o facto do teu olhar extremamente apurado. Sentia-se estúpido quando te irritavas com gralhas ou erros ortográficos, ou o que fosse, que ele nem sequer percebia até tu os mencionares. Sentia-se entre ti e a Prentice e o Tam, em várias fases, claro, e já não se sentia certo da antiga capacidade de pôr a relação em ordem. Também começou a desconfiar dos seus métodos anteriores de lidar com a situação.

Ele está satisfeito agora por ambos os livros estarem no mercado. Está contente com o seu aspeto. Há mais algumas questões que acrescentarei, incluindo as mudanças de atitudes dele e tuas em relação ao *disclaimer* — mas isso fica para outra noite. Despeço-me com uma boa noite, com carinho.

(*“Obrigado.”*)

(*A apresentação da Jane decorreu sem percalços...*)

SESSÃO APAGADA
15 DE JUNHO DE 1981

(Hoje esteve muito quente e húmido — perto dos 90 graus — após chuvas fortes ontem e durante a noite. A temperatura ainda estava alta à hora da sessão; previa-se tempo ainda mais quente para amanhã. Estávamos atentos a muitos dos ruídos do bairro que não ouvimos no inverno. A Jane dormiu até ao meio-dia, depois de uma noite muito agitada, e também fez uma sesta quando eu a fiz esta tarde. Teve surtos de sensações de pânico, e eu tentei tranquilizá-la. Às vezes, essas sensações resultavam em algumas lágrimas.

(Começámos a receber cartas a mencionar Manifestações em Massa — todas elogiosas — e isso tem ajudado, como o Seth disse que ajudaria.

(A Jane esperava que o Seth continuasse hoje à noite com o material da Prentice-Hall, quando lhe perguntei se tinha alguma pergunta. Estas citações são do texto dela de sexta-feira passada, 12/6:

(“Dormi até tarde, até às 10h30, depois de uma noite fraca.... Acho que a relação do Rob e minha poderá agora alcançar novos pontos altos, quando de repente me apetece chorar.”

(“Percebo que, pelo menos desde 79, tenho sentido até certo ponto que tinha de proteger o meu trabalho até contra o Rob, cujo mau-estar com a Prentice podia.... piorar essa situação. Deixar o Rob doente, ou contaminar os sentimentos dele em relação ao Manifestações em Massa e ao último livro do Seth: [Ver a sessão de Seth de ontem à noite, que o Rob está a datilografar enquanto escrevo isto.]”

(“Com isto, sinto que estou no fundo do pânico — que este material representa os últimos elementos envolvidos. Sinto-me a largar, e ainda sinto aquele pânico a escapar, que tenho medo de pousar os pés, de me virar e subir para a cama; como se fosse o último do pânico.

(“Além disso — a.... integridade estética do Tam cai, na minha estimativa, no que entendo como as suas próprias intenções de escrita.

(Estou a fazer o meu melhor por não interferir nas relações da Jane com o Tam e a Prentice-Hall. O Tam pediu que lhe enviássemos uma carta a expor a nossa posição quanto a um tradutor profissional competente para o Seth Speaks em francês. Eu ia fazer a carta este fim de semana, mas não fiz. Perguntei à Jane se ela escreveria a carta, e ela concordou. Senti-me melhor com isso.

(Depois do jantar, a Debbie Janney veio visitar sem ver a Jane. O gato dela, a Kitty Cat, está desaparecido desde as 8h, e a Debbie receia pela sua segurança e/ou vida. Deu-me uma fotografia a cores do gato para mostrar à Jane. O incidente perturbou a Jane, por significar os impulsos das pessoas para lhe fazerem todo o tipo de perguntas para todo o tipo de ajuda psíquica — partindo do princípio de que ela estava apta e disposta a oferecer essa ajuda. A Jane disse que se sentia “incompetente” por não conseguir, ou não querer, apontar o que tinha acontecido ao gato.

(Disse que não queria fazer esse trabalho de detetive psíquico, porque lhe lembrava as próprias dificuldades — um ponto óbvio que ambos referimos. Ainda assim, não há como controlar as reações das pessoas a um dado corpo de trabalho, do qual, entre outras coisas, se podem deduzir possibilidades como encontrar animais — ou pessoas — perdidos. A Jane recordou os seus sucessos, há alguns anos, em ajudar a tranquilizar os pais de duas raparigas desaparecidas [em incidentes separados] no Midwest. Eu tinha esquecido esses acontecimentos, que contiveram alguns “acertos” impressionantes da parte dela. Nenhuma das raparigas estava morta, já agora.

(“Mas eu não quero ficar na posição de vir a descobrir que esse gato está morto”, disse ela. “Isso é mesmo o fundo do poço em coisas dessas...” E agora lembrou um terceiro incidente em que ajudou, envolvendo um jovem na Florida que tinha assistido à aula dela apenas uma vez. Ela acertou também neste caso, dizendo que a pessoa não estava morta; ele regressou dentro do prazo que ela especificou, também, isto é, numa data vários meses após o desaparecimento. Ela foi mais tarde posta ao corrente da situação por carta.

(Portanto, sabemos que ela tem capacidade para esse tipo de investigação psíquica, mas isso desagrada-lhe. Eu diria que assim seria mesmo que ela não tivesse percalços próprios.

(Antes da sessão, mencionei a pergunta que mantinha em mente para o Seth, sobre o que é que o Eu Pecador pode ter aprendido desde que esta última série de sessões começou. Disse que era essencial comunicarmos a essa personificação [batizada pelo Seth apenas por conveniência] que o desempenho dela tem sido bastante destrutivo para a Jane, e que tem de largar o controlo. Queria saber as atitudes do Eu Pecador perante o facto de ter tornado a Jane literalmente indefesa quanto à sua sobrevivência; ela não conseguia cuidar de si fisicamente sem ajuda de outros, disse eu, por

isso, isso implicava obviamente que o *Eu Pecador* estava também a criar a sua própria extinção.

(Queria saber o que ele “pensava” sobre tal situação contraditória, se compreendia as implicações, e assim por diante. Não importa como tenha de raciocinar ou reagir, tinha de se preocupar com a própria sobrevivência — mas de que maneiras, e com base em que conhecimentos e/ou razões? Todos estes pontos podiam ficar subsumidos sob a pergunta ampla que eu queria que o Seth abordasse quando terminasse o material da Prentice-Hall.)

Agora — boa noite.

(“Boa noite.”)

Comentários. A maioria dos empregos, ou mesmo vocações, trazem consigo diretrizes implícitas, especificações e requisitos definidos que servem para delimitar o trabalho envolvido. Dentro dessas especificações certas ações são executadas. Dentro dessas especificações certos padrões são cumpridos ou não cumpridos. Há tapinhas nas costas por realizações, ou o que seja. Há certos métodos envolvidos, por norma, e talvez requisitos de tempo. Muito frequentemente são atribuídos significados específicos a certas palavras, de modo que se tem o equivalente a um vocabulário profissional. Muitas vezes estão em causa meios específicos de expressão. O violinista profissional, embora envolvido com música, não é necessariamente esperado que seja um grande vocalista. Ele pode até cantar com notas roufenhas (*com humor*), sem que isso lance qualquer anátema sobre a sua execução no violino.

O Ruburt está a operar numa área em que há poucas especificações desse tipo, simplesmente porque ninguém sabe o que pode ou não pode ser feito, falando praticamente, a níveis psíquicos. Algumas pessoas altamente dotadas com capacidades psíquicas gravitam para várias atividades. Encontram-se a agir de forma mais natural, criativa e eficiente seguindo as próprias inclinações naturais. São naturalmente dedicadas à cura, quer sejam, por exemplo, altamente proficientes ou não. Esse é o campo do seu interesse, intenção e capacidade. Depois, dentro dos reinos da vossa realidade prática, aprendem a utilizar essa capacidade.

Outros, pelas suas próprias razões — tão numerosas quanto indivíduos há — interessam-se por perseguir o “malfeito”, encontrar o perdido, ensinar criatividade, ver o futuro ou o passado, ou o que for. As

capacidades psíquicas operam juntamente com as outras características de cada um.

A pessoa interessada na perseguição psíquica do malfeitor, por exemplo, tem certamente tanto em comum, no essencial, com o polícia ou o detetive, como tem com outros psíquicos, independentemente das diferenças que parecem existir. Músicos ou artistas psíquicos interessam-se profundamente por música, usando as suas capacidades psíquicas nessa direção.

Nessas situações, as inclinações e intenções naturais ajudam a especificar o que é esperado e o que não é esperado. Agora, nesses termos, o Ruburt tem muitas vezes esperado demais de si mesmo. Parte da razão reside nas generalizadas concepções populares errôneas acerca da capacidade psíquica. Parte reside no próprio facto dos elementos desconhecidos que estão envolvidos. Ele possui desejos, características e intenções naturais que ajudam a focar a sua própria atividade. E também sente fortes desinclinações noutras áreas. Essas desinclinações são indicadores bastante saudáveis de que, nesses casos, ele se está a afastar das áreas fortes da sua própria proficiência e interesse.

Quando exige demasiado de si, não há, ao longo do processo, onde possa descansar com segurança, dar uma palmadinha nas próprias costas e dizer “Fizeste um bom trabalho”, porque o que realizou lhe parece tão inadequado à luz do que sente que é esperado.

Ser-lhe-ia muito útil, depois de alguma reflexão, traçar as suas próprias declarações das áreas de concentração principal. Em termos gerais, tudo o que estiver fora dessa área não deve ser esperado dele: não precisa de se preocupar com isso. Pode, com toda a honestidade, declarar que tal e tal está fora da sua área de concentração, na periferia distante do seu “campo”. As pessoas compreenderão se ele estiver claro na sua própria mente. O mesmo se aplica, claro, à cura. Independentemente das diferenças que o público considera existirem entre a profissão médica e a cura psíquica, os curadores psíquicos têm muito em comum com médicos ou enfermeiros, e usam as suas capacidades psíquicas de uma maneira que segue essas características e inclinações.

Basicamente, o Ruburt não possui essas características. Toda a gente tem capacidades de cura (longa pausa), mas o Ruburt, falando de modo básico, interessa-se pelas preocupações teóricas e filosóficas que estão na base da condição de saúde. Por si, ele não seria médico nem enfermeiro, ou

o que for, pelo que as capacidades psíquicas dele não se expandem naturalmente com entusiasmo nessas direções em termos de vocação, ou dos requisitos de uma profissão (*tudo com grande ênfase*).

Isto não significa que, por vezes, ele não possa ajudar outros a gerar padrões de capacidades de cura dentro de si mesmos, já que está, de facto, envolvido noutras ações que se entrecruzam com todas as atividades da vida. Ele não deve esperar de si desempenhar como curador profissional, nem ficar desapontado consigo se não o fizer.

O termo “psíquico” é mal definido, por isso ele tem de definir para si o campo da sua atividade, especificar claramente, para bem de ambos, onde residem as próprias forças, e as intenções, e o que se espera dele e o que não se espera. Mesmo dentro dessa declaração tem de haver espaço para crescimento e realização, “para explorar a natureza da realidade”.

(*Longa pausa.*) Agora, como é que se interpreta praticamente tal intenção? Onde começa ou termina tal exploração? As capacidades psíquicas naturais do Ruburt seguem as outras capacidades dele, repito, e características. Não podem ser moldadas pelas de outras pessoas. (*Longa pausa.*) Ele tem a sua própria maneira de lidar com detalhes — uma maneira instintiva. Todos eles entram no moinho criativo, por exemplo, onde são, à sua maneira, exclusivamente organizados, transformados em padrões, emergindo em iluminações criativas. Pode, por outro lado, parecer que ignora normalmente os detalhes.

Sugiro que tal declaração seja redigida, pois ajudaria certamente a clarificar muitas situações e a mostrar ao Ruburt que ele está, na verdade, a desempenhar muito bem. A natureza nebulosa do “psíquico” ajudou a construir uma imagem de um super-eu irrealista (*longa pausa*), mencionado antes, que supostamente deve executar uma gama deslumbrante de atividades, resolver os problemas de toda a gente, exibir todas as capacidades psíquicas de uma só vez, desde curar até encontrar um gatinho perdido.

É à luz dessa imagem que o Ruburt se sente incompetente — um ponto altamente importante. Ele sente-se apanhado entre essa imagem de super-competência esperada e a imagem do Eu Pecador, que se sente competente para fazer muito pouco. O Eu Pecador e o super-eu são igualmente irrealistas.

(*Longa pausa.*) O material do Ruburt sobre a Prentice-Hall estava bastante correto. Ele não é uma mulher de negócios nos termos em que o é

uma pessoa primariamente dedicada aos negócios. Possui, no entanto, excelentes instintos em certas direções que automaticamente trazem dinheiro para vós e asseguram a publicação dos livros dele e por aí fora. Esses instintos operam de forma bastante natural nas vossas vidas.

Ele sentiu que, em certos momentos, ficou apanhado entre ti e a Prentice: mais preocupado em lidar com as tuas atitudes perante a Prentice do que em lidar com a situação em si, com a Prentice. À medida que tentou compreender isso, também sentiu que certas atitudes tuas perante o mercado iriam transbordar e ameaçar o canal claro e sem impedimentos que ele sentia ter sido formado para conduzir a sua escrita ao domínio público.

(*Com humor:*) Ele percebeu que o canal tinha algumas zonas lamacentas, alguns impedimentos, que corria mais limpo em certas áreas do que noutras. Ou seja, ele não idealizava a situação. No entanto, toda a situação o incomodava profundamente, pois sentia, claro, um grande sentido de lealdade para contigo mesmo quando não partilhava uma ou outra crença tua num dado momento. (Longa pausa.) Ele também, como declarou, tinha receio de que as tuas atitudes transbordassem e colorissem os teus sentimentos em relação a futuros livros do Seth, e em relação à tua futura contribuição para eles.

Tudo isto existia, claro, numa situação em que os aspetos da posição do Tam e a situação na Prentice estavam eles próprios a mudar e eram incertos.

(*Longa pausa.*) Tudo isto deve ser considerado juntamente com as incertezas naturais que existem nas empreitadas criativas — o desejo dele por inspiração e por aí fora. Ele precisa de clarificar o círculo das suas expectativas, como foi sugerido mais cedo esta noite. Todas estas questões acrescentaram tensão acrescida, de modo que ele não sabia em que direção se mover (*sublinhado*), e sentia o seu movimento bloqueado.

(*Longa pausa.*) A isto somou-se a tendência de vocês os dois para se concentrarem nos problemas, o que contribuiu de forma importante para toda a situação. É importante que o Ruburt defina o que é esperado do eu prático, e o que cai fora do seu âmbito.

No passado, o Eu Pecador sentiu-se ainda mais pecador, por exemplo, em comparação com as expectativas irrealistas impostas ao eu pelas super-imagens. O Ruburt esperava ser o supercurador, o superclarividente, e assim por diante. O Ruburt é (*pausa*) um recetor natural de informação

psíquica, de conhecimento de outro nível de atividade, um recetor natural de insights profundos que fazem parte da vossa herança espiritual e biológica, e um tradutor natural de tal material (*tudo com ênfase*). Essa é a sua área primária, mais proficiente, de exploração e realização.

O corpo dele está, de facto, a libertar tensões, a ajustar-se aos níveis mais profundos do movimento, e o processo envolve, como foi dito, a libertação de pânico antigos. Pode esperar-se vigor adicional, na medida em que a energia que tinha sido usada pelo pânico é agora posta praticamente à disposição do corpo. Ele é apoiado pela sua própria natureza, e pela fonte da sua própria natureza.

Fim da sessão e uma boa noite, com carinho.

(“Obrigado. Boa noite.”)

(A apresentação da Jane tinha sido mais rápida do que tem sido ultimamente, embora tenha começado a abrandar um pouco para o fim. Ela lembrou-se do material do Seth sobre a sua declaração de capacidade e intenção. “Tenho de admitir que é algo em que eu própria não tinha pensado”, disse — nem eu. Uma vez mencionado, porém, torna-se daquelas coisas óbvias de fazer.)

SESSÃO APAGADA

18 DE JUNHO DE 1981

(“Tenho quase a sensação de que não deves ter uma sessão esta noite”, disse a Jane às 20h19. “É uma daquelas coisas em que estás tão relaxado que não devias interromper isso, mas se eu não tiver uma sessão então receio que seja uma desculpa. Não se pode ganhar....”

(Ela estava de facto muito relaxada, sentada como estava, com a cabeça inclinada, tombada para a frente no sofá. O Leonard Yaudes acabara de sair. Hoje a Jane tinha trabalhado um pouco na página 6 do seu “Manifesto do Eu Pecaminoso” – um longo tratado dessa entidade que começara a receber ontem à tarde. [Dormira até ao meio-dia.] O material começara a fluir de forma bastante espontânea por causa da preocupação dela com o que eu escrevera nas minhas notas da sessão de segunda-feira, sobre ela já não ser capaz de cuidar de si própria fisicamente. Assim que lera essa passagem na terça-feira, começara a falar sobre isso, a interrogar-me, por isso eu sabia que tinha tocado num ponto sensível.

(Não tinha planeado deliberadamente que essas notas provocassem isso, mas em retrospectiva fiquei satisfeito que tivessem feito, sobretudo

pela resposta inédita que a Jane estava a obter do seu Eu Pecaminoso. O trabalho dela estava muito bem feito e daria um material fascinante numa autobiografia, por exemplo. O material do Eu Pecaminoso é demasiado longo e complicado para descrever aqui, exceto para dizer que contém a própria visão de realidade do Eu Pecaminoso e a sua relação com o passado e o trabalho da Jane, os seus arrependimentos, as suas atitudes defensivas, as suas questões e o seu genuíno espanto pelo facto de o homem, durante tanto tempo – talvez na maior parte da história – ter persistido na criação e na dependência de entidades como o Eu Pecaminoso.

(E a Jane não terminara ainda o seu tratado. Uma situação única. Eu disse-lhe que sentia que só coisas boas poderiam resultar de um tal diálogo entre partes do eu ou da personalidade global. Vai ser muito interessante ver os resultados. Perguntei-me quantas vezes um diálogo ou troca tão nítida constava nos registos como tendo acontecido entre tais várias partes do eu. Uma pesquisa da literatura psicológica seria muito interessante.

(A Jane também tivera alguns sonhos muito vívidos relacionados com este material, embora não os tenha escrito e, na verdade, não consiga recordar-se de muito sobre eles. No entanto, envolveram cura, e num deles ela chegou mesmo a esperar acordar curada mas encontrou-se a mover-se lentamente na cama como de costume. Juntarei uma cópia do material do Eu Pecaminoso a esta sessão se a Jane alguma vez o dactilografar em duplicado. Ela praticamente não tem dactilografado nada nos últimos dias porque os braços lhe têm doído bastante.

(Anteontem recebemos o primeiro exemplar de O Deus da Jane vindo da Prentice-Hall. Hoje fui buscar ao consultório, para ela, os novos óculos de leitura que o Jim Adams lhe receitara. [Ele está fora da cidade.] Parecem funcionar bem para ela. Embora consiga ler muito mais confortavelmente agora, continua com a visão dupla. Uma nota: parece que a família de guaxinins que habitava a chaminé da lareira pode ter partido – ou assim parece.

(Eu disse à Jane às 20h39 que não sabia se o Seth já tinha terminado o seu material para a Prentice-Hall, e ela disse que já tínhamos chegado ao cerne da questão. Em resposta à minha pergunta sobre o material da última sessão, disse que sim, que ainda sentia até certo ponto que tinha de proteger o trabalho dela de mim e dos meus sentimentos acerca da

Prentice-Hall. Continuou dizendo que achava que os meus sentimentos em relação à Prentice-Hall tinham influenciado os meus próprios sentimentos sobre Manifestações em Massa, e de facto tinham. Disse depois que também achava que os meus sentimentos sobre a Prentice-Hall tinham influenciado mais os meus sentimentos sobre o próximo livro do Seth do que os sentimentos sobre ela própria.

(“Tens isso ao contrário”, disse eu. Eu disse que reagia muito mais profundamente aos meus sentimentos sobre ela do que a quaisquer que tivesse acerca da Prentice-Hall; estava muito mais preocupado com a condição dela. “A Prentice-Hall é uma entidade sem rosto lá fora com a qual entramos em contacto de vez em quando”, disse eu, “mas eu vejo-te e vivo contigo todos os dias. A tua situação é muito mais importante para mim do que qualquer coisa que a Prentice faça ou deixe de fazer.”)

Ora bem: há acontecimentos relacionados com a sessão que não aparecem necessariamente dentro das próprias sessões, exceto quando estão relacionados através das tuas próprias notas. Estes envolvem muitas vezes respostas ao material da sessão. A mensagem do Ruburt vinda do “Eu Pecaminoso” é um bom exemplo, pois representa uma resposta tanto ao meu material como a uma questão tua. Dá uma declaração clara das atitudes passadas do Eu Pecaminoso e do seu novo reconhecimento crescente de que essas atitudes foram infelizes. O Eu Pecaminoso também levantou algumas questões pertinentes com as quais lidaremos em breve.

É importante que as suas questões e atitudes sejam levadas a sério. O sonho esquecido do Ruburt foi uma clara declaração psicológica em que todos os elementos da sua personalidade se juntaram momentaneamente não só para uma discussão, por assim dizer, mas uniram as suas forças, exerceram as suas energias e estabeleceram uma firme intenção de clarificar toda a situação e de aplicar todas as suas energias numa empresa de cura bem-sucedida. O conselho do Eu Pecaminoso deve também ser seguido tal como foi dado nos últimos parágrafos desse material. A declaração que sugeri deve também ser escrita, juntamente com esses procedimentos; os planos para a varanda da frente (*via Frank Longwell*) e para o pequeno grupo (*da turma*) devem ser considerados mais profundamente, pois também representam movimento noutros níveis.

(*Pausa.*) Eu compreendo o desconforto do Ruburt por vezes com as estranhas sensações de equilíbrio, mas lembra-te que estas representam múltiplas mudanças e movimentos dentro do corpo, novas posições que

requerem minúsculas alterações da tensão muscular e que são na verdade altamente benéficas. Há um certo ritmo nestas sessões que é próprio deste grupo em particular – de modo que certos elementos são fortemente apresentados para a consideração dele. Servem como pontos focais do interesse dele, evidentemente, e iniciam várias respostas físicas e psicológicas. Também suscitam respostas da tua parte, evidentemente – respostas que ajudam a formar melhor as tuas perguntas ou o material das notas.

Depois há períodos de descanso bastante necessários entre elas, em que teoricamente (*sublinhado*) os assuntos ficariam melhor afastados da concentração consciente. Segue-se então um período de atividade talvez mais incisiva. É necessário que ocorra assimilação, evidentemente. É também necessário que haja espaço para que certas ações e movimentos psicológicos mudem de um padrão para outro. A mensagem do Eu Pecaminoso mostra excelente mobilidade psicológica. (*Pausa.*) Esse material pode legitimamente “tomar o lugar” de uma sessão regular da semana. Teve grande valor no facto de o Eu Pecaminoso ter conseguido, finalmente, exprimir-se de forma tão clara – e não acredito que o documento esteja ainda terminado.

(*Uma pausa de um minuto às 21h00. Ainda não estava completamente escuro.*)

As principais questões com que o Eu Pecaminoso estava preocupado estavam mais claramente focadas em *Manifestações em Massa* e *O Deus da Jane*, já que mais do que os outros livros representam um confronto direto, “atacando” a própria legitimidade de todo o conceito de pecado e mal, insistindo de forma mais dramática na boa intenção dos impulsos básicos do homem.

(*Longa pausa.*) O Ruburt sentia que essas questões não podiam ser varridas para debaixo do tapete, mas não percebia até que ponto algumas dessas velhas crenças ainda persistiam. (*Longa pausa.*) A explicação do Eu Pecaminoso representa um fascinante documento psicológico nesse sentido e mostra também a mobilidade e a disposição do eu para aprender e mudar – uma vez tomada a intenção de assumir uma posição (*com firmeza*).

Pode ser útil que o Ruburt peça mentalmente ao Eu Pecaminoso alguns comentários sobre como as suas crenças acerca do sexo feminino estavam ligadas aos seus conceitos de pecado e se essas atitudes estão a mudar. Esse material, juntamente com os meus comentários nesta sessão,

desencadeará naturalmente mais mobilidade psicológica, clarificando diversas posições de forma mais nítida.

O material da Prentice provavelmente regressará com uma perspetiva algo diferente. O meu próprio prognóstico é bastante favorável, tendo em conta as probabilidades como se apresentam. Esta será uma sessão breve, a não ser que tenhas de novo perguntas específicas.

(“Não. Creio que não”, disse eu após alguma reflexão. Finalmente decidi que a Jane queria descansar, já que ela/Seth estava a pedir uma sessão curta.)

Então despeço-me de ti com carinho e desejo ao Ruburt uma boa noite terapêutica.

(“Obrigado, Seth.”)

As minhas mais cordiais saudações e, mais uma vez, muitos acontecimentos relacionados com a sessão estão a ocorrer noutros níveis de atividade. Desejo-te uma boa noite, mais uma vez, e através da experiência do Ruburt desfruta do teu verão.

(“Boa noite.”)

(É sexta-feira à noite enquanto escrevo isto. A sugestão do Seth de que a Jane pedisse ao Eu Pecaminoso os seus comentários sobre o sexo feminino e o pecado foi muito pertinente, pois hoje a Jane recebeu várias páginas de material do Eu Pecaminoso sobre esse assunto. Novamente bem feito e ainda não terminado. Neste momento ela está a ver um filme de catástrofe – The Poseidon Adventure – enquanto eu termino o trabalho.)

SESSÃO APAGADA

24 DE JUNHO DE 1981

(Depois da última sessão, que se realizou há seis dias, percebi que me tinha esquecido de fazer ao Seth uma pergunta que me andava na cabeça há algumas semanas: queria os seus comentários sobre os pés inchados da Jane. O pé direito dela está especialmente inchado, incluindo o peito e o tornozelo. Esperava que o que ele tivesse a dizer aliviasse a minha preocupação – embora eu não tenha ouvido a Jane mencionar a condição de todo.)

(Obviamente não houve sessões na segunda nem na terça-feira à noite. Em vez disso, a Jane tem trabalhado de forma constante no seu “Manifesto do Eu Pecaminoso”, que começou há apenas uma semana. É um documento notável, ela vai agora na página 26 e sente que ainda há mais por vir. “Seria um ótimo capítulo num livro”, disse eu ontem. “Ou talvez acabe por ser um projeto em si mesmo.” A Jane disse que logo veria. Perguntei-me se talvez ela já tivesse começado o seu próximo grande empreendimento sem sequer se preocupar com o que faria a seguir. Certamente o trabalho dela é extremamente criativo, incluindo também perspectivas sobre a relação dela com o Seth.)

(A Jane tem-se levantado comigo nas últimas duas manhãs e feito sesta quando eu faço. Está a dar-se bem na casa de banho com a nova cadeira, mas ainda sente pânico momentâneo quando tem de passar da cadeira para a cama; eu ajudo-a a fazer isso.)

(Fui buscar os novos óculos de leitura dela ao consultório do Jim Adams, mas ela não os tem usado porque precisam de ajustes. O JA estava fora da cidade, devia regressar na segunda-feira passada. A Jane deixou-lhe uma mensagem para que lhe ligasse, mas não teve resposta. Sugerir que voltasse a ligar amanhã.)

(“Não sinto que precise de uma sessão esta noite”, disse ela, “nem que tenha a obrigação de ter uma. Só quero dar um sinal e ver o que se tem passado desde segunda-feira” – e ficou bastante surpreendida quando eu lhe disse que não tinha tido sessão desde quinta-feira passada.)

Ora, boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Elementos profundamente (pausa) terapêuticos estão a operar a todos os níveis da experiência do Ruburt.

O material que ele está a receber é excelente e mais tarde comentarei, naturalmente, de forma bastante minuciosa. No entanto, não quero agora afetar o seu desenvolvimento de forma explícita com comentários e prefiro que muitos dos conhecimentos sejam expressos diretamente dessa forma, em vez de pela minha própria interpretação. A situação física está altamente ativa: os ligamentos e articulações, em particular, estão a ser libertados na zona da anca e da perna. Isto aplica-se também a alterações benéficas nos tornozelos e dedos dos pés, onde fluidos adicionais, resultando no efeito de inchaço, ajudam a amortecer o novo movimento, em especial de algumas articulações, para que não haja fricção.

(Pausa.) Mais uma vez, muitos acontecimentos estão a formar-se como resultado das nossas sessões e certas atividades estão a ocorrer noutros níveis de atividade durante o que poderias considerar os nossos horários habituais de sessão. Estou a supervisionar algumas dessas atividades. *(Longa pausa.)* De certa forma, o material que o Ruburt está a receber abrirá também novas portas, até no que diz respeito às nossas sessões.

(Longa pausa – finalmente um minuto às 20h42. A Jane recostou-se no sofá com os olhos quase fechados; parecia que estavam virados para cima, de modo que eu via o branco.)

O Ruburt está a iniciar um tipo diferente de relaxamento – altamente importante, por isso, nesse sentido, estes tempos são extremamente criativos e essa criatividade refletir-se-á de facto em libertações corporais e no que se poderia chamar de inspirações do corpo. Assim, a sessão é extremamente breve – mas a energia dentro dela e por trás dela está também a ser usada em vosso benefício a níveis que podem não ser por agora visíveis para vós. Deixo-vos então as minhas mais cordiais saudações e, por favor, notem que respondi à vossa pergunta. Uma boa noite.

(“Obrigado, Seth.”)

(Esta deve então ser a sessão mais curta que a Jane realizou em anos. “Eu disse-lhe que podia deixar a sessão durar o tempo que quisesse”, disse a Jane logo que saiu do transe. “Mas sinto mesmo que as coisas estão a acontecer... Estranho.”)

SESSÃO APAGADA

29 DE JUNHO DE 1981

(No dia após a última sessão escrevi uma pergunta para o Seth. Desde quinta-feira passada tenho pensado muitas vezes nela: A Jane terá de tomar consciência de toda a informação sobre os seus sintomas antes de recuperar? Fiz a pergunta em parte por algo que ela própria tinha dito antes da última sessão – e que agora já esqueci – e em parte porque não acreditava que a maioria das pessoas fosse capaz de lidar com tais procedimentos no dia a dia. De facto, não teriam tempo nem talento para tornar conscientes todos os detalhes dos seus desafios que as tinham deixado doentes em primeiro lugar. Enquanto sociedade, geralmente nem estamos organizados dessa forma.

(Pensei, então, que muitas vezes a maioria das pessoas simplesmente melhora através de uma confiança inconsciente nos seus corpos para se curarem. Obviamente isto não se aplica sempre, já que algumas pessoas ficam cronicamente doentes, ou morrem, ou sofrem doenças devastadoras, mas na maior parte das vezes qualquer recuperação que consigam deve-se a processos mentais e corporais subconscientes. Se e quando resolvem os seus problemas, fazem-no quase sem se dar conta. Em retrospectiva creio que esta pergunta foi desencadeada por observações que a Jane fez acerca dos conhecimentos que tinha obtido através do seu manifesto do Eu Pecaminoso.

(Nos últimos dois dias a Jane não trabalhou no seu texto do Eu Pecaminoso – a primeira pausa que faz desde que começou a recebê-lo há 13 dias, a 17 de junho. Ela leu-me o trabalho de sexta-feira nessa mesma noite e eu tive algumas perguntas sobre ele, embora seja muito difícil formular perguntas ao ouvir algo pela primeira vez e sem ter uma versão escrita a que recorrer. Contudo, enquanto a ouvia, senti que por vezes o Eu Pecaminoso quase tentava passar a culpa pelos sintomas dela a outras partes da personalidade – ou digamos que essa foi uma das impressões que tive.

(Tivemos uma discussão sobre as minhas perguntas e exprimi de forma bastante clara a carga emocional que acumulei ao longo dos anos sobre toda a questão. A Jane disse várias vezes que compreendia os meus sentimentos, mas que ao mesmo tempo eu estava a compreender mal o que ela tinha escrito nesse dia [sexta-feira]. Eu percebia que ela estava desiludida com as minhas reações ao trabalho do dia, e ela disse-o mesmo.

(O meu ponto de vista era que me era impossível não ter sentimentos fortes sobre a situação, mesmo que – como disse – concordasse que o texto dela era uma peça altamente criativa, que augurava bem para o futuro e que até agora era facilmente o melhor material que tínhamos recebido sobre a questão dos sintomas. Contudo, continuei com perguntas e declarações a girar na minha cabeça quando nos deitámos – e como muitas vezes acontece nestas situações, perguntei-me se teria ido longe demais nas minhas reações e se teria interferido desnecessariamente com as tentativas da Jane de explorar e compreender um desafio tão difícil. A minha pergunta, acima, foi um desdobramento dos meus próprios sentimentos e dúvidas. Li-a para ela enquanto nos preparávamos para a sessão desta noite e ela concordou que era uma boa pergunta.)

(“Não sinto realmente vontade de ter uma sessão”, disse ela às 20h20. “Tanta coisa está a acontecer no meu corpo que não sei o que se passa....”

(A condição inchada dos pés dela ainda me preocupava, embora tenha mantido em mente o material do Seth sobre essa situação e me sinta mais tranquilo quanto a isso. Tenho conseguido afastar os pensamentos dessas preocupações de forma bastante eficaz ultimamente, mas quando voltam não deixam de causar ansiedade, tal é a nossa condicionante para ver qualquer comportamento invulgar do corpo como um estado de doença ou mal-estar. Só esperava que o Seth tivesse razão acerca dos pés dela, pois estão de facto mais inchados do que nunca, especialmente o pé direito.

(Hoje encomendei 8 onças de gel de DMSO, respondendo a um anúncio no jornal local de sábado. Esperávamos ver um longo artigo sobre o DMSO no jornal, escrito pela Peggy Gallagher, mas não foi publicado: por telefone hoje a Peg disse à Jane que o artigo tinha sido adiado para o próximo fim de semana por falta de espaço. A Peg entrevistou muitos médicos locais e outras pessoas acerca das propriedades analgésicas do DMSO e queremos ler o artigo antes de experimentar o produto nós próprios.

(Mas, entretanto, a encomenda segue, para estarmos preparados. Disse à Jane que seria necessária muita cautela. A Jane não tinha perguntas diretas para o Seth, como de costume, a menos que ele quisesse comentar a questão do DMSO. Ela tem dormido razoavelmente bem na maioria dos dias, mas tem tido bastante dor nos braços [e alguns

movimentos espasmódicos espontâneos acompanhados por dores agudas; parece que os braços estão a alongar-se um pouco]. O desconforto nos braços torna bastante difícil para ela mover-se de qualquer uma das cadeiras para a cama e/ou sofá.

(Ontem e hoje ela pintou um ramo de malmequeres e ervilhas-de-cheiro que os Bumbalos trouxeram da sua casa de campo à beira do lago. Ambos ficaram bastante bem, como ela acabou por admitir, depois de inicialmente proclamar que eram falhanços.

(A noite estava bastante quente e muito agradável. A porta das traseiras estava escancarada no lusco-fusco; embora já tenhamos passado o dia mais longo do ano, ainda não estava escuro.)

Ora bem — boa noite.

(“Boa noite.”)

Tu não precisas de estar conscientemente familiarizado com todos os detalhes ligados à condição do Ruburt para que ele se cure a si próprio.

Ele precisa, no entanto, de estar geralmente ciente das suas próprias crenças. O chamado Eu Pecaminoso está, na verdade, a dar-lhe uma lista mais ou menos prática de crenças antigas e teimosas que chocam com as novas — crenças que muitas vezes vão para subterrâneo — e o “Eu Pecaminoso” está a fornecer a fundamentação por detrás dessas crenças. Todo o edifício aparece.

De um modo geral, a melhor política a seguir é concentrar-se não no problema, mas nas suas possíveis soluções, e este processo pode ser bastante intenso. Depois, tanto quanto possível (*sublinhado*), a situação deve ser deixada de lado por um período, com a concentração propositadamente dirigida tanto quanto possível para outro lado. Assim, dá-se ao eu interior criativo o tempo e a oportunidade para permitir que todo o sistema físico acelere os seus próprios processos de cura e para recomençar com a iniciação de impulsos, sonhos e assim por diante que ajudarão a produzir uma melhoria física.

Mais uma vez, é importante que não acuses o Eu Pecaminoso (*o que tomei como referência à nossa discussão de sexta-feira passada*). Fazer isso não é vantajoso. (*Pausa.*) Aprofunda o sentido de isolamento do Eu Pecaminoso. Essa parte da personalidade operou com a sua própria boa intenção e, durante alguns anos, outras partes da personalidade acompanharam-na. O Eu Pecaminoso não teve carta branca, por exemplo, para provocar dificuldades físicas por si só. E é todo o sistema que se irá

limpar. O Eu Pecaminoso não é o “vilão”. É o detentor personificado de muitas das crenças que trouxeram a condição física à existência.

(*Pausa.*) Depois desenvolveu-se uma falta de comunicação, de modo que várias partes da personalidade “endureceram” as suas próprias posições, por vezes mantendo conjuntos de crenças bastante diferentes. A comunicação do documento do Eu Pecaminoso é quase um dos seus valores mais importantes. As suas crenças podem ser exageradas, mas em algum momento ou outro várias outras partes da personalidade pelo menos acolheram fracamente uma porção delas. Elas também são mantidas unidas por um sentido de seriedade e dever (*com uma carranca falsamente severa*) bastante mal aplicados, mas ainda assim características que estão longe de ser estranhas à personalidade como um todo — portanto, são mal-entendidos a abordar e a compreender, e a questão principal deve ser a compreensão dessas questões especificamente mencionadas, para que as questões sejam enfrentadas às claras e debatidas por toda a personalidade (*tudo frequentemente com ênfase*).

É importante que o eu criativo também compreenda o que tem estado a acontecer. Dessa forma, as várias partes da personalidade podem reforçar-se e ajudar-se umas às outras, e o Eu Pecaminoso pode ver que os elementos criativos não são cegos às suas preocupações, mas também usarão as suas capacidades para ajudar a descobrir explicações e respostas às questões do chamado Eu Pecaminoso.

(*Pausa.*) À medida que isso acontece, o Eu Pecaminoso também poderá tirar maior benefício das nossas sessões. Podes ver facilmente a ligação do Eu Pecaminoso com a criatividade, tal como comunicou através do seu documento, que é, por exemplo, muito bem escrito, com o seu próprio tom. Também podes ver onde ele é deficitário: mostrou pouco sentido de brincadeira, por exemplo, ou de expansão. É excessivamente sério, excessivamente consciencioso, e o seu pensamento é em grande parte a preto e branco. Apesar de tudo isso, partilha preocupações filosóficas que interessam profundamente a toda a personalidade, pelo que há terreno de sobra para um dar-e-receber.

Têm havido vários sinais de excelente cooperação entre partes do eu — como quando questões levantadas ou discutidas pelo Eu Pecaminoso então iniciaram sonhos ou outros comportamentos psíquicos em resposta. A concentração não deve ser, novamente então, nos problemas. Não deve estar em quaisquer acusações, mas no reconhecimento da própria

comunicação e nas questões específicas mencionadas. Estas devem receber consideração direta.

A natureza dessa consideração mostrar-se-á como resultado natural dos acontecimentos psicológicos que agora ocorrem. Pode haver uma comunicação de um tipo ou de outro diretamente do eu criativo para o Eu Pecaminoso, por exemplo, em que essas questões são abordadas de forma empática. Certamente haverá sonhos e outros acontecimentos semelhantes que servem de comunicações de uma parte do eu para outra — e estes podem ser iniciados por qualquer parte.

Alguns podem até ser iniciados a partir das sessões. É importante que tais partes do eu falem por si mesmas neste momento. Eu não quero antecipar tais comunicações, porque o Ruburt precisa do encontro direto, por assim dizer. Uma concentração na pintura, ou em desenvolvimentos relativos à casa, com tantas distrações quanto possível também ajudará, novamente, para que toda a personalidade possa ativar todo o sistema para processos de cura.

Tais acontecimentos seguirão os seus próprios ritmos se lhes permitirem. O vosso próprio fazer amor e comunicações de amor de diferentes maneiras têm uma importância contínua. Neste momento eu ajo mais como monitor. *(Longa pausa.)* Lembra-te de que todas as partes da personalidade são conscientes. No entanto, nem tudo tem de ser traduzido para os teus termos de consciência. Soluções bastante criativas acontecem, naturalmente, noutros níveis, surgindo na tua consciência habitual por vezes por vias muito diversas.

É importante lembrar a benigna imprevisibilidade do Plano subjetivo, a esse respeito, para que deixes as portas abertas a resultados desejados de qualquer maneira que possam ocorrer.

(Longa pausa.) O gozo por si só, independentemente da atividade de que se goze, é terapêutico por si mesmo. Qualquer coisa que aumente a tua alegria ou paz de espírito ajudará na recuperação do Ruburt, independentemente de quão desligada possa parecer daquilo que queres. Na verdade, por vezes quanto mais desligada melhor.

(Longa pausa.) Quanto mais estímulos, pensamentos, desejos e material de natureza diversa forem trazidos para o sistema — dentro da razoabilidade — maior será a quantidade de material com que o eu interior tem para trabalhar e juntar à sua maneira criativa — mas lembra-te daquelas sessões dadas que lembram ao Ruburt que o corpo dele pode de

facto recuperar, que ele pode de facto confiar nos processos do seu corpo, e que não deve comparar a sua vida com a de mais ninguém, mas confiar no tecido inteiro da sua existência, e tu de facto deves confiar no tecido inteiro da tua própria.

Fim da sessão. Despeço-me com carinho — e, novamente, lembro-te de que acontecimentos de sessão também estão a ter lugar noutros níveis de atividade.

(Pausa.)

Uma boa noite.

(“Obrigado. Igualmente.”)

SESSÃO APAGADA

4 DE JULHO DE 1981

(A Jane surpreendeu-me à hora do jantar dizendo que sentia o Seth por perto e queria ter uma sessão. “Por vezes, quando supostamente devemos ter uma sessão, eu não o sinto nada”, disse ela. “Outras vezes, como agora, sinto, por isso...”

*(Pensámos que o desejo dela tinha sido desencadeado por um livro que uma leitora nos enviara pelo correio e que recebemos ontem — *Magical Child*, de Joseph Chilton Pearce, copyright de 1977. A Jane folheou partes dele e achou-o excelente; estamos surpreendidos por não termos ouvido falar dele antes, especialmente à luz dos dois best-sellers do Pearce sobre *The Crack in the Cosmic Egg*. A Jane disse que achava que *Magical Child* continha ideias que faziam lembrar as ideias dela e do Seth, e também lembrava uma ideia de livro que ela está a considerar neste momento, sobre o eu mágico. Ontem pus-me a desenterrar as notas dela para essa ideia — creio que antes do correio, mas não tenho a certeza.*

*(O mesmo leitor também nos enviou uma cópia de um capítulo de um livro de um Dr. Ariola, que penso escrever para a revista *New Realities*, também sobre alimentos saudáveis e tópicos relacionados. O capítulo trata dos efeitos e aspetos negativos das inoculações e certamente reforça o próprio material do Seth em *Manifestações em Massa* sobre os efeitos nocivos de muitas inoculações. Mais uma vez, também não tínhamos ouvido falar do livro do Dr. Ariola. Estou a arquivar toda a informação aqui discutida. A Jane sente-se bem por “fontes independentes” terem verificado o material do próprio Seth. Com efeito, a reação dos leitores a*

Manifestações em Massa tem sido excelente e, possivelmente, já mais intensa do que em qualquer um dos livros anteriores dela.

(A Jane sentiu-se razoavelmente bem hoje. Continua a dormir bastante bem a maior parte do tempo. Tivemos a visita dos Weissenbuehlers ontem à noite; esta tarde a Eve Longwell e a filha Jeanie visitaram, e passámos no VTR bastante filmagem das cassetes que fizemos. A Jane continua com dificuldades em caminhar da cadeira para a casa de banho ou para a cama, e os braços continuam a estar muito desconfortáveis.)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Bem, começaremos esta noite com algum material com uma ligeira nova inclinação ou tonalidade.

Antes de mais, algumas das ideias no livro *Magical Child* são excelentes e, embora ele não tenha lido o livro de forma alguma de ponta a ponta, algumas novas compreensões foram alcançadas através do uso dessas ideias e das suas próprias experiências recentes pelo Ruburt.

(Aqui o Seth referiu-se a vários exemplos de “sincronicidade”, envolvendo especialmente um sonho da Ellspeth Weissenbuehler e vários acontecimentos envolvendo ela própria, a Jane. Ela disse que tenciona escrever este material para possível uso futuro. “Não é assim tão grande”, disse ela, “mas parece que a Ellspeth consegue sintonizar-se connosco.”)

Ora bem — boa noite.

(“Boa noite.”)

Tu não precisas de estar conscientemente familiarizado com todos os detalhes ligados à condição do Ruburt para que ele se cure a si próprio.

Ele precisa, no entanto, de estar geralmente ciente das suas próprias crenças. O chamado Eu Pecaminoso está, na verdade, a dar-lhe uma lista mais ou menos prática de velhas crenças teimosas que entram em choque com as novas — crenças que muitas vezes vão para subterrâneo — e o “Eu Pecaminoso” está a fornecer a fundamentação por detrás dessas crenças. Todo o edifício aparece.

De um modo geral, a melhor política a seguir é concentrar-se não no problema, mas nas possíveis soluções, e este processo pode ser bastante intenso. Depois, tanto quanto possível (*sublinhado*), a situação deve ser deixada de lado por um período, com a concentração propositadamente dirigida para outro lado. Assim, dá-se ao eu interior criativo o tempo e a

oportunidade para permitir que todo o sistema físico acelere os seus próprios processos de cura e para recomençar com a iniciação de impulsos, sonhos e assim por diante que ajudarão a produzir uma melhoria física.

Mais uma vez, é importante que não acuses o Eu Pecaminoso. Fazer isso não é vantajoso. *(Pausa.)* Aprofunda o sentido de isolamento do Eu Pecaminoso. Essa parte da personalidade operou com a sua própria boa intenção e, durante alguns anos, outras partes da personalidade acompanharam-na. O Eu Pecaminoso não teve carta branca, por exemplo, para provocar dificuldades físicas por si só. E é todo o sistema que se irá limpar. O Eu Pecaminoso não é o “vilão”. É o detentor personificado de muitas das crenças que trouxeram a condição física à existência.

(Pausa.) Depois desenvolveu-se uma falta de comunicação, de modo que várias partes da personalidade “endureceram” as suas próprias posições, por vezes mantendo conjuntos de crenças bastante diferentes. A comunicação do documento do Eu Pecaminoso é quase um dos seus valores mais importantes. As suas crenças podem ser exageradas, mas em algum momento ou outro várias outras partes da personalidade pelo menos acolheram uma parte delas. Elas também são mantidas unidas por um sentido de seriedade e dever *(com uma carranca falsamente severa)* bastante mal aplicados, mas ainda assim características que estão longe de ser estranhas à personalidade como um todo — portanto, são mal-entendidos a abordar e a compreender, e a questão principal deve ser a compreensão dessas questões especificamente mencionadas, para que as questões sejam enfrentadas às claras e debatidas por toda a personalidade *(tudo frequentemente com ênfase)*.

É importante que o eu criativo também compreenda o que tem estado a acontecer. Dessa forma, as várias partes da personalidade podem reforçar-se e ajudar-se umas às outras, e o Eu Pecaminoso pode ver que os elementos criativos não são cegos às suas preocupações, mas também usarão as suas capacidades para ajudar a descobrir explicações e respostas às questões do chamado Eu Pecaminoso.

(Pausa.) À medida que isso acontece, o Eu Pecaminoso também poderá tirar maior benefício das nossas sessões. Podes ver facilmente a ligação do Eu Pecaminoso com a criatividade, tal como comunicou através do seu documento, que é, por exemplo, muito bem escrito, com o seu próprio tom. Também podes ver onde ele é deficitário: mostrou pouco sentido de brincadeira, por exemplo, ou de expansão. É excessivamente

sério, excessivamente consciencioso, e o seu pensamento é em grande parte a preto e branco. Apesar de tudo isso, partilha preocupações filosóficas que interessam profundamente a toda a personalidade, pelo que há terreno de sobra para um dar-e-receber.

Têm havido vários sinais de excelente cooperação entre partes do eu — como quando questões levantadas ou discutidas pelo Eu Pecaminoso então iniciaram sonhos ou outros comportamentos psíquicos em resposta. A concentração não deve ser, novamente então, nos problemas. Não deve estar em quaisquer acusações, mas no reconhecimento da própria comunicação e nas questões específicas mencionadas. Estas devem receber consideração direta.

A natureza dessa consideração mostrar-se-á como resultado natural dos acontecimentos psicológicos que agora ocorrem. Pode haver uma comunicação de um tipo ou de outro diretamente do eu criativo para o Eu Pecaminoso, por exemplo, em que essas questões são abordadas de forma empática. Certamente haverá sonhos e outros acontecimentos semelhantes que servem de comunicações de uma parte do eu para outra — e estes podem ser iniciados por qualquer parte.

Alguns podem até ser iniciados a partir das sessões. É importante que tais partes do eu falem por si mesmas neste momento. Eu não quero antecipar tais comunicações, porque o Ruburt precisa do encontro direto, por assim dizer. Uma concentração na pintura, ou em desenvolvimentos relativos à casa, com tantas distrações quanto possível também ajudará, novamente, para que toda a personalidade possa ativar todo o sistema para processos de cura.

Tais acontecimentos seguirão os seus próprios ritmos se lhes permitirem. O vosso próprio fazer amor e comunicações de amor de diferentes maneiras têm uma importância contínua. Neste momento eu ajo mais como monitor. (*Longa pausa.*) Lembra-te de que todas as partes da personalidade são conscientes. No entanto, nem tudo tem de ser traduzido para os teus termos de consciência. Soluções bastante criativas acontecem, naturalmente, noutros níveis, surgindo na tua consciência habitual por vezes por vias muito diversas.

É importante lembrar a benigna imprevisibilidade da Plano subjetivo, a esse respeito, para que deixes as portas abertas a resultados desejados de qualquer maneira que possam ocorrer.

(Longa pausa.) O gozo por si só, independentemente da atividade de que se goze, é terapêutico por si mesmo. Qualquer coisa que aumente a tua alegria ou paz de espírito ajudará na recuperação do Ruburt, independentemente de quão desligada possa parecer daquilo que queres. Na verdade, por vezes quanto mais desligada melhor.

(Longa pausa.) Quanto mais estímulos, pensamentos, desejos e material de natureza diversa forem trazidos para o sistema — dentro da razoabilidade — maior será a quantidade de material com que o eu interior tem para trabalhar e juntar à sua maneira criativa — mas lembra-te daquelas sessões dadas que lembram ao Ruburt que o corpo dele pode de facto recuperar, que ele pode de facto confiar nos processos do seu corpo, e que não deve comparar a sua vida com a de mais ninguém, mas confiar no tecido inteiro da sua existência, e tu de facto deves confiar no tecido inteiro da tua própria.

Fim da sessão. Uma boa noite com carinho — e, novamente, lembre-te de que acontecimentos de sessão também estão a ter lugar noutros níveis de atividade. *(Pausa.)*

Uma boa noite.

(“Muito obrigado. Boa noite.”)

(A Jane tinha-se saído bem. Estava quase escuro. Do vale a sul da nossa casa na colina soavam durante a sessão barragens intermitentes de fogo-de-artifício, e mesmo agora voltavam a crepitar. A situação fazia-me lembrar, pensei, outras sessões que tínhamos tido em noites quentes de verão, com as portas e janelas abertas, ouvindo ao longe o som dos foguetes...)

SESSÃO APAGADA

8 DE JULHO DE 1981

(A sessão marcada para a segunda-feira passada não se realizou.

(Ontem ao fim da tarde recebemos a encomenda de DMSO. Temos esperança de bons resultados, sem esperar demasiado. Comecei um registo detalhado do seu uso, incluindo horas de aplicação, partes do corpo tratadas, etc. Ontem à noite verificámos se a Jane teria alguma reação negativa. Evidentemente não tem. Até agora experimentámos de forma cautelosa em várias partes do corpo, com o que parecem ser resultados promissores. Qualquer ajuda será bem-vinda, naturalmente, por isso

veremos. Ver os meus registros para um relato completo dos nossos esforços com o DMSO.

(Sentámo-nos para a sessão às 20h10. Queríamos que o Seth comentasse o DMSO e o pé direito muito inchado da Jane. [O pé esquerdo perdeu algum do inchaço original e agora parece muito melhor em comparação.] Disse à Jane que pensava que o Seth tinha razão na sessão apagada de 24 de junho de 1981, em que ele dissera que o efeito de inchaço ajuda a amortecer o novo movimento de algumas articulações, para que não haja fricção. Disse-lhe também que pensava que se aplicava outra razão, contudo, uma que levou ao inchaço para começar.

(Ela está à espera, com alguma apreensão, de ver qual será a reação pública a O Deus da Jane. Embora umas poucas centenas de exemplares do livro possam já ter sido expedidos, ainda não saiu realmente. A ideia tinha-me ocorrido há alguns dias de que os problemas do pé da Jane estavam diretamente relacionados com os receios dela de ser aceite num papel controverso. “Pensei que sabias que algo desse género se passava”, disse eu. Ela abanou a cabeça: “Não sei o que penso. Gostava que ele dissesse algo sobre o DMSO, e sobre o material que recebi esta tarde, e talvez sobre o pé....”)

(O material dela desta tarde dizia respeito “à reconciliação do Eu Pecaminoso e à sua transformação no eu inocente que fora antes de ter sido minado — doutrinado — com crenças negativas.” Eu disse que era um material excelente, e concebido para conduzir a compreensões mais plenas de toda a situação dos sintomas, e talvez a algum tipo de resolução. Disse que, mesmo que a nova inocência fosse alcançada pelo Eu Pecaminoso, seria um tipo diferente de inocência porque conteria todas as “convoluções anteriores do Eu Pecaminoso” ao passar pelas suas etapas, esforçando-se para atingir essa inocência renovada. A memória dessa luta permaneceria, pensei.

(Suruiu entre nós um debate interessante enquanto esperávamos o início da sessão. Quando a Jane me leu o material desta tarde, pensei que ela tinha comparado a renovação do Eu Pecaminoso à reencarnação, querendo dizer que achava que essa renovação podia explicar muitas das nossas ideias explícitas de reencarnação — que pelo menos algumas das nossas ideias sobre reencarnação se baseavam no conhecimento intuitivo do regresso de partes do eu a esse estado anterior de inocência — um renascimento, por outras palavras, que poderíamos traduzir na ideia de

uma encarnação física. Assim, quando concordei com a Jane esta tarde, foi em parte por essa razão.

(Mas esta noite ela manteve que nunca mencionara o tema da reencarnação no seu texto, e que não quisera dizer reencarnação nesse sentido de todo. Fiquei então frustrado, a pensar no que teria ela dito que eu traduzira mal para essa palavra. Depois de ficar inicialmente aborrecido, pensei com algum humor que a minha ideia afinal não era má de todo.

(Às 20h25 o joelho direito dela “já não dói nada neste momento”, mas repetiu que o DMSO demorava algum tempo a começar realmente a fazer efeito. Tínhamo-lo aplicado no joelho às 19h30.)

Boa noite.

(“Boa noite.”)

Ora: o texto do Ruburt estava bem feito e é importante para a compreensão do que tem acontecido na vida dele, bem como para indicar a moldura social mais ampla.

Resumidamente, conforme mencionado, a criança tem um grande sentido de curiosidade e espanto. Esse campo de exploração é tão vasto, contudo, que também precisa de limites e determinações. (Pausa.) Embora o Ruburt não tenha mencionado isto no seu texto, a reencarnação tem um papel a desempenhar, pois a curiosidade da criança deve de algum modo ser integrada numa nova estrutura social, de um modo geral, em relação a outras reencarnações. Por isso a criança torna-se “ligada” aos pais numa dada vida, e depois ligada às crenças partilhadas pelo grupo familiar.

Essa ligação fornece uma sensação de segurança e de foco. O sistema de crenças pode de facto estar negativamente orientado e ainda assim fornecer esse valor geral. O vínculo não é, no entanto, destinado a ser permanente, e ao fim de algum tempo a criança começa a questionar as suas afiliações, variando os modos e meios segundo as culturas. Algumas culturas fornecem símbolos, ou passos simbólicos dentro do próprio sistema, que permitem uma “progressão” constante, em que a curiosidade do jovem e a rebelião acelerada da adolescência são subtilmente dirigidas a partir da própria sociedade.

(Longa pausa.) Todas as sociedades precisam basicamente da inserção de novos desafios e conhecimentos, de outro modo estagnam. Ao mesmo tempo, claro, a sociedade quer manter a sua postura familiar. Durante séculos o Cristianismo serviu para preservar velhos quadros enquanto ainda

permitia elementos transformadores e atividades simbólicas que permitiam aos indivíduos afirmar alguma independência e originalidade, passando de um símbolo religioso, digamos, para outro — ainda assim, porém, dentro desse quadro mais amplo.

Em termos de reencarnação, o Cristianismo em inúmeros casos serviu até como uma moldura unificadora que ligava vidas: podia-se, por exemplo, teoricamente passar de um século para outro e, embora houvesse mudanças sociais e políticas, o quadro cultural geral podia muito bem ser o mesmo.

(Longa pausa.) As ideias originais ligadas às crenças do Eu Pecaminoso foram em tempos, por exemplo, não tão obviamente infelizes, pois o próprio sistema também previa a salvação, métodos de apaziguamento e assim por diante — tudo amplamente aceite durante muitos séculos.

Um dos aliados mais poderosos da Igreja era, nesse sentido, a sua compreensão da psicologia humana, pois se se deixasse a Igreja ou o seu sistema, sabia-se que ainda se carregava muitas das suas crenças — só que agora havia como que uma comichão que não se podia coçar. Finalmente, contudo, a estrutura do Cristianismo tornou-se demasiado limitada.

Estou a falar nos teus termos de tempo, agora. Os indivíduos nascidos no vosso tempo não sentem, digamos, a mesma familiaridade com os sistemas de crenças religiosas de vidas passadas. *(Pausa.)* A vossa época exige um maior sentido de liberdade e curiosidade. Em todo o caso, o eu inocente original é ligado aos pais e às crenças dos pais por um tempo. Isto fornece a necessária sensação de segurança e de definição em que a criança pode usar em segurança as suas capacidades exploratórias.

Quando a pessoa já não é criança essa necessidade deixa de existir da mesma forma. As pessoas muitas vezes deitam fora as crenças da infância e começam a procurar a sua própria visão da realidade, mais uma vez. Podem então considerar os aspetos mais negativos dos seus passados de uma forma bastante concentrada, pois o sistema já não serve para fornecer o seu apoio psicológico. A pessoa é forçada a encontrar soluções novas e mais originais.

No caso do Ruburt, o Eu Pecaminoso era o resíduo, psicologicamente falando, e o mesmo se aplica a muitos na vossa sociedade.

Ora, a cada indivíduo são também dados meios e recursos de natureza altamente pessoal, características ou capacidades que automaticamente

começam a conduzi-lo para fora desses velhos sistemas de crença, quando essas características lhes são permitidas a liberdade. Elas conduzirão o indivíduo para os seus próprios sentimentos internos de apoio e segurança.

(*Longa pausa.*) Esses elementos criativos da personalidade devem então, até certo ponto, finalmente comunicar com o “Eu Pecaminoso” diretamente — abraçar empaticamente esse eu (*pausa*) como a parte da personalidade que primeiro aceitou crenças culturais e religiosas com todas as suas influências negativas e positivas.

A parte mais criativa da personalidade deve então compreender que, de certa forma, existe porque o Eu Pecaminoso existiu. Essas crenças negativas deixam então de parecer tão assustadoras. Os tabus perdem o seu poder, e o Eu Pecaminoso é visto como (*longa pausa*) representando a etapa de crescimento pela qual o eu está a passar (*com intensidade*).

É então transformado no que era antes dessa doutrinação pela cultura. Era então o eu inocente, naturalmente. Essa compreensão ajuda a libertar essa energia para uso de toda a personalidade, tal como o texto do Ruburt corretamente afirma. A personalidade fica então livre para explorar e assimilar áreas mais amplas de conhecimento original. De facto, tem-se o eu inocente numa espécie de segunda fase, pois agora traz consigo a experiência do Eu Pecaminoso.

Os erros e discrepâncias da cultura tornam-se evidentes, e essa informação pode então ser usada de formas altamente criativas. Podem então procurar-se soluções também para os problemas da cultura. Dessa forma, podem (*sublinhado*) ser inseridos novos dados, mudando todo o alcance e forma da consciência social.

A religião ainda serve, no vosso tempo, como uma moldura unificadora e também “perturbadora”. Tem agora tantas variações na cultura mundial que permite a muitos indivíduos passarem de um sistema de crenças para outro, continuando, no entanto, seguros sob a capa da religião. Se passares de pecador a santo ou de santo a pecador, do budismo ao fundamentalismo de tipo cristão, ou de uma seita a outra, aparentemente com um sistema de crenças diverso, o teu crescimento e transformações continuam a ser providos por uma estrutura religiosa.

Muitas pessoas passam por várias dessas transformações, usando transformações simbólicas que ainda servem para concentrar o espanto e a curiosidade, mantendo-as bem dentro do quadro aceite.

(*Longa pausa.*) O Ruburt está a tentar sair totalmente do quadro. Só assim, naturalmente, se podem abrir e tornar disponíveis à sociedade — ou ao próprio eu — as vias maiores do conhecimento. Durante muitos séculos a própria criatividade foi firmemente dirigida pelo Cristianismo e, até certo ponto (*sublinhado*), o Cristianismo traz consigo uma atmosfera de inquietação para a sociedade — na medida em que qualquer pensamento ou perspectiva original deve de facto implicar uma força intrusiva num mundo que tem de existir num equilíbrio raro, resultado de preservar valores antigos e de obter novo conhecimento.

Cada vez mais pessoas estão a explorar informação reveladora. É apenas natural que a maior parte dela sirva simplesmente para canalizar as próprias autotransformações, aparecendo revestida de uma forma ou de outra em termos religiosos convencionais, por mais exótico que seja esse traje (*com humor*).

Existem idades arqueológicas atribuídas à história física do homem, ou à história da Terra, ou ao aparecimento ou desaparecimento de eventos físicos da natureza. Existem também temas reencarnatórios que uniram pessoas de vários séculos. (*Pausa.*) Mesmo que muitos dos aspetos negativos desses temas sejam agora altamente evidentes — como no caso dos judeus e dos cristãos, dos árabes ou de quem quer que seja — isto acontece porque na verdade esses padrões estão a desfazer-se no vosso tempo. Os benefícios originais já não estão tão prontamente disponíveis como em tempos estiveram. A comichão ainda lá está, mas é mais difícil coçá-la.

Os fortes elementos de ligação que outrora foram importantes cumpriram os seus propósitos, e já não suavizam as crenças mais infelizes associadas a esses sistemas. Podem surgir em surtos frenéticos — tanto mais frenéticos quanto mais o propósito original da cultura a tiver abandonado. A sua integridade foi minada. As suas forças reconciliadoras já não operam realmente, e apenas os seus ângulos ásperos se mostram.

(*Longa pausa.*) Ora: a substância (*DMSO*), usada tal como a estais a usar, não fará nenhum mal ao Ruburt e pode ser de grande valor, pois introduz movimentos e sensações corporais mais equilibrados que agora, com a maior compreensão do Ruburt, ele pode aceitar, apreciar e tirar o máximo proveito.

O pequeno texto que ele escreveu hoje, e a minha última sessão, devem ajudar aqui, pois estamos a falar da transformação do Eu

Pecaminoso, de forma empática, tal como é visto como uma estrutura psicológica de crescimento e mudança — uma etapa pela qual o eu passou — uma que já não é necessária e que pode agora transformar-se num novo estado de inocência.

Deves ser capaz de aplicar os meus comentários sobre religião — os judeus, os árabes e por aí fora — facilmente a muitas das tuas próprias questões que envolvem o comportamento contemporâneo do mundo.

Fim da sessão. Pede ao Ruburt que te traduza o teu sonho (*de 7 de julho*), e depois comentarei. Desejo-te uma boa noite, e uma aceleração da atividade onírica. Lembra-te dos sonhos quando estás pronto para assimilar novo conhecimento a níveis conscientes.

Fim da sessão mais uma vez. (*“Obrigado. Boa noite.”*)

(“Bem”, riu-se a Jane, “é o mais confortável que estive hoje” — querendo dizer, claro, em transe. Ultimamente ela tem tido dificuldade em arranjar uma posição confortável na sua ponta do sofá. Disse que não tinha consciência do joelho direito, querendo dizer que não a incomodava; tínhamos aplicado o DMSO no joelho às 19h30, mais de duas horas antes. Eu percebia que já tinha sido absorvido, pois a pele dela parecia agora seca.

(Uma nota: Ontem a Jane escreveu um esboço completo de livro sobre The Magical Approach.

(Fiquei satisfeito com os comentários do Seth sobre o DMSO. Tinha pensado que dificilmente poderia ser coincidência que a Jane estivesse a receber o material do Eu Pecaminoso, que a Peggy G. tivesse escrito o artigo sobre o DMSO no jornal, que o jornal tivesse publicado o anúncio através do qual o pudemos encomendar, e que tivéssemos decidido experimentá-lo precisamente neste momento....)

SESSÃO APAGADA

13 DE JULHO DE 1981

(A Jane chamou-me para a sessão por volta das 20h10. Estava muito relaxada — muito mesmo — mas sentia o Seth por perto e decidiu ter uma sessão, ou pelo menos tentar. Pensava que o Seth poderia falar sobre algumas das cartas que tinha respondido hoje, bem como sobre algumas ideias próprias. Durante a última semana deve ter lidado com mais de 80 cartas — com outro grupo respondido logo antes dessa leva, elevando o total para bem mais de 100. O correio parece ter aumentado em volume, pelo menos para esta altura do ano. É difícil dizer — embora, se ela tirar umas semanas de pausa sem responder cartas, como tinha feito, então a quantidade que recebemos torna-se rapidamente evidente de outra maneira: puro volume.

(A Jane relatou o que parece ser uma melhoria geral no relaxamento desde que começámos a usar o DMSO duas vezes por dia. Hoje, no entanto, usámo-lo apenas uma vez, nos joelhos e pernas inferiores. Ver os meus registos detalhados em separado. Ela não teve efeitos secundários, mas tem “uma maior consciência” do estômago. Essa sensação é na maior parte agradável, disse, como se o tivesse mantido tenso durante algum tempo. Ainda assim acrescentei que não queríamos que ela desenvolvesse quaisquer reações internas devido ao DMSO, por isso decidimos vigiar com muito cuidado. Hoje encomendei mais do produto, caso decidamos dar-lhe uma experiência mais longa.

(“Rapaz, não sei quando estive tão relaxada.... Sinto que ele está pronto — só tem de me pôr em forma para a sessão....” A Jane arrotou alto pela segunda vez. “Não precisas de pôr isso.”

(Mais uma vez era uma noite muito quente — cerca de 27 °C — e tínhamos a ventoinha ligada. Na verdade, estava muito agradável em casa, com todas as janelas e portas bem abertas. O jornal da noite referira que havia possibilidade de trovoadas.)

Ora. Boa noite. (Sussurrado).

(“Boa noite” — respondido num sussurro.)

Gostaria de explicar mais claramente algumas ideias que ocorreram ao Ruburt relativamente a certos tipos de correspondentes, e de explicar mais claramente algumas questões importantes quanto à sua própria situação que também começaram a surgir na sua mente.

Antes de mais, muitos dos “dilemas” dos vossos correspondentes parecem particularmente desanimadores, perturbadores ou psicologicamente incompreensíveis porque os vossos sistemas gerais (*sublinhado*) de crenças não são suficientemente flexíveis e não refletem muitas questões importantes relativas ao comportamento humano, à motivação, à emoção ou ao sentimento.

As suas definições comprimem de facto a motivação humana num tubo de ação impossivelmente pequeno. (Longa pausa.) Quando esse tubo de motivação está todo espremido, supõe-se que o tubo fique vazio. A vasta gama da experiência humana real é demasiado grande para caber num invólucro tão pequeno. A crença na luta pela sobrevivência perpassa de tal maneira que qualquer coisa que não seja o desejo mais competitivo, determinado, supervalente e compulsivo de se agarrar à vida parece cobarde, uma desculpa, no mínimo uma resposta inexplicável, errática, antinatural às condições da vida.

Nesse quadro, quase parece que o desejo mais natural seria o desejo de viver uma vida durante uma espécie de duração eterna. Nesse quadro, parece que as pessoas são cortadas na flor da vida muitas vezes, apesar dos seus próprios desejos, vontades ou intenções, e é dado como certo que a morte é a vencedora indesejada, não procurada, não desejada, sobre criaturas cujos desejos naturais as levam a lutar pela sobrevivência a todo o custo. Certamente isto sugere uma crueldade quase insuportável, imposta ao quadro da natureza. (Longa pausa.) O impulso para a vida é de facto forte, brilhante e duradouro. Cada indivíduo sabe, contudo, que está envolvido mais do que uma vida, e transporta em si — tal como de facto os animais — o conhecimento de que a existência terrena é no tempo e no espaço, o que significa que uma certa rotatividade está necessariamente implícita.

Cada pessoa experiencia o tempo de forma diferente. Não se trata simplesmente de que para alguns o tempo pareça passar mais depressa ou mais devagar do que para outros, mas de que o tempo é usado de modos diferentes segundo as questões de realização de valores com que cada indivíduo se preocupa — e também as da própria espécie. Também não se trata simplesmente de relógios biológicos, com algumas pessoas a consumirem as energias de que dispõem mais depressa. A realização de valores lida com certos tipos de qualidades que têm de surgir no tempo.

(*Longa pausa.*) Os propósitos e as intenções de realização de valores de algumas pessoas são frequentemente atingidos, nos vossos termos, em idade jovem. Elas dão à vida e recebem da vida mais ou menos aquilo que tencionavam, e estão bastante preparadas para morrer e começar de novo. Por assim dizer, agora, as doenças também servem como portais para a morte a esse respeito — que podem ou não ser escolhidos em qualquer momento específico. Ou seja, estão disponíveis. Ninguém é forçado a entrar por esses portais. Algumas pessoas (*pausa*) sabem muito bem que decidiram morrer, ou não se importam (*dois pontos*): podem “ser acometidas” por doenças graves e depois mudar de ideias porque, por outras razões, as próprias crises as reanimam.

Podem até procurar a experiência para colocarem as suas próprias vidas numa perspetiva diferente, mais ampla. Muitas dessas pessoas não estão plenamente conscientes de tais decisões e, assim, muitos mecanismos psicológicos de salvaguarda são usados pelo indivíduo — e certamente pela sociedade — para abafar o reconhecimento de tal motivação oficiosa. Pode então de facto parecer ao próprio indivíduo que a crise de saúde lhe está a ser imposta, indesejada, apesar dos seus próprios desejos ou intenções. (*Longa pausa às 21h02.*) Quando as pessoas finalmente querem morrer, perseguirão essa intenção, porque cada morte física ocorre de facto — apesar das vossas crenças — como a moldura final, ou os retoques finais, ou a culminação de uma dada existência.

Nesses termos é como uma empresa criativa, concluída o melhor possível no meio dado, e deixa a pessoa com um sentido de satisfação, de realização e de conclusão. (*Longa pausa.*) Uma mulher escreveu ao Ruburt sobre a cura definitiva da mãe dela de um cancro. Foram dados muitos pormenores — mas, no geral, a mulher sentia que fizera um acordo com Deus, oferecendo a sua própria vida em vez da da mãe. A mãe recuperou nas circunstâncias mais inesperadas e, pouco tempo depois, a filha apresentou os mesmos sintomas.

Ela pareceu aquiescer a eles. Não se sentiu alarmada. O Ruburt escreveu que não era preciso fazer barganhas com Deus pela própria vida — um ponto excelente. Bastava aceitar a própria vida — um segundo ponto excelente. Ainda assim, o Ruburt ficou inquieto por a mulher aceitar a situação com tanta calma. Tal reconhecimento parecia quase antinatural: onde estava a vontade dela de viver?

(Longa pausa.) Muitas pessoas, querendo morrer, não procuram doenças, claro. Podem morrer a dormir de falha cardíaca inexplicada, ou o que for, ou em acidentes. Podem procurar a morte em atividades perigosas. No quadro das crenças gerais, contudo, o desejo natural de morrer não é incluído na lista das motivações humanas. Muitas vezes tal desejo surge naturalmente e passa naturalmente várias vezes ao longo de uma vida.

O reconhecimento claro de tal sentimento psicológico, por si só, ajuda essas pessoas a compreenderem as suas próprias posições e intenções, mas, habitualmente, o sentimento em si é forçado a ir para subterrâneo porque as pessoas têm-lhe tanto medo. Tal sentimento, reconhecido, pode também servir — como serviu à mãe da mulher — de ponto crítico de reconhecimento de que o desejo de morrer foi desencadeado não tanto (longa pausa) pela sensação de conclusão da vida, mas pelo facto de o indivíduo ter estabelecido restrições em demasia na própria vida — restrições que estavam a reduzir severamente as suas próprias possibilidades de realização de valores, ou de ação eficaz futura. Nesse tipo de caso, a situação pode servir para inverter as condições. A pessoa reconhece as restrições e muda de rumo em conformidade, abrindo a porta não para a morte, mas para mais vida e ação neste espaço e tempo.

(Longa pausa.) Globalmente, a psicologia da morte envolve, claro, a psicologia da vida, pois as pessoas procuram uma realização de valores que liga cada uma das suas vidas — isto é, em termos reencarnatórios.

Na sequência de breves intuições sobre estas ideias, o Ruburt encontrou-se a fazer mentalmente a si próprio este tipo de afirmação (dois pontos): Aceito a minha agilidade natural de todo o coração. Aceito a minha capacidade de andar normalmente de todo o coração. Aceito as minhas capacidades criativas de todo o coração. Aceito as minhas capacidades psíquicas de todo o coração. Aceito a capacidade natural de relaxar normalmente, de todo o coração. Aceito as minhas características de todo o coração.

Ora, estas são afirmações poderosas e “mágicas” e, à medida que o Ruburt as fazia mentalmente, podia sentir psicologicamente o seu acordo com cada uma, e também o grau com que, no passado, não aceitara de todo o coração essas capacidades, mas estabelecera certas restrições quanto a elas — pelo que se estabeleceu um novo relâmpago de comunicação e novas reconhecimentos chegaram à mente consciente. Essas afirmações podem agora ser usadas em todo o seu proveito.

As crianças aceitam a vida de todo o coração. Não a qualificam. A mulher que teve cancro e foi curada abandonou as restrições que colocara à sua vida. Nada na natureza é desperdiçado. Não existe tal coisa como uma vida desperdiçada, por mais que possa parecer, e, embora o desejo de morrer seja natural, ele pode também servir, em várias fases, como algo que prolonga uma dada vida por algum tempo, ao varrer o entulho antigo. O desejo trabalha na verdade a favor da realização de valores, quer ela possa ser prosseguida mais plenamente nesta vida, quer seja altura de iniciar outra.

Tal desejo pode vir em ciclos, tal como o desejo de ação e de excitação pode vir em ciclos. O Ruburt está agora num ponto excelente para usar essas afirmações, pois elas agirão como dispositivos mágicos de aprendizagem.

Fim da sessão, e uma boa noite com carinho.

(“Muito obrigado. Boa noite.”)

(A Jane, saindo do transe, pôs os óculos — e depois tirou-os.)

Uma pequena nota: o mesmo tipo de afirmações pode agora ser usado com vantagem no que te diz respeito, envolvendo qualquer sintoma particular em qualquer momento dado.

Poderias dizer, por exemplo: “Aceito a bela firmeza da minha mão”, e depois ver que sentimentos tens.

Boa noite.

(“Obrigado.”)

(A Jane disse que, depois de tratar do correio hoje, teve algumas intuições rápidas sobre as quais o Seth se debruçou muito mais. “Depois, dei a mim própria essas afirmações quando fui deitar-me para a sesta. Consegui sentir uma certa dose de resistência, em graus variados, a algumas das afirmações. Não se consegue verbalizar, mas foi esclarecedor e útil. Suponho que porque achaste que podias ultrapassar isso — e foi depois que fiquei tão relaxada. Mas, neste caso, senti que o Seth podia expor-me isto melhor do que eu. Ainda bem que, afinal, fiz a sessão.”)

SESSÃO 931 (PARTE APAGADA)

15 DE JULHO DE 1981

(O material seguinte é da 931.ª sessão.

(Hoje, pela primeira vez desde que o recebemos a 7 de julho, não aplicámos DMSO a parte alguma da anatomia da Jane. Eu próprio achei boa ideia, por isso, quando ela dormiu até às 10h30 e depois ficou ocupada a falar com o Frank Longwell sobre a transformação da nossa varanda da frente numa estrutura envidraçada, não pedi que experimentasse nenhum. O estômago dela esteve bem, exceto por um par de breves episódios daquela sensação estranha mencionada nas minhas notas sobre o DMSO, pelo que não sabemos realmente se o fármaco tem afinal alguma ligação com as sensações no estômago. A Jane teve sensações de pânico quando passou da cadeira para a cama, e noutra ocasião. Ela não quis tentar passar para a cama a partir da cadeira, mas eu convenci-a a fazer o esforço, e ela saiu-se muito bem. Ficou bastante aliviada.)

O texto do Ruburt (de hoje) pode ser de grande valor para ele. As afirmações do Eu Pecaminoso mostram-lhe claramente as razões pelas quais ele tinha receio de perseguir o desconhecido e, portanto, medo de usar livre e seguramente as suas capacidades naturais. Essas afirmações não devem voltar a ir para subterrâneo; ele deve abordar com empatia as suas dúvidas, e os vários pontos das suas contendas podem então ser bastante adequadamente resolvidos — ou pelo menos apaziguados, reconciliados.

Agora despeço-me com carinho — e todos estes assuntos acabarão por resultar em notadas melhorias físicas. Fim da sessão, e o sonho (meu) também não ficará esquecido.

(“Está bem. Boa noite.”)

SESSÃO APAGADA
17 DE JULHO DE 1981

(Esta sessão surgiu devido a um telefonema que recebi hoje do departamento de publicidade da Prentice-Hall. A jovem fez um pedido suficientemente inocente acerca da Jane fazer uma entrevista rádio-telefone com uma estação em Houston, Texas. Umas semanas antes, a Jane tinha aceitado de forma provisória, com a publicidade, a ideia de fazer ocasionalmente entrevistas rádio-telefone, com a condição de primeiro obter um desses telefones com microfone de secretária, para que não tivesse de segurar o auscultador durante uma hora ou mais. Tentara uma vez localizar o equipamento, mas sem sucesso.

(Ela recebeu vários pedidos recentes para esse tipo de entrevistas de ou através da Prentice-Hall, e a chamada de hoje de manhã trouxe a questão ao de cima. Quando telefonei à Jane às 10h30 e lhe falei da proposta, vi que a ideia a deixava desconfortável. Finalmente percebi que ela na verdade já não queria fazer esse tipo de programas, independentemente de estar ou não envolvido o Eu Pecaminoso. Veio-me então à mente que este dilema era a razão do muito maior desconforto nas mãos e braços: ela mal consegue segurar o telefone agora, e tem muita dificuldade em escrever à máquina. [Notei também que ela deixa esses pedidos em cima da secretária durante dias antes de os responder negativamente. Já a vi levar envelopes desses de divisão em divisão com o trabalho dela, até.]

(Eu queria, no entanto, ver a situação resolvida, porque percebia que ela estava a resvalar para uma complicação maior com a Tam e o departamento de publicidade da Prentice-Hall. A Prentice-Hall estava condenada a ficar confusa com os nossos motivos e intenções, e havia ainda a evidência mais recente de que a incerteza ou resistência levaria a sintomas agravados da parte da Jane.

(O que particularmente me perturbava nesta confusão com a publicidade era ver nela uma repetição de formas passadas de recusar enfrentar desafios diretamente, ligados ao trabalho psíquico. Finalmente percebi que a Jane não queria fazer nenhum trabalho que envolvesse publicidade ou entrevistas, e que, há já anos, resistia amargamente — ainda que inadvertidamente — a tais exigências, e que essas pressões não resolvidas estavam a ter um efeito devastador sobre ela fisicamente. Era

tudo um comportamento que eu ainda não conseguia realmente compreender.

(Há vários dias que pensava numa observação do Seth numa das primeiras destas sessões deste grupo, no sentido de que os sintomas da Jane piorariam antes de melhorarem, à medida que tentássemos lidar com eles. Muitas vezes desejei ter-lhe pedido na altura que desenvolvesse o tema — ou pelo menos ter marcado a sessão de modo a poder encontrar a observação depois. Ora, agora os sintomas da Jane estão piores. Antes da sessão tentei localizar a observação, mas não consegui. Senti bastante frustração e acabei por pôr o livro de lado. “Bem, espero não ter de encontrar nunca mais uma observação específica nestas sessões, porque está a tornar-se impossível.”

(Querendo dizer, naturalmente, que as sessões se tornaram tão extensas que já constituem um sistema fechado em si mesmas; sem um índice é agora muito difícil localizar material específico. Desisti das minhas poucas tentativas de indexação há anos, e agora já nem sequer tomo notas nas páginas de índice.

(“Mas é a mesma velha história”, disse eu à Jane quando lhe pedi que tivesse uma sessão esta noite, para lidar com as mãos e braços, e com a observação do Seth. “Sou eu quem está a pedir, não tu.” O que eu me perguntava, claro, era por que razão não era ela a exigir a ajuda.

(Uma das razões óbvias, pensei, era que as porções da personalidade que estavam a causar problemas se tornavam tão poderosas que impediam ou subvertiam algo tão simples como pedir ajuda para lidar com um problema ou desafio. Quaisquer que fossem as lutas por detrás dos sintomas das mãos e dos braços, por exemplo, adotavam a sua própria armadura protetora, resistente à mudança...)

Boa noite.

(“Boa noite.”)

Ora. Vou responder à tua principal pergunta esta noite — mas abordarei o material, naturalmente, à minha maneira, e começarei por lembrar-te algumas questões importantes já mencionadas.

Antes de mais, as crianças procuram o prazer. Reconhecem que o prazer e a auto-satisfação são portais importantes para o desenvolvimento das suas capacidades. Tu desenhavas porque desenhar te dava prazer. O Ruburt escrevia pela mesma razão. Não desenhavas nem pintavas porque sentias responsabilidade de o fazer.

Esse tipo de prazer dá à criança uma sensação do seu próprio centro. A criança torna-se autodirigida à medida que aprende a seguir aquelas atividades que particularmente aumentam o seu próprio sentido individual de prazer e satisfação. Pode ser importante que a criança aprenda a adiar o prazer durante algum tempo, a prolongar o período entre o desejo e a gratificação (longa pausa). Esse período pode incluir, por exemplo, um tempo de treino, em que seja preciso ter lições de piano antes de poder tocar um concerto.

Mesmo assim, porém, o prazer do ato — nesse caso tocar piano — é primordial. A sensação de prazer, no entanto, aumenta e amplia as capacidades individuais, e esses impulsos que conduzem ao prazer destinam-se a servir cada indivíduo com uma via de expressão privada, inata, que ajudará a centrar a pessoa em si mesma e no mundo — e, novamente, de tal forma que tanto o eu como a sociedade saem beneficiados.

(Longa pausa.) Estas questões são extremamente vitais também em casos de criatividade, embora operem em todas as áreas. O bom pai, por exemplo, é motivado por uma sensação de prazer e realização, caso em que as suas “responsabilidades” são quase automaticamente reforçadas e cumpridas. As pessoas geralmente falam sobre o que devem fazer apenas porque se esqueceram de recordar o que querem fazer.

Durante alguns anos, em graus variados, o Ruburt — e tu também, em menor grau — tornaram-se motivados por ideias de quem deviam (*sublinhado*) ser, do que deviam (*sublinhado*) estar a fazer, e de quais eram as suas responsabilidades. Essa tendência tornou-se mais forte à medida que o nosso “trabalho” se tornou mais conhecido. Em certa medida — com algumas variações importantes, ligadas a ideias legítimas de arte — tais sentimentos estiveram também por detrás de muitas das tuas próprias reações ao, digamos, surgimento dos livros como pacotes públicos no mundo (*com intensidade*).

No caso do Ruburt, a ideia de responsabilidade tornou-se muito mais abrangente, resultando no que referi como sendo quase uma imagem de super-eu — uma imagem composta pelas ideias dele sobre o tipo de pessoa que devia (*sublinhado*) ser na sua posição. Essa imagem ignorava em grande parte, pelo menos, os seus próprios gostos ou aversões. Sentia que devia fazer muitas coisas, por exemplo, que de todo não gostava de fazer. Pequenas doses de tais atitudes podem ser geridas, claro: as pessoas não

têm de estar totalmente satisfeitas com os seus próprios desempenhos para serem razoavelmente felizes e saudáveis. Lembra-te de que reages a eventos interiores, não apenas aos físicos.

Na essência, fazes o que queres fazer. A tua ideia de responsabilidade pode dar-te uma classificação muito baixa, contudo, aos teus próprios olhos, pelo teu desempenho prático na vida. A ideia de responsabilidade, tal como é entendida (*sublinhado*), é, no fundo, dirigida ao exterior. Pode até conduzir à ideia de que o prazer do eu, por si só, é errado. Muitas vezes, problemas físicos crónicos são o resultado final de tais dilemas.

O Ruburt sentiu durante anos que devia (*sublinhado*) tornar-se uma pessoa mais pública, dar workshops, fazer programas de televisão, digressões radiofónicas ou o que fosse — que devia (*sublinhado*) quase realizar milagres no campo psíquico, que devia ter uma turma grande, que devia realizar o maior número possível de sessões para os outros. Essas ideias chegavam-lhe constantemente, claro, ou essas sugestões, pelo correio, pelas expectativas dos outros, ou pela observação.

Sente-se algo culpado por ter deixado de dar a sua grande aula em 458 West Water Street, pensando que tal mudança representava um recuo de uma atividade que devia ter continuado. Ele parou quando a aula se tornou demasiado pública, demasiado grande e, portanto, fora de sintonia com os requisitos da sua própria natureza (*com intensidade*).

(*Longa pausa.*) Como pessoas criativas — e como certos tipos de pessoas criativas, não sendo artistas de palco como músicos, por exemplo — lidais com a construção criativa de mundos artísticos nos quais, como o vosso amigo (*pintor*) William Alexander diria, sois talvez os mestres mágicos — mas, principalmente, criados segundo a vossa visão. Todas as atividades que vos trazem o maior prazer na vida são, em geral, dessa natureza. Isto não significa que não apreciem a companhia, ou que não tenham um dar-e-receber com a sociedade.

O Ruburt começou a sentir uma pressão, à medida que os livros se tornaram mais conhecidos, para levar a cabo uma espécie de responsabilidade, não simplesmente para vender livros, por exemplo, mas para levar a mensagem ao mundo, para ajudar os outros — todas considerações que lhe pareciam ser — pensava ele — a aceitação de um comportamento adulto da sua parte: ações que seriam, mais ou menos, esperadas dele. Novamente, eram ações que, em grande medida, iam contra a corrente. Podiam ser realizadas, contudo, até certo ponto, pelo menos

algumas delas, e ele podia, por vezes, apreciá-las — e saiu-se bem, por exemplo, com as palestras públicas ou os poucos programas que fizeram.

Dei-vos uma sessão não há muito tempo sobre a pessoa natural, e especificamente sobre as características naturais do Ruburt. Aí descrevi as formas pelas quais ele naturalmente se comportava. Esta imagem de super-eu, dirigida ao exterior, porém, largamente de construção social, sobrepõe a ideia de responsabilidade à ideia de prazer, e em muitos casos está em contradição direta no que respeita às tendências naturais do Ruburt.

Ele escreve porque quer criar um mundo único, um em que, durante o ato de criação, enquanto criador, está no comando e, no entanto, enquanto está no comando, está em contacto com uma certa magia da criatividade que lhe dá experiência de maiores reinos do ser. Pessoas dessa natureza têm modos muito privados e, até certo ponto agora, esses modos envolvem uma deliberada (longa pausa) repudição do mundo vulgar — não que precisem de deixar de se relacionar com ele, mas que têm de momentaneamente esquecê-lo à luz de outra visão. Isto aplica-se tanto a ti como ao Ruburt.

(Tudo muito intensamente.)

Não sentes necessidade de fazer digressões, por exemplo. (21h38.) De certo modo, os sintomas do Ruburt acabaram por fornecer um sistema de controlos, servindo em várias áreas em vez de apenas uma, mas áreas que ele está agora a explorar de forma bastante concentrada. Os sintomas serviram parcialmente também como mecanismos de salvaguarda da face, e, para ambos em certa medida, para explicar comportamentos vossos que talvez não compreendêsseis — embora isto envolva sobretudo o comportamento do Ruburt, naturalmente.

Porque é que ele não foi à televisão como outros médiuns, ou não criou uma organização, ou pelo menos não fez workshops, ou não procurou homens e mulheres eruditos “da área”, quando parecia que os ditames do comportamento normal sugeririam tal atividade?

Nunca foram tomadas decisões conscientes muito claras, porque o Ruburt sentia que, idealmente (*sublinhado*), se estivesse a dar a si mesmo verdadeira liberdade e a ser fiel a todas as suas capacidades, estaria — e deveria estar — a atuar de tal modo. Querer-se-ia naturalmente estar, pelo menos, nos programas de televisão mais inteligentes, por exemplo, ou falar para aqueles grupos pelos quais tivesse algum respeito.

O facto é, no entanto, que ele é em si mesmo um tipo diferente de pessoa. Os programas de rádio foram os menos incómodos. Pelo menos

podia fazê-los em casa. Não queria (*sublinhado*) particularmente fazer nenhum deles, embora desfrutasse da maior parte quando começava. O que apreciava, contudo, era a qualidade bastante secreta da rádio — o facto de estar oculto e, ainda assim, a sua voz sair para o mundo.

À medida que começou a perceber, em certa medida, que não tinha de se esperar que fizesse digressões e afins, passou a considerar os programas de rádio como formas alternativas de cumprir a sua responsabilidade. A informação que eu dei acerca dos seus braços, no passado, estava correta.

É também verdade, contudo, que as mãos e braços dele se agravaram precisamente porque não queria ser capaz de segurar o telefone para fazer um programa de uma hora. Em resposta, pensou num aparelho que lhe permitisse automaticamente falar sem segurar o telefone tanto tempo — isto em resposta ao mais recente projeto da Prentice. A Tam insinuou há algum tempo que provavelmente se fariam mais anúncios e publicidade nesse sentido. As incapacidades e problemas físicos crónicos arrastam-se de uma certa forma porque servem muitos propósitos, e os últimos grupos de sessões mostram os tipos de controlos interiores e exteriores que esses sintomas forneceram.

O Ruburt tem vindo a lidar com eles de uma forma muito mais consciente. A estabilidade do sistema, naturalmente, fica ameaçada. As dificuldades do Ruburt com braços e mãos afetam-lhe agora a escrita à máquina, mostrando-lhe finalmente, de forma inequívoca, que o sistema já tinha cumprido há muito a sua função e que a sua criatividade depende de mobilidade psicológica e física. Os sintomas agravaram-se até certo ponto, então, trazendo à frente da sua mente os próprios problemas que exigem a sua atenção.

Não pretendo fazer observações depreciativas sobre o vosso mundo social. De um modo geral, contudo, o tipo de pessoa que atua como figura pública não é o tipo de pessoa que poderia produzir material altamente criativo de natureza original. O formato público exige um tipo de código social abreviado que não permite o desenvolvimento ou expansão de ideias ou de criatividade, pelo que a tentativa de explicar algo como “o nosso trabalho” seria extremamente difícil nesse contexto. Não estamos a falar para o mundo de massas, e a televisão está feita para o público de massas, para a parte dirigida para fora das pessoas.

O Ruburt portou-se bem hoje e tomou finalmente as decisões corretas, estando muito mais consciente da sua própria mobilidade psicológica à

medida que os seus humores e as declarações do corpo mudavam. A ideia da carta foi excelente e representou a tua contribuição (para a Prentice-Hall). A tua própria dificuldade com notas sobre os nossos livros ou o que for vem principalmente quando esqueces a tua própria direção própria e sentido de prazer, e os substituis por um sentido de responsabilidade.

No caso do Ruburt, ao longo destes anos, a ideia de responsabilidade ganhou demasiada proeminência. (*Longa pausa.*) As dificuldades dele com a inspiração surgem quando se esquece das suas ideias de prazer natural e as substitui pela ideia de que “tem a responsabilidade de usar as suas capacidades” — como se não as fosse cumprir motivado pelo seu próprio prazer e amor.

O sentido de responsabilidade exagerado pode corroer o amor e a satisfação. O Ruburt “adorava” fazer trabalhos domésticos em tempos. Mais tarde, as suas ideias de responsabilidade diziam-lhe que devia estar a trabalhar — não porque quisesse trabalhar, mas porque devia. Ao mesmo tempo, essas mesmas preocupações mundanas levavam-no a questionar a validade das suas próprias “mensagens” — e quão responsável era para com o mundo por elas. Assim, os sintomas também serviram para lhe dar uma maior sensação de cautela, para temperar a criatividade, por todas as razões expostas no material do Eu Pecaminoso.

A vossa decisão conjunta de enfrentar toda a situação abalou o statu quo, naturalmente. Representa também, porém, o mais elevado valor terapêutico, à medida que tais questões são trazidas a lume. O Ruburt está a aprender a compreender que é seguro ser ele mesmo; tem de reaprender a redescobrir as fontes do seu próprio prazer, pois estas fornecem os indicadores mais fiáveis pelos quais as ações e decisões podem ser tomadas.

Respondi às tuas perguntas?

(*“Respondeste sobre as mãos e braços, mas e quanto à observação que fizeste naquela sessão passada, de que os sintomas da Jane piorariam antes de melhorar?”*)

Eu acreditava ter respondido a essa pergunta esta noite, especificamente quanto às entrevistas de rádio, mas também no que toca a toda a questão da publicidade da Prentice para os livros recém-publicados.

(*“Está bem.”*)

Fim da sessão. Verás que há mais nela do que talvez vejas neste momento, e deixo-vos os meus melhores votos a ambos.

O Ruburt está praticamente a superar essas intensificações de sintomas; podiam, no entanto, ser esperadas simplesmente porque as velhas ideias estavam a ser constantemente ameaçadas, o que acrescentava algum stress adicional. Globalmente, porém, ele não recuou, mas perseverou.

Fim da sessão.

(A sessão tinha sido excelente — tão excelente que me apeteceu intercalar muitas perguntas à medida que o Seth prosseguia: um daqueles momentos em que me custava não me intrometer, com a minha própria impaciência, na sessão. Explodi brevemente no final, contudo, e a Jane ficou sentada em silêncio enquanto eu ralhava e me exaltava.

(Ao refletir sobre isso — é agora domingo à tarde, enquanto acabo de dactilografar a sessão — acredito que devia ter dito pouco ou nada, e fiquei preocupado com a possibilidade de ter desfeito, ou tentado desfazer, os progressos que a Jane conseguiu alcançar ultimamente. Estava zangado no final da sessão, contudo, com o facto de ela ter respondido ao dilema da publicidade com sintomas agravados nas mãos e braços, e com o tempo que me levou a mim próprio a perceber o que se passava. Fez-me questionar o que andamos a fazer em geral, que tal resposta óbvia nos escapasse. Tudo isto assenta na minha profunda preocupação com o que sucedeu à Jane ou, mais verdadeiramente, com o que ela criou para si própria com a minha cooperação.

(Acredito, contudo, que tudo isto terá utilidade, se esclarecermos o único grande obstáculo da publicidade — fazer ou não fazer. Se resolvemos esse dilema, tanto melhor. Perguntei antes à Jane se estava disposta a manter a decisão de abdicar da vida pública, tal como escreveu na carta à Prentice hoje, e ela disse que sim. Eu certamente estou, custe o que custar. Eu, por mim, não faço ideia de como a Prentice-Hall poderá reagir, embora a Jane me tenha dito hoje que pressentia que a Prentice-Hall planeava ser muito mais agressiva quanto a questões de publicidade. Não creio que haja complicações, pois certamente as pessoas da Prentice-Hall sabem o suficiente sobre as capacidades, vendas e talento produtivo da Jane para reconhecerem o valor que têm, com ou sem publicidade.

(Uma nota: no sábado a Jane disse-me que notara uma melhoria nas mãos e braços, e também na sua capacidade de passar da cadeira para a cama, desde que tomámos a decisão de não fazer publicidade.)

SESSÃO APAGADA

20 DE JULHO DE 1981

(Veja as quatro páginas anexas que a Jane escreveu a cobrir as suas atividades do último fim de semana. Embora diga que está incompleto, ainda assim resume melhor as suas atividades do que eu conseguiria fazer em segunda mão. Posso acrescentar ao papel da Jane que no sábado à noite, depois de eu ter acabado de o dactilografar, revisámos juntos a sessão da sexta-feira anterior, e discutimos um certo número de pontos de forma bastante específica. A Jane acabou algo perturbada, e eu também, de certa forma. Mas essa discussão resultou também em alguns discernimentos posteriores por parte da Jane, que creio terem surgido em parte da sua poesia, a qual tem estado excelente ultimamente.)

(Às 20h30 perguntei à Jane quais eram os seus planos para a noite. Disse que faria uma sessão, depois de eu lhe explicar que estava interessado que o Seth desse alguma informação sobre a sua audição, os pés inchados e o que parecia serem algumas reações que estava a ter ao nosso uso do DMSO. Decidimos, mais ou menos, prescindir temporariamente do uso do medicamento por causa dessas reações, que não são graves mas que a deixam algo desorientada, com uma sensação estranha no estômago e desconforto na zona lombar.

A Jane não parecia particularmente com vontade de realizar uma sessão, e disse que sentia alguma resistência à ideia. Fui para a sala de escrita fazer algum arquivo. Eventualmente chamou-me, dizendo que faria a sessão. Quando voltei para a sala de estar, disse-lhe que devíamos estar a fazer algo errado, ou então já teríamos alcançado resultados muito melhores ao longo dos anos no que toca aos seus sintomas. “Acho que é algo a que estamos cegos, que está mesmo à nossa frente o tempo todo, mas que não conseguimos ver”, disse eu.

Recordei-lhe as histórias que se ouvem sobre os doentes crónicos, que correm de médico em médico sem intenção de melhorar, porque a doença serve a certos propósitos no presente. “Algo assim”, disse eu. “Nunca consegui acreditar que os primeiros anos da vida de uma pessoa pudessem ter assim tanto efeito sobre o resto da vida dessa pessoa. Não parece certo, nem natural, que um indivíduo tenha de passar, digamos, cinquenta anos da vida a sofrer por coisas que lhe aconteceram quando era criança. Não creio que a natureza arranjasse as coisas dessa forma — é demasiado autodestrutivo...” Estes são pontos que já discutimos antes, claro.)

(Comecei a ter um discernimento novo sobre a situação dos sintomas enquanto falávamos, mal percebendo que o estava a ter. “É só que os sintomas mostram que és um ser humano como qualquer outra pessoa”, especulei. “Mostram que não estás instalada num pedestal a dizer aos outros o que devem fazer através do Seth, a dizer-lhes como lidar com todos os seus problemas enquanto vives uma vida de riqueza, talento e felicidade, livre de todas as preocupações e responsabilidades mundanas”, acrescentei.)

(Agora, essa ideia, pensei enquanto ia à cozinha buscar vinho para a Jane para a sessão, fazia sentido — podia explicar a perpetuação dos seus sintomas numa base diária de vida presente, e fazia muito mais sentido do que pensar que sofria agora por algo que lhe acontecera talvez aos oito anos de idade ou o que fosse. Por outras palavras, disse eu, tínhamos abordado o problema ao contrário: a Jane não estava doente tanto por causa do passado, mas sim por causa do que estávamos a fazer todos os dias na realidade presente — a reforçar e/ou perpetuar os sintomas porque serviam um certo número de crenças sobre a realidade atual. Incluí-me nestas especulações, claro. Achei que tinha encontrado algo de um ponto de vista fresco e, ao mesmo tempo, temi que já o tivéssemos ouvido antes e que a ideia significasse pouco. Também era difícil visualizar de forma suficientemente clara para que não fosse apenas uma repetição de ideias antigas, mas sim uma nova perspetiva sobre essas mesmas ideias.)

(“Portanto, estás em apuros”, disse eu, “porque essa situação torna o material do Seth legítimo. Como poderias compreender os problemas das pessoas se não tivesses tu própria problemas bastante graves, com a minha cooperação? Ninguém pode alguma vez acusar-te de lançares grandes discernimentos a partir de uma posição acima de tudo... Podes dizer: Olhem, pessoal. Eu também tenho as minhas complicações.”)

(Obviamente, muitas facetas destas ideias já foram discutidas muitas vezes. Havia aqui algo novo, no entanto, pensei eu, quando se postulava que o Seth, tal como o conhecíamos, era aceitável por causa dos sintomas. Aceitável e acessível. Lidar com as nossas situações pessoais ocupava cada vez mais tempo. Estranho, pensei, se se viesse a concluir que o trabalho pessoal seria uma das utilizações mais criativas de todo o material do Seth, em vez de grandes proclamações vindas de cima, distribuídas por alguém numa posição de superioridade.)

(A Jane surpreendeu-me depois de eu ter dito a maior parte do que tinha a dizer, acrescentando que achava que as nossas atitudes em relação às crianças também tinham algo a ver com os sintomas — uma ligação que eu podia dizer que nunca me ocorrera. Pareceu-me uma ideia estranha, mas não tive tempo de refletir sobre ela no momento. Nem tive tempo de refletir verdadeiramente sobre o que eu próprio dissera, mas esperava que houvesse algo de válido, e que a discussão lhe oferecesse alguma ajuda sob a forma de melhor saúde.

Já há algum tempo que eu pensava, muitas vezes, que podia ser que ela quisesse estar doente — que esse fosse o papel que escolhera para esta vida, e que de muitas formas todos os nossos esforços para escapar aos sintomas fossem, na realidade, secundários. O meu último discernimento, de que os sintomas davam legitimidade ao material do Seth, era, esperava eu, em si mesmo legítimo.)

(A Jane disse que achava que o Seth poderia comentar a nossa discussão, bem como as outras três questões que eu mencionara sobre os seus pés, etc. Eu também tinha questões sobre alguns dos meus sonhos recentes, incluindo o de 7 de julho sobre o qual o Seth prometera comentar, mas tinha pouca esperança de que abordasse esse material esta noite.)

(Lentamente, com muitas pausas por vezes:)

Ora bem: responderei às vossas perguntas esta noite — mas em vez de começar com elas gostaria de fazer alguns comentários gerais acerca da vossa própria observação imediatamente antes da sessão, e de forma bastante neutra.

Mesmo antes das nossas sessões começarem, ambos sabiam que, de um modo geral, eram bastante diferentes das outras pessoas, altamente dotados criativa e intelectualmente. Suspeitavam que não estavam tão “atolados” (*pausa longa*) quanto as outras pessoas, e também que, de alguma forma, não estavam tão comprometidos com a experiência física habitual. Sentiam, por vezes, como se quisessem espreitar a vida, observá-la em vez de a viver diretamente. Isto não era porque tinham medo da vida (*como muitas vezes me perguntei quando era mais novo*), mas porque os vossos propósitos e intenções eram diferentes.

O quadro habitual da vida conjugal com filhos não iria fazer parte da vossa experiência desta vez, e ambos cuidaram para não terem filhos — ou parceiros que os quisessem. Em certa medida sentiam-se culpados porque

um certo tipo de conhecimento claro parecia tão naturalmente disponível. Os vossos atributos físicos e proficiência desportiva mostravam essa extensão traduzida fisicamente.

Em menor grau, a agilidade do Ruburt, o seu desempenho como dançarino, etc., dava-lhe a sensação de que até as conquistas físicas tinham uma facilidade que muitos não possuíam. Não sentiam, no entanto, que se relacionassem particularmente bem com outras pessoas, e à medida que envelheciam parecia que quaisquer mudanças teriam de vir de vós (*não dos outros*).

(*Pausa longa.*) O Ruburt suspeitava que poderia ser relativamente fácil tornar-se até mesmo desdenhoso dos outros. Ambos sentiam, novamente em certa medida, que as pessoas não podiam compreender os vossos tipos particulares de criatividade. Podiam facilmente ficar invejosas. Podiam também ressentir-se bastante das vossas capacidades. Sentiam, no entanto, uma compaixão honesta e profunda pelos outros: mesmo ao vencer numa competição desportiva, sentiam pena do derrotado.

(*Muito lentamente*) Durante algum tempo consideraram a possibilidade de adotar uma “desvantagem”, como acontece no desporto. Experimentaram o papel, decidindo finalmente que não o podiam aceitar (*os meus problemas de costas aos 45 anos, etc.*). O Ruburt agarrou a ideia em vez disso, e brincou com ela. Quando as sessões começaram, ficaram ambos espantados com a facilidade com que o material era recebido, impressionados com a sua qualidade, conscientes em certos níveis do seu desafio. O Ruburt ficou surpreendido, e ainda mais com a natureza espontânea da sua própria criatividade e da minha.

(*Pausa longa.*) Havia certas perguntas profundas sobre a vida, certos problemas prementes sobre a condição do homem, com os quais sentiam ter pouca experiência, já que os vossos objetivos primários eram examinar a vida, colocar-se à parte dela para a estudar. E, por isso, sentiam ambos que tinham poucas das mesmas preocupações que levavam outras pessoas (*silêncio atento*).

Não tinham as preocupações familiares de filhos, como o Ruburt mencionou. Sem essas preocupações, começaram a sentir que tinham uma vantagem ainda mais injusta. (*Pausa longa.*) Entretanto, todas as questões que mencionámos como estando ligadas aos sintomas do Ruburt estavam, claro, presentes em maior ou menor grau, em suspenso. Queriam fazer o tipo de perguntas que eram importantes para outras pessoas, além das

vossas próprias, porque o significado da vida também se encontrava noutras áreas além das vossas. Queriam também uma ponte e uma coloração protetora.

O Ruburt recebeu certos tipos de conhecimento ao assumir vários empregos durante a sua primeira fase da vida adulta, incluindo trabalho em fábricas ou o que fosse. Esse conhecimento foi usado em toda a sua escrita. A um certo nível, assumiu esses empregos porque precisava de dinheiro, não porque necessitasse de experiência noutros ramos de trabalho ou com outros tipos de pessoas. Quando vendeu Avon, estava a ouvir as perguntas a que o seu próprio trabalho mais tarde tentaria responder. Não poderia ter fingido precisar dos empregos, ou não teria resultado, portanto nenhum de vós poderia fingir ter dificuldades físicas para, por exemplo, se colocar no lugar de outras pessoas.

No entanto, assim vos parecia, um de vós teria de fazer esse esforço. Precisavam de um impulso extra — assim parecia — para que o vosso relativo desapego das condições da vida não vos impedisse de ter uma compreensão empática do vosso semelhante.

Estavam em causa grandes questões vitais sobre a natureza do sofrimento. Nenhum de vós tinha sido vitalmente (*sublinhado*) tocado pela guerra. Experimentaram certas partes dela. Têm isso em comum com a vossa geração, mas não tinham sido gravemente feridos, nem sequer — se a verdade fosse conhecida — seriamente prejudicados. O Ruburt fora tocado quase nada. Não vos estava destinado partilhar a experiência da violência.

(*Pausa longa.*) Os vossos propósitos significavam que necessitavam de uma certa dose de isolamento do mundo — por isso, qualquer desvantagem aceite seria também uma que se enquadrasse nesses outros propósitos.

(*Pausa longa.*) Todas as ideias do Eu Pecador estavam em suspenso —

(*O telefone tocou e, a pedido do Seth, atendi. A Margaret Bumbalo disse-me que ela e o marido iam para a sua casa de campo no lago; pediram que eu recolhesse o correio.*)

— Foram simplesmente repescadas e renovadas. Representavam uma espécie de desvantagem psicológica. A situação também ajudava a explicar, sentiam vocês, sobretudo no início, certas estranhezas dos vossos comportamentos em relação à sociedade. Quando deixaste o teu emprego,

não tiveste de explicar porque não precisavas de arranjar outro, como “qualquer macho normal e de sangue quente deveria fazer”, mas ficaste em casa dedicado a um período de pintura e filosofia. Tinhas também uma esposa para cuidar, que tinha dificuldades físicas.

Se querias controlar o número de pessoas que vinham a casa, ou a publicidade envolvida, os sintomas forneciam uma estrutura incorporada. Se querias declarações psicológicas profundas, os sintomas também forneciam uma moldura em torno da qual podiam ocorrer — uma moldura interior de sessões pessoais dedicadas ao funcionamento da personalidade, uma biblioteca interior para além dos próprios livros, que talvez não te ocorresse sem tal impulso.

(*Pausa longa.*) De certa forma, até certo ponto — as qualificações são necessárias — deram a si próprios um tipo extra de compromisso que impediria as vossas observações da vida de se tornarem demasiado superficiais, ou assim parecia. Quando os vossos pais estavam vivos, os seus problemas podiam ser usados de forma indireta para os mesmos propósitos. Antes disso, os empregos de ambos serviam para “esbarrar cotovelos”, por assim dizer, com os outros, e para igualar os vossos caminhos e os deles. À medida que se tornaram financeiramente mais desafogados, sentiram novamente a necessidade desse tipo de igualização, ou desvantagem.

Agora: a audição do Ruburt não está prejudicada (*pausa longa*), o que significa que não está a perder a audição. Essa condição estava também relacionada com a do telefone, acrescentando a dificuldade extra de ouvir claramente um programa de televisão — ou melhor, de rádio —, e a dificuldade auditiva foi agravada juntamente com as mãos.

Ambos, até certo ponto agora, após a discussão desta noite, sentiram que com dois livros e talvez até o livro de poesia a sair num só ano, as pessoas pensariam que era fácil para vós escrever as vossas declarações a partir do alto de uma colina, embora nesses livros tivésseis o cuidado de recolher as vossas histórias de todas e quaisquer dificuldades que vos surgissem, contratemos com cientistas ou editores, e assim por diante.

A substância que estão a usar (*DMSO*) atua, agora, quase como um tratamento de choque, introduzindo certas partes do corpo a um relaxamento que parece antinatural porque não é gradual. O corpo não se sente estável, por exemplo. (*Pausa longa.*) Esse efeito é de certo modo agravado pelo calor, pela forma como o Ruburt usa a energia e por ser

fisicamente uma pessoa de pequena estatura. Uma pessoa maior, com mais área corporal e peso, seria menos afetada, por exemplo, como acontece com o álcool.

Fim da sessão.

(“Podes dizer algo sobre os pés?”)

Direi sim. Dê-nos um momento.

(Pausa longa.) Os pés estão ligados à própria situação no seu conjunto. No sentido em que querem maior atividade e circulação. Mais exercício dos pés será benéfico. Num nível puramente físico, o calor também está de certo modo envolvido. No entanto, usaram este período como um tempo para agravar criticamente os sintomas (pausa longa), quase como se estivessem a rever uma obra para ver o que pensavam dela, e o que queriam fazer a seguir.

Não é coincidência que examinem a natureza dos nossos livros ou das vossas notas, por um lado, e os sintomas do Ruburt, por outro.

Fim da sessão.

(“Está bem.”)

(A Jane esteve bem. Fiquei encorajado por o Seth também ter encontrado algo para comentar na minha percepção de pouco antes da sessão. Mais tarde, supus que a recuperação da Jane — mesmo que apenas em parte — também podia ser tomada como um sinal da legitimidade do material do Seth, já que o estaria a usar para encontrar o caminho que a levasse a essa recuperação. É assim que eu, pelo menos, gostaria de ver as coisas a resultar.)

(Nota acrescentada na quarta-feira à noite, enquanto termino de dactilografar a sessão:)

(Uma situação desenvolveu-se na terça-feira à noite — ontem à noite — quando planeava começar a dactilografar esta sessão. O acontecimento reforçou muito do material da própria sessão, e a ideia que o originara: enquanto a Jane e eu acabávamos o jantar ontem à noite, o Tom D’Orio de Binghamton visitou-nos com dois amigos [tinham um pequeno grupo do Seth em casa]. O Tom é um “velho” membro da classe de ESP. A Jane evidentemente gostou de conversar com os três, e antes que déssemos por isso já tinha passado mais de uma hora, apesar de eu ter inicialmente pedido ao Tom e companhia que não se demorassem porque estávamos ocupados. Eram cerca das 21h quando finalmente partiram, e embora eu já estivesse cansado, mantive-me firme e dactilografei as duas primeiras

páginas de notas desta sessão enquanto mantinha em mente o que queria registrar. A Jane depois leu-as e concordou com elas.)

(Quando nos preparávamos para deitar à hora habitual, a Jane disse que “queria conversar”. Revelou que pensara em fazer uma sessão para os três visitantes. Isso surpreendeu-me. [Também pensara em fazer uma sessão antes da chegada deles, para que o Seth pudesse continuar o material que começara na segunda-feira; não me tinha contado isso.]

(A Jane disse que as razões pelas quais não fez uma sessão para o Tom e amigos foram que os seus próprios sentimentos estavam contra fazê-lo, mesmo tendo tido o impulso espontâneo, e que também estava cansada por causa dos sintomas e de estar sentada no sofá tanto tempo. Também tinha receio de que eu ficasse zangado se o fizesse. Assinalou com bastante precisão que usara os sintomas, então, para manter o encontro sob controlo segundo as nossas ideias do dia-a-dia. Nunca me ocorrera, por exemplo, que ela pudesse considerar uma sessão espontânea nestes dias — nem a ela durante anos. Disse também que tinha receio de manter o grupo em casa durante horas se se deixasse levar e fizesse o que queria fazer, no calor do momento.)

(Portanto, parece que usamos mesmo os sintomas para servir os nossos próprios fins, segundo as nossas crenças atuais. Mas agora houve uma mudança, ou pelo menos um pensamento de mudança: “Mas não acho que ter uma sessão espontânea fosse assim tão mau”, disse ela, “se ao ser espontânea eu me libertasse.” De facto. No passado recente eu teria automaticamente sido contra ou, pelo menos, não a favor de tal sessão para estranhos relativamente próximos, em cima da hora. Também o teria sido esta noite, caso me tivesse ocorrido — isto é, teria negado tal desempenho até ter a oportunidade de estudar as implicações das minhas reações, à luz do meu discernimento de segunda-feira à noite e da excelente sessão do Seth que se lhe seguiu.)

(“Agora, não me importava que andasses pelo teto, se isso ajudasse”, disse eu. Conversámos sobre a diversão que tínhamos nas sextas-feiras à noite no nº 458, há anos, quando as sessões estavam a começar e a Jane muitas vezes deixava espontaneamente o Seth manifestar-se. Esses tempos tinham uma inocência que fomos perdendo pelo caminho. [Mais cedo, na segunda-feira à noite, antes da sessão, perguntei à Jane como é que alguém poderia “ser criança outra vez”, mantendo os elementos valiosos

dos acontecimentos posteriores da vida, mas preservando essa clareza e simplicidade originais de visão.] Eu pensava sobretudo na pintura.)

(Tomámos sim a morada e o número de telefone do Tom, tendo a Jane lhe dito que talvez o convidasse, a ele e aos amigos, a virem cá a casa numa sexta-feira à noite, com outras pessoas. Expliquei-lhe no quarto que parte da minha resistência inicial a que o Tom se demorasse tanto devia-se ao meu desejo de começar a dactilografar esta sessão, que considero muito útil.

(Acrescentei outro pensamento — que ultimamente muitas vezes me tenho lembrado de que sou 10 anos mais velho do que ela; aos 62 consegui, durante a última década, dizer “que se lixe” a muitas coisas a que costumava prestar bastante atenção quando tinha 52 anos, a idade atual da Jane. Tive esse tempo extra para resolver algumas coisas. A Jane disse que sabia disso. Parece que nos últimos anos um dos meus principais objetivos na vida tem sido reduzir — ou eliminar por completo — um certo número de ideias, obrigações e complicações que finalmente percebi não valerem o tempo de as manter. Cada vez que consigo livrar-me de algo assim, considero-o uma conquista. Agora, disse-lhe eu, quero gastar o meu tempo nas poucas coisas que considero importantes na vida.)

AS NOTAS DA JANE

17-19 DE JULHO DE 1981 “O FIM DE SEMANA”

Os acontecimentos em questão começaram na sexta-feira, embora agora, segunda-feira à tarde, eu quase já me tenha esquecido de como a sexta realmente foi. Recordo-me de ter sido acordada pelo Rob, mais tarde do que o habitual, nessa sexta-feira. Ele disse-me que o Prentice tinha telefonado a respeito de um programa de rádio-telefone e que eu devia devolver a chamada. Senti um certo desapontamento. Não queria ser incomodada; agora que tinha concordado recentemente em fazer alguns desses programas, parecia que toda a gente iria começar a telefonar. Resolutamente substituí o assunto na minha mente tentando compor uma lengalenga....

Penso que foi nesse fim de manhã que a Margaret, a nossa vizinha, passou cá para nos dizer que ela e o Joe iriam para o seu chalé, mas de algum modo fiquei com a ideia de que seria um daqueles fins de semana de verão em que as pessoas vagueavam, arranjavam desculpas para ir a

centros comerciais ou visitar vilas estranhas ou simplesmente andar pelas ruas ou por edifícios públicos — ou visitar-nos, se houvesse algum admirador nas redondezas.

Hesitei, conversei com o Rob e decidi que não queria fazer programa nenhum, por isso escrevi uma carta a informar o Prentice disso mesmo. Entretanto, esperava com impaciência pelo Frank Longwell, que me tinha prometido, na terça-feira anterior, que estaria cá antes de domingo com os planos finais para a ampliação da sala de estar. Nunca apareceu.

O telefone tocou, contudo. A Peg G., do Star Gazette, ligou; havia um admirador da África do Sul, recém-chegado de Nova Iorque, só para me ver. Ele estava lá mesmo, à espera; ao menos eu falaria com ele ao telefone? O meu braço inteiro doeu quando peguei no auscultador.... Afinal tinha tido razão sobre as pessoas a vaguear por aí!

A Peg disse-me que ele tinha cerca de quarenta anos; ele disse-lhe que já me tinha escrito, mas provavelmente partira antes que eu pudesse responder à carta. Senti-me defensiva e culpada; ele estava a tentar chantagem emocional, e eu não queria vê-lo. Mas pensei nele, um estranho, no jornal de uma cidade estranha....

“Olá”, disse eu quando ele atendeu, e a voz dele era baça e plana, cheia de comiseração própria; tinha a certeza de que eu não o veria. E em vez de despertar simpatia em mim, o seu abatimento teve o efeito contrário; não me importo se vieste de Timbuktu num navio de refugiados, pensei. A chamada lembrou-me finalmente da carta dele e da minha resposta, em que dizia que não o poderia ver durante a viagem.

Disse algumas coisas educadas, com uma voz igualmente educada, e acabou aí. No dia seguinte soube pela Peg que ele tinha vindo de autocarro, que tivera de passar a noite, que não tinha muito dinheiro — a realidade dele, lembrei-me com firmeza, não a minha. Ainda assim, algo vagamente incómodo fez-me cancelar uma noite a meio planeada com amigos — felizmente antes de os ter convidado de facto —, e tivemos uma sessão com o Seth em vez disso, mais uma na tentativa de me tirar dos meus próprios problemas físicos. Desta vez foi sugestão do Rob.

A maior parte do material desapareceu de imediato, como certos sonhos, mas recordo-me de que o Seth me disse para dar ênfase ao prazer em vez da responsabilidade, e esse pensamento estava na minha mente quando adormeci na sexta à noite.

Prazer em vez de responsabilidade: decidi experimentar isso no sábado, e diverti-me a escrever um novo poema; o tema — prazer! Também dactilografei algumas páginas de material (sobre o Eu Pecador). Ainda assim, nada de Frank Longwell.

Enquanto o Rob foi às compras, tratei de algum correio e, quando regressou, preparámos um jantar de frango assado, pusemo-lo no forno e fizemos uma sesta. Mal provámos o jantar, porque dois “admiradores” apareceram mesmo quando o Rob colocou o frango na mesa. Eram rapazes simpáticos, nós gostámos deles e ficaram talvez uma hora. Mal saíram e começámos a sobremesa, apareceu a Debbie à porta para nos contar de um sujeito um tanto louco que lhe tinha telefonado a pedir a nossa morada. Ela ficou por cerca de uma hora....

Domingo de manhã quase chovia. O Rob arranjou-me o cabelo. Ainda sem sinal do Frank Longwell, mas nessa tarde escrevi de repente um poema e comecei outro que me fascinava. Estaria de algum modo já traduzido em Sumari? Relacionado com o Manuscrito dos Oradores, talvez com outro material que eu andava a receber ultimamente? E continuei a rabiscar O Princípio do Prazer no meu pequeno caderno. O que significava isso? No quarto, pronta para uma sesta, fiz mais uma estrofe do poema e percebi subitamente que fisicamente tinha adquirido o hábito de me identificar com a dor em vez do prazer. Tão óbvio assim que o percebi, mas o discernimento esclareceu-me várias questões de imediato.

Juntei essa constatação ao pouco que me lembrava da sessão do Seth e depois passei uns minutos a sentir as sensações do meu corpo: joelho direito — dorido; braços — doridos. O meu pescoço e certas partes das costas, porém, estavam sedosos e relaxados e eu ignorava essas sensações, concentrando-me sobretudo no joelho.... e agora até essa sensação parecia um bloco de energia exagerado ou agravado.

Pensei em tantas outras pessoas que devem fazer o mesmo, senão com sensações do corpo talvez com acontecimentos de outro tipo. E lembrei-me de coisas que tinha escrito nas antigas notas Conteúdos da Mente sobre como formamos focos através dos quais depois experienciamos a realidade....

Entretanto, surgiu-me mais uma excelente estrofe para o meu poema, além da expressão “o corpo do prazer e o impulso mágico”....

Segunda-feira de manhã, 20 de julho. Telefone ao Tam, dizendo que não farei programas nenhuns. Ele diz que está tudo bem! Conta-me que um

figurão da Bantam telefonou a dizer que gostou de *O Deus da Jane* e a perguntar pelos direitos de edição de bolso, assegura-me que os nossos livros de bolso estão a vender-se bem.

SESSÃO APAGADA

23 DE JULHO DE 1981

(Na noite passada não houve sessão: a Jane quis descansar e também ver um resumo de três horas da série de TV Dynasty enquanto punha o correio em dia.

(Nesta tarde, enquanto eu andava a tratar de recados, a Jane teve uma experiência algo intensa, ainda que breve, que pareceu englobar uma compreensão emocional do material do Seth na última sessão [de segunda-feira]. Ela já tinha relido essa sessão três vezes, e eu também. Desta vez, porém, ela captou o conteúdo emocional, e rabiscou algumas linhas enquanto durou, talvez uns 10 minutos. Houve lágrimas, ou quase. Ela estava a sair da experiência quando eu entrei em casa. Enquanto conversávamos sobre isso, cada um de um ângulo ligeiramente diferente, a Jane acabou por dizer que a experiência lhe parecia bastante “prosaica” em retrospectiva — e, no entanto, no momento tinha sido bastante poderosa.

(Ambos andamos curiosos quanto à forma como o material da sessão de segunda à noite se articula com o do Eu Pecador, que a Jane ainda não dactilografou, exceto as primeiras cinco páginas. Estou algo limitado porque não tenho o material do Eu Pecador para comparar, mas estou certo de que há muitas ligações entre os dois. Tinha planeado escrever algumas perguntas para esta noite, baseadas na sessão de segunda, mas eram tantas que decidi deixar esse projeto de lado, confiando que o Seth as abordará à sua maneira.

(Uma das perguntas dizia respeito ao material do Seth na página 218 da última sessão, quando ele se referiu ao sentimento que a Jane e eu temos, de que tínhamos “uma vantagem ainda mais injusta” por não termos filhos — isto, como ele tinha afirmado antes, além de já estarmos afastados dos outros devido aos nossos dotes criativos. “É como se tivéssemos de expiar por sermos ‘melhores’ ou diferentes dos outros, segundo esse tipo de pensamento”, disse eu às 20h10. “É o género de coisa que penso ter raízes na questão do Eu Pecador, em ambos nós — não vamos sentir culpa pelos dons da natureza a não ser que esses sentimentos

tenham uma base bastante forte em algum ponto da psique.... Porque não podemos sentir alegria por sermos dotados, em vez disso?” Acrescentei que, como tinha dito esta tarde, a culpa pela superioridade tornaria muita gente dotada miserável se desse ouvidos a tal tipo de pensamento. E receio que a história contenha numerosos exemplos em que essa reação ocorreu. Percebo que as próprias limitações adotadas possam também fazer parte do plano global da personalidade para a vida — lidar com isso bem como com os dons.

(Nesta noite, enquanto esperávamos pelo início da sessão, mostrei à Jane três sonhos meus recentes sobre os quais queria que o Seth comentasse: 7 de julho [Sayre], 17 [reencarnação e Debbie Janney] e 19 [a Jane a recuperar da noite para o dia]. A Jane voltou a lê-los, embora já os tivesse lido esta tarde. Comecei uma pequena pintura a óleo baseada na parte da “queda” do sonho de 7 de julho. Também fiz um esboço a lápis de uma das cabeças das fotos de mim mesmo no sonho de reencarnação de 17 de julho, caso não consiga pintá-la.)

(“Está bem”, disse finalmente a Jane, tirando os óculos e começando a falar pelo Seth com muitas longas pausas:)

Ora bem: gostaria de recordar parte da vossa história anterior.

(Longa pausa.) A vossa mãe acreditava que um homem devia trabalhar certo número de horas por dia de forma convencional, quer tivesse o seu próprio negócio, quer trabalhasse para outros — e também, naturalmente, que devia ter uma família. A certos níveis (*sublinhado*), o vosso irmão Loren chegou a comparar a vossa arte com o amor dele por comboios — um passatempo agradável, mas não algo a que um homem dedicasse a vida.

Até a originalidade do vosso pai era da variedade mais prática. Tínheis, portanto, esse tipo de pano de fundo com que trabalhar — e contra o qual trabalhar — muito antes de as sessões começarem. Contudo, elas acrescentaram um elo novo e importante. A estrutura tinha sido montada de forma incipiente nesse tempo, quando, por um período, novamente, brincáveis com a ideia, pois tais sintomas “justificariam” que ficásseis em casa, mesmo a tempo parcial, para pintar.

O Ruburt aceitou esse acordo mais tarde, em que os sintomas podiam ser usados como um sistema de apoio, impedindo-o de sair para trabalhar, e assim foram feitos ajustamentos ao longo do tempo. Mais tarde, eles impediram digressões televisivas e afins, mantendo-vos orientados para as

vossas obras conjuntas. Isto, para além das preocupações do Ruburt relativamente ao material revelador. Toda a estrutura baseia-se, de facto, numa ideia distorcida da natureza da verdadeira responsabilidade.

(Pausa de um minuto.) Os sintomas serviram para “vos permitirem” uma certa privacidade, um certo afastamento do mundo, ao mesmo tempo que proporcionavam uma forma de vos relacionardes com os outros, de partilharem os infortúnios da vida, para que não se pudesse dizer, por exemplo, que, enquanto artistas ou pessoas, vivíeis numa torre de marfim, intocados pelos dilemas habituais da vida. Mais uma vez, houve desvios e mudanças ao longo dos anos, já que os sintomas podiam servir mais um propósito do que outro em determinado momento, mas sempre dentro dessa categoria geral.

A vossa ideia de olhar para os acontecimentos como fizestes na outra noite *(relativamente ao Tom D’Orio)* é excelente e pode ser muito esclarecedora. Também haverá dias em que será bastante óbvio que a estrutura apenas vos proporciona incómodo e desconforto — mas o facto de ser uma estrutura, criada e mantida, é importante.

(Longa pausa.) Contudo, não quero que vos concentreis mais nessa situação do que já o estais a fazer. A ideia é manter o material o mais possível a nível consciente e depois deixá-lo mais ou menos de lado, antes de o retomar novamente — sem o bombardeamento constante. Menciono isto periodicamente. A ideia de vos identificardes com o vosso prazer, de vos identificardes com as vossas sensações e emoções prazerosas, é extremamente vital. Pequenas alterações nas vossas vidas ou hábitos também podem ser extremamente úteis, porque, embora pequenas, quebram hábitos enraizados.

Disponibilizar uma parte das horas noturnas, de uma forma ou de outra, pelo menos ocasionalmente, é também outra maneira de quebrar reações habituais e de assegurar um certo tipo de privacidade, usando um método completamente diferente. Mais uma vez, o material sobre responsabilidade é importante para a vossa compreensão. O vosso sentido natural de prazer e de gozo conduzir-vos-á de volta ao vosso “trabalho” de forma natural e fácil.

O Ruburt interpretou um sonho em particular para vós. Tenho pouco a acrescentar. Ele estava correto *(sobre o sonho de 7 de julho, relativo ao meu regresso a Sayre)*. O sonho em que ele foi curado *(a 19 de julho)* tinha a função de vos recordar que essa probabilidade continua altamente ativa.

O sonho que envolve o velho celeiro é da mesma natureza que o sonho da livraria (*Sayre*) (*como a Jane disse esta noite*) — outra versão do passado, a recordar-vos o tipo de nutrição que gerações da família recebiam. Tal como não havia livros reais na vossa livraria, não havia alimento disponível no celeiro. Na livraria sentistes que, de certa forma, a loja era maior do que a vida; e, no sonho do celeiro, os desenhos da Debbie sobre vós são idealizados, maiores do que a vida. Representam a versão dela da vossa vida e obra. Se os celeiros desapareceram, e se não fornecem nutrição, então ela procura em trabalhos como os nossos uma forma de apresentar um quadro idealizado da psicologia humana.

(*Longa pausa.*) A secretária é também outro símbolo do conhecimento humano do passado. Quero realçar a vantagem de examinar acontecimentos como a vossa visita da outra noite e as formas como um ou ambos usais a estrutura dos sintomas do Ruburt, exortando-vos mais uma vez a não vos concentrardes demasiado nesses assuntos. Mais uma vez, quaisquer alterações que introduzais ajudam a quebrar reações antigas. A vossa percepção consciente da situação, contudo, irá até certo ponto alterá-la automaticamente, pois estais a trabalhar com ela a outro nível.

Se conseguísseis organizar, trabalhar de noite durante um período temporário teria também o mesmo tipo de valor, e ao mesmo tempo acrescentaria automaticamente os seus próprios elementos — ou seja, proporcionaria isolamento relativo de uma forma diferente. Reconheço a dificuldade que isso envolve, tanto por questões práticas da vida quotidiana como pela questão da luz para pintar. A ênfase na ideia de prazer alterará ainda mais a situação para melhor, pois introduz novamente um tipo de foco diferente.

O último grupo de sessões deve ser relido. A ideia de continuar o meu livro ao vosso ritmo é também excelente (como a Jane sugeriu), para que se mantenha atual, mesmo que tenhamos também muitas sessões sobre outros assuntos.

Os discernimentos do Ruburt esta tarde são totalmente legítimos. As vossas notas eram uma forma de apresentar o material. Os sintomas eram uma forma de apresentar o material. Essa é a ligação que o Ruburt tentava estabelecer. Esta será uma sessão relativamente breve, e, mais uma vez, outros acontecimentos psicológicos ligam o material da sessão com a vossa experiência privada, à medida que fazeis certas traduções que são necessárias para vós mesmos.

Tens alguma pergunta?

(“Apenas que, no sonho que envolve a Debbie, eu e as fotografias: a Jane disse que o sonho era de caráter reencarnatório.”)

Dai-nos um momento, por favor.... *(Uma pausa de um minuto.)* Há alguma influência reencarnatório, no sentido de que vós e ela fostes conhecidos *(longa pausa)*, de forma menor, contudo, uma vez na vossa existência como soldado romano e, creio, na da Dinamarca. *(Longa pausa.)* Estáveis na periferia da atenção um do outro. Talvez por essa razão a própria Debbie não estava presente *(no sonho)*. O Ruburt, no entanto, não esteve envolvido com a Debbie no passado.

Desejo-lhes então uma afetuosa boa noite. Lede esta sessão juntamente com a última — mas lede o último grupo em conjunto, para que possais ver o desenvolvimento das ideias.

(“Está bem.”)

Uma afetuosa boa noite, mais uma vez, e sonhos criativos.

(“Obrigado.”)

(A Jane sabia que tinha sido uma sessão mais curta. O Seth confirmou a intuição reencarnatória dela acerca do meu sonho de 17 de julho, mas não deu muitos dados. Nem eu lhos pedi. Note-se que, originalmente, o Seth não mencionara as ligações reencarnatórias na sua interpretação do sonho. Penso que a Jane continua um tanto relutante em lidar com reencarnação. Poderia haver, claro, questões quase infinitas sobre tais indícios em sonhos reencarnatórios. Contudo, interessante.)

(Nota: Ultimamente tenho pensado que gostaria de fazer novas leituras e estudos sobre o primeiro século d.C. no Médio Oriente e na Europa, em particular Itália. Esse período e essa região continuam a fascinar-me. Gostaria de ter uma história que tratasse especificamente desse tempo e região, mas não conheço nenhuma obra assim. [Talvez o meu desejo contribua para que uma me venha a ser disponibilizada.] Interessante, então, que posteriormente tenha tido o sonho envolvendo a Debbie, com as ligações ao capitão romano.)

SESSÃO APAGADA
26 DE JULHO DE 1981

(Veja-se a cópia anexa do meu sonho desta manhã. Para minha surpresa, o sonho conduziu a esta sessão. Dactilografei-o assim que me levantei, e a Jane leu-o à mesa do pequeno-almoço. À medida que discutíamos o sonho, comecei a fazer conexões por mim próprio acerca dos meus primeiros tempos em Nova Iorque com o Ralph Ramstad, assim como acerca da arte comercial, dos meus pais, de fazer ilustração e assim por diante. Expliquei esses pontos à Jane com algum detalhe.

(Tudo isso levou naturalmente a Jane e a mim a falar sobre as nossas próprias experiências em Nova Iorque após o nosso casamento. Revisámos muita coisa, e pareceu ter efeitos muito benéficos, até terapêuticos, para a Jane. Eu continuava a recordar coisas desses tempos, e ela também, à medida que a manhã avançava.

(A “sincronicidade” também pareceu estar envolvida com o sonho, pois no jornal de hoje encontrei-me a ler uma coluna na secção de desporto, acerca de lesões no joelho — e isso, por sua vez, desencadeou a minha lembrança de que o Ralph Ramstad tinha um “joelho maroto”, como lhe chamava, resultado, creio, de um acidente de infância. E, a seguir a essas duas conexões, especulei com a Jane sobre uma terceira: a minha lesão nas costelas inferiores do lado esquerdo há cerca de uma semana, durante a visita do Tom D’Orio e amigos.

(O Frank Longwell disse-me que eu tinha distendido os ligamentos que ajudam a suportar as costelas, e que “elas não gostam disso”. Muito desconfortável, até por vezes na cama. A lesão aparentemente inócua, que nem sequer deixou hematoma, é bastante dolorosa em certos momentos e muito inconveniente em relação a várias funções corporais que envolvem movimentos súbitos, como espirrar, etc.

(O pêndulo disse-me que magoei a caixa torácica por causa da frustração com a visita do Tom e amigos, embora não tivesse consciência de tais sentimentos. A Jane também gostou, e ficámos com a morada do Tom com vista a convidá-lo, a ele e à esposa Becky, numa sexta-feira à noite.

(Mas o sonho, por mais inócuo que parecesse, trazia uma grande carga. Fiquei surpreendido por a Jane ter captado tão bem, e por os seus discernimentos se estenderem a ela própria e aos sintomas de formas que

não me tinham ocorrido. Até pensei em não me dar ao trabalho de escrever o sonho, para começar.

(“Não sei se o vais receber de mim ou do Seth”, disse a Jane às 15h05. “Mais cedo senti o material a vir do Seth, mas também de mim”, disse ela. “Mas não sei. Logo te digo....” Depois, às 15h10: “Acho que vais ter uma sessão, afinal. Sinto-o por perto, mas não será muito longa.” Fiz-lhe café, e ela foi sorvendo enquanto esperávamos. A tarde estava escura, húmida e silenciosa. Eu aceitava de bom grado tudo o que pudesse ajudá-la.

(Divertida:)

Boa tarde.

(“Boa tarde.”)

Agora: o sonho é uma continuação e um esclarecimento de questões discutidas nos vossos dois sonhos anteriores — o das lojas de revistas e o do celeiro.

Vai, porém, a essas questões com maior profundidade, de outro modo.

A estação de serviço e toda a montagem foram escolhidas porque representavam simbolismo excelente e remetiam-vos inconscientemente para o tempo em que o vosso pai fazia baterias e tinha esse negócio.

A estação de serviço é significativa em muitos níveis, sendo usada aqui como um símbolo particularmente americano da era mecânica e também como algo que remete para uma ocupação utilitária que presta serviço (*como a Jane disse esta manhã*): lidais diretamente com o público. Há duas áreas e questões principais que percorrem este sonho, como nos outros dois: a ideia de trabalho e serviço em relação à ideia de arte e criatividade.

Na primeira cena deste sonho vedes um eu provável, que poderia ser razoavelmente esperado como o tipo de filho que o vosso pai poderia ter — dotado mecanicamente com as mãos, suficientemente assertivo para ter o seu próprio negócio; enfim, parte do sonho americano, empregado num trabalho de que gostava e que ao mesmo tempo prestava um serviço, colocado assim fisicamente entre a pista de gelo (*e de patinagem*), representando prazer ou diversão, e a mercearia, representando serviço ou nutrição.

Portanto, podíeis ter sido esse tipo de pessoa, com o sistema de crenças da vossa época e com o vosso pano de fundo. Um homem, se possível, devia ter o seu próprio negócio, prestar um serviço à comunidade

— e, mais uma vez, a inventividade ou criatividade deviam estar ligadas a essas ocupações. A inventividade do vosso pai, por sua vez, lidava muitas vezes com a mecânica.

Na cena seguinte, há a introdução da capacidade artística, porém, personificada pelo vosso amigo do vosso passado artístico juvenil em Nova Iorque. Ele representa alguém altamente dotado artisticamente e, portanto, simboliza o vosso eu artístico, como poderíeis tê-lo idealizado quando conhecíeis esse jovem. Quando tenta vestir roupa de trabalho vulgar, porém, algo acontece: os calções transformam-se repetidamente numa toalha turca, e quanto mais ele tenta vestir as calças mais elas mudam, até que não resta dúvida de que os calções simplesmente não servem.

A toalha turca representa a natureza privada do eu — indumentária privada que se pode usar no banho, de carácter íntimo, que entra em contacto com o corpo não tanto para o esconder como para o secar, dar prazer, etc. Quanto mais tentais, portanto, forçar a vossa natureza artística a entrar no sistema de crenças público — ensiná-la, por exemplo, a consertar carros com empenho — ou a aplicá-la ao mundo mecânico, mais ela resiste, recusa a indumentária adequada ou transforma-a em indumentária privada — isto é, afirma o seu eu privado.

(Longa pausa.) Quanto mais tentais viver “uma vida de serviço” ou concentrar-vos sobretudo em prestar tal serviço, mais o vosso eu artístico exhibe a sua natureza privada.

Ora, esse material estava no vosso sonho, parte da sua mensagem. Mostrastes o sonho ao Ruburt depois de o dactilografar. O simples facto de o terdes recordado, naturalmente, significava que estáveis disposto a tomar consciência da sua mensagem. Os significados começaram a chegar ao Ruburt, e o próprio sonho despertou as vossas associações em vigília, de modo que ambos discutistes esses tempos e os primeiros tempos do vosso casamento.

(Longa pausa.) O Ruburt estabeleceu certas correlações. Pensou, por exemplo, nos seus próprios pijamas que agora veste em vez das jeans que usava antes, e pareceu-lhe que, em todos os seus esforços, também de certo modo tinha agido como o vosso amigo, cujas jeans se transformavam em toalha turca: tentara proteger uma forma importante de se relacionar com o mundo, ou proteger um modo de vida.

Parte disto tem a ver com a natureza complicada da criatividade em si e com as contradições que parecem existir a certos níveis. O vosso tipo de

criatividade sempre foi em conjunto e, ao mesmo tempo, de natureza privada — tanto que nem gostais de trabalhar em divisões muito próximas uma da outra. Frequentemente pensastes em viver em ambientes mais isolados. O Ruburt ficou por vezes fascinado com a ideia de trabalhar à noite, como forma de garantir tal isolamento. Começastes a acumular algumas ideias de carácter diferente, questionando mais as vossas responsabilidades para com o mundo enquanto adultos, interrogando-vos sobre o quão “útil” a arte deveria ser no mundo.

O Ruburt começou a interrogar-se sobre a televisão e afins para efeitos de publicidade. Perguntava-se se não teria a responsabilidade, novamente, de difundir a mensagem psíquica para o exterior. Havia aí muitas pressões diferentes. Em anos posteriores, à medida que os livros se iam concluindo, a questão da publicidade surgia de novo, mas o seu sucesso relativo fazia com que os assuntos se mantivessem em suspenso, por assim dizer. A vossa conversa lembrou-lhe como ele costumava ser (pausa), e também lhe trouxe à mente as aparentes contradições da criatividade, na medida em que é privada, mas geralmente acaba como algum tipo de expressão pública.

(Longa pausa.) Mantivestes o vosso próprio estúdio separado, por exemplo, das áreas de convívio da casa. Toda a natureza da vossa criatividade independente e conjunta implicava um retiro do mundo de que ambos gostáveis, seguido, no caso dos livros, de uma expressão no mundo — em que, no entanto, os livros apareciam em vosso lugar: um modo de vida que envolvia publicidade habitual — palestras e afins — parecia ameaçar esse tipo de existência para o Ruburt, no qual ele receava que a expressão em si fosse desviada, simplificada, de tal modo que a mensagem que finalmente chegasse já não fosse de todo a mesma que a original. E, ainda assim, por causa de mal-entendidos e velhas crenças, ele continuava a sentir uma responsabilidade de agir de outro modo, uma pressão social para o fazer. *(Tudo isto intensamente.)*

Os sintomas tornaram-se o sinal de relutância. Ajudaram a tomar o lugar da cabana isolada na montanha, talvez. Em grande medida foram largamente o resultado de uma falta de compreensão de si mesmo, provocada pelas suas antigas crenças religiosas de responsabilidade, depois aplicadas à sua própria criatividade. Assim, o vosso sonho desencadeou a conversa que, por sua vez, desencadeou estas posteriores realizações emocionais por parte do Ruburt — realizações que deverão contribuir

bastante para remover tais sentimentos de responsabilidade e, consequentemente, aliviar a situação consideravelmente.

(Longa pausa.) Até certo ponto, por vezes cada um de vós sonha sonhos que podem ser usados pelo outro, e este é um caso desses. O Ruburt sentiu que uma carreira pública ameaçava a sua própria forma, e até certo ponto também a vossa característica, natural e absolutamente necessária maneira de se relacionar com o mundo.

(Longa pausa.) Fim da sessão, salvo para vos recordar que a mensagem do sonho também reflete material que vos tenho dado acerca da criatividade e da ênfase no prazer em vez da responsabilidade. Pintaís porque isso vos dá prazer, inicialmente. Tendes as sessões em conjunto e fazeis as notas principalmente porque esses empreendimentos vos trazem prazer. Exercitam a vossa curiosidade, criatividade e sentido de exploração.

Quando trabalhais em excesso a ideia de responsabilidade ou de serviço ao mundo — erodís esse prazer. No conjunto, uma excelente sessão, sem dúvida.

(“Posso fazer uma pergunta?” fiz o pedido embora visse que a Jane estava pronta para encerrar a noite.)

Podes.

(“Não tens de tratar disso agora, mas vais falar da questão do correio e da ideia de responsabilidade?”)

Certamente. Em termos gerais, concordo, porém, que as nossas sessões idealmente não devem estar ligadas à utilidade como consideração principal, mas devem estar libertas de tais considerações, pelo menos em termos gerais, para que o seu pleno potencial possa ser expresso. Um potencial que pertence a toda a arte, seja qual for a sua natureza, pois é ousada o suficiente, livre o suficiente para voar à frente das necessidades do homem em qualquer época e criar uma nova atmosfera que transforma a própria natureza do ser. *(Pausa.)*

Se quiseses o material sobre o correio agora, então dá-me um breve momento.

(“Está bem.”)

Descansa a tua mão.

(A Jane fez uma pausa, acendeu um cigarro. Ainda chovia. A tarde estava bastante escura e sombria, a vizinhança muito silenciosa.)

O correio representa a voz do mundo, as necessidades do seu povo. Representa também os simples agradecimentos dos leitores. O Ruburt sentiu, de facto, uma forte responsabilidade relativamente à situação de alguns correspondentes — novamente porque não tinha certeza de quais os fins a que as suas capacidades psíquicas deviam ser aplicadas.

Se essas capacidades se inclinassem noutras direções, ele teria sentido fortes impulsos para realizar sessões em nome de outros, e já há muito teria seguido esse caminho; portanto, aqui também existem mal-entendidos.

A nossa arte pode ajudar a alterar a visão que as pessoas têm de si próprias, a mudar as condições mentais e a atmosfera psíquica dos nossos leitores. Nesse sentido, ativam, digamos, todo o mecanismo de defesa do corpo, e isso é muito mais provável de acontecer do que seria se nos dirigíssemos a cada sintoma isolado ou problema individual.

Posso de facto ditar-vos uma nova carta (*como a Jane disse recentemente*), para tornar clara a nossa posição, mas a principal posição do Ruburt não é de serviço: tem de ser de prazer e criatividade. Prazer e criatividade alteram o mundo para melhor automática e espontaneamente, sem métodos e até sem esforço. Fim desse material por agora, e desejo-vos uma afetuosa boa tarde.

(“Obrigado, e o mesmo para ti.”)

(“Isso foi muito bom”, disse eu à Jane quando ela saiu do transe.

“Mal posso esperar por rever, porque parece conter coisas que te vão ser úteis.”)

(“E quanto a ti?”, perguntou ela.)

(“O mesmo”, disse eu. “Tudo basicamente tem a ver com esta ideia de responsabilidade. Se te conseguires livrar dela, poderás ficar completamente livre. Se dependesse de mim, eu atirava a ideia de responsabilidade pela encosta abaixo e para o rio.”)

(“Sim, e então talvez eu não respondesse a nenhuma carta.”)

(“Estarias livre para fazeres o que quisesses”, disse eu. “A ideia é que estarias livre para fazeres o que te apetecesse. Podias responder, ou responder a parte, conforme quisesses.... Não seria incrível se um sonho aparentemente inócuo como esse marcasse o ponto de viragem nesta questão?”) De facto.

(“Talvez. Comecei a receber coisas sobre isso logo de manhã.”)

(Acrescentei que pensava que já estava a fazer, pelo menos em parte, o que o Seth defendia na sessão — deitar fora qualquer sentido de

responsabilidade ou recompensa financeira em relação à pintura, pelo menos por agora. Confiava que tudo o que pudesse resultar da pintura seria benéfico de várias maneiras, possivelmente incluindo a financeira, se fosse necessário. Expliquei à Jane que tinha chegado ao ponto, no último ano, em que simplesmente não podia deixar nada interferir com o ato de pintar em si, e que achava que ela precisava muito de uma atitude semelhante em relação ao seu próprio trabalho. Poderia ter dito [em retrospectiva] que a minha atitude derivava, em grande medida, de a ver lutar com os seus próprios bloqueios. Não que pensasse que não chegaria a isso por mim mesmo, de qualquer maneira.)

(“Sacrificaria cada centimo que temos se isso nos libertasse”, disse eu, “porque assim estaríamos ambos livres. Sacrificaria esta casa e viveria novamente num apartamento barato na Water Street, se isso ajudasse, e apenas com o dinheiro de royalties para viver.” No outro dia tinha-lhe dito que tínhamos dinheiro suficiente para viver pelo menos cinco anos ou mais sem ganhar nada, e repeti-o agora. “O curioso é que, se fôssemos assim livres e, ainda assim, comprometidos, não precisaríamos preocupar-nos com dinheiro porque automaticamente faríamos as coisas certas que nos trariam mais sempre que precisássemos, simplesmente fazendo as coisas que amamos fazer....”)

O SONHO DO ROB

26 DE JULHO DE 1981

A cores, como de costume: outro sonho de regresso a Sayre. A Jane não estava envolvida. O sonho foi bastante longo e complexo, mas aqui só posso descrever uma pequena parte. Eu era o proprietário de um posto de gasolina na Keystone Avenue, perto da zona da pista de patinagem, e do outro lado da estrada em relação ao Acme Market. Parecia ser mais alto e mais magro do que sou nesta vida. Não só possuía a estação que reparava carros, como fazia o trabalho eu próprio; a minha roupa estava gasta e engordurada. Era verão e usava calções — jeans de ganga azul cortadas.

Agora, um velho amigo meu dos tempos do Pratt veio trabalhar comigo ou visitar-me. Creio que a primeira hipótese. O seu nome é Ralph Ramstad, e não temos notícias dele de nenhuma forma há muitos anos. Frequentei o Pratt com ele, e a Jane encontrou-o a ele e à esposa uma vez depois de nos termos casado e de ainda vivermos na área metropolitana de

Nova Iorque. No sonho, o Ralph, que é bastante alto (1,93 m), magro e rijo, precisava de uns calções para trabalhar. Não tinha nenhuns, e eu ofereci-lhe um par dos meus, dizendo que achava que serviriam. Mas quando os puxou pela cintura acima, a ganga azul transformava-se repetidamente num tecido de toalha turca azul, que ele tentava prender com alfinetes para que o cobrisse e não caísse. Continuava a tentar transformar aquilo em algo útil, e quanto mais tentava mais óbvio se tornava que estava a tentar enrolar-se numa toalha turca azul e branca em vez de calções. Ele não parecia incomodado e não era tão velho no sonho como seria agora; ainda loiro.

(Nota: o Ralph tinha um “joelho maroto”, também.)

SESSÃO APAGADA

27 DE JULHO DE 1981

(Veja-se o relato da Jane sobre o seu sonho desta manhã, anexo a esta sessão. Ela acha que é muito importante, e o Seth comenta sobre ele no fecho da sessão.

(Às 20h20 a Jane telefonou e perguntou se devia fazer uma sessão — não conseguia decidir-se. Eu disse que queria mais material sobre responsabilidade, que queria que o Seth a discutisse de forma a ajudá-la a libertar-se. “Portanto devo ter a sessão porque é minha responsabilidade fazê-la”, disse ela. “Não”, respondi, “mas seria bom tê-la para aprenderes que a tua única responsabilidade é livrar-te da ideia de responsabilidade. É só isso que me importa.”

(Ainda estou a dactilografar a sessão de ontem à tarde. As coisas andaram agitadas cá em casa hoje, interferindo com a minha pintura: o Frank Longwell e o irmão começaram hoje a trabalhar na varanda da frente, que vai ser envidraçada para que a Jane tenha mais espaço. [Entretanto, ela mudou-se para a sala de escrita nos fundos da casa.]

(A Jane tem-se sentido um pouco melhor nos últimos dois dias, e tenho esperado que o que estamos a aprender seja “responsável” por essa melhoria. Disse-lhe, enquanto esperávamos pela sessão, que era totalmente a favor de mais material sobre a questão da responsabilidade, pois vejo-a como a chave para a libertar. Disse também que a sua decisão, tomada recentemente, de desistir de fazer publicidade poderia estar a ajudá-la a sentir-se melhor.)

(“Acho que estou confusa”, disse a Jane às 20h55. “Sinto-me responsável por obter mais sobre responsabilidade, acho eu, quando esta tarde pensei que gostaria que ele terminasse aquele capítulo do seu livro e começasse outro. Depois tu disseste que gostarias de mais sobre responsabilidade, então....” Expliquei-lhe que a minha ideia era apenas obter mais material sobre o que o Seth começara ontem, mas que isso não significava que não pudesse fazer material sobre outras coisas também.)

(Às 21h eu estava a pensar dizer à Jane para esquecer a sessão quando ela comentou: “Quase o sinto por perto.” Não creio que alguma vez tenhamos “abandonado” uma sessão depois de nos sentarmos para ela, mas eu estava disposto a fazê-lo se fosse preciso. Então:)

Ora bem: comentários.

De um modo geral, grandes segmentos da vossa sociedade oficial não encaram a busca da arte como um comportamento responsável.

(Pausa.) Durante muitos anos ambos prosseguistes as vossas artes apesar de viverdes no meio de tais crenças culturais. A busca da arte era considerada egotista, no sentido negativo da palavra — egoísta, infantil ou adolescente — e, de facto, muitos psicólogos do passado recente consideravam-na à luz de uma adolescência prolongada, ou viam-na como um sinal de recusa, por parte dos indivíduos, em aceitar plenamente um papel adulto na vida. *(Longa pausa.)*

(Numa sociedade industrializada, as pessoas eram treinadas para se encaixar em produções de linha de montagem. A imaginação era em si considerada suspeita. Achava-se que a criatividade não servia qualquer fim responsável na sociedade. Mais uma vez, apesar disso, ambos seguiram os vossos próprios caminhos. Fê-lo, porém, à luz desse clima psicológico, de modo que, ao mesmo tempo que seguiam as vossas vias, também reagiam ao ambiente social: tentaram mostrar aos outros que eram, de facto, responsáveis — mais, que trabalháveis (*sublinhado*), não só trabalháveis (*sublinhado*) não só tão arduamente como os outros, mas muitas vezes mais arduamente (*sublinhado*).

Em certa medida convenceram-se de que tal atividade criativa era, de facto, sob alguns aspetos, mais trabalho do que brincadeira, certamente. Na vossa própria arte trabalháveis relativamente devagar, doseáveis o vosso prazer de certo modo, chegando mesmo por vezes no passado a pensar que o vosso talento requeria (*sublinhado*) períodos de indecisão e dificuldade. Frequentemente enfatizáveis os impedimentos. Parecia quase sacrílego

pensar que a produção de arte excelente pudesse envolver diversão — ou, pior, um sentido ativo de irresponsabilidade, uma sensação jubilosa de facilidade, de tal modo que, se uma pintura surgia depressa demais, não podíeis confiar nela.

(Exatamente, receio.)

Há anos, o Ruburt apanhou essa ideia de trabalho, aplicando-a à criatividade à sua (*sublinhado*) própria maneira. Tornastes claro para os outros que, enquanto eles podiam estar livres, livres aos fins de semana ou em feriados, vós próprios continuáveis envolvidos com “trabalho” (*sublinhado*) — tudo isto para mostrar que éreis pessoas responsáveis.

No mundo do pensamento oficial, o trabalho parece de facto implicar responsabilidade. A muitos parece-lhes que, deixadas por conta própria, as pessoas não quereriam trabalhar de todo, e que os prazeres das pessoas as conduziriam a comportamentos frívolos. Na realidade, claro, o prazer das pessoas, se fosse compreendido e seguido, conduziria a um trabalho — ou vidas de trabalho — muito mais pleno e produtivo, já que os indivíduos saberiam automaticamente escolher atividades produtivas que lhes trouxessem prazer e que fossem então prosseguidas por si mesmas.

Esse sentido artístico de responsabilidade recebeu uma camada ainda mais espessa com o que parecia ser responsabilidade psíquica: pareceu ao Ruburt que ele deveria usar as suas capacidades principalmente para ajudar os outros, ou para ajudar a resolver os problemas do mundo, ou para lançar alguma luz sobre a condição humana. Certamente a atitude de alguns correspondentes entrou aí em jogo. Na verdade, no entanto, tratou-se da simples extensão de tal sentimento para o domínio psíquico, onde foi ainda mais enrijecido por muitas visões religiosas.

Ora, a arte em si funciona de modo diferente. Antes de mais, o artista, seja qual for o meio, ama a atividade por si mesma, e tudo o resto é basicamente (*sublinhado*) secundário. Tendes um amor pelo prazer, focalizado num certo tipo mágico de criatividade. (*Longa pausa.*) Esse amor e esse prazer colocam automaticamente o indivíduo em harmonia com a natureza da própria existência, pois a existência opera do mesmo modo.

Os animais cuidam das suas crias por prazer e amor naturais, não por um sentido de responsabilidade. A palavra “responsabilidade” é muitas vezes usada precisamente porque as pessoas se esqueceram de como sentir prazer natural consigo mesmas, com as suas atividades ou relações.

O Ruburt, no entanto, carregou-se com um sentimento de responsabilidade. Ao mesmo tempo, é claro, ressentia naturalmente tais ditames. Temperavam a sua própria inspiração, estreitavam a sua espontaneidade. A ideia desse tipo de responsabilidade é extremamente persuasiva, contudo, na vossa sociedade. (*Longa pausa.*) Como as mulheres eram de algum modo consideradas menos responsáveis do que os homens, mais facilmente dadas à frivolidade, o Ruburt também se esforçou ainda mais por assegurar que estava a agir de modo responsável.

Se a própria criatividade era por vezes considerada irresponsável, ou “feminina”, ou adolescente, então a atividade psíquica, ele descobriu, parecia ser tida numa luz ainda mais turva, em que as capacidades em si eram por vezes vistas não como incrementos criativos, mas como sintomas de fraqueza feminina e irresponsabilidade. Ele reconheceu isso, claro, em certa medida, e escreveu sobre o assunto.

Contudo, isso acrescentou consideravelmente à espessa camada de responsabilidade que colocou sobre os próprios ombros. Ele continua a ser mais exigente com as mulheres do que com os homens, nesse aspeto. Nessa ótica, então, novamente, manter-se algo à parte do meu material, questioná-lo por princípio, tornou-se um sinal de responsabilidade. Mostrava que ele não era uma fêmea frívola, a seguir de forma fantasiosa cada imagem de transe imaginativo ao acaso.

Ao mesmo tempo, reconhecia a excelência da nossa criatividade conjunta. Quando sobrestimas a ideia de responsabilidade, o prazer, em grande parte, sai pela janela, por isso ele está agora a aprender a redefinir o termo “prazer” e a experimentá-lo nas suas muitas formas. Está a aprender a identificar-se com os seus prazeres — um ponto altamente importante — que, compreendido, pode libertar gatilhos de energia curativa e de impulso criativo.

O próprio corpo é concebido para o prazer. O cumprimento de valor procura o prazer. Toda a ideia de livre-arbítrio envolve a tomada de decisões entre várias gradações de comportamento prazeroso. O cumprimento de valor, mesmo nos animais, insiste num gozo qualitativo da existência da vida — um que fomenta automaticamente uma cooperação amorosa com o resto da natureza, à medida que o indivíduo segue impulsos em direção a vários tipos de prazeres. Mas a palavra prazer tem frequentemente uma conotação negativa para a moral oficial. (*Longa*

pausa.) Se seguís a busca do prazer desta maneira criativa, começareis então automaticamente a descartar conceitos falhos de responsabilidade.

(Longa pausa.) O prazer implica também o jogo, claro, e a arte envolve uma espécie de jogo livre elevado — uma extensão desse jogo que não pode ser atada a necessidades pessoais ou de massa. Um jogo elevado dessa natureza abre portas de excelência que a responsabilidade, só por si, nunca pode tocar, e resulta numa ajuda muito mais valiosa para o mundo, como subproduto natural, do que qualquer comportamento auto-determinado consegue.

Portanto, são estas as ideias que queremos enfatizar, tanto em termos corporais como em termos psíquicos e criativos, e o Ruburt está a começar a compreender parte disso agora. A ideia de jogo criativo — e, nesses termos, de uma certa espécie de abandono — deve ser encorajada; o tipo de abandono que uma criança sente quando joga, no qual se identifica com a atividade prazerosa. Assim, junta-se aos próprios processos inconscientes, e esses processos estão ligados mais intimamente à própria fonte do seu ser.

A interpretação do Ruburt do vosso sonho é boa, e o seu próprio sonho (*anexo*) é altamente significativo. De acordo com a sua própria interpretação, afirma claramente um novo estado de espírito e subseqüentes ajustamentos terapêuticos.

Fim da sessão e uma afetuosa boa noite.

(Obrigado.

(“Recebi algo mesmo no fim da sessão que ele não disse”, contou-me a Jane. “Não sei se estava certo ou não — envolvia-te a ti. Não sei se vais concordar: podes verificar com o pêndulo. A ideia era que o problema que te causaste nas costelas estava ligado aos tipos que vieram trabalhar aqui, para te dar uma desculpa para fazeres a tua cena e ficares isolado, para que eles não te pedissem ajuda nem te esforçasses fisicamente, porque já estavas magoado. Apanhei isso mesmo no final. Não sei porque é que ele não disse isso. Esperei para ver se ele o ia dar e, como não deu, dei eu.”)

(Disse à Jane que, no outro dia, o pêndulo me tinha dito que magoei a costela como auto-punição por causa do meu ressentimento em relação à visita do Tom D’Orio e amigos. Seja como for — ambos os casos envolveriam tempo e interrupções, uma ameaça ao que vejo como o meu rumo principal na vida nestes dias, a pintura. E essa ameaça seria a causa principal da minha auto-lesão: culpa por me sentir assim. A minha própria incursão com o uso do pêndulo tinha sido muito breve.)

(Note-se que o Seth não continuou com o seu material sobre o correio, que começara em resposta à minha pergunta de 26 de julho. Também me esqueci de lho pedir. Nessa última sessão queria acrescentar a ideia de que talvez tenhamos de dispensar responder a grande parte do correio. Fá-lo-ei de bom grado se descobrir que isso está por detrás de alguma grande trabalhadeira que a Jane possa estar a carregar sobre responsabilidade pública. O correio teria de ir, pelo menos até ela resolver tal questão.

(Ele serve como lembrete constante daquilo que muitas pessoas encaram como sendo a responsabilidade dela e pode ser mais um impedimento ou irritante do que eu suspeitava, disse-lhe no outro dia. As pessoas leem os livros, tiram algo deles — e depois querem ajuda pessoal que a Jane não pode dar de forma significativa e prolongada. Ela tem sido muito rigorosa a responder ao correio há vários anos, e o meu pensamento, pelo menos neste momento, é que ele — o correio — pode ser mais uma bomba-relógio do que tínhamos percebido, nesse aspeto.)

(Quero acrescentar que achei a sessão excelente como de costume, mas também achei parte do material triste e deprimente: parecia que tínhamos muitos anos desperdiçados envolvidos em pensamento negativo, e que agora estávamos a lutar para sair dele ou livrar-nos dele. No momento, não conseguia decidir se toda a gente tem complicações dessas na vida, ou se a Jane e eu conseguimos criar conjuntos de crenças que eram de facto “brutas” e invulgares. Tinha receio de que as nossas crenças governassem completamente as nossas vidas, fossem tão invasivas, que nunca conseguíssemos sair dos seus labirintos. Como perguntei ao Paul O’Neill no mês passado: “Como é que se é objetivo acerca de algo quando se está dentro disso?”)

O SONHO DA JANE

27 DE JULHO DE 1981

Na noite passada lembrei-me do seguinte sonho, que é muito simples mas, creio, importante. Penso que estávamos numa viagem a Inglaterra. De qualquer modo, um grupo de nós ia receber um comprimido ou algo do género que era na verdade uma vacina contra alguma doença — talvez a pólio. Eu estava a falar com um médico sobre isto; não tenho a certeza se as pessoas estavam sequer a ser informadas do que era, a ideia sendo administrar a coisa de forma o mais inócua possível. Recusei de forma inequívoca tomá-la e apresentei as minhas objeções, ao mesmo tempo que contestava o secretismo em que o projeto estava envolto. O médico disse que estava bem — eu não teria de a tomar, claro.

De manhã o sonho lembrou-me instantaneamente de um sonho quase completamente diferente e oposto, um pesadelo que tive precisamente por altura em que os meus problemas de visão e outras dificuldades começaram a sério: foi na primavera, quando eu estava a trabalhar no James. O Frank estava então a fazer obras nas varandas, também, e eu estava preocupada com o pessoal da Gallery of Silence a chatear o Prentice e a mim.

No pesadelo, um médico disse que eu teria de levar uma certa injeção ou vacina como medicina preventiva, embora lamentasse ter de o fazer. Eu estava aterrorizada e fugi, embora ele dissesse que era para meu bem. Apanharam-me e deram-me a injeção, mencionando algo sobre efeitos posteriores. No sonho da noite passada eu não estava assustada, limitei-me a recusar e a apresentar as razões. (Penso que a ideia era que os sintomas aumentados eram “medicina preventiva” contra um evento ou condição mais temidos...)

Esta manhã o irmão do Frank começou a trabalhar na nova construção — a fechar a varanda (o oposto também, de certo modo, do que foi antes). Senti-me um pouco melhor no geral esta manhã... mentalmente mais ambiciosa ou algo assim e mudei-me para o estúdio do pátio traseiro.

SESSÃO 933 (TRECHO APAGADO)

7 DE AGOSTO DE 1981

(O material do Seth seguinte é da 933.ª sessão.

(Estas notas para este trecho apagado foram iniciadas em 30 de julho de 1981.

(Dois acontecimentos ocorreram hoje [quinta-feira, 30 de julho] que a Jane geriu muito bem. Ambos envolveram comunicação com o público — um sentido de responsabilidade — que agora sabemos ser uma fonte de tensão constante para ela. Mas, quando terminaram, disse-lhe que tinha respondido bem a ambos, e ela pareceu satisfeita por ter tomado ações positivas em relação a eles por telefone.

(Um dos acontecimentos dizia respeito ao telegrama do advogado Thomas Bernier, de Roseburg, Oregon. Chegou no fim da manhã. Quando a Jane lhe telefonou, o advogado disse à Jane que o seu cliente era um esquizofrénico de 27 anos que confessara ter morto uma certa mulher que conhecera numa aula do Seth que ambos frequentaram há alguns anos. Ele tinha confessado a morte dela várias vezes, mas ninguém acreditara — até à última vez, ao que parece. Agora estava a ser julgado. A Jane não pediu detalhes do caso, mas explicou ao advogado algo das ideias do Seth para que o advogado pudesse usar esse material na defesa, deixando claro que, acima de tudo, o Seth não é a favor da violência, embora o procurador do Ministério Público, ao que parecia, estivesse a tentar fazer o réu soar como se fosse aceitável matar porque a reencarnação é um facto: uma vez que todos vivemos outras vidas, ninguém poderia realmente matar ninguém. Enviei ao Bernier uma lista de livros. Curiosamente, na pequena cidade de Roseburg ele conseguiu comprar James and Cézanne e ESP Power, mas nenhum outro livro do Seth.

(O outro acontecimento dizia respeito a um médium em Hollywood, Califórnia, que afirma falar pelo Seth, e que deu um seminário bem publicitado num Holiday Inn de lá. Tem feito tal fala em transe desde o início da década de 1970. A literatura que um admirador nos enviou na semana passada fazia parecer que o médium afirmava falar pelo Seth da Jane. Hoje chegou mais material do mesmo admirador — e as citações dadas pareciam material imitativo do Seth, ao ponto de se chamar a si mesmo uma “essência-de-energia”, e por aí fora.

(A Jane ficou zangada com esse material [o segundo lote; eu já tinha enviado ao Tam a primeira comunicação, pedindo a sua ajuda], e decidi

telefonar ao médium, Thomas Massari, já que constava um número. Ela pensou que eu não queria que telefonasse, mas eu disse-lhe para fazer o que bem entendesse. A Jane falou com a Carole, esposa do médium, que trabalha com ele, e afirmou claramente que não queria outros a afirmar que falavam pelo Seth dela — que, aliás, nos dissera anos atrás que não falava por mais ninguém além da Jane. [Seria interessante obter material de quem tu sabes sobre toda esta questão de outros alegarem falar pelo Seth.] Na chamada não houve gritos nem zanga. Eu estava preocupado que a Jane se envolvesse numa situação desagradável que teria repercussões via sintomas — a ideia de publicidade, de exposição pública, que ela não quer — precisamente quando estávamos a tentar aprender mais sobre o assunto conforme ela reagia a ele.

(Aconteceu que a esposa afirmou que o marido não estava a tentar capitalizar o Seth, que ambos respeitavam muito o material do Seth e que, como suspeitávamos, ele escrevera à Jane há vários anos a contar-lhe sobre o “Seth” dele. A Jane disse-lhe então que ele não estava a falar pelo Seth dela. A Jane disse à Carole que não havia problema em usar o nome Seth desde que não se fizessem alegações de que os dois Seths eram um e o mesmo, especialmente o Seth que estava a produzir os livros do Seth. A Jane ficou sossegada por não estarem a ser feitas tais alegações.

(A Jane desligou aparentemente satisfeita, mas eu ainda me interrogo. Concordámos que deve haver, pelo menos, batota inconsciente por parte do médium, caso contrário por que manter o nome Seth todos estes anos e falar de forma tão habilidosa em imitação do Seth, que granjeou pelo menos algum tipo de reputação, tornando assim o caminho mais fácil para qualquer outro “Seth”? Ver o material anexo. A Jane planeia telefonar ao Tam amanhã para lhe dizer o que soube e pedir-lhe que devolva o primeiro material referente aos Massari. [Ela também telefonou hoje ao Tam antes de contactar o advogado e a esposa do médium.]

(Às vezes eu sou lento, e outras vezes ainda mais lento. Discuti estas notas com a Jane quando as escrevi — quinta-feira, 30 de julho — e as nossas atitudes individuais quanto ao correio em geral, que está a aumentar constantemente de volume. Então ocorreu-me: os dois acontecimentos aqui descritos falam certamente bem de algum tipo de realização por parte da Jane — e uma maior do que qualquer a que ela tivesse dado crédito a si mesma. Porque ambos os acontecimentos envolviam obviamente efeitos que o trabalho dela estava a ter naquele

mundo exterior de que nós nos afastávamos: o Seth, ao que parecia, chegara mesmo a entrar num tribunal, o próprio tecido da nossa sociedade; e, independentemente de ser elogiado ou criticado, as suas ideias eram discutidas “oficialmente”. E o médium, Thomas Massari, estava basicamente a difundir as ideias do Seth entre os chamados líderes de pelo menos segmentos da nossa sociedade: médicos, psicoterapeutas e outros na área médica. Mesmo que, como nos parecia provável, nem tudo fosse estritamente honesto por parte do médium.

(7 de agosto de 1981. Na noite passada a Jane deparou-se com um pequeno dilema: sentiu o Seth por perto depois do jantar, mas também teve a ideia de irmos para a cama às 20h30 e levantar às 4h para “trabalhar”. Eu concordei. Começámos com as melhores intenções, mas acabámos desviados, pois a Jane estava tão inquieta que não conseguia dormir de todo. Levantei-a às 23h, preparei-lhe algo para comer e beber, deixei-a instalada na sala de escrita e voltei para a cama. Ela voltou a rolar-se até ao quarto por volta das 4h e foi para a cama com a minha ajuda. Levantei-me às 7h para pintar e ela dormiu até às 10h30. Contudo, ela apreciou as suas horas noturnas sozinha.

(Depois, pouco antes da sessão desta noite, mencionei à Jane a minha pergunta sobre a reação do Eu Pecador aos nossos esforços mais recentes. Ainda não vimos o tipo de resposta física que queremos, e eu queria saber se os nossos esforços estavam a levar o Eu Pecador a intensificar o seu próprio comportamento protetor para manter a Jane “sob controlo”. Expliquei à Jane que a minha própria ideia de por que razão as afirmações do Seth ao longo dos anos, de que ela estava a caminho da recuperação, eram sempre negadas, era que essas mesmas afirmações alertavam o Eu Pecador para redobrar esforços de modo a impedir a recuperação da Jane por causa dos seus próprios medos. Acrescentei que, quando eu usava o termo Eu Pecador, me referia apenas a certos blocos de ideias que personificámos por conveniência.

(A ideia da Jane esta noite era fazer uma sessão de material para o livro, por isso pedi-lhe também umas palavras sobre a minha pergunta. Ela disse que não queria mais material privado que a fizesse “sentir-se mais estúpida”. Eu tinha mencionado um pouco antes uma ideia de livro que ela poderia desenvolver sobre o Seth e a abordagem mágica [ela tem a ideia da abordagem mágica há algum tempo], e ela queria material sobre isso.

Ver as minhas notas sobre a ideia do livro que antecede a parte regular desta sessão.)

Os vossos comentários anteriores sobre o Eu Pecador da Jane são pertinentes. *(Longa pausa.)* Recordai, mais uma vez, que a designação Eu Pecador é um método de identificar certas atitudes. Essas atitudes estão, de facto, a mudar.

No caso do nosso livro (*Sonhos*), porém, o Ruburt em si estava preocupado com a vossa atitude. As preocupações gerais dele, claro, bloquearam até certo ponto os seus processos criativos, o que o alarmou ainda mais. A questão principal aqui é novamente esse sentimento de responsabilidade, de modo que ele escreve, ou o que for, porque ama fazê-lo, não porque deva ou tenha de o fazer — e isso abrange os meus livros assim como os dele. Ele fica excessivamente sério, sobrestimando o quadro inteiro, como vós podeis por vezes, de tal modo que o assunto parece sem esperança: as provas diante dos vossos olhos e por aí fora.

Esse tipo de projeção prolonga esse tipo de situação. Vós fazeis aquilo em que vos concentrais. Eu procuro desfazer blocos da vossa concentração e, em várias ocasiões, de facto consegui, de modo que mudanças criativas se mostram em todas as áreas, incluindo a condição do Ruburt.

Até agora, porém, os velhos hábitos regressaram, e, apesar das vossas boas intenções conjuntas, a ideia de levar as coisas a um ponto de crise é ainda muito menos benéfica do que pode parecer. Isto não significa que tal método não possa funcionar por vezes. Significa, sim, que no geral é um método difícil e, na máxima honestidade e clareza nesse sentido, só vos posso dizer o que já disse antes: independentemente de quão mal fundamentado possa parecer em certas ocasiões, que, falando basicamente, a situação diminui à medida que a ides reduzindo na vossa mente, lhe ides retirando significado na vossa mente, dizeis coisas como “Bem, afinal, ainda não está assim tão mau”, ou de outros modos desviais a vossa atenção.

A questão principal é, claro, não projetar negativamente no futuro, pois aí estais a pedir problemas emprestados. Com condições físicas já evidentes no presente, podeis ao menos perceber que, embora estas vos apresentem certas evidências, as evidências de facto mudarão — e podem mudar, e estão a mudar no minuto em que percebeis que as evidências, embora presentes, não são inevitavelmente todas as evidências disponíveis.

O corpo está, em cada e em todos os estágios, também repleto de saúde e vitalidade. Essas regras não mudam. O Ruburt está seguro e protegido. Essas garantias são aqui e agora altamente importantes.

Fim da sessão, fim da palestra (*efusivamente*) e uma afetuosa boa noite.

(“Obrigado, Seth.”)

(A Jane portou-se bem esta noite, disse-lhe eu. O material do Seth acima é certamente excelente — a versão mais recente do que ele nos vem dizendo há anos. Eu, por mim, tentarei assegurar-me de que “as coisas ainda não estão assim tão más”. O que se perde? Pois pouco mais parece funcionar.

(Para que alguns hipotéticos leitores deste material no futuro não considerem a Jane e a mim como idiotas incapazes de aprender, gostaria de registrar, em nossa defesa, que fizemos muitos esforços para pôr a situação dos sintomas fora da mente, tanto quanto somos capazes, e ainda assim ela não nos larga.

(A minha ideia quanto a adiar o mais recente livro do Seth, Sonhos, não é a de que forçará qualquer solução, mas apenas, espero, evitar que as coisas piorem. Como perguntei à Jane no outro dia quando ela falou em retomar esse projeto: “Consegues aguentar mais complicações?” Quis dizer, claro, que, depois de 17 livros, estamos na situação presente, por isso custa-me entender como é que fazer outro livro irá, de repente e magicamente, inverter algo para nós enquanto continuarmos no mesmo velho rumo.

(O meu pensamento, claro, é que cerrar os dentes e avançar de rompante com o novo livro, em desafio a grandes porções da personalidade, pode ter repercussões desagradáveis. Ainda estou chocado ao perceber que, enquanto eu me afadigava em Manifestações em Massa e a Jane fazia O Deus da Jane, esses dois livros suscitaram ainda mais resistência por parte desse personificado Eu Pecador e que, quando ficaram prontos, fomos então confrontados com uma nova barragem de sintomas que acabou por restringir [e proteger?] ainda mais a manipulabilidade física da Jane. Sem falar do que aconteceu aos impulsos criativos espontâneos dela. Um modo estranho, de facto, de alcançar o objetivo, um estranho acordo. Ainda assim, tento aceitar a Jane como ela é e a mim próprio também.)

SESSÃO 934 (TRECHO APAGADO)

10 DE AGOSTO

(O material seguinte é da 934.ª sessão.

(Longa pausa às 21h23.)

Já o disse antes: a melhor forma de resolver um problema é concentrar-se vigorosamente em várias soluções — e depois virar a mente para outros assuntos, distrair-se enquanto se permite alguma liberdade ao poder criativo. Uma intenção excessiva, prolongada, não é benéfica.

(Longa pausa.) Toda a ideia da abordagem mágica é, por si só, sustentadora.

(Longa pausa.) Deve recordar-vos a verdadeira ausência de esforço que, de certo modo, é responsável pela vossa própria existência. Quando vos tornais excessivamente preocupados ou ansiosos em qualquer área, lembrai-vos de que estais a pensar esses pensamentos enquanto o processo de pensar é absolutamente sem esforço. Essa percepção, só por si, pode ainda recordar-vos que a mente consciente não tem de ter toda (sublinhado) a informação requerida. Precisa apenas de ter a fé de que existem meios disponíveis — mesmo que esses meios estejam para além do seu próprio âmbito de atividade.

O projeto do Ruburt e este livro (*Dreams*) servem-lhe o mesmo propósito que a pintura vos serve a vós e, nessa ótica, tal atividade só o pode beneficiar. As atitudes dele face a tais atividades podem, de facto, ser outra coisa, mas ele está a resolvê-las — e precisa de algum tempo para o fazer.

A percepção de que ele não precisa de ser uma figura pública, por exemplo, está a enraizar-se, por isso mantende esta informação à mão. Fim da sessão. Uma afetuosa boa noite e esperai que o novo material sobre sonhos, no meu livro, venha ampliar e iluminar ainda mais a vossa própria atividade onírica. Uma afetuosa boa noite.

(Nota: Na tarde seguinte a Jane deu uma entrevista telefónica a um membro da redação da revista Frontiers of Science...)

SESSÃO APAGADA

9 DE NOVEMBRO DE 1981

(Por volta das 20h a Jane disse que gostaria de tentar fazer uma sessão esta noite — se privada ou regular, não sabia. Não sentia o Seth por perto, mas ultimamente queria retomar as sessões. Tem relido várias delas ultimamente.

(Sentámo-nos para a sessão às 20h30. A Jane estava simultaneamente nervosa e impaciente com a perspectiva da sua primeira sessão desde 13 de agosto de 1981. Por fim:)

Boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

Agora: a sessão será breve.

O Ruburt está ainda a lidar com material derivado, que se seguiu ou resultou dos dados do seu *Eu Pecador*, e esse material segue em geral linhas de desenvolvimento que são bastante óbvias nos poemas e notas que se seguiram desde então. Ele sabe a que me refiro. Algumas pequenas porções ainda não estão dactilografadas e deviam estar, pois a simples dactilografia desse material atuará como impulso. Todo o material do *Eu Pecador* deve ser revisto. Ele, de facto, ficou com medo da própria fé.

(Longa pausa.) Ele está presentemente a encontrar esse tipo de sentimento, a descobrir as suas razões e a tentar recapturar, de certo modo, o sentido de fé do eu muito jovem e inocente. Essa fé existia mesmo antes de a doutrina eclesiástica ser imposta sobre ela. Ele está a tentar descobrir a sua própria fé natural. Essa tentativa, claro, coloca-o em conflito com quaisquer dúvidas que ainda lhe estejam no caminho.

O corpo, repito, possui tal fé natural, e ela nada tem que ver com métodos esotéricos e por aí fora — mas lida novamente com uma espécie de conhecimento biológico evidente por si. Há uma carga mais emocional ligada a essas questões. Daí os temporários sentimentos de pânico, por exemplo. Estes devem ser discutidos.

Terei também mais material pertinente para acrescentar à categoria geral da situação do Ruburt, mas estou a fazer a sessão desta noite simplesmente para lhe dar um sentido de direcção imediata e, no caso dele, para “quebrar o gelo”, por assim dizer. Isto é: ele deve dactilografar aquele pequeno bocado de material e reler o documento do *Eu Pecador*.

(Longa pausa.) Eu sei como acelerar o impulso da psique. Dar-lhe um empurrão suave na direcção adequada, inserir uma dica de tranquilização, e

com esta sessão esse é o meu intento. (*Pausa.*) O material do *Eu Pecador* serve neste momento como uma pequena fonte psíquica: isto é, ele ainda reage a ele. E o mesmo material pode surgir de diferentes pontos de vista. Há vários versos de um poema e algumas das notas, não dactilografados, que também devem ser dactilografados ao mesmo tempo — mas ele está a reunir tais questões.

Terei também comentários acerca das vossas próprias reações (a mim), e sugiro — mas apenas sugiro — que, novamente, as vossas habituais duas sessões por semana sejam realizadas, como enquadramento para os esforços terapêuticos.

Transmiti-lhe também brevemente uma mensagem: atende ao que está diante de ti, pois está aí por uma razão. Na vida de cada pessoa, e na vossa, em cada ponto da vossa existência, as soluções para os vossos problemas, ou os meios de alcançar essas soluções, estão sempre tão evidentes — ou, melhor, tão presentes — nos vossos dias quanto qualquer problema em si. O que quero dizer é bastante simples: as soluções já existem nas vossas vidas. Pode ser que ainda não as tenhais articulado, ou organizado nos modos necessários. As soluções, no caso do Ruburt, residem em todas aquelas áreas com que normalmente vos preocupais — o correio, as sessões, as capacidades psíquicas. Quando atendeis ao que está aí com a atitude mental mágica adequada, então podem ocorrer as reorganizações alteradas.

(*Longa pausa.*) Uma crença num “Deus que providencia”, seja qual for o nome, é de facto um requisito psicológico para a boa saúde do corpo e da mente. O Ruburt não queria enfrentar tais questões. (*Longa pausa.*) Ele sentia que elas abriam a porta a todo o areal movediço psicológico de emocionalismo da religião organizada. O material do *Eu Pecador* está a fazer o seu trabalho, a abrir as portas necessárias de desejo e de intenção. Quando o Ruburt tiver dactilografado esses pequenos poemas mais recentes, o caminho parecer-lhe-á muito mais claro. (*Longa pausa.*) O eu inocente está a ser descoberto.

Queria apenas assinalar estes pontos, e espero por outra sessão esta semana, com a vossa aprovação conjunta. Desejo-vos então uma boa e calorosa boa noite—

(“*Posso fazer uma pergunta?*”)

Podes.

(“Dar-nos-ás os nomes de entidade do Frank Longwell e da sua esposa?”)

Quereis saber o nome de entidade do Frank?

(“E o da sua esposa, a Eve.”)

Dá-me um momento...

(Depois soletrou, mas incompletamente:) M-M-A-J-A é a expressão atual do nome de entidade do Frank, e D-A-J-O-R-A-K-A é o da esposa.

(“Podes soletrar o do Frank outra vez?” Eu não achava que o Seth o tivesse soletrado corretamente — não da forma como o pronunciara.)

O que tens? *(Soletrei-o.)*

Podes acrescentar um H.

(Tentei isto, depois disse: “Não consigo acertar.” Então o Seth soletrou o nome de novo — desta vez como o tinha pronunciado inicialmente.)

M-A-J-O-R-A-H. *(“Está bem.”)*

Uma nota: a ortografia dos nomes segue a interpretação Sumari.

(“Obrigado.”)

Os relógios representam, da parte do Frank, uma interpretação criativa.... Há um velho ditado: “Tempo é dinheiro” — e, ao seu modo, o Frank gostaria de fazer esse tipo de afirmação, clara, direta e inequívoca: transformar relógios ou tempo diretamente em bom dinheiro vivo, uma espécie de magia. Isto destina-se também a compensar qualquer “desperdício de tempo” em que ele possa estar envolvido. De certo modo, é uma tentativa de lidar mais diretamente com crenças relativas a tempo, dinheiro e criatividade.

O Ruburt está a lidar com material bastante profundo, envolvendo a relação do eu com a sua própria fonte — material esse que está a ser trabalhado nas vossas situações atuais. As soluções levarão automaticamente não só a uma solução em termos práticos, mas também às áreas de desenvolvimento que ele tem procurado *(de modo deliberado)*, ao mesmo tempo que tem tido medo delas. Fim da sessão e uma afetuosa boa noite.

(“Obrigado”, disse eu. A Jane sorriu, contente por ter tido a sessão. “Ainda fico assustada depois de uma pausa.” Ela sabia que material o Seth queria que dactilografasse.)

SESSÃO APAGADA

12 DE NOVEMBRO DE 1981

(Na noite passada a Jane decidiu tentar realizar hoje a sessão agendada regularmente para a noite. Lentamente, depois de termos esperado meia hora para que ela sentisse o Seth por perto.)

Ora bem: é a ausência de esforço, o relaxamento espontâneo, que preocupa o Ruburt, por não ser especificamente decidido em nenhum momento dado, mas parecer acontecer por si só.

O corpo do Ruburt está a permitir-se relaxar, particularmente no sofá, quando as costas estão apoiadas. A tensão está a ser aliviada e, muitas vezes, esse súbito alívio da tensão também o assusta. É uma excelente terapia por parte do corpo, de natureza bastante temporária. Contudo, ela desfaz muitos fortes elementos de controlo após controlo continuamente aplicados. Estes são de excelente benefício.

Não há dúvida, porém, de que por vezes o Ruburt fica bastante assustado, e o medo representa, claro, o medo que ainda persiste relativamente à natureza da ação espontânea. A rigidez é drenada do corpo por tais métodos. Ele está seguro, apoiado e protegido — essa é, naturalmente, a mensagem que está a tentar interiorizar neste momento. Podeis ajudá-lo, recordando-lhe esse apoio e proteção. O corpo sabe o que faz *(enfaticamente)*.

Ele está agora a iniciar diferentes processos, à medida que procura as melhores condições para procedimentos de cura pessoal. As ideias dele, tal como tentou explicá-las a vós mais cedo esta noite, são excelentes. Elas afastam-no psicologicamente, sobretudo com a vossa ajuda, enquanto as discute convosco. O material do *Eu Pecador* está “cronometrado” à sua própria maneira, de tal forma que, embora já haja bastante material escrito, os seus efeitos são periódicos — isto é, estão preparados para saltar em perceções ainda maiores que podem não ser aparentes em qualquer momento dado. O material age como uma pílula de tempo, por exemplo.

Ele deve ter em mente, digamos, dactilografar algumas páginas, juntá-las ao outro trabalho, e deixar passar mais alguns dias. Parte desse material trará as razões para o seu pânico à luz mais clara, e assim fará ainda mais sentido do que poderia ter feito há um mês. Ele está a lidar bem com isso. *(Longa pausa às 21h04.)* Não há dúvida de que diferentes partes do corpo do Ruburt estão bastante confortáveis, e muito mais flexíveis, quando ele relaxa dessa forma. Ele faz bem em movimentar-se na cadeira, como faz

frequentemente, exercitando-se quando está sozinho. Pode fazer mais disso em seu benefício. É importante que vos diga quando se sente em pânico. Contudo, o sentimento em si não dura muito.

(Pausa.)

Dá-me um momento....

(Longa pausa, olhos fechados.) Este conselho, por mais simples que soe, levará a percepções adicionais da parte dele. O relaxamento, de novo, é parte do processo criativo. É o meio pelo qual corpo e mente se renovam. A vossa conversa desta tarde abordou muitos pontos excelentes. É a essência dos seus sentimentos básicos que o Ruburt tem vindo a enfrentar.

(Longa pausa.) Espero terminar o nosso livro independentemente dos vossos planos de publicação e por aí fora, e neste ponto geral isso será benéfico para o nosso amigo, à medida que ele veja algum feito diário realizado nessa área. *(Longa pausa.)* O vosso espaço, estando livre dos homens de obras, ajudará também a limpar o ar.

Esta sessão será também breve. Quero que o Ruburt veja, contudo, que a cura está a ter lugar, que pode confiar na própria mente e corpo, e que todas as partes do eu estão a ser tratadas, quer tal seja ou não óbvio em qualquer momento dado. O nosso material sobre tais pontos não é ficção.

Estou ainda no processo de tentar tranquilizá-lo, claro, mas de certo modo estamos de facto a lidar com uma espécie de lógica biológica que se sustenta na sua própria luz — que produzirá as suas próprias evidências à medida que aprendeis a aceitar a correção dos vossos corpos (pausa) e das suas capacidades, pois são mecanismos naturais de cura. Os pequenos pânico em si, por exemplo, destinam-se a conduzir a questionamentos psicológicos e por aí fora, num intercâmbio mental e terapêutico de atividade — uma atividade que inevitavelmente liberta e ativa também as capacidades criativas.

Infelizmente, na vossa sociedade necessitais de todas as boas sugestões que puderdes obter, para compensar medos e condicionamentos negativos. O Ruburt precisa de tempo para se dar a si mesmo algumas sugestões de manhã, para retomar o diário, até para pintar se quiser, num enquadramento em que se permita essa liberdade. Esquecei os rigores da publicação ou o que for (intensamente). Ele não tem de publicar um livro todos os anos, sem falha. O material criativo fluirá. Ele flui como resultado da sua própria natureza característica. É seguro expressar essa natureza. É

até seguro explorá-la, e é seguro permitir-se algum conforto na fonte do ser.

O mesmo conselho, com variações adequadas, poderia ser dado a qualquer pessoa, claro, e seria igualmente pertinente. A energia dele fluirá através dele de forma fácil, natural e segura, à medida que ele perceba que assim é o modo da natureza. *(Longa pausa.)* Vós tendes sido um excelente apoio ultimamente. Permiti-vos, pelo menos por vezes, imaginar uma parte importante do vosso próprio eu criativo como inocente, doce *(gesto)* e natural como aquele jovem parente Butts *(o Steve)*. Isto é, pensai nesse eu infantil como a explorar o mundo com entusiasmo, pois isso é certamente uma parte da herança do homem.

Fim da sessão e uma afetuosa boa noite.

(“Obrigado.”)

SESSÃO 937 (TRECHO APAGADO)

19 DE NOVEMBRO DE 1981

(O material seguinte é da 937.ª sessão.)

Ora bem: de certo modo, claro, a mesma *(alteração de abordagem)* aplica-se à condição do Ruburt.

O que queremos é uma abordagem alterada da própria vida, uma que siga o tipo de abordagem natural da vivência que as crianças possuem infalivelmente, mas que seja também enriquecida com a experiência que uma criança não possui. O Ruburt está no processo de adquirir tal abordagem. Esta é talvez uma tarefa nada fácil em termos comuns, mas ele está de facto a aprender, da sua parte, a usar a sua consciência de um modo diferente daquele prescrito pelo homem, de uma forma ou de outra, durante séculos.

Cada pessoa viva está empenhada no mesmo tipo de aventura, lidando com ela, no entanto, de acordo com as suas próprias características e situação. O que o Ruburt tem em mente — e em geral — inclui as ideias que tu deste, Joseph, no material gravado: esses procedimentos estão de facto a dar frutos. Embora os resultados apenas se mostrem aqui e ali, estão a crescer, e aparecerão com cada vez maior rapidez. Estão a ganhar ímpeto. Fim da sessão e uma afetuosa boa noite.

(“O mesmo para ti.”)

SESSÃO 938 (TRECHO APAGADO)

24 DE NOVEMBRO DE 1981

(O material seguinte é da 938.ª sessão.)

(Assim como penso que as ideias na sessão propriamente dita estão entre as melhores da Jane, também considero que as do material que ela transmitiu para si mesma são igualmente boas.)

Fim da ditadura. Agora dai-nos um momento. Descansa os dedos... Tens sido de excelente ajuda ao Ruburt ultimamente. Até agora, na nossa discussão da situação dele, não abordámos por boas razões certo material porque ele não estava pronto para isso.

(Muito longa pausa.) À medida que as suas capacidades cresceram, porém, claro que ele pressentiu os contornos de outras realidades, os vislumbres de outros mundos. Sentiu esses primos da consciência de uma forma ou de outra — esses ambientes que pareciam reais mas não reais, essas extensões adicionais de possível experiência — e decidiu que tinha de ser muito cauteloso: tinha de ser prudente *(longa pausa)*, tinha de levar o seu tempo, tinha de se mover com cuidado — e certamente, até certo ponto, tais sentimentos reduziram a sua espontaneidade.

As cautelas são naturais o suficiente dentro das restrições que o homem geralmente coloca sobre a consciência. O Ruburt transporta a sua proteção e segurança para onde quer que vá. É uma graça natural, característica da consciência de qualquer tipo. A sua proteção e validade são sempre honradas. O Ruburt está seguro onde quer que vá. A sua postura psicológica é honrada onde quer que vá.

Terei mais a dizer sobre este assunto num contexto pessoal na nossa próxima sessão. Estas poucas declarações, contudo, irão ajudá-lo, e ajudá-lo-ão a ampliar um círculo interior de familiaridade com colegas amistosos que pertencem a essas outras categorias, mas que são de facto colegas amistosos também. Fim da sessão e uma afetuosa boa noite.

SESSÃO APAGADA

1 DE DEZEMBRO DE 1981

(Estou a omitir as longas notas que escrevi a anteceder esta sessão para conseguir dactilografar o material da própria sessão no dia seguinte, de modo a que a Jane pudesse começar a estudá-lo. A sessão em si indica, claro, a natureza das notas. Acrescentá-las-ei no fim da sessão.

(Com várias longas pausas, e com um tom bastante nasal ☹)

Ora bem: tenho alguns comentários a fazer sobre a vossa discussão — por agora, bastante breves.

O Ruburt não me deve nada. Se ele decidisse não ter sessões, ou não atuar na chamada arena psíquica, isto não significaria que fosse um fracasso de forma alguma. Ele não me deve um sentido de compromisso. O material que dei sobre a sua saúde, contudo, mantenho, quer vos seja difícil compreendê-lo, quer não consigais levar-vos a aceitá-lo.

Admito que, do vosso ponto de vista, pode ser muito difícil aceitar algumas das declarações que faço, que parecem talvez até diretamente contraditórias com a vossa observação do Ruburt no dia a dia, e com a própria experiência dele de si mesmo.

Certamente não vos parece que ele esteja a melhorar. Muitas vezes parece antes que o contrário é verdade. Pode ser que atualmente vos seja demasiado difícil dar o salto de fé requerido sem mais provas que o sustentem — apesar dos sentimentos de libertação bastante frequentes que o Ruburt de facto experiencia, juntamente com a incapacidade muito mais aparente. Se esses sentimentos não avançam mais, então de que servem? — por isso ambos tendes inevitavelmente de questionar.

Eu sei que eles são indicadores das energias de cura do corpo, e também compreendo perfeitamente que, no todo, considereis tal declaração inaceitável.

(Muito longa pausa, uma entre muitas.) Nunca me colocaria, contudo, no caminho da recuperação do Ruburt conforme vós a entendeis. Nem sentiria que o Ruburt me desiludiu, ou que vós o fizestes de alguma forma. O Ruburt precisa de um regresso a uma orientação anterior. Esse sentido de beleza, essa reorientação, pode aliviar o sentimento de responsabilidade que ele por vezes assumiu. Precisa de uma orientação para as questões mais simples — aquelas que trazem em si uma magia mais simples e infantil. Precisa de se afastar de uma preocupação excessiva com os “graves

problemas” da vida, de perder o sentimento de que cabe a ele resolver esses problemas por si, por vós, e pelo mundo.

(Cada vez mais devagar:) A maior parte disso devia ser-vos óbvia. As pressões e tensões são, de certo modo, não simplesmente as de uma pessoa e da relação dessa pessoa com a sua própria natureza. Essas (*sublinhado*) questões são agravadas pela compreensão atual do Ruburt das vidas de outras pessoas, conforme elas vos escrevem. Ao mesmo tempo, ele não lida diretamente com tais pessoas, por isso não pode acompanhar, por exemplo, como um terapeuta faria. A sua aula deu-lhe alguns encontros diretos ao longo dos anos, quando ele pessoalmente ajudou a orientar outros, e podia observar os resultados através das suas conquistas ou comportamentos.

(Muito longa pausa.) Ele espera certamente mais de si mesmo do que é requerido, e já dei bastante material sobre isso há vários meses, creio. Contudo, irei examinar a sua experiência com a vossa questão em mente e ver que outras informações posso dar-vos.

(Muito longa pausa.) Os outros comentários são simplesmente pensos rápidos, por assim dizer, mas são extremamente saudáveis ao longo do caminho. Quando ele se sente em pânico, o vosso toque amoroso — uma massagem ligeira e rápida ou um abraço — atua tão rapidamente sobre o sistema nervoso quanto qualquer outra coisa, e muito mais depressa do que qualquer medicamento. Até os animais há muito que têm consciência de tal ação terapêutica imediata.

(Muito longa pausa.) As declarações que fiz relativamente à natureza inata do eu espontâneo podem ser de enorme utilidade se forem aceites. Vós estais a tentar redefinir as próprias definições de identidade pessoal — tarefa nada fácil. Não apenas o Ruburt sozinho, mas as pessoas do mundo estão, de uma forma ou de outra, atualmente no processo de uma tal redefinição. É impossível atribuir um elemento temporal a esse (*sublinhado*) tipo de tarefa.

(Muito longa pausa.) Entretanto, o Ruburt experiencia o stress de certa forma.

Não tenho muito mais a dizer esta noite, mas de facto farei quaisquer outras ligações que possa fazer, e acrescentarei a minha própria ajuda e energia a ele em quaisquer níveis em que possam ser mais úteis.

(Agora, no meio de outra longa pausa, de olhos fechados, a Jane começou a rressonar: estava a dormir — brevemente. Não me lembro de ela

ter feito isto em nenhuma das mais de mil sessões que tivemos. Ela regressou à consciência do Seth sobressaltada.)

Trarei então a sessão a um fecho. Percorri-a em várias ocasiões esta noite, para ver que outros vislumbres poderiam ter vindo de imediato à minha atenção, e desejo-vos, como sempre, uma afetuosa boa noite.

(A Jane não tinha ideia de como poderia “acordar” no seu estado de transe em vez do seu estado habitual desperto de consciência.

(Apressava-me a dactilografar a parte do Seth da sessão para que a Jane pudesse lê-la esta noite — quarta-feira — mas, do meu escritório, ouvia-a ressonar enquanto dormia no sofá da sala de estar. Assim, começarei as minhas próprias notas... Serão uma espécie de miscelânea, nem sempre em ordem cronológica, e destinam-se apenas a resumir a nossa conversa antes da sessão.

(Sentámo-nos para a sessão.

(Por volta das 20h desta noite, a Jane adormeceu com um cigarro aceso na mão enquanto se reclinava no sofá. Tinha-me dito uns minutos antes que queria ter uma sessão sobre ela própria esta noite, e, quando vim para a sala com o meu caderno de notas, encontrei-a a dormir pela segunda ou terceira vez desde o jantar. O episódio do cigarro era más notícias, percebi de imediato, quanto mais o facto de a Jane dormir depois de declarar que queria a sessão. Fiquei a observá-la dormir enquanto o cigarro ardia até perto dos dedos. Um longo cone de cinzas caiu-lhe no colo enquanto eu me perguntava o que fazer acerca da sessão. Quando o fumo chegou a um certo ponto, perto dos dedos — eu não a teria deixado queimar-se —, ela acordou sobressaltada e apagou o cigarro no cinzeiro.

(Ela pareceu algo envergonhada, enquanto eu lhe explicava o que acontecera. “Eu nunca, nunca faço isso quando estou sozinha em casa”, disse em resposta à minha pergunta sobre as consequências. Só podia esperar que fosse verdade.

(Mesmo após este pequeno confronto, voltei a encontrá-la a dormir quando regressei do quarto com a sua cadeira de escritório — a que uso agora para tomar notas das sessões. Várias ideias tinham-me ocorrido durante a breve ida ao quarto e regresso. Estava prestes a deixá-la dormir o resto da noite quando ela acordou. “Posso dizer-te o que estou a pensar”, disse eu, “ou escrever as minhas ideias e depois lê-las mais tarde...”

(Acabámos por eu lhe explicar os meus pensamentos de imediato.

(“Acabou de me ocorrer, de forma bastante clara, que tu já não queres continuar com as sessões”, disse eu. “Acho que estamos rodeados de todo o tipo de evidências nesse sentido. Cada atraso ou sessão falhada é uma pista, pois já não te ofereces para as compensar, nem há muito tempo dizes ‘vamos fazer uma sessão espontânea’. Não segues nenhum tipo de agenda, mesmo que vaga. Penso que uma parte forte de ti está agora tão contra toda a coisa psíquica que acabaste por te pôr numa posição física terrível, devido aos conflitos envolvidos — puxando-te para um lado e para o outro. Agora estás cerca de 90% indefesa, por isso não estamos a resolver os problemas, pois não? Até onde queres levar isto antes de fazermos algumas mudanças, como dispensar as sessões e a vida psíquica?”

(“E não me digas que o teu estado atual significa que estás a melhorar — como o Seth faz — porque não estás. Não deixes que o Seth me diga nas sessões que estás a resolver problemas e que em breve veremos melhorias, porque não acontece. Não acontece há anos. Estou no ponto — muito perto — de te dizer que me recuso a cooperar nas sessões daqui em diante, o que significa que estarei a tentar, mais uma vez, salvar-te do desastre. Acabarás a falar para a parede se quiseres ter uma sessão, ou para um gravador se aprenderes a fazê-lo. Não posso impedir-te de o fazeres sozinha, ou com outra pessoa, mas posso recusar-me a encorajar-te eu próprio.”

(“Portanto, se as próximas sessões não derem algumas pistas sobre o que se passa”, disse eu, “isso pode significar o fim das sessões... Pode muito bem ser hora de fazermos outra coisa com o resto das nossas vidas. O que penso — e tenho pensado frequentemente, ultimamente — acerca da doença é que sabemos tão pouco sobre ela que ainda estamos, literalmente, na Idade das Trevas nesse aspeto. Sinto isso há algum tempo, agora que a nossa compreensão do que são os seres humanos é mínima, na melhor das hipóteses.

Acho muito perigoso assumir uma posição demasiado rígida neste momento sobre qualquer coisa que pensemos ter aprendido, pois não consigo imaginar que, em futuros milénios, ainda nos agarremos a muito do que hoje consideramos ‘verdade’ — especialmente sobre coisas como a doença. Entretanto, andamos às apalpadelas no escuro. Pedir a uma só pessoa que descubra tudo agora, e cure a si própria, pode simplesmente ser pedir demais, na maioria das vezes... Aprender sobre as nossas

capacidades é um assunto social e cultural, e tu — qualquer pessoa — precisas de ajuda. Muita ajuda — só que o que se faz, entretanto, enquanto se tenta aprender algumas coisas?”

(“Não estou a dizer isto para te chantagear a ir para o hospital”, disse eu à Jane várias vezes. “Desisti dessa ideia depois de o Frank [Longwell] e eu não conseguirmos convencer-te a tentar esse caminho no verão passado. E com o Jim Adams também...”

(“Não quero isso”, disse a Jane acerca da ideia do hospital. “Não me importava de tentar algumas coisas por conta própria, aqui em casa, como chamar um médico de olhos, ouvidos e nariz, ou um ortopedista, mas nada de hospital. Mas estou chocada com o que estás a dizer.”

(“Não planeei dizer isto tudo hoje à noite”, disse eu. “Simplesmente me ocorreu, por isso digo-o como resultado de muitos pensamentos semelhantes. Não te digo tudo, e sei que tu também não me dizes. Preferias que eu não dissesse nada?”

(“Não, de modo nenhum.” A Jane tinha muito mais a dizer, claro, o que só posso resumir aqui. Percebi que a nossa conversa estava a ocupar muito mais tempo antes da sessão do que eu queria gastar — mas já sabia que assim seria, suponho. A principal preocupação dela, naquele momento, era expressar perplexidade por poder estar tão conscientemente alheia aos seus verdadeiros desejos, caso eu tivesse razão acerca de ela querer desistir das sessões. Disse-lhe que achava que tínhamos tido bastantes pistas da sua verdadeira resistência a elas desde a criação de Manifestações em Massa e os inúmeros atrasos relacionados com esse trabalho. Os atrasos tinham simplesmente acelerado desde então, por isso parecia-me agora que o desejo real era bastante óbvio, dado o método episódico de realizar sessões atualmente.

(A Jane falou, por exemplo, em escrever poesia ou romances, e eu respondi que ela ofereceria esses produtos a si própria e ao público de uma forma aceitável para a sua própria psique. Não haveria conflito. “Não andas há 13 meses”, disse eu, “por isso como podes dizer que estás a melhorar? Tenho consciência de que possas estar a lidar com certos desafios através do método psíquico, então a questão passa a ser até onde queres levar a coisa. Eu, por mim, colocaria a sobrevivência física acima de qualquer outra coisa, obviamente — pelo menos nesta probabilidade. E tu? Tenho de admitir que, às vezes, questiono-me...”

(“Tenho pensado cada vez mais no que acontece quando uma pessoa nasce com dons muito fortes — mas não os suporta usar, ou tem de pagar um preço muito alto se tenta usá-los. À primeira vista, parece contraditório da parte da natureza fazer isso, ou tornar tal conflito possível, mas deve acontecer o tempo todo. Costumava pensar que, se uma pessoa tivesse um dom forte, nada impediria a capacidade de se mostrar dessa forma específica — mas agora já não penso assim. Agora acho que as coisas estão longe de ser tão simples. Acho que um talento pode ficar completamente enterrado, ou mostrar-se em probabilidades, ou ser transformado ou traduzido de um milhão de formas diferentes, tantas quantas houver pessoas. Ou pode simplesmente ser deixado de lado durante uma vida, por quaisquer razões.”

(A Jane disse que, ultimamente, tinha-se sentido “bem” com a ideia de retomar o trabalho em Seth’s Dreams e no seu próprio Magical Approach, embora na verdade não tenha feito muito em nenhum desses projetos há já bastante tempo. Também quis saber o que ela queria dizer com sentir-se bem, quando ao almoço passara muito tempo a enumerar todas as formas em que não se sentia bem nesse dia. À hora de almoço disse que se sentia em pânico, e não tinha feito nada nessa manhã. Depois do almoço usámos o pêndulo para tentar descobrir alguma coisa sobre as razões do seu pânico, mas com pouco sucesso.

Como lhe disse hoje, e já tinha dito há alguns dias, parecia-me que ela estava a iniciar uma campanha de longo prazo para eliminar a sua comunicação com o resto do mundo, o ambiente em que vive. “E o que resta da coisa psíquica, afinal, exceto uma sessão ocasional?”, perguntei. Ela desenvolveu agora dificuldades de visão, audição — especialmente no ouvido esquerdo —, andar, e praticamente todas as atividades físicas, exceto sentar-se à mesa ou secretária, ou no sofá a ver televisão. O problema auditivo, um desenvolvimento relativamente recente, já reduziu a nossa comunicação mútua, pois quase automaticamente deixei de lhe falar a não ser que estivéssemos frente a frente; e mesmo assim tenho frequentemente de repetir-me, de modo que a nossa conversa se torna mais episódica e a troca fácil perde-se.

A Jane também reduziu as idas à casa de banho a apenas três vezes por dia — incrível! Os pés incharam-lhe gravemente no verão passado, e assim ficaram durante muitas semanas. Muito alarmante, e agora que o

inchaço diminuiu até certo ponto ficou-lhe uma pele dura, coriácea, sem detalhe e que se desprende em escamas mortas.

*(Na realidade, concluí eu, já não havia muito mais a sacrificar. Ela geralmente senta-se à mesa de manhã e à tarde até ir à casa de banho por volta das 16h; normalmente não faz muito nesse período. Ler o correio pode ocupar-lhe uma hora ou mais ao meio-dia. Pode fazer algumas notas ou tentar um poema, ou folhear o manuscrito de *Magical Approach* ou *Dreams*, ou reler algumas sessões mais recentes para si própria. Quando se senta no sofá, talvez às 16h30, é o fim do dia: raramente lê ali, mas dormita ou vê televisão.)*

(“Mas seria horrível desistir das sessões”, exclamou a Jane quando eu a empurrava na cadeira para a casa de banho depois de termos tido a sessão desta noite.

“Não te preocupes, querida”, ri eu. “Eu sei que nada disso vai acontecer. Espero plenamente que vás continuar a trabalhar nesses dois livros.”

(E enquanto ela o fizesse, o que aconteceria? Eu não gostaria de saber antecipadamente, mesmo que pudesse. Onde — como — é que alguém encontra e/ou faz aquele salto de fé de que o Seth falou na sessão?

*Concordo plenamente que esse salto de fé pode ser a chave para resolver o predicamento em que nos encontramos. Vou sugerir à Jane que tentemos cultivar tal estado começando — de novo — um programa diário de leitura do material em conjunto, provavelmente depois do pequeno-almoço. Não é que eu discorde do Seth no seu material, ou o ache inaceitável. É que ele não funciona para nós da maneira que queremos. Também penso que muitas coisas ficam por dizer ou por explorar nas sessões, provavelmente porque são sensíveis para a Jane ou ela pode bloqueá-las a níveis inconscientes. Esta noite, disse-lhe eu, o Seth não disse nada sobre aquilo que considero o ponto central de conflito — o conflito entre o seu chamado *Eu Pecador* e o eu espontâneo. Pois considero que esse duelo, esse conflito por resolver, está no cerne das dificuldades dela. Concordo até que tal duelo possa bem ser resolvido com sucesso noutras probabilidades, e que, em termos mais amplos, isso seja uma forma inteiramente aceitável de as coisas funcionarem no esquema mais vasto da natureza. Mas isso, então, ainda nos deixa com o desafio de lidar com algo muito aquém de uma solução bem-sucedida aqui nesta*

realidade. E devem existir resoluções possíveis aqui também, acredito. Temos muito que aprender.)

SESSÃO APAGADA

3 DE DEZEMBRO DE 1981

(Note-se que consegui terminar a sessão de terça-feira ontem à noite, afinal, trabalhando um pouco mais tarde. A Jane leu-a. À hora de deitar, à meia-noite, ela tinha algumas coisas a dizer sobre o conteúdo das minhas notas — a defender-se em certa medida, naturalmente — e eu disse-lhe para dactilografar as notas dela e acrescentá-las à sessão hoje. Ela fez alguns bons pontos, mas noutros não concordei. Pelo menos, pensei eu, enquanto falava mostrou mais animação do que tinha mostrado há algum tempo.

(Hoje, porém, ela não fez as notas. Dormiu até tarde, passou tempo à mesa na sala de estar, leu o correio — que continha algumas peças excelentes, diga-se — mas, tanto quanto sei, não fez notas nem outra escrita.

(Uma das cartas, de um médico no Canadá, remeteu-nos para um artigo na Scientific American em que uma discussão da visão dos “muitos mundos” da mecânica quântica claramente vindicava várias ideias do Seth. Tínhamos a revista em casa, mas eu não tinha reparado no artigo, no número de dezembro de 81. Contudo, duvido que o autor, um filósofo profissional, tivesse qualquer ideia de estar a sustentar o Seth; perdoe-se o meu ceticismo.)

(Com um pouco mais de rapidez e animação do que o habitual:)

(Suavemente:) Boa noite.

(“Boa noite.”)

*Agora: esta sessão segue-se à vossa conversa no fim da tarde (de hoje). Gostaria de fazer alguns comentários relativos a “programas” — isto é, certamente deve parecer-vos a ambos que iniciais muitos programas concebidos terapeuticamente apenas para os ver desaparecer. Há, no entanto, um ritmo para tais programas, e é natural que o eu desperte em certos momentos, inicie tal atividade e depois aparentemente (*sublinhado*) a descarte.*

Eles começam com um certo ímpeto, dão-vos um certo tipo de progresso e, independentemente de quão grande ou pequeno seja esse progresso, há um tempo necessário de assimilação — isto é, a estimulação

ao longo de um período de tempo é mais eficaz quando é, de certo modo, intermitente, quando certos métodos são experimentados, aplicados e por aí fora, mas, pela própria natureza do processo de cura, há também a necessidade de alívio, desvio e olhar para outro lado.

Deixado por si, o eu sabe como utilizar tais ritmos. Se confiásseis nas características da pessoa natural básica, não necessitaríeis de sessões como as nossas, em geral, no mundo — pois tal conhecimento faria parte dele e estaria implícito nas suas organizações culturais e nos hábitos quotidianos das pessoas.

(Este material era muito semelhante a pensamentos que eu tivera enquanto pintava esta manhã. As minhas ideias tinham sido desencadeadas por um artigo que li ontem numa Science Digest recente, que arquivarei: à primeira vista, disse eu depois à Jane, o artigo pareceu muito bom. Tratava da ideia de que as imperfeições no universo deram origem à vida e a tudo o que conhecemos — que, se o “big bang” tivesse expandido de modo perfeitamente uniforme, não haveria vida no universo, apenas uma nuvem perfeitamente uniforme de hidrogénio sem vida.

(Demorei algum tempo a perceber que o autor nada dissera sobre a ideia de a vida, tal como a conhecemos, estar intrinsecamente presente todo o tempo na nuvem primordial antes de ela começar a expandir-se. Depois pensei que, na nuvem de hidrogénio a expandir-se perfeitamente e de forma uniforme, nada seria necessário, nesses termos [do autor] — nem sequer a própria vida. “Há algo muito errado no pensamento desse tipo”, disse eu à Jane. Provavelmente que não existe tal coisa na natureza como perfeição, e que, embora pensemos que conseguimos conceber tal qualidade, na realidade não conseguimos — deixando assim a porta aberta a manifestações “desarrumadas” como a “vida”, etc.)

Nas vossas circunstâncias, de um modo ou de outro, tendes de construir esse sentimento de confiança ou de fé, muitas vezes, repito, perante antigas crenças conflitantes. *(Pausa.)* Portanto, a ideia do Ruburt de um novo programa é bastante natural do ponto de vista terapêutico.

Ler as sessões da *Abordagem Mágica* com alguma consistência está agora na ordem do dia, quando, por exemplo, eu poderia aconselhar, noutra altura, que fossem postas de lado por um tempo. Neste caso e neste momento, contudo, elas podem servir como valiosos trampolins para libertar, das vossas próprias áreas criativas, novos gatilhos para inspiração e compreensão e, portanto, para desenvolvimento terapêutico. Isto deve ser

parte do programa, por outras palavras, independentemente do que o Ruburt tenciona fazer, em termos de livro, com essas sessões.

Outro ponto: independentemente de quaisquer aparentes contradições, os aspetos benéficos de qualquer atividade criativa particular superam de longe quaisquer desvantagens. (*Longa pausa.*) A natureza da criatividade, seja qual for a manifestação específica, mostra-se de forma geral global que aumenta automaticamente a qualidade de vida, e tais benefícios são definidos independentemente de que outras condições também se tornem evidentes. Quero deixar claro aqui que, apesar de quaisquer complicações que vos possam parecer demasiado evidentes na produção e distribuição do meu último livro, e do Ruburt, *Manifestações em Massa*, os benefícios superam de longe quaisquer desvantagens.

Não podeis saber o que teria acontecido, por exemplo, se não tivesse sido produzido ou distribuído, por isso a questão pode parecer académica. Do mesmo modo, a publicação do meu próximo livro, ou melhor, daquele em que estamos a trabalhar, está destinada a trazer-vos mais vantagens do que desvantagens. A expressão é naturalmente preferível à repressão, mas, mais do que isso, a questão da repressão não pode ser resolvida acrescentando mais repressão como medida terapêutica. Isto é, o problema teria surgido sob uma forma diferente, independentemente do gatilho aparente.

(*Longa pausa.*) Se o gatilho aparente de uma dificuldade for um feito criativo, então a própria dificuldade está “carregada” também com as suas soluções terapêuticas naturais. Estou a tentar tornar este ponto o mais claro possível para vós, porque sei que tem preocupado ambos.

(*Longa pausa.*) Dai-nos um momento.... Do mesmo modo, pode parecer infantil ou, pior, fútil, quando, afinal de contas, o Ruburt ainda tenha a sensação de que mudar o quarto dele de disposição irá de algum modo ajudar a trazer a solução global de qualquer problema. No entanto, essa sensação é resultado do conhecimento, por parte da pessoa natural, da natureza simbólica tanto dos objetos como dos pensamentos, e dos padrões rítmicos que ambos seguem, de modo que, outra vez, em tais ocasiões, tais atividades desencadeiam nova atividade inconsciente e estabelecem novos padrões de organização.

Agora, em desordens crónicas, cada novo programa pode parecer mais ou menos eficaz, ineficaz, ou o que for. Alguns podem mostrar sinais entusiasmantes que depois parecem ser simplesmente abandonados. Em

todos os casos, porém, benefícios terapêuticos “acumulam-se” noutros níveis, de modo que, por vezes, apenas um pequeno gatilho aqui pode então libertar ou tornar eficaz os benefícios terapêuticos que até então não se tinham mostrado em termos práticos (*intensamente*).

A questão, claro, é que só tenho conseguido descrever a superfície de tais atividades. Por outro lado, não há razão para que, quando estiverdes prontos, não possais gozar os frutos dessa abundância. Usais energia sem compreender como ela funciona, por isso, obviamente, não precisais de um mapa detalhado do mundo interior para obter os seus benefícios. Precisais, sim, de fé na existência dessa realidade; por conseguinte, sugiro que o vosso programa inclua, uma vez mais, ajudardes o Ruburt a mudar o espaço de trabalho dele e que, desta vez, ambos o tentem fazer com uma espécie de jogo amoroso, se possível. Mas a tentativa, no grau em que a conseguirdes, será benéfica.

A questão principal, mais uma vez, deve afastar-se da concentração na proposição de que a condição do Ruburt piora constantemente. Qualquer alternativa, pequena ou grande, de hábito diário é também bastante eficaz, e deve ser mencionada como parte de tal programa. Deste modo permitis a vós próprios as maiores áreas possíveis para expressão criativa e mudanças criativas. No geral, outra vez, as razões por trás da dificuldade do Ruburt devem ser encorajadas a subir à superfície da mente, onde podem ser encontradas — mas a ideia não é concentrar-vos nessas razões, mas deixá-las ser uma parte de um movimento ou fluxo terapêutico mais vasto, no qual se mostram para serem orquestradas para fora.

A concentração nelas irá subir e cair naturalmente em todo o procedimento. Cada vez serão compreendidas cada vez mais, tornar-se-ão menos prejudiciais, até que sejam meros incómodos. Do mesmo modo, algumas sugestões ou lembretes, como aqueles que o Ruburt já tem em gravação, devem ser uma parte do programa.

A natureza habitual da programação que dais às vossas próprias mentes ajuda a continuar a condição crónica. (*Longa pausa.*) Tal programa, para ser eficaz, deve também incluir a iniciativa do Ruburt, de modo que ele se levante e comece definitivamente a tirar partido dessas energias que tem — isto é, exercícios de energia para si próprio. Estes devem ser feitos de forma regular.

A ênfase deve estar em despertar as vossas próprias capacidades individuais e conjuntas de cura criativa — por outras palavras,

propriedades mágicas das vossas próprias mentes e corações, e tal intento está destinado a pôr-vos em vantagem.

À medida que lhe ocorra naturalmente, o Ruburt deve reler o material que tem sobre o Eu Pecador, e isso, com o seu próprio ritmo, conduzirá a novos ajustamentos terapêuticos. Deveis começar tal programa o mais cedo possível, considerando-o, no entanto, não como uma última abordagem desesperada perante um problema insolúvel, mas como um passo adequado de desenvolvimento na vossa compreensão da abordagem mágica da vida.

(Longa pausa.) Nova frase: se não conseguirdes pôr de lado a vossa desilusão, então podeis ao menos usar a ideia de tal programa como um exercício criativo, um jogo criativo que jogais com uma parte da vossa consciência — um jogo que pode muito bem ter alguns benefícios criativos cujos efeitos podem muito bem surgir no meio das vossas considerações mais práticas. Eu dar-vos-ei mais indicações e continuarei também com a regularidade possível em direção à conclusão do nosso livro, a menos que qualquer de vós tome outras decisões. Podeis, no entanto, mudar as vossas vidas para melhor num abrir e fechar de olhos. Podeis certamente acrescentar ao prazer da vida e provocar alguma melhoria, pelo menos, na condição do Ruburt. Também tendes a capacidade de alterar completamente a natureza dos vossos dias.

Fim da sessão. Ao meu nível de atuação, naturalmente, pareço estar muito mais consciente das vossas propensões criativas, individuais e conjuntas, do que vós estais, mas asseguro-vos que as tendes e que elas estão prontas para o vosso uso. Fim da sessão e uma calorosa boa noite.

(Eu, por mim, estava desiludido, sem dúvida alguma, pensei enquanto o Seth falava. Ainda assim, pude concordar com o Seth na sessão desta noite. Dormimos bem e levantámo-nos cedo como de costume. Quando terminámos o pequeno-almoço, li a sessão à Jane. Eu continuava em baixo, mas quando ela descreveu como a ideia de mudar as coisas de sítio a fazia sentir-se bem, tive de sorrir.

Quando ela me perguntou o que eu pensava da sessão, respondi que “não tínhamos escolha” senão tentar pô-la em prática. Assim, passámos o dia a reorganizar as coisas dela no quarto das traseiras, e terminámos antes da hora da sesta. O espaço ficou bonito, e a Jane disse que lhe dava uma boa sensação, embora não tivesse tido tempo de fazer notas ou ler. O Frank Longwell apareceu quando eu comecei a mover mobília de manhã e ajudou bastante quando reposicionámos um par de mesas pesadas. A visita

dele animou-nos, e pareceu também fazer-lhe bem. [Pagámos-lhe o saldo devido pela varanda envidraçada da frente.])

SESSÃO APAGADA

9 DE DEZEMBRO DE 1981

(Tínhamos adiado a sessão regularmente marcada para ontem à noite para quinta-feira porque a Jane tinha um problema dentário [uma reentubagem] a resolver — mas depois, esta noite, depois do jantar, ela decidiu ter uma sessão agora “porque nunca se sabe o que pode acontecer amanhã....”)

Ora bem *(com um sorriso)* — boa noite.

(“Boa noite, Seth.”)

(Com pausas:) O Ruburt está verdadeiramente a começar a compreender que a Abordagem Mágica é de facto a abordagem natural à experiência da vida.

É a versão adulta do conhecimento da criança, a versão humana do conhecimento do animal, a versão consciente da compreensão “inconsciente”. Disse-vos que os Planos físico e subjetivo estavam realmente unidos. Pareciam estar tão desunidos que era quase impossível discuti-los usando outros termos. Compreender tanto já por si, compreender a simples ideia da existência indiscutível do Plano subjetivo é, no entanto, fortemente importante.

(Longa pausa.) Não precisais de vos preocupar de modo demasiado tenso em pôr imediatamente os novos princípios de vida em prática. Não precisais de vos preocupar nem de vos achardes estúpidos se parecer *(pausa muito longa, olhos fechados, às 9:04)*, olhando sobre os longos anais do trabalho que fizemos juntos, que deveria ter sido óbvio que as nossas ideias estavam a conduzir em certas direções — pois não só tenho tentado libertar-vos de ideias oficiais, mas também preparar-vos para a aceitação de uma nova versão da realidade: uma versão que poderia ser descrita de muitas formas. Ela tem estado presente durante os anais da história, mas muitas dessas formas também, indiscutivelmente e com as melhores intenções, conseguiram dar uma imagem defeituosa: acabastes com os vossos deuses e demónios, métodos e cultos desajeitados, e muitas vezes com o intelecto desvalorizado. Espero, naturalmente, que o nosso “modelo” evite muitos desses escolhos.

Nesses anais há lenda após lenda, conto após conto, história após história descrevendo civilizações que surgiram e desapareceram, reis que subiram e caíram, e essas histórias sempre representaram culturas (soletradas) da psique, e descreveram várias abordagens usadas pela psique do homem enquanto explorava a sua intersecção com a experiência terrena.

Alguns alpinistas, quando questionados sobre porque escalam determinado pico, respondem: “porque a montanha está lá para ser escalada”, assim a abordagem natural, a abordagem mágica, deve ser usada porque existe — e porque representa uma porta aberta para um mundo de realidade que está sempre presente, sempre na base de todas as vossas culturas e experiência. Teoricamente, pelo menos, a abordagem mágica deve ser usada porque representa o método mais harmonioso de vida (*sublinhado*). É uma forma de viver que automaticamente aumenta todas as vossas capacidades e acelera as vossas compreensões.

Até certo ponto, a sessão relativamente breve desta noite deve remover sentimentos de urgência da vossa parte, ou de autocrítica, que vos levam a questionar quando ou como podeis “aprender a fazer” a abordagem mágica funcionar de maneira específica — isto é, porque não conseguis aprender a fazê-la funcionar, digamos, ajudando a condição do Ruburt de forma mais rápida e eficaz?

Deveis compreender que a abordagem é a melhor a usar na vida, em termos gerais, mas que melhorará todas as condições, mesmo que ainda tenhais dificuldades em certas áreas (pausa), e que o seu uso não pode deixar de promover a qualidade global das vossas vidas. Esse reconhecimento tira a pressão, de modo que podeis, até certo ponto, relaxar as vossas velhas atitudes o suficiente para que permitais que a abordagem mágica (longa pausa) funcione nessas áreas que têm sido um osso de discórdia.

A abordagem mágica põe-vos em harmonia com o vosso próprio conhecimento individual do universo. Põe-vos em contacto com o sentimento mágico de vós próprios que tínheis em criança, e que vos é familiar a níveis geralmente para além do vosso conhecimento físico de vós próprios. É melhor então, digamos, usar a abordagem porque a reconheceis pelo que ela é, do que usá-la especificamente para obter algo que quereis, por mais benéfico que seja.

Não há dúvida, ao meu nível, de que o uso da abordagem pode resolver naturalmente e facilmente as dificuldades do Ruburt. Se for usada

porque reconheceis a sua correção inerente em vós, a sua postura “superior” inerente, então automaticamente vos coloca numa posição de maior confiança e fé. Abre as vossas opções, amplia a vossa visão de compreensão, de modo que as próprias dificuldades já não são tão importantes — e desaparecem da vossa experiência de novo de forma mais natural (*tudo intensamente*).

(*Longa pausa.*) De certo modo, todo o material que vos dei nos anais da nossa relação destinava-se a conduzir-vos, de uma forma ou de outra, a um ponto onde a verdadeira natureza da realidade pudesse ao menos ser vislumbrada. Estais nesse ponto agora. De certo modo, a condição física do Ruburt representa as contusões, as feridas infligidas a qualquer indivíduo na sua longa jornada (*longa pausa*) em direção a uma maior compreensão da experiência da vida. Em termos religiosos, começais a vislumbrar uma terra prometida — uma “terra” de psique e realidade que representa a natureza sem entraves (*de novo, tudo intensamente*).

(*Agora muito devagar — isto é, com muitas longas pausas até ao fim da sessão, olhos frequentemente fechados:*)

A questão não é “Posso eu entrar nessa terra?”. A terra está aqui, onde estás, e sempre esteve. Os métodos, os caminhos, as crenças, os modos de viajar até um destino criam o próprio destino. (*Pausa de mais de um minuto.*) É impossível operares sem crenças no teu modo presente de existência (*outro minuto*), “pois para além” desses cintilantes pacotes de crenças, no entanto, existe o vasto reservatório da própria sensação, a terra que de facto existe “para além das crenças.”

O universo não depende da tua crença nele para poder existir. Ele contém em si mesmo a sua própria compreensão do seu próprio conhecimento, o seu reconhecimento mágico de si mesmo, as suas leis e ordens harmoniosas, a sua própria estrutura. Possui e conserva intacta até a menor probabilidade, de modo que nenhuma vida, criatura ou ser, por mais breve que seja, se perde na engrenagem de uma mecânica cósmica.

Para sequer pressentires a existência desse tipo de realidade, no entanto, já tens de ter “aberto a porta” para o Plano subjetivo, e começado a usar a abordagem mágica como o teu modo instintivo natural de lidar com a experiência. Fim da sessão e uma calorosa boa noite (sorriso novamente).

(*“Boa noite.*

(*“Caramba, isto foi de certo modo bastante estranho,” disse a Jane mal saiu do transe, “sentir todo o género de coisas que eram mesmo*

diferentes.” Fez uma pausa. “Quero pôr o dedo nisso. Não esperava nada de diferente esta noite, mas tenho a sensação de que, quer consigas aproveitar ou não, isto representa uma espécie de ponto de viragem...

(A Jane disse que sabia que estava a fazer as pausas muito longas. Ao início ficou “alarmada, a pensar se teria adormecido assim. Foi uma quebra de consciência — isso é que me incomodou. Estava consciente de cada uma delas, mas depois de sair da primeira senti que havia mais qualquer coisa envolvida, embora não saiba o quê. Parecia que ia a algum sítio enquanto falava pelo Seth...”

(Disse também que teve imagens que não descreveu durante a sessão: “Vi os judeus a marchar pelo deserto como na Bíblia, e Moisés a conduzi-los até à Terra Prometida. Só que ele viu-a antes de lá chegar, e perguntava-se se conseguiria levar o seu povo até lá. Acho que estavam envolvidas probabilidades.”)

SESSÃO APAGADA

15 DE DEZEMBRO DE 1981

Bem, como creio que já vos disse muitas vezes, a vossa criatividade é uma das melhores pistas quanto ao modo como operais, vós próprios, na realidade interior.

A abordagem que usais na produção da arte é instintivamente “mágica.” É bastante natural que as crianças brinquem criativamente com os vários estados das suas próprias consciências, que explorem o “nós-mesmos” de uma identidade aparentemente única. Brincam a ser personagens históricas conhecidas. Brincam a ser árvores ou animais ou estrelas. Brincam a ser todas essas coisas. Compreendem a multiplicidade que reside dentro da ideia de uma única pessoa.

Dos pais aprendem a reduzir as dimensões da sua própria individualidade praticamente aceite. Nessa medida cortam-se de grandes partes da sua própria subjetividade. O “nós-mesmos” de uma identidade única é cada vez menos experienciado. Existe, contudo. (Longa pausa.) Disse-vos que a certos níveis as contradições pareceriam certamente surgir, mas o nós-mesmos do eu representa uma característica psíquica importante. As explorações que a criança faz do seu ambiente são de certo modo bastante diferentes das suas explorações adolescentes posteriores do mundo. A curiosidade da criança espalha-se em todas as direções.

Psicologicamente multiplica-se à medida que avança. A sua consciência expande-se para incluir tudo o que percebe, mantendo ao mesmo tempo um sentido da sua própria singularidade.

Uma criança pode pensar “Nós vamos dormir agora” — significando, com toda a naturalidade, que (*pausa*) a sua própria consciência única também participa na vida consciente e nas atividades de tudo o mais que está no seu ambiente, de modo que ela e as criaturas da noite, por exemplo, dormem juntas, e acordam juntas para saudar a aurora. Assim, a criança participa ativamente na consciência da natureza — e não falo apenas de uma participação imaginativa ou simbólica, mas de uma percepção da multiplicidade dentro de si própria e das outras criaturas.

Até certo ponto, particularmente a certos níveis, essa participação traz um sentido muito maior de simpatia e de poder do que os adultos alguma vez percebem, sobretudo nos vossos tempos culturais. A criança não precisa de clamar, dirigir-se ou procurar um certo tipo de Deus, porque compreende através desse comportamento subjetivo que a sua própria preciosa singularidade é também parte do maior nós-mesmos de todas as outras criaturas, e que a sua singularidade está automaticamente assegurada, assim como o seu próprio nós-mesmos dentro desse contexto mais amplo.

A criança compreende que é ela própria e, no entanto, que é simultaneamente uma parte dos seus pais, viva dentro das vidas deles (*deliberadamente*), assim como na sua própria. Ao chamar por eles, a criança chama por uma qualidade do seu próprio nós-mesmos. A criança espera que os pais a apoiem do mesmo modo que espera que os seus próprios dedos e pés apoiem as suas várias posições e decisões. A criança compreende que, de certo modo (*sublinhado*), os pais são uma extensão da sua própria identidade. Ao mesmo tempo sabe que os pais são igualmente independentes, e que a sua própria identidade é parte de extensões que são as dos pais.

Os próprios conceitos são difíceis de exprimir verbalmente. (*Pausa.*) As crianças participam nas suas próprias dimensões de divindade natural em grau suficiente para se sentirem automaticamente apoiadas pela presença de uma confiança e amor abrangentes sempre ativos. Só quando o nós-mesmos do eu começa a desvanecer-se é que um sentido de relativa impotência pessoal começa a manchar o quadro da experiência subjetiva.

Nesse ponto o nós-mesmos é sempre projetado para fora. As dimensões do eu começam a encolher o suficiente, e é nesse ponto, nos vossos termos, que a procura por um Deus ou religião privada começa a emergir. Todos têm pelo menos algumas memórias nebulosas do estado anterior de compreensão, no entanto.

(Muito longa pausa.) Dá-nos um momento.... As capacidades criativas lidam de uma forma ou de outra com o nós-mesmos, com as intersecções interiores que ocorrem em todo o lado dentro dos aspetos mais singulares da vossa realidade. As capacidades criativas unem o criador e o criado *(longa pausa)* num comportamento em que, por exemplo, agora, a pintura que está para vir afeta o seu criador antes da sua conceção e antes da sua forma, de modo que os dois estão ligados num tipo de comportamento em que, a níveis mais profundos, as ideias de causa e efeito não podem ter significado. A pintura-por-venir pressiona a consciência do seu criador *(tudo intensamente)*.

Do mesmo modo, a consciência dos indivíduos pressiona a consciência do Tudo O Que Existe.

De certo modo, todas as preces são respondidas. De certo modo *(longa pausa)*, toda a estrutura da realidade *(longa pausa)* resulta de “características divinas” e de níveis de relação.

Agora há percepções importantes no material desta noite particularmente para o Ruburt, mas também para ti, pois é esse sentimento interior de contacto e consciência que é tão incrivelmente produtivo na criação da arte e na criação de quaisquer aspetos físicos que queiras mudar no mundo físico.

Fim da sessão e uma calorosa boa noite.

(“Então isto não é material para o livro?”)

Isto não é ditado para o livro. Podes usá-lo como parte do livro se preferires. É material para te ajudar a completar o teu “programa.”

(“Boa noite.”)

SESSÃO 939 (TRECHO APAGADO)

25 DE JANEIRO DE 1982

(O material seguinte é da 939.ª sessão.)

Dá-nos um momento....

(Muito longa pausa.) As pequenas orientações que acabei de dar servem também, à sua maneira, como excelentes prescrições, naturalmente, para a vida diária.

Envolvido nessa simples afirmação, no entanto, como pano de fundo, todo o material que já vos dei deve ser pelo menos de algum modo compreendido, particularmente as sessões com que o Ruburt tem trabalhado desde o final do verão de 1980.

Continuo a tentar esclarecer certos assuntos para vós, ao modo de um professor, sem ofender as vossas sensibilidades, a estimular-vos a prosseguir, mas sem desejar que vos sintais desesperados ou globalmente insatisfeitos com o estado do vosso progresso. A um nível, as dificuldades físicas do Ruburt existem à medida que aprendeis uma expressão mais rica, mais complexa e profunda. Elas existem como uma espécie de construção defeituosa de frase num parágrafo da experiência de vida, a que continuais a voltar, persistentemente a tentar melhorá-lo.

Gostaria que, por agora, limpassem o quadro, tanto quanto possível, claro. Gostaria que atendêsseis às vossas vidas tal como de outro modo se vos apresentam, durante um período de tempo, para regressar às sessões devido à vossa curiosidade natural e envolvimento com elas, e para atender sobretudo ao pensamento criativo tal como este se dá a conhecer naturalmente. E deixar que o episódio stressante repouse momentaneamente, como se dissésseis: “Ah, sim, há de facto um grupo de frases distorcidas muito indesejável. Mas vamos deixá-lo de lado por agora, refrescar-nos e permitir que a energia da criatividade trabalhe sobre o parágrafo até regressarmos a ele.”

Tal abordagem, neste momento, é boa. Entretanto a massagem pode de facto ser benéfica (*longa pausa*), pois as duas mulheres permitem realmente que uma expressão livre de amor curativo dirija as suas vidas, de modo que o seu toque é em si mesmo calmante e curativo, e transporta certas mensagens importantes.

Que o Ruburt atenda, não tanto ao seu livro, mas às ideias dentro dele que lhe dão significado e desejo-vos uma calorosa boa noite.

(“O mesmo para ti.”

(Uma breve nota: As duas mulheres a que o Seth se referiu são a Dorothy [companheira de George Rhoads] e a Cathy Poklinkowski. A Cathy ensina massagem no BOCES e foi apresentada à Jane pela Dorothy. Deram à Jane a sua primeira massagem no domingo à tarde. Foi combinado um programa pelo qual a Cathy veria a Jane ao domingo e à quinta à noite para massagens regulares durante algum tempo, para ver se ajudavam. Custo: \$25,00 por semana. A Dorothy não viria muitas vezes de Harford Mills, sobretudo no inverno, mas veria a Jane de poucas em poucas semanas para lhe cortar o cabelo, etc.

(Esta excelente ideia depressa esmoreceu. A Dorothy nunca chegou a vir ver a Jane pelas razões que o Seth mencionou — a Cathy viu a Jane algumas vezes e acabou por ser só isso — a Jane acabou no hospital passadas algumas semanas.)

SESSÃO APAGADA

27 DE JANEIRO DE 1982

(“O nosso dentista, Paul O’Neill, visitou-nos depois do almoço de hoje, como explicarei nas notas a seguir à sessão. A própria sessão surge também da visita do Paul.”)

Bem, boa noite.

(“Boa noite.”)

Uma sessão pessoal que tem, naturalmente, algum mérito geral.

Sugeriria vivamente que tu e o Ruburt considerásseis (sublinhado) a possibilidade de comprar a casa de campo do Paul. É essa própria consideração que me interessa — a disponibilidade para explorar uma probabilidade que surgiu na vossa atenção — porque, ao fazê-lo, lembrais-vos das liberdades que estão (sublinhado) disponíveis nos vossos termos, e porque uma tal consideração, entre outras coisas, vos permitirá ver automaticamente as vossas crenças de uma perspetiva diferente, através de outra moldura.

Os mesmos ingredientes das vossas vidas, sim, mas com outra luz lançada sobre eles, de modo que novas compreensões possam por vezes surgir que antes não eram claras. Tal possibilidade é exequível, contendo de facto muitos elementos desejáveis — e muito desejáveis —; a apresentação de uma segunda moldura de referência, um segundo ambiente que continuaria a ser o vosso. Ponto. A probabilidade é, na verdade,

bastante intrigante, pois ofereceria uma casa longe de casa que representaria em grande parte um investimento em vez de uma despesa — como seria, digamos, uma série de férias.

Um lugar de relativa privacidade, e ainda assim um em que não seriam desconhecidos ou isolados, um em que, de facto, as ligações da 458 West Water Street continuariam a funcionar, com o Paul naturalmente como mediador. (Tínhamos vivido na 458, a três quarteirões do centro de Elmira.)

De certo modo isso representaria realmente um arranjo muito desejável durante alguns anos, um de que o Ruburt poderia tirar proveito, um que poderia servir-vos também por vos apresentar uma moldura diferente através da qual ver a vossa pintura e o vosso mundo visual, uma em que a ideia de água como movimento estivesse sempre presente.

Tal consideração, contudo, abala imediatamente velhas crenças e medos numa espécie de alvoroço. Algumas crenças antigas viriam ao primeiro plano da atenção que até agora permaneceram geralmente em segundo plano. Ideias de virtude, parcimónia e atenção artística única, em oposição à ideia de extravagância, dispersão de energias, ou prazer como força tentadora e perturbadora; todas essas crenças são subitamente agitadas num novo saco, por assim dizer, para que possais distingui-las com uma nova compreensão.

Tal consideração traz também à mente engrenagens relativas a mudar o *status quo*, a acrescentar às distrações ordinárias da vida. (*Pausa.*) Agora, de muitas maneiras, vós e outras pessoas fechais os olhos a tais probabilidades quando estas se apresentam, de modo que os medos predominam globalmente, enquanto quaisquer características ou benefícios desejáveis, de qualquer qualidade, permanecem em grande parte inexplorados e inativos.

Estou, claro, bem ciente do perigo de inundações que pode ocorrer em tais circunstâncias, mas gostaria que ambos explorassem essa possibilidade tão livremente quanto puderem. Ela representa de facto um desenvolvimento provável bastante significativo. Qualquer decisão é, naturalmente, vossa — mas a disponibilidade global para explorar a criatividade possível numa tal probabilidade é talvez mais importante do que qualquer escolha que façais.

Todo o assunto é altamente intrigante. Há nele elementos bastante evocativos do homem acampado junto a qualquer lago, da sua relação com

a natureza e com a água, e do seu desejo por vezes aparentemente contraditório de estar afastado dos seus semelhantes e ao mesmo tempo unido de algum modo a uma comunidade mais ampla. Dar-vos-ia a oportunidade de explorar diferentes aspetos da natureza, simplesmente, algumas espécies diferentes de plantas ou animais, mas num contexto em que a própria água é o elemento principal omnipresente.

(Durante uma exposição bastante firme e enfática.) O homem tem dentro de si a necessidade de repousar e de explorar, de permanecer junto “às colinas de casa” (*Thomas Wolfe*), e de explorar para além delas, mas tal segundo ambiente relativamente acessível tem certas vantagens para ti e para o Ruburt em comparação com as que por vezes apresenta para outros, e essa disponibilidade para explorar a probabilidade por si só pode dar-vos excelentes resultados, ao proporcionar uma nova elasticidade de atitude e, de certo modo, ao trazer para casa de uma forma diferente a ideia de que o presente é o ponto de poder.

Ou seja, aumentais o sentimento e a intenção de poder ao considerá-lo em tal ação, quer no vosso mundo prossigais ou não esse tema em particular — e não quero que considereis a questão hipoteticamente, mas sim como um curso de ação possível e bastante desejável que podeis ou não prosseguir. Isto significa também que estais a trazer tal questão à luz consciente, que não tendes medo de fazer tal escolha, e que estais gratos por a escolha em si vos estar disponível.

Muitos hábitos de repressão surgem porque tendes medo de tomar decisões conscientes, ou simplesmente não quereis incomodar-vos com elas, e certamente todos os eventos prováveis não vos atraem de forma importante. É, no entanto, uma excelente política procurar as decisões conscientes disponíveis que podem ser tomadas nas vossas vidas, pois vedes então as vossas próprias situações sob uma luz mais clara e nova. Ponto.

(Longa pausa.) Os animais massajam-se uns aos outros, e usam também a cura pelo toque, e essas atividades representam as características naturais disponíveis na “família animal,” assim como ocorrem naturalmente na família humana. Os animais a brincar estão sempre a trocar transformações curativas de energia uns com os outros. Os vossos próprios sentimentos que ligam as vossas mãos, portanto, são bastante pertinentes e significativos. Algumas pessoas estão mais conscientes do

que outras dessas ligações. Na vossa sociedade, contudo, foram desaprovadas, e por isso são na maior parte das vezes reprimidas.

(Pausa) É bastante saudável, particularmente em certas fases, que crianças pequenas durmam juntas no mesmo quarto ou até na mesma cama, desde que lhes seja dada alguma oportunidade de reclusão quando a desejarem — pois antigamente as famílias de facto se restauravam e curavam durante a noite. Podes conscientemente reeducar-te a usar a capacidade de forma mais livre e direta, e em muitos casos um indivíduo pode ajudar a curar outro mais facilmente do que a própria pessoa o consegue. Ou seja, a pessoa que sofre, em qualquer grau, já desconfia ou desconfia bastante da natureza das suas próprias capacidades, mas normalmente pode e vai aceitar uma tal atenção amorosa de outro membro da família, ou mesmo de um amigo. Pretendia mencionar especialmente estes pontos.

Existem muitas maneiras diferentes de as pessoas usarem essa energia. O Ruburt recebeu hoje outra carta (que ainda não li), de alguém que experimentava a versão kundalini da energia, em que os resultados finais foram realmente pobres, levando a um medo da própria energia. É, portanto, extremamente importante que compreendas a vitalidade e o direito natural a essa energia, já que está disponível não apenas para ti próprio, mas também para os reinos vegetal e animal. Como os vossos corpos se curam constantemente, e como toda a natureza é basicamente cooperativa, a troca dessa energia curativa é livre e sem esforço.

(Longa pausa. Muito mais lento agora:)

É melhor, ao começar, lidar com casos específicos, trabalhando com uma dada pequena área — de facto, de modo algo semelhante à maneira como um animal pode lambar o pelo de outro. Ambos fizestes algumas ligações bastante importantes ultimamente (longa pausa), que só podem servir para vos lembrar um ponto essencial: os “sintomas” do Ruburt não devem ser encarados como uma mancha negra de qualidade certamente reprovável, por vezes vista de forma bastante desesperada, mas sim como uma combinação ou resultado de características bastante mutáveis, bastante móveis, bastante separadas, que podem também ser tratadas separadamente, movidas de lugar e assim por diante, aliviadas ou dissolvidas.

Por agora é suficiente. Os meus mais calorosos votos e uma afetuosa boa noite.

(“Boa noite.”)

(O ditado da Jane tinha sido das mais fluidas e consistentes em bastante tempo, com poucas pausas até perto do fim.

(O material do Seth sobre a casa de campo do Paul O’Neill surgiu por causa da nossa conversa com o Paul ao meio-dia, quando este verificava os dentes inferiores da Jane aqui em casa. Parece que ele e a esposa estão a comprar uma casa maior, próxima da antiga, que planeiam alugar. O preço da casa mais velha rondava os 35.000 dólares, creio, e não me lembro de o Paul ter dito expressamente que queria vendê-la. Antes, os O’Neill planeavam alugá-la “para a época” por uma soma elevada, como é habitual no Lago Keuka.

(O tema da sessão foi para mim totalmente inesperado, embora, como se veio a perceber, a Jane tivesse tido muitas intuições antes, sem me contar. Naquela tarde, enquanto respondia ao correio, começou a receber “coisas bastante fortes do Seth sobre isso.” Ao mesmo tempo, desejava que o Seth se esquecesse do assunto — provavelmente porque sabia quais seriam as nossas reações.

(Naturalmente, fiquei perplexo, a pensar logo no trabalho extra envolvido em primeiro comprar e depois gerir um segundo espaço, quando mal me parece que tenho tempo para fazer o que já faço. Compreendi o material do Seth sobre o tema, e até concordei com ele, disse à Jane depois da sessão. Acrescentei que não era uma questão de dinheiro, no sentido em que acreditava que o dinheiro surgiria caso decidíssemos avançar com o projeto. Mas o tempo... e temia que o trabalho extra não pudesse deixar de cortar tempo à pintura, à datilografia ou ao que fosse. A Jane concordou...)

SESSÃO APAGADA

12 DE ABRIL DE 1982

(O dia de ontem marcou o início da terceira semana da Jane em casa depois do hospital, e ultimamente tenho tentado encorajá-la suavemente a começar uma série de sessões privadas no esforço de aprendermos o que pudermos sobre todo o sistema de crenças do hospital e do sistema de saúde, e o nosso papel nele através e com o material do Seth. Estava ansioso por que a Jane começasse um programa de auto-terapia através do material do Seth, para a ajudar a contrariar — ou pelo menos a complementar — a estrutura médica rígida padrão com que nos temos deparado no último mês, desde que ela entrou no hospital a 26 de fevereiro de 1982. [Teve alta a 28 de março.]

(Também tento ganhar algum entusiasmo para começar a trabalhar no último livro do Seth, Sonhos, “Evolução” e Cumprimento de Valores, cujo contrato assinámos recentemente, já com o adiantamento recebido. [O contrato foi contrassinado a 22 de março.] “Não te preocupes,” disse eu à Jane no hospital, “sei quem vai fazer o resto do trabalho no livro...” Querendo com isso dizer que via claramente que ela não iria conseguir contribuir muito fisicamente nesta altura. Assim, a produção efetiva do trabalho físico para o editor ia ficar a meu cargo, e eu estava ansioso por começar logo que estabelecêssemos alguma rotina diária viável em torno dos cuidados de enfermagem da Jane, horários de sono, medicação, etc.

(Tivemos já duas pequenas “sessões,” durante as quais a Jane ditou passagens para a introdução de Sonhos, enquanto eu anotava as suas palavras. Não foram transes do Seth, atenção. Ela fez esse trabalho por si, presumivelmente num estado alterado, e fez aí um bom começo. Ainda não dactilografei esse material, mas começarei a fazê-lo depois de terminar esta sessão.

(Uma nota: A Jane mencionou várias vezes, desde que voltou para casa, que o Seth poderá ditar uma biografia dela — presumivelmente incluindo as experiências hospitalares, etc. Demorei alguns dias a perceber que esta é uma ideia única — certamente nunca foi feita antes. “De vez em quando tenho ideias sobre isso,” disse ela, mas não vindas do Seth, pelo menos até agora... que quando és criança apanhas certas ideias sobre que tipo de pessoa queres ser — de uma fotografia, de uma esquina de vida, de uma margem, e juntas todas essas pequenas coisas numa personalidade. Recorres às pessoas com quem partilhas o novo ambiente.

Todos fazem isto, e é algo muito mais determinante na formação da personalidade do que as pessoas percebem... ”)

(A Jane ainda adormece sentada na sua cadeira, sobretudo depois do jantar, o que interpretamos como um sinal de que a tiroide ainda não está no ponto, embora esteja bastante melhor nesse aspeto do que antes de entrar no hospital. Esse adormecer preocupa-a, no entanto. Mesmo enquanto eu estava ao seu lado à mesa redonda da sala a escrever estas notas, ela continuava a cabecear no sono. Passei algum tempo a tentar convencê-la a fazer primeiro uma curta sessão, e ela acabou por concordar em tentar. Eram 20h52 quando adormeceu mesmo na cadeira, pela décima vez talvez. Percebi que não teríamos sessão nenhuma esta noite. Mas depois acordou. “Estou só à espera — sinto-me tão estranha...”

(A contradição era que, como lhe disse outro dia, eu não achava que conseguíssemos resolver os nossos dilemas sem voltarmos à rotina das sessões. Caso contrário, ficaríamos a lutar dentro do sistema estabelecido, como toda a gente. E, no entanto, cada vez que eu queria tentar alguma coisa, a Jane tinha dificuldade em se concentrar. Estava prestes a desistir daquela noite quando a Jane despertou de novo e disse com bastante firmeza: “Ultrapassei um certo ponto, Bob, e agora já consigo...” — querendo dizer que afinal teria sessão. “Mas vai ser mesmo muito curta.” E eu sabia que seria boa.

(A Jane entrou facilmente em transe, como de costume. A sua voz do Seth estava mais forte do que eu esperava, embora com um tremor de fundo que já tinha notado em várias outras ocasiões desde que regressara do hospital.)

Agora: um discurso muito breve.

Apesar das suas e das vossas queixas, compreendeis em boa medida as decisões e ações que motivam as vossas vidas, de modo que o Ruburt está mais do que habitualmente consciente das manipulações que psicológica e fisicamente estão logo abaixo do material habitualmente transportado pelo que normalmente se chama mente consciente.

*Assim, surgiu uma espécie de intervalo momentâneo entre a sua vida e o viver dela — uma pausa e uma hesitação (*pausa*) tornaram-se evidentes entre a sua vida e o que faria com ela, como mostrou a sua condição mesmo antes da pausa hospitalar.*

Ajudar-vos-ei ainda mais a compreender essas manipulações. Pois muitas pessoas — a maioria das pessoas — levam a cabo o mesmo tipo de

procedimentos ao tomar decisões importantes sobre se vão ou não continuar a vida em qualquer momento dado — mas escondem as questões de si próprias muito mais do que o Ruburt fez.

(*Longa pausa.*) Dá-nos um momento... Toda a questão já decorria há algum tempo. E o debate — o debate era algo da natureza de uma alma perante a sua própria assembleia legislativa, ou talvez perante si mesma como júri, a expor o seu caso num tipo de julgamento psíquico privado mas ao mesmo tempo público. As decisões de vida são muitas vezes tomadas exatamente dessa forma. No caso do Ruburt, tinham uma lógica e economia psíquica e física, sendo óbvias a tantos níveis diferentes de realidade. Assim, questões enterradas foram forçadas à luz, fraquezas ou insuficiências temidas foram ativamente representadas onde podiam ser devidamente tratadas, ordenadas e avaliadas. Tanto quanto possível, dadas as vossas exigências de tempo, tentarei explicar tais assuntos.

(*Pausa.*) Em tal grau, naturalmente, o assunto foi, então, terapêutico. (*Pausa.*) O Ruburt está agora muito mais disposto a fazer certas mudanças na sua vida do que estava antes, e vê-se mais como um de uma congregação viva de criaturas — menos isolado do que antes, despojado do modelo superperfeito e, portanto, já não sob a compulsão de corresponder a tal servidão psicológica (*tudo com alguma ênfase*). Ele não precisa, então, de tentar ser o eu perfeito, a super-imagem — e na verdade, em certa medida, encontrou-se suplicante (o eu), a bater à porta terrena da condição de criatura, como qualquer criatura pode pedir ajuda a outra que se vê ferida por desventura.

Ele encontrou um mundo misto — dificilmente preto ou branco, um com considerável dar-e-receber, no qual, mesmo nas circunstâncias mais lamentáveis, havia (*sublinhado*) espaço para alguma ação, para alguma melhoria, para alguma decisão, para alguma resposta criativa. As regras do jogo foram, portanto, automaticamente alteradas. As questões estão mais claras, gravadas de modo dramático. (*Longa pausa.*)

Dá-nos um momento... A situação da artrite é como eu a vejo, mas ainda estais confrontados com a interpretação médica dessa situação, de modo que cabe ao Ruburt pô-la de lado. Ele está a regressar à atividade ao seu ritmo criativo, naturalmente terapêutico, já sem medo de que esteja a ir demasiado depressa — ou irá — mas ficou mostrado de forma claríssima que a atividade e o movimento representam a única resposta segura, sã e criativa.

Não queremos longas discussões arrastadas sobre porquê e o que exatamente aconteceu, mas simplesmente compreender a dinâmica da atividade. O Ruburt pode trabalhar com a autoimagem que tem agora. Ela é imperfeita, mas é maleável e está disposta a mudar. Haverá mais. Isto é para vos dar um arranque — e, como sempre, para ambos os meus mais calorosos cumprimentos.

(“Muito obrigado, Seth. Boa noite.”

(O andamento da Jane tinha sido em geral aceitável, tendo em conta as circunstâncias. “Senti que, quando abrandei ali por duas ou três vezes, isso não tinha nada a ver com cabecear o sono,” disse ela, referindo-se a algumas pausas mais longas. “Foi apenas uma coisa normal, não sei...” Eu disse-lhe que tinha estado bem. “Foi mais do que pensei que conseguiria fazer,” disse, “mas fiquei mesmo preocupada esta noite quando comecei a adormecer assim.” Respondi que sempre senti que ela conseguiria fazer mais do que achava, e assim foi.

(Ficámos ambos muito satisfeitos com a sessão: contém muitas pistas importantes. O diagnóstico de artrite, disse a Jane, seria o único que a profissão médica poderia oferecer, com a sua visão e percepção muito limitadas — ao passo que o Seth sempre insistiu que ela não tinha artrite per se. Eu queria que ele pelo menos fizesse referência ao tema da artrite esta noite, na esperança de que as sugestões reforçadas ajudassem a Jane a mobilizar os seus próprios fortes poderes criativos. Igualmente importante foi a ideia do Seth de que a Jane já não precisava de tentar ser “o eu perfeito.” Muito importante.

(A referência do Seth, acima, ao medo da Jane de ir demasiado depressa remete para um excerto da sessão apagada de 28 de janeiro de 1981. Eu mantenho esse excelente excerto no caderno atual, onde o vejo sempre que o abro. Parece-me que resume muito bem o cerne das dificuldades da Jane — esse, juntamente com um excerto mais longo da sessão apagada de 26 de janeiro de 1981, imediatamente anterior. Esse trata do medo da Jane do eu espontâneo e de como ela via a sua imobilidade como uma forma de proteção.

(Uma nota: Não respondo ao correio de fãs desde que trouxe a Jane do hospital, a 28 de março, e já está a começar a acumular-se. Enquanto a visitava todos os dias durante o mês em que estive internada, mantive-me religiosamente em dia. Desde que regressámos a casa, porém, não tenho tido absolutamente tempo nenhum para o correio, e deixei de lhe

responder, salvo por assuntos de negócio e uma ou outra carta excepcional, ou um pedido de visita, etc. Não sei se me arrependo ou não. Agora o correio recuou muito para o pano de fundo, embora eu não esqueça o que significa, que recebemos tal resposta pelo que fazemos, e que cada um desses escritores é sincero e, na minha opinião, merece resposta.

(A Sue Watkins ofereceu-se para ajudar com o correio, mas eu não sei o que fazer — suponho que temo que, uma vez fora de nossa casa e das nossas mãos, a situação se torne numa confusão. Também reparo que não quero abrir mão da posse física das cartas. Uma opção que considerámos é mandar imprimir um postal temporário a referir as nossas dificuldades com a doença da Jane, dizendo que não podemos responder ao correio neste momento exceto para agradecer, e que mais tarde talvez possamos. Acho que, de momento, é a melhor via, mesmo que implique divulgar o facto dos problemas da Jane. Pelo menos as respostas seriam nossas....)

SESSÃO APAGADA

16 DE ABRIL DE 1982

(Depois da sessão de segunda-feira passada, a Jane disse-me que tentaria manter sessões privadas quando pudesse, mas que, por agora, preferia estar livre de qualquer rotina esperada, digamos, de noites de segunda e quarta. Concordei, claro. À espera que a próxima sessão surgisse, ocupei-me a trabalhar na introdução dela e nas minhas notas para Sonhos do Seth. Gosto do rumo que está a levar, embora a Jane planeie algumas revisões. Mas é uma peça de trabalho única e, como lhe disse, podemos usá-la para lançar a base de muito trabalho futuro. Certamente não conheço nada semelhante no mercado.

(Por outras palavras, é com alegria que digo, a nossa criatividade está em alta, a mostrar-se cada vez mais apesar de — ou talvez por causa de — tudo o que nos tem acontecido ultimamente. Muito reconfortante.

(No entanto, também descobri que tenho de vigiar o meu tempo se quero fazer alguma coisa, pois o “tempo” pode escapar-se como fumo enquanto faço tarefas, ajudo as enfermeiras a cuidar da Jane, cozinho, trato dos gatos ou faço recados. [Em breve a relva, que está a ficar verde, também precisará de ser cortada.] Fiquei bastante preocupado com a questão do tempo esta tarde quando vi que eram 14h45 antes de conseguir voltar à máquina de escrever, depois de ter parado às 11h30. Quando pude

retomar o trabalho, estava num estado meio zangado, abatido. A Jane captou isto, claro. Acabei por fazer uma sesta.

(Depois do jantar falámos sobre se ela gostaria de retomar a ditação para a introdução de Sonhos. Nessa altura eu já tinha respondido a duas das três cartas que recebêramos hoje, pois ambos os autores queriam vir cá — uma da Califórnia e outra da Austrália. [Também tivemos, no outro dia, uma visitante não anunciada — uma advogada coreana — de Los Angeles.] Naturalmente estamos a recusar todas as visitas por causa do fator tempo.

(“Bem, acho que esta noite faço uma coisa do Seth,” disse por fim a Jane, e, para minha surpresa, “mas não vai ser nada longa....” Quando entrou em transe, sentados à mesa da sala, a sua voz tinha um tremor nítido — mais do que na segunda-feira [12 de abril] — e uma sensação ou som mais distante. Com muitas longas pausas.)

Agora —

(“Boa noite.”)

O mesmo processo envolvendo a glândula tiroide ocorreu várias vezes na sua vida, e em cada um desses casos reparou-se por si.

(Esta informação surgiu porque a médica da Jane, Marsha Kardon, lhe dissera no hospital que os testes mostravam que a glândula tiroide dela tinha deixado de funcionar por completo, com o facto concomitante de que a Jane teria de tomar um extrato tiroideu sintético — Synthroid — diariamente para o resto da vida.)

Se antes, porém, o Ruburt tinha a ideia errónea de que ia demasiado depressa ou iria ou poderia — e de que tinha de se refrear e exercer cautela, agora recebeu o prognóstico médico, a “prova física” de que tal não era o caso — e, de facto, que o oposto era verdadeiro: ele estava demasiado lento. Se as nossas palavras não o conseguiam convencer, ou a sua própria compreensão não apreendia a verdade, então tinha a “verdade” pronunciada com toda a autoridade da profissão médica — e, se em tempos um médico lhe dissera, anos atrás, quão excelente era a sua audição, a profissão médica dizia-lhe agora que a sua lentidão [a sua deficiência tiroideia] ajudava a prejudicar a audição a um grau alarmante.

Além disso, aqui está a medicação necessária — o Synthroid — que irá corrigir esse equilíbrio. E assim será.

(Longa pausa, uma de muitas.) Se o Ruburt em tempos se viu a imaginar que tinha de ser forte e perfeito o suficiente para ajudar a resolver

os problemas de toda a gente, agora viu-se relativamente indefeso e “desprotegido” — isto é, a sua condição física colocou-o, certamente, numa situação em que se sentiu indefeso. A super-perfeita, irrealista autoimagem simplesmente caiu: não podia sobreviver a tal situação.

(Muito longa pausa.) Assim, contrariamente às suas próprias crenças, e indefeso ou não, o Ruburt estava a aguentar-se.

Havia uma certa camaradagem entre ele e os outros, os desejos e impulsos tornaram-se mais imediatos, mais nítidos, mais fáceis de identificar.

Os desconfortos de natureza física levavam a respostas instantâneas. Ele podia desfrutar da bebida refrescante (*Coca-Cola*), da mudança de posição, do alívio súbito de virar de uma anca para a outra. As suas fraquezas estavam à vista, apresentadas de modo dramático e, a partir daí, a menos que escolhesse a morte, só podia avançar: pois de repente sentiu que havia afinal algum (*sublinhado*) espaço para se mover, que realizações eram possíveis, quando antes todas as realizações pareciam irrelevantes perante a sua esperada atividade sobre-humana.

(Ao conversarmos enquanto a Jane estava no hospital, ela de facto explorou com bastante seriedade a possibilidade da morte física — muito mais do que qualquer de nós tinha percebido a nível consciente antes de ela dar entrada no hospital.)

Ele irá, então, continuar a melhorar, porque permitiu a si próprio algum espaço para o movimento, para a mudança do cumprimento de valores. Confia nos ritmos do corpo à medida que essas mudanças ocorrem, contudo. Ir ao quintal (*esta tarde numa cadeira de rodas, acompanhada pela sua enfermeira*) foi um excelente exemplo, importante em níveis práticos e simbólicos.

(Longa pausa.) Por assim dizer, o Eu Pecador criou a autoimagem sobre-humana que exigia tanto, e envolveu o corpo do Ruburt como se fosse em betão. Ora, essa imagem estalou e desmoronou-se na experiência hospitalar, deixando ao Ruburt a sua imagem mais nativa, muito mais realista, de si mesmo. É uma com que ele pode trabalhar.

Tudo isso foi (*sublinhado*) extenuante, e tu tiveste o teu próprio papel a desempenhar nesses desenvolvimentos. Lê, quando puderes, o meu material sobre a abordagem mágica. O Ruburt andava a baixar o seu termóstato, por assim dizer. Agora os seus desejos e intentos colocaram-no numa regulação saudável e razoável, e os processos interiores são

automaticamente ativados para produzir a aceleração normal do corpo, ao passo que antes o seu intento levava à lentidão automática do corpo.

Chega por esta noite. Desejo-vos uma afetuosa boa noite — e sabeí que ambos destes passos novos importantes.

(“Boa noite,” disse eu após um momento de pausa.

(A voz do Seth da Jane tinha-se fortalecido um pouco à medida que a sessão progrediu. “Senti-me um bocado estranha antes da sessão,” disse ela, “mas não foi problema.... As minhas mãos têm estado cada vez melhores, sobretudo para comer, mas estão doridas, percebes?” Ela tem um pouco menos de dificuldade a usar um garfo, por exemplo, mas continua a fazer quase todas as refeições com a mão esquerda.

(Ficámos muito encorajados por dois pontos em especial que o Seth mencionou esta noite — que a tiroide da Jane já se tinha reparado antes, evento que agora poderia libertá-la da dependência da medicação, e que a imagem sobre-humana do Eu Pecador “estalou e desmoronou-se na experiência hospitalar.”

(Disse à Jane que estes representavam pontos-chave. Eram muito importantes, porque deixariam o corpo livre para se curar. “Vamos ver o que acontece. Pergunto-me o que estarás a fazer daqui a seis meses, se o Seth tiver razão?”, perguntei. “Bastante interessante... O corpo acabou por ficar tão desesperado por se libertar daquela imagem rígida do Eu Pecador sobre-humano que se levou a si próprio para o hospital durante um mês — mesmo que quase tenha morrido para conseguir lá entrar. Mas livrou-se dessa imagem....” A Jane concordou.

(Também tive de me perguntar o que teria o “Eu Pecador” da Jane a dizer agora, em comparação com o material que a Jane recebeu dele a partir de junho de 1981. As primeiras 40 ou 50 páginas que então nos tinham sido tão reveladoras....)

SESSÃO APAGADA

28 DE ABRIL DE 1982

(“Sinto falhas na minha consciência,” disse a Jane, preocupada. “Começo a fazer uma coisa, depois dou por mim a pensar que já a fiz — mas isso significa que adormeci pelo meio e afinal não a fiz de todo...”

(Disse isto, como tem dito várias vezes ultimamente, depois do jantar desta noite. Mais uma vez perguntei-lhe se queria fazer uma sessão, ou ditar alguma coisa por si. Mal acabou de comer começou a cabecear na cadeira, embrulhada, sentada à mesa de cartas da sala de estar. A televisão seguia sem ser atendida.

(A princípio a Jane não sabia o que queria ou conseguia fazer. Caiu num padrão regular e muito estreito de comer, ver televisão e dormir, ou na cadeira ou na cama, noite e dia. Lê um pouco, mas escreve — ou tenta — ainda menos.

“Estou assustada,” disse outra vez. “Esse adormecer deixa-me mesmo preocupada...”

(Voltei a tentar fazer-lhe ver que as sessões, ou o trabalho dela própria, poderiam oferecer maneiras de atravessar esse período, ou pelo menos dar-lhe maiores percepções sobre ele. “Se fosse eu,” disse — e provavelmente não devia — “não podia esperar para obter alguma coisa sobre o que está a acontecer, na esperança de que ajudasse.” Ultimamente tenho mais ou menos desistido de a instigar a fazer sessões, pois parecia que essa atividade estava além das suas possibilidades nesta altura. Tentei também ter em mente a referência recente do Seth aos ritmos naturais dela, pensando que, se ela não quer sessões agora, isso poderá, na verdade, fazer parte do processo de cura.

(Hoje a enfermeira da Jane, Peggy Jowett, pô-la a cumprir um regime de movimentação, lavagem e mudança de pensos — duas horas atarefadas que foram tudo o que a Jane conseguiu aguentar, concordámos ambos. Teria o mal-estar posterior resultado simplesmente do cansaço físico? Não me pareceu realmente, embora admita a possibilidade, porque a Jane também adormece de manhãs e aos fins de semana, quando não há enfermeiras, e eu mudo-lhe os pensos aos fins de semana em 20 minutos, pelo que aí há pouco esforço.

(“A única outra coisa que me ocorre é a tiroide, que ainda está abaixo do ponto,” disse a Jane. Concordei que isso tinha algo a ver, mas também senti que estavam envolvidos outros fatores, psicológicos. O Sr.

Wrigley, o assistente clínico que telefonara há duas semanas, também nos visitou hoje para ver as escaras da Jane [que, a propósito, estão a correr bem], portanto estava cá quando a Peggy chegou. Os quatro falámos no quarto. O Sr. Wrigley disse que a úlcera no cóccix da Jane estava a encher com tecido “granuloso,” o que significa que também está a sarar, embora lentamente. Mas toda a tarde tinha sido ativa e cansativa para a Jane.

(Eu também fui tratar de recados aos correios, supermercado e farmácia enquanto a Peggy ajudava a Jane, e quando voltei a Peggy tinha conseguido pôr a Jane da cama de novo na cadeira — mas não foi fácil, disse a Jane mais tarde, e ela não conseguiu explicar à Peggy exatamente como é que eu próprio o faço sem grande esforço.

(A meu pedido, o Sr. Wrigley vai perguntar à médica da Jane, Marsha Kardon, se a análise ao sangue que ela tem marcada para 3 de maio não pode ser feita aqui em casa. Evitaria uma ida ao Hospital de St. Joseph na próxima segunda-feira e talvez acelerasse um pouco as coisas, pois achei que a Jane agora podia beneficiar de um reforço da atividade tiroideia através de uma dose mais forte de suplemento, Synthroid. O Sr. Wrigley deverá telefonar esta manhã — quinta-feira, enquanto dactilografo este material, embora não tenha muita esperança de que as coisas se resolvam assim tão facilmente. Disse que a Dra. Kardon podia ela própria colher o sangue da Jane; e comprometeu-se a visitar-nos em casa.

(“Estou só à espera,” disse agora a Jane, fumando um cigarro enquanto eu me sentava com ela à mesa de cartas. Eu trouxera o caderno, como ela sugerira. Os olhos estavam pesados, mas — “quase sinto qualquer coisa,” disse. “Qualquer coisa,” disse, a balançar para a frente e para trás na cadeira, querendo dizer que estava a tentar manter-se acordada e aceitaria o que conseguisse. E, mais uma vez, enquanto esperávamos, ocorreu-me que tinha sido eu a iniciar os eventos desta noite, enquanto eu tinha dificuldade em perceber porque é que a Jane não fazia mais disso por si.

(“Sinto-o ligeiramente por perto,” disse às 19h30. “Tenho-me estado a dizer...” A voz desvaneceu-se, e vi que lutava para se manter acordada. Ainda assim conseguiu deixar que uma sessão acontecesse. Começou a falar pelo Seth de olhos fechados — mas a sua voz estava bastante forte, comparativamente, com um tremor mínimo. Os olhos estavam bastante escuros quando finalmente se abriram para me fitar.)

Boa noite. Bem, resumidamente —

(“Boa noite, Seth.”)

As alterações perturbadoras da consciência ocorrem principalmente quando as energias do Ruburt estão a ser utilizadas noutro lado. Em níveis físicos é então que ele se torna mais consciente da falta da sua energia habitual, ou de recursos necessários disponíveis, que estão tão ligados à atividade tiroideia.

Depois de uma refeição bastante grande (*como a de hoje*), por exemplo, começa a digestão. A energia disponível é, portanto, dirigida para essa atividade e, estando ainda a tiroide em estado defeituoso, ele sente-se então sem estímulo, tem lapsos e, em grande medida por esses meios (*longa pausa*), conserva a energia que lhe resta. Espero ter sido claro.

A situação noturna ficará algo melhor com um snack mais tarde, durante a noite, ou um ou dois — para que haja uma ingestão regular de proteína e nutrientes, em vez de, digamos, grandes quantidades comidas mais ou menos rapidamente. Isso ajudará também o equilíbrio da tiroide e ajudará o sono — isto é, induzi-lo-á — e até melhorará a atividade muscular.

(Durante a noite a Jane também se estabeleceu mais ou menos numa rotina de se deitar por duas horas, depois sentar-se na cadeira por igual tempo, e até dormir nela, para depois voltar para a cama. Bebe goles de Coca-Cola, mas não come. A televisão está constantemente ligada. Eu costumo levantar-me pelo menos três, e geralmente quatro, vezes durante a noite para a ajudar a passar da cadeira para a cama, da cama para a cadeira, etc.)

O Ruburt precisa de falar contigo sobre os medos dele, bastante “normais.” Isso ajudará a que se esbatam mais depressa — e, se puderes, tranquiliza-o com carinho em vez de agires como um distinto professor com um aluno teimoso (*com algum humor*). Os medos dizem respeito sobretudo ao prognóstico do sistema médico.

(E como a Jane e eu tínhamos discutido enquanto ela estava no hospital, ela de facto explorou com bastante seriedade a possibilidade da morte física — muito mais do que qualquer de nós tinha percebido a níveis conscientes antes de a admitirem no hospital.)

Ele irá, então, continuar a melhorar, porque permitiu a si próprio algum espaço para o movimento, para a mudança do cumprimento de valores. Contudo, confia nos ritmos do corpo à medida que essas mudanças ocorrem. Sair para o quintal (*esta tarde numa cadeira de rodas*,

acompanhada pela sua enfermeira) foi um excelente exemplo, importante nos níveis prático e simbólico.

(Longa pausa.) Por assim dizer, o Eu Pecador criou a autoimagem sobre-humana que exigia tanto, e encerrou o corpo do Ruburt como se fosse em betão. Pois bem, essa imagem estalou e desmoronou-se na experiência hospitalar, deixando ao Ruburt a sua imagem mais nativa, muito mais realista, de si mesmo. É uma com que ele pode trabalhar.

Tudo isso foi *(sublinhado)* extenuante, e tu tiveste o teu próprio papel a desempenhar nesses desenvolvimentos. Vê, quando puderes, o meu material da abordagem mágica. O Ruburt andava a baixar o seu termóstato, por assim dizer. Agora, os seus desejos e intentos fixaram-no numa regulação saudável e razoável, e os processos interiores são automaticamente ativados para provocar o avivar normal do seu corpo, ao passo que antes o seu intento conduzia à lentidão automática do corpo.

Chega por esta noite. Desejo-vos uma afetuosa boa noite — e sabeis que ambos destes passos novos importantes.

(“Boa noite,” disse eu após um momento de pausa.

(A voz do Seth da Jane tinha-se fortalecido um pouco à medida que a sessão progredia. “Senti-me um bocado estranha antes da sessão,” disse ela, “mas não foi problema.... As minhas mãos têm estado cada vez melhores, sobretudo para comer, mas estão doridas, sabes?” Ela tem um pouco menos dificuldade em usar um garfo, por exemplo, mas continua a fazer quase todas as refeições com a mão esquerda.

(Ficámos muito encorajados por dois pontos em especial que o Seth mencionou esta noite — que a tiroide da Jane já se tinha reparado antes, evento que agora poderia libertá-la da dependência da medicação, e que a imagem sobre-humana do Eu Pecador “estalou e desmoronou-se na experiência hospitalar.”

(Disse à Jane que estes representavam pontos-chave. Eram muito importantes, porque deixariam o corpo livre para se curar. “Vamos ver o que acontece. Pergunto-me o que estarás a fazer daqui a seis meses, se o Seth tiver razão?”, perguntei. “Bastante interessante... O corpo acabou por ficar tão desesperado por se libertar daquela imagem rígida do Eu Pecador sobre-humano que se levou a si próprio para o hospital durante um mês — mesmo que quase tenha morrido para conseguir lá entrar. Mas livrou-se dessa imagem...” A Jane concordou.

(Também tive de me perguntar o que teria o “Eu Pecador” da Jane a dizer agora, em comparação com o material que a Jane recebeu dele a partir de junho de 1981. As primeiras 40 ou 50 páginas que então nos tinham sido tão reveladoras...)

(Um exemplo concreto: Quando nos visitou hoje, o Sr. Wrigley disse que a Jane deveria usar meias de compressão ou ligaduras nos pés e pernas durante o dia, para ajudar a reduzir o inchaço nos pés e nos tornozelos. Caso contrário, disse ele, também aí poderiam desenvolver-se úlceras. Isto assustou a Jane, mas ela não mo disse senão algumas horas mais tarde. Os pés estão algo inchados — edema —, mas têm um aspeto muito melhor do que no ano passado, digamos, e a cor é normal. Ela usa as minhas meias elásticas de inverno, que oferecem esse tipo de suporte protetor. São estes dilemas que nos incomodam no sistema médico: não sabemos se devemos ignorar por completo tais conselhos, ou segui-los e assim aceitar o prognóstico da medicina.

(Pessoalmente, credito ao corpo poderes de cura formidáveis — especialmente se, como disse à Jane recentemente, o corpo for deixado em paz para se reparar a si mesmo. Mas, obviamente, esse “deixar em paz” é muitas vezes muito difícil de alcançar assim. Pode até ser, muitas vezes pensei, que não se possa realmente deixar o corpo em paz, nem se deva — pois o corpo físico seria uma porção da realidade que cada indivíduo cria, e, por isso, está destinado a envolver-se intimamente com medos, desejos, intentos, êxitos, etc., individuais.)

Ele responde, então, bastante bem aos estímulos. Assim, breves conversas contigo sobre esse assunto, ou sobre o teu trabalho em geral, ou sobre qualquer assunto que seja, avivam automaticamente o seu estado de espírito e as suas respostas. Ele, naturalmente, melhorou, e em força geral, desde que regressou a casa — mas no hospital nada lhe era exigido ou esperado.

(Longa pausa.) Agora, ele pensa mais ou menos que deve e deveria regressar ao “trabalho” imediatamente, quando, em vez disso, uma atitude mais descontraída permitiria que os seus sentimentos naturais, o seu amor pelas ideias e o seu interesse no nosso trabalho mostrassem de novo, naturalmente, os seus resultados, com o mais natural equilíbrio de recuperação. Ou seja, encontrar-se-ia um ritmo — e assim será quando a pressão desaparecer.

(Pausa.) Ele pode também usar estímulos teus de sugestão e afins quando, momentaneamente, pelo menos, sente que não consegue motivar-se em seu próprio benefício. Isto é, o teu convite, a tua oferta (longa pausa), é mais importante do que, digamos, qualquer acusação implícita ou expressa que insinuasse que ele deveria (*sublinhado*) trabalhar, ou o que quer que fosse, a qualquer momento.

Tu próprio mereces ser bastante elogiado pelo teu comportamento e pela tua compreensão. E, em geral, por uma gama muito mais ampla de características de personalidade do que eras capaz de mostrar em anos muito mais recuados. As emoções são como notas musicais: quanto mais delas conseguires tocar, mais rica é a tua composição (*com ênfase*) — e a tua compreensão, mesmo quando não é plenamente consciente, ajudou a libertar o leque dessas características emocionais.

(Tenho de admitir que, enquanto o Seth falava, não tinha a certeza se ele se estava a contradizer ou não — primeiro a falar das minhas acusações à Jane, depois a elogiar-me....)

O Ruburt está a seguir bem. Em breve voltarei a dar-vos informação com maior regularidade. As tuas ideias de escrita são boas. Os dois, de facto, juntos, ainda que brevemente, mesmo que por pouco tempo, a discutir essas ideias, podem gerar algum do melhor trabalho criativo que qualquer de vós alguma vez conheceu. Foste de grande benefício, vê tu, esta noite, ao mencionares ativamente a sessão — proporcionando esse estímulo, quando o Ruburt pensava, pelo menos, que as suas energias não o permitiriam.

(Longa pausa.) Isto pode ser o fim da sessão. É possível que, depois de uma pausa, eu possa acrescentar mais, mas veremos então as energias do Ruburt. Por agora, asseguro-vos as minhas próprias piedosas (com humor) simpatias — e ofereço-vos também as minhas garantias de que as vossas capacidades e energias são mais do que suficientes para vos fazer atravessar este episódio de forma triunfante.

(“Obrigado.”

(A Jane recostou-se na cadeira, saindo do transe embora com os olhos fechados. “Muito bom,” disse eu, satisfeito. “Não consigo acreditar: ofereceu-se para voltar depois de uma pausa. Lembras-te disso?”

(“Sim.... Fiquei com sede.... Ainda bem que fiz isto.”

(Eu tencionava cortar a relva durante uns minutos depois da sessão — já era crepúsculo —, mas tive de esperar. A Jane também: “Agora que

ele disse isso, vou ter de esperar....” Acendi-lhe um cigarro. Disse-lhe que a sessão durara 27 minutos, o que a agradou, já que, ao princípio, eu não achava que conseguisse tirar duas palavras de mim.” Mas eu sabia que ela conseguia.

(Folhee o jornal local durante a “pausa.” “Acho que vou à casa de banho,” disse a Jane. “O que eu estava a captar do Seth era que qualquer hospital serve como um excelente exemplo de um sistema de crenças...” De repente, a Jane interrompeu a fala na sua voz normal e começou a expor o material numa voz diferente, leve, hesitante, que ficava entre a dela e a do Seth: “... realçado à luz da atividade e das interações. Ou seja, tens as próprias crenças médicas, com os seus adereços apropriados imediatamente disponíveis, de modo que a sugestão se torna extraordinariamente eficaz.”

(“Todo o pessoal, os doentes, toda a comunidade ou estrutura social de tal estabelecimento reforça e promove o sistema de crenças interior em torno do qual todos se congregam,” continuou. “Com as nossas ideias, porém, não há adereços disponíveis, prontos a serem usados, nem organizações que personifiquem ou representem o núcleo das nossas crenças — apenas o indivíduo, mais ou menos teimosamente, a interagir com um universo privado, a tentar estabelecer esta nova cabeça-de-ponte.”

(“Estou numa espécie de estado transitório,” disse a Jane após uma pausa, “entre o meu próprio nível de consciência e o do Seth. Haverá muito mais a dizer sobre tais questões, mas, do mesmo modo, qualquer organização dedicada primariamente a um grande sistema de crenças destacará sempre a eficácia com que os sistemas de crenças operam. Mas o que vês é o produto final.”

(Uma pausa muito longa. “Tive um lapso,” disse a Jane. “Os tribunais, por exemplo, que lidam principalmente com a lei, confiando já nos seus tribunais e legislaturas, são outro exemplo.... Não tens de aceitar as versões de realidade deles, claro: podes pensá-las apenas como interpretações de eventos. Em qualquer caso....” (“É isto,” disse a Jane após outra pausa longa.

(“Não sei de onde veio isto,” disse a Jane. “Comecei a desaparecer dele, ou a entrar noutra estado, ou assim.” Decerto não soava como quando dava a sua “própria” ditação habitual para a introdução de

Sonhos, e muito menos como o Seth. “Chiça. Não sei o que foi. Provavelmente mais tarde teremos mais sobre isto.”

(“Ainda assim fizeste hoje muito mais do que esperavas, não foi?”

(“Pois foi. Ainda bem que fiz... Não sei o que fiz com aquele último material. Senti que podia receber muito do Seth, mas isso foi tudo o que consegui.”

(“Provavelmente o teu nível de energia desceu,” disse eu, “e foi o mais longe ou profundo que conseguiste levar a expressão do material.” A Jane anuiu, com reservas.)

SESSÃO APAGADA

29 DE ABRIL DE 1982

(Esta é a segunda sessão que dactilografei hoje. Estava a dactilografar a sessão apagada de ontem à noite esta manhã, quando, por volta das 10h00, a Jane disse que queria deitar-se um pouco. Disse que se sentia a desmaiar, mas tomei isso como significando que em breve iria querer levantar-se, como de costume. Em vez disso, dormiu profundamente por mais de uma hora. Coloquei a almofada de penas de ganso por baixo dos joelhos, seguindo a sugestão que nos foi dada ontem pela enfermeira Peggy Jowett. Quando fui ver a Jane às 10h30, a pensar que iria querer levantar-se, encontrei-a a dormir profundamente, com os joelhos e as pernas relaxados e “atirados” para o lado esquerdo, numa posição mais relaxada do que o habitual. Deixei-a, então.

(Terminei a sessão de ontem às 11h00, arqueei os carbonos, etc., e chamei a Jane por volta das 11h15, a pensar que ainda passaria meia hora no quintal antes do almoço. [Já tinha começado a cortar a relva.] A Jane estava a acordar — mas encontrava-se num estado surpreendentemente desconfortável, “dorido,” envolvendo as pernas e as ancas. Muito mais do que o habitual, disse ela, a respirar fortemente pela boca e a meio chorar ao mesmo tempo. Era claro que algo acontecera: a Jane disse que as pernas estavam mais relaxadas do que tinham estado em anos, mas, ao mesmo tempo, doíam tanto que ficou consternada. Massajei-as, e ela disse que essa ação sabia lindamente mas, ao mesmo tempo, era quase insuportável, por isso parei ao fim de pouco. Pus-lhe a cadeira e levei-a para a mesa da sala de estar.

(Ela ainda meio chorava de dor e transtorno, mas disse-me para ir lá fora. Ao mesmo tempo disse que sabia que as sensações invulgarmente intensas eram boas, digamos, ao contrário de um agravamento da situação.

(Cortei alguma relva e enchi um recipiente de café com ramos de forsítia que cortei do nosso arbusto no canto sudeste do terreno. A Jane adorou, mas quase desatou a chorar quando entrei ao meio-dia. Pediu-me que fosse buscar o caderno. Ela ainda não tinha lido a sessão de ontem à noite, a propósito. Começou a falar, ou a ditar, para mim na sua própria voz — não a do Seth, por exemplo —, mas era vacilante, embargada de lágrimas. A cabeça estava inclinada para a frente, os olhos fechavam-se muitas vezes, de modo que eu receava que batesse no copo de Coca-Cola e o virasse.)

Conforme disse antes de ir lá fora, sinto como se algum antigo enxame de ninhos de vespas (longa pausa) tivesse finalmente sido tocado ou revolvido — uma energia zangada que tinha ficado armazenada nessas partes do meu corpo. E, certamente, até certo ponto também tinham um cunho fortemente sexual.

Sinto como se este fosse o primeiro sinal de que essas áreas psicológicas e físicas estão a ser tocadas ou autorizadas a relaxar ou libertar-se. Que a dor e por aí fora — verdadeiramente selvagem — foi uma reação à medida que a energia rodopiante foi agitada (*pausa muito longa*) e autorizada a escapar pelo menos parcialmente — provavelmente apenas tanto quanto tu pudeste permitir de uma vez.

A coisa mais estranha, pensei de forma bastante emotiva depois, enquanto estavas fora, enquanto o meu rabo ainda ardia — ainda arde agora —, mas personifico-me, suponho. Ou talvez apenas essa angústia contida, de entre todas as coisas, seja real (*quase a chorar*).

O nome pareceu simplesmente representar toda a agonizante aspiração do homem pela grandeza, e, ainda assim, a angústia que sempre pareceu separá-lo de si mesmo. Mas, em qualquer caso, senti-me como um Israel dividido, a clamar para que o povo se reunisse em paz. E o que isso significava era que Israel em si era um símile para o indivíduo — isto é, uma pessoa — que era (*longa pausa*) composta de tantas fantasias e sonhos e profecias e esperanças e iras e medos.

Por um minuto até me chamei Israel, acho eu, mas há aqui mais ligações que ainda não alcancei. Sinto que o meu sono com a almofada, e

as minhas reações posteriores de dor, significam que toquei, de novo, nessas áreas que tinha abandonado durante algum tempo, e empurrado para longe ou o que for, e que a libertação da tensão em si estava destinada a ser algo explosiva, suponho.

(Longa pausa.) Foi e é bastante selvagem. É tudo...

(Mal tínhamos começado a falar quando a Jane interrompeu para retomar o seu ditado:)

Acho que sinto que Israel... *(longa pausa)*... que a história de Israel, com todas as suas guerras e por aí fora, e o seu passado histórico e bíblico, representa algum antigo conhecimento brilhante que o homem teve em tempos, do eu ser tão diverso a ponto de se comportar como uma nação de um milhão de indivíduos, cada um à procura da sua pátria.

(Longa pausa.) Mas, ao longo dos anos, a própria história perdeu o significado para as pessoas. Porém, o termo Israel continua a representar um indivíduo, juntamente com as suas partes múltiplas, e todos os heróis coloridos, temidos, angustiados ou sedutores da Bíblia representam elementos da alma de cada pessoa, personificados, postos momentaneamente vivos no mito.

(“Acho que é tudo,” disse a Jane. “Pensamentos estranhos para mim, contudo, sobre ‘Israel’.” Ela ainda não leu a sessão de ontem à noite, mas disse agora: “Bem, suponho que percebes porque é que surge com este material depois da sessão de ontem à noite,” embora não tivesse mencionado Israel.

(Israel está constantemente nas notícias, claro, e vemos os relatos televisivos enquanto jantamos ou mais tarde à noite. Parecem ser sempre más notícias, cheias de conflito e angústia e de uma determinação sombria de sobreviver. Além disso, um canal de Nova Iorque está a passar uma história serializada chamada Golda, com a Ingrid Bergman. A Jane viu partes disso, e poderia ter-se identificado com a personagem Golda Meir como representando a alma de Israel, bem como os seus indivíduos e a sua multidão. Houve também muita publicidade até há um par de dias sobre Israel devolver ao Egito os últimos trechos que detinha da península do Sinai, e como Israel destruiu o assentamento de Yamit em vez de o entregar intacto aos egípcios — uma pechincha sobre um preço, creio.

(A Jane também poderia ter equiparado a nação Israel aos grandes sistemas de crenças — envolvendo hospitais e/ou a lei — que ela discutiu na sessão de ontem à noite.

(Muito interessante, e talvez um avanço significativo, a Jane sentiu-se melhor quando a Peggy Jowett chegou às 13h45, e explicámos a situação à Peggy. “Estou exausta,” disse a Jane.)

SESSÃO APAGADA

2 DE MAIO DE 1982

(Como a última sessão apagada, Isto é ditado da própria Jane, não do Seth. Ela mencionara fazê-lo ontem, mas não resultou. “Não sei sobre o que falar,” disse às 11h05, “agora que estás aqui. Qualquer coisa sobre a Cama Rica, ou apenas em geral sobre aqueles sentimentos que tive ontem depois de ler a tua introdução para Sonhos...” Quando eu sugeri que poderia ditar algo para a introdução, ela disse que não conseguia — não sem a voltar a ler. Não aconselhei isso, porque ontem de manhã ela acabou muito deprimida depois de a retomar logo após o pequeno-almoço. O humor dela esteve muito desesperado durante quase todo o dia. “É devastadora, suponho,” disse sobre a introdução.

(Acrescentou: “Agora não sei se a experiência do hospital valeu a pena ou não.” Concordámos que a energia não estava melhor do que parecia antes de ela entrar, mas, pelo menos, o tratamento da Dra. Kardon estaria supostamente a tratar de o remediar. [A Dra. K há de ver-nos amanhã, para colher sangue para um teste da tiroide que poderá assinalar que está tudo bem para aumentar a dose do suplemento que a Jane está agora a receber.]

(“E a tua audição está melhor do que esteve em quê — anos?” continuei. A Jane concordou. “Sim — consigo ouvir os pássaros agora. No ano passado comecei a perguntar-me para onde tinham ido todos os pássaros.” “E tiveste toda a experiência do hospital para usar nos anos vindouros no teu trabalho,” disse eu. “Criativamente. Aprendeste muito sobre outro modo de vida, conheceste muita gente: tens agora uma base muito mais ampla a partir da qual trabalhar...” A Jane concordou de novo. “E gostava de ter escrito tudo o que te acabei de dizer,” disse eu. Comecei estas notas, apenas para ser interrompido quando a Jane começou a ditar. Terminei-as depois.)

Ontem à noite (disse a Jane) senti-me ótima quando o Robbie me beijou, e, na verdade, dormi bastante bem, tanto na cadeira como na cama. Senti-me bastante esperançosa esta manhã, por exemplo, mas agora sinto-

me novamente bastante triste (*com um trémulo*), e sinto como se quisesse exprimir-me — mas quando tento há um bloqueio estranho.

Acho que, na verdade, quero chorar. (*Longa pausa.*) Talvez seja precisamente quando me sinto mais ambiciosa que começo a sentir-me mais desamparada, desde que comecei a perceber o quão pouco estou realmente a fazer. Só folhear um caderno é bastante desconfortável para mim. Pergunto-me se conseguiria trabalhar com pequenos esboços a tinta nesta altura. Pelo menos podia tentar.

Acho que pensei que manteria algum nível de comunicação se falasse como estou a fazer agora, e o Robbie tomasse nota das palavras. Pensando bem, senti-me razoavelmente esperançosa esta manhã em breves momentos. Ia registar algumas memórias que me vieram de repente ontem de manhã. Dos últimos meses ou assim que passei em casa da minha mãe — quando ela me chamava vez após vez durante aqueles meses de primavera e verão de 1950: queria que eu virasse as almofadas, gritava de raiva e dor — e eis-me, trinta anos depois, a chamar pelo Rob (voz a quebrar) para me ajeitar as almofadas ou levantar-me a cabeça.

Ela chamou-me de tudo. (*Longa pausa.*) Tentei compreender, mas sentia-me meio dopada — de facto. Talvez até meio lograda, porque nunca consegui perceber quando é que o seu pranto indignado, a sua angústia aos gritos, eram expressões reais de momentos quase insuportáveis, ou quando é que ela estava a representar. Também o sabia fazer.

Mas pensei: “Meu Deus, eu devia ser capaz de perdoar à minha mãe qualquer coisa, estando naquele estado, com uma criança ao lado.” Não admira que ela se enraivecesse e gritasse e investisse — e, no entanto, certamente, tanto quanto sei, não me culpo, pois compreendi o melhor que pude. E ajudei como pude. Mas, por certo, a minha atitude, assim como a dela, deve ter ajudado a construir um muro entre nós.

Deve ter exigido alguma coisa de mim, aos 21, deixá-la nesse verão. Ela tentou o suicídio novamente, desta vez tomando uma overdose de fenobarbital. Em vez de a fazer dormir, porém, transformou-a em alguém selvagem: gritava e berrava e tentava sair da cama. Tive medo de que caísse ao chão. Foi levada diretamente para o hospital quando chamei o médico, e eu voltei para casa, para aquela casa estranha, nervosa, que parecia curiosamente vazia com a sua presença ausente. Fiz a mala.

Tinha-lhe dito alguns dias antes da tentativa de suicídio que me ia embora. Não tenho a certeza, mas acho que lhe disse. Tínhamos um

vendedor que usava o local como morada de negócios, e ele estava lá nessa noite. Não me lembro muito dele, exceto que não ajudou. Entrou no carro o mais depressa que pôde e foi-se embora, deixando a mãe a vociferar junto à cama.

Fugi com o Walt na mota, e, por todo o caminho através do país, na minha mente, ouvi-a gritar “bitch, bitch, bitch.” Ainda assim, tenho a certeza de que não me senti culpada. Estava aterrorizada com ela. Aliás, estava algo assustada com o Walt também, que ameaçava deixar-me quando se zangava numa cidade nova onde, por acaso, ficávamos, mas chegámos à costa oeste.

Por isso pergunto-me quanto disto começou aí. Honestamente pensei que tinha deixado a maior parte disso para trás — e, no entanto, os meus primeiros romances tratavam todos da relação entre a minha mãe e outros, sob várias máscaras, e sei que tinha medo de que, de algum modo, ela acabasse por me transformar nela.

Ela tinha algumas capacidades psíquicas baralhadas, suponho. Era ótima a ler borras de chá de quando em quando, e eu costumava achar estranho como é que ela conseguia fazer isso e, no entanto, não conseguia andar. Disse-me que às vezes andava durante a noite, e que numa dessas noites havia de abrir os bicos de gás e matar-nos a ambos. Não sei bem se é boa ideia estar a remexer nessas memórias ou não, mas como vieram à mente decidi, por fim, que o Rob as escrevesse por mim.

(Eu disse à Jane que, ao ouvir, algum do material me soava contraditório. Ou seja, a jovem devia ter sentido alguma culpa por deixar a mãe prostrada, etc. Achei isso perfeitamente natural, mas prolongar esses sentimentos pelos 30 anos seguintes parecer-me-ia demasiado no esquema da natureza — como já disse antes, não me parece que a natureza queira necessariamente que as coisas funcionem assim, embora torne perfeitamente possível que possam, se alguém assim escolher. Isto poderá ser um caso de as coisas serem resgatadas a um “nível superior,” suponho — o que me lembra material com que tenho lidado recentemente na introdução de Sonhos do Seth/Jane.)

(Disse também que achava que o material de hoje resultou de a Jane ter lido essa introdução depois do pequeno-almoço de ontem, o que desencadeou o seu humor negro, de desespero, durante todo o dia. Achei que a introdução tinha desencadeado o material da Jane sobre a mãe — pois aqui estava a Jane a criar, ou pelo menos a mimetizar, a situação da

mãe por conta própria. O material da Jane esta manhã parecia mostrar que os sentimentos enterrados sobre a mãe eram muito mais fortes do que ela suspeitava, e mais danosos. Talvez descobramos que desempenham um papel tão forte no dilema atual da Jane como o material do Eu Pecador da minha mulher. Para a Jane os dois conjuntos de material — crenças — poderiam estar muito estreitamente relacionados — parece quase inevitável.)

(Que ironia....)

SESSÃO APAGADA

10 DE MAIO DE 1982

(Deixei de pedir sessões à Jane, privadas ou regulares, já que na maioria das vezes parecia óbvio que ela não estava em condições, por isso surpreendeu-me um pouco depois do jantar de hoje ao dizer que, se eu me sentasse com ela uns dez minutos, veria se conseguia fazer uma sessão. Acrescentou que muitas vezes pensava tentar algo assim, mas hesitava em pedir-me que perdesse tempo a estar sentado caso nada acontecesse, visto saber que eu tentava trabalhar o mais possível na introdução de Sonhos do Seth.

(Respondi que me sentaria de bom grado, se ela quisesse, na esperança de conseguirmos algum material útil — especialmente sobre a condição dela. “Tenho aquela maldita coisa de perguntas e respostas a acontecer dentro da cabeça,” comentou agora com alguma exasperação. Ela acabara de proferir uma frase que eu não percebi enquanto eu trabalhava nestas notas — algo em resposta a uma pergunta que ela pensou que eu lhe tinha feito. Eu não tinha dito nada. Ela anda a fazer isto desde a hora de jantar, e repetiu-o noutras alturas. Estava zangada e preocupada. “Jesus, agora acabei mesmo de começar a adormecer,” disse.)

(Há vários dias que, por sugestão da Dra. Kardon, tenho dado à Jane apenas o comprimido de Synthroid de 50 mcg., em vez desse mais o de 25 mcg., cortando assim a dose a um terço. Comecei isto depois da visita da Dra. K a casa e do exame à Jane na quarta-feira passada. Na quinta-feira, uma enfermeira do Arnot-Ogden colheu sangue à Jane para os testes que a Dra. K queria, incluindo o da tiroide.

(Esta manhã a enfermeira da Dra. K telefonou e deu-nos os resultados dos testes — todos menos o da tiroide, que será feito na próxima quarta-feira. Os oito testes realizados estavam todos normais; tenho a lista deles. Achamos que a Jane poderá estar um pouco melhor com a dose reduzida de Synthroid, embora isto possa ser difícil de provar. Curioso, já que, em geral, a dose reduzida pareceria ser o curso de tratamento oposto ao de que a Jane precisaria, com uma glândula tiroide hipoativa...)

(Este curso de ação tem-me lembrado, claro, a afirmação do Seth de que a tiroide da Jane se regenerou no passado.)

(“Vês, isso incomoda-me mesmo,” disse a Jane às 20h16. “Não tenho feito outra coisa senão cabecear o sono desde que te chamei.... Talvez o Seth tenha razão quanto a adormecer depois de comer.... Agora estou quente, bastante quente. É como se agora eu tivesse medo de pegar num cigarro — penso que tenho um na mão, mas afinal não tenho.... Mas tenho a sensação de que o Seth nos vai dar uma ajuda considerável assim que começarmos. Sinto-o mais ou menos por perto...”

(A Jane continuou a adormecer, mas talvez o adormecer estivesse agora qualificado, pois como poderia estar relacionado com o relaxar o suficiente para entrar em transe? Sentava-se a dormir com o corpo a tombar para a esquerda na cadeira, enquanto estávamos à mesa de cartas na sala de estar.

(A Jane conseguiu mais mobilidade e movimento nas pernas — especialmente nos joelhos — desde que começámos a pôr-lhe os pés sobre uma caixa quando está deitada. Isto promove a drenagem do edema nas pernas e pés, e tem sido bastante eficaz, já que ela responde rapidamente. Ao mesmo tempo, os novos movimentos resultaram em sensações de dor nos joelhos, mas ela reconhece que são respostas positivas.)

(“Está bem,” “acho que consigo fazê-lo, muito brevemente...” A voz estava bastante firme, os olhos escuros, e fez muitas pausas.

(“Certo.”)

Ora bem: o corpo do Ruburt está a experimentar com o próprio metabolismo. A glândula está (sublinhado) a ativar-se por si — com intermitências, por assim dizer, dando um efeito de falhas. No geral, o corpo está a explorar o melhor ritmo de metabolismo e a ajustar-se à medicação. De certas maneiras usa mais energias em alguns momentos do que noutros, e começa lentamente a exigir mais energia, por isso haverá períodos de irregularidade — mas ele está (sublinhado) a ser provido.

Ele está (*sublinhado*) seguro, protegido. Lembrar algumas pequenas mas potentes sugestões será, naturalmente, de grande benefício — particularmente para contrabalançar quaisquer sugestões negativas do hospital, que, claro, existem. Por outro lado, nesses casos lembra-te de que muitas vezes as sugestões ou medos negativos de um médico ou de uma enfermeira, quando verbalizados, apenas dão voz aos próprios medos do indivíduo. E, se ele ou ela o compreender, o indivíduo pode então contrariar tais sugestões que parecem vir de “fora.”

De facto, antes de muito tempo, começarei de novo algum material terapêutico, entrelaçando-o com outros dados pertinentes. Os dois podem ajudar-se melhor um ao outro, acima de tudo (*longa pausa*), comunicando o mais honestamente e claramente possível, pois as expressões do vosso amor virão então à superfície onde, da parte de ambos, certa expressão emocional muitas vezes passa fome.

Este tipo de comunicação pode também ajudar-vos de muitas maneiras, porque as próprias expressões verbais representam emoções e expressões interiores e cumprimentos, e despertam os vossos seres, pois, de algum modo, as vossas emoções, claro, movem-vos (*com ênfase*).

(*Longa pausa.*) Estou a velar pelo Ruburt, e tenho estado, e por ti também. As vossas pessoas naturais, porém, anseiam por exprimir quaisquer emoções e necessidades que tenham em qualquer momento, mesmo que, do exterior, tal expressão possa parecer certamente bastante desafortunada e suscitar mais problemas.

Espero aqui meramente restabelecer o sentir das sessões, e depois dar-vos-ei gradualmente mais material. A mensagem desta noite é a título de tranquilização. Não posso enfatizar-vos demasiado, porém, a importância das primeiras sessões sobre a Abordagem Mágica, pois far-vos-ão ainda mais sentido agora, depois da experiência do hospital. Também, ao que parece, estareis muito mais dispostos a aceitar tais ideias, não tão teimosos na retenção da crença antiga.

(*Longa pausa.*) Estou a falar principalmente ao Ruburt nesta frase em particular, mas, até certo ponto, isto aplica-se a ambos, particularmente no que envolve projetar crenças negativas para o futuro. Não há razão para que, com atitudes adequadas, mesmo dentro da vossa situação, a dactilografia do meu último livro não corra facilmente, José. As mãos do Ruburt melhorarão. A escrita normal tornar-se-á tão real para ele quanto a sua audição normal é agora.

Lerem essas sessões juntos é importante, pois são as realidades interiores e as percepções interiores que também irão libertar a atividade adequada da tiroide e permitir a retoma de uma expressão física mais normal.

Por agora despeço-me com uma calorosa boa noite — mas a vossa política de se sentarem e esperarem é boa, pelo menos várias vezes por semana... Não sugeri que fossem à profissão médica, nem sugeri especificamente que se mantivessem afastados dela, sabendo que as vossas próprias crenças conduziriam à decisão adequada, caísse ela para que lado caísse.

Por agora é suficiente. Os meus mais calorosos cumprimentos e uma afetuosa boa noite.

(“Muito obrigado.”)

(A Jane sentiu-se muito melhor. Marchou bastante bem na sessão, com a voz muito mais forte do que em sessões anteriores. Não se lembrava de muito do que o Seth dissera, mas também sabia que me tinha dito várias partes do material ao longo do dia. Também encaixava em algumas das minhas ideias recentes — de que, por fim, a tiroide em reativação levaria à dispensa da medicação ao mesmo tempo que rejuvenesceria o corpo físico de muitas maneiras — incluindo a “artrite.”)

(“Seria uma piada se o [Dr.] Cummins acabasse por ter razão, afinal,” disse agora. Pois, de todos os médicos que encontrou no hospital, a Jane gostou mais do Dr. C, sentindo-se intuitivamente atraída por ele e pelas declarações otimistas de que, quando a tiroide voltasse a funcionar, ela iria locomover-se muito melhor do que pensava possível. A opinião do Cummins foi em grande parte contrariada pela Dra. K., especialmente depois de o amigo da Dra. K de Ithaca, o reumatologista Dr. Sobel, ter examinado a Jane a pedido da Dra. K no início da estadia da Jane no hospital. Pelos vistos deu à Dra. K um relatório muito negativo sobre a Jane.

(Quando lhe contámos o que o Dr. C dissera, a Dra. K comentou que o Dr. C “não tinha visto tantos casos de artrite como o Dr. S.” — querendo dizer, claro, que o Dr. C não era assim tão especialista, e que a opinião dele podia ser descartada...)